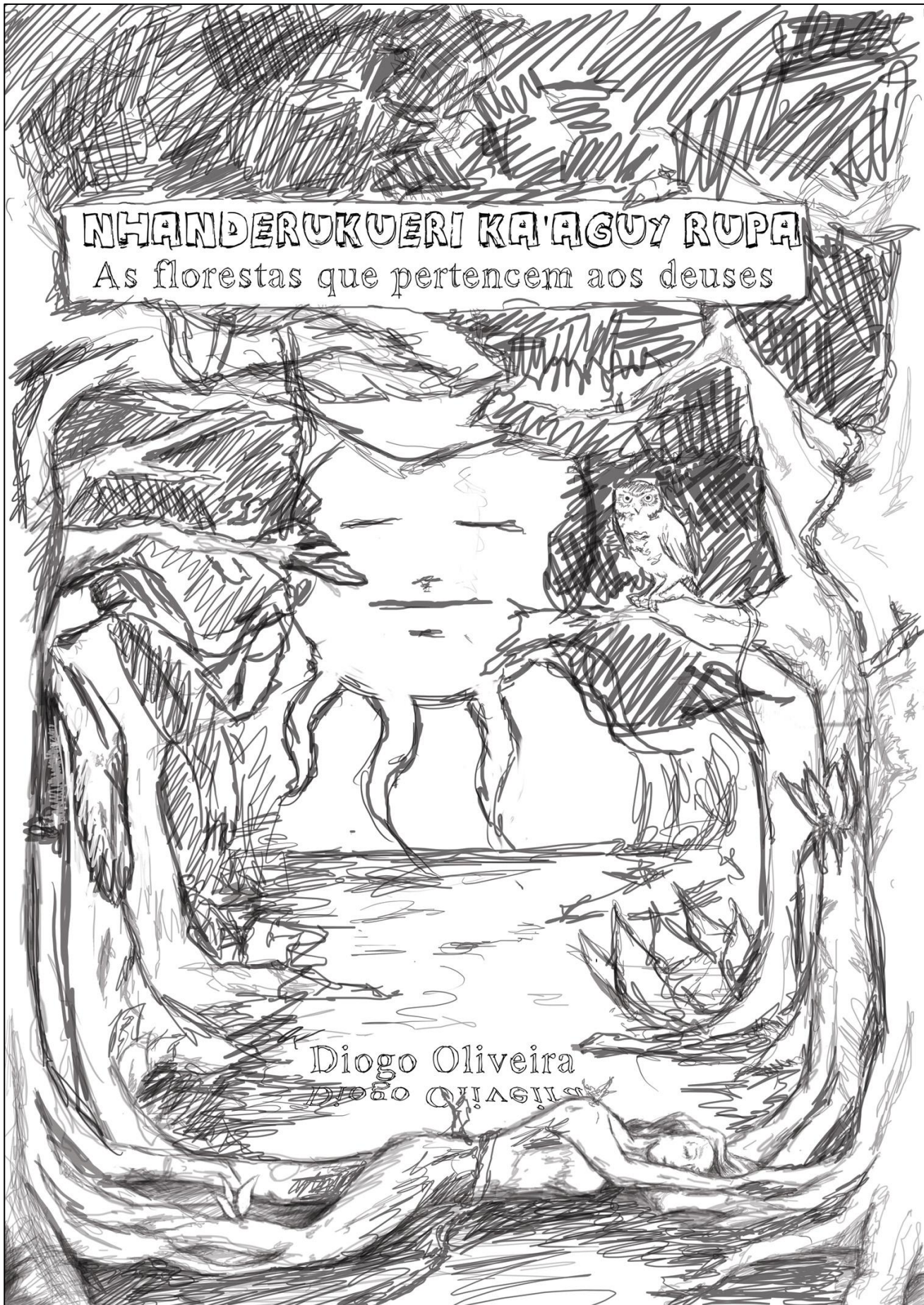


NHANDERUKUERI KA'AGUY RUPA

As florestas que pertencem aos deuses

Diogo Oliveira

DIOGO OLIVEIRA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
LABORATÓRIO DE ETNOBOTÂNICA E ECOLOGIA HUMANA
MUSEU UNIVERSITÁRIO/SeCArte
LABORATÓRIO DE ETNOLOGIA INDÍGENA

Nhanderukueri Ka'aguy Rupa – As florestas que pertencem aos deuses

Etnobotânica e Territorialidade Guarani na Terra Indígena M'biguaçu/SC

DIOGO DE OLIVEIRA

Ilha de Santa Catarina, junho de 2009.

DIOGO DE OLIVEIRA

Nhanderukueri Ka'aguy Rupa – As florestas que pertencem aos deuses

Etnobotânica e Territorialidade Guarani na Terra Indígena M'biguaçu/SC

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas, Centro de Ciência Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Dra. Maria Dorothea Post Darella

Co-orientadora: Profa. Dra. Natalia Hanazaki

FLORIANÓPOLIS

2009

DEDICO

A Orlando e Eleonora (Lori), pai e mãe, pelo apoio incondicional desde o começo da caminhada;

A Luan e Isadora, minha maior inspiração, a despeito dos momentos de isolamento e distância física;

A memória do povo Guarani, que com sua perseverança, simplicidade e sabedoria mudaram minha vida.

AGRADECIMENTOS

A **Nhanderu Tenonde**, criador deste mundo, que permite a existência terrena a todos nós; a **Nhamandu miri**, o sol, que todos os dias infalivelmente ilumina a vida pelo mundo; a **Nhandetchy Tenonde**, por trazer seus filhos ao mundo e pela terra que nos abriga e alimenta; a **Djakaira**, por guardar e prtoteger as florestas; a **Nhanderu Tupã**, pelos bons ventos; e a **Nhanderu Karai**, por indicar-me os caminhos.

A todo povo Guarani, que mantém viva há milhares de anos a semente de sua cultura, em especial a Alcindo Wherá-Tupã Moreira e Rosa Poty-Dja, que me acolheram e ensinaram como a um filho.

A Maria Dorothea Post Darella, pela inspiração e confiança depositadas em mim para a enriquecedora imersão na etnologia Guarani. Amiga e conselheira, que um dia eu possa alcançar sua competência, vitalidade e vigor.

A Natalia Hanazaki, que me resgatou para a Biologia e indicou caminhos para transformá-la em uma ciência que acredito ser digna e decente para o ser humano.

A Flávia Mello, pelas enriquecedoras conversas sobre os Guarani, com sua inteligência aguçada e seu humor sensacional.

Aos companheiros de trabalho e indigenismo: Maria Inês Ladeira, Aldo Litaiff, Clovis Brighenti (pela localização das aldeias), Marina Oliveira (pela carta da comunidade), Raoni Kamayurá, Luciane Scherer, Fabiana Silva, Nivaldo Peroni, Jean Medeiros, Juan Aguirre Neira, Clarissa Melo, Marquito, Elaine Zuchiwschi (pela imagem da área), Bel de Rose, Marcelo França, Rogério de Souza Duarte, Ney Platt, Weliton Torrens, Henrique Tobal, e outros tantos amigos do caminho.

Aos professores Ademir Reis e Daniel Barcellos Falkenberg, pelos seus incomensuráveis ensinamentos sobre a Mata Atlântica e o mundo das plantas.

Àqueles que trilharam esses caminhos antes de nós, em especial ao padre Antonio Ruiz de Montoya, León Cadogan, Bartolomeu Melià, Roberto Miguel Klein e Francisco da Silva Noelli.

Aos colegas de UFSC: Guilherme, Fabrício, Du, Baiano, André, Tiago, Cassio, Renato, Victoria, Tati, Wilson, Breno, Preta, ET, Sara e tantos outros (certamente esqueci alguns) - amigos para toda a vida. Amo muito vocês!

Aos camaradas do Grupo de Capoeira de Angola Angoleiro Sim Sinhô: Téo, Pati, Môa, Plínio, Kaká, Gisa, Vero, Carlos, Vitão, Pedro, Gabriel, Bruno, Mandioca e todos os outros (também devo ter esquecido alguns).

Aos amigos de Jaraguá do Sul, às margens do Rio Itapocu, minha terra natal. Especialmente a Michel Enke, que no auxiliou o tratamento gráfico das imagens.

Lori, Orlando, Luan e Isadora, amores incondicionais.

A Marina Ferreira Campos Pinto, pelo amor, companheirismo, carinho, amizade, apoio e compreensão ao longo deste processo.

E finalmente, mas não menos importantes, a todo o pessoal da aldeia: Hiral, Celita, Alan, Aline, Geraldo, Natalia, Daniela, Diri, Helena, Fátima, Nilton, Adailton, Tchauan, Sônia, Marcelina, Marcos, Eunice, Kennedy, Raiana, Wanderley, Agostinho, Marcio, Aldo, senhor Graciliano, Whera, Para, Karumbe, Passo Fundo, Adriana, Santiago, Rosely, Tchunum, Garrincha, Whera'i, Poty, Ismael, e especialmente a todo **kiringuekueri** (crianças).

Avete!

“Nhanderu fez essa terra pra cada bichinho, pra cada planta, pra cada pessoa, ele fez essa terra para todo mundo viver e eu fico muito triste porque eu tenho que lutar por aquilo que não é meu.”

Alcindo Wherá-Tupã Moreira

Aguydjevete.

SUMÁRIO

RESUMO	14
APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	17
TERRA INDÍGENA M'BIGUAÇU: <i>Tekoa Yyn Moroti Whera</i> – Aldeia Reflexo das Águas Cristalinas	23
A GÊNESE METODOLÓGICA	30
Capítulo I. REFERENCIAL TEÓRICO	36
1.1 O povo Guarani e seu território	36
1.2 O modelo guarani de subsistência	43
1.3 As contribuições da etnociência	45
1.4 Ética e legislação relacionadas ao acesso e a proteção ao conhecimento de comunidades tradicionais	48
1.5 A língua Guarani e o mundo das plantas	52
1.6 Os Guarani no Domínio Mata Atlântica	56
1.7 Etnozoneamento, conservação e cultura	62
Capítulo II. ABORDAGEM ETNOGRÁFICA	68
2.1 <i>Tekoa py</i> – O período de campo	68
2.2 <i>Nhanerembiapo</i> – Trabalho	72
2.3 <i>Nhanhemboe'a</i> – EIEF <i>Whera Tupã - Poty Dja</i>	75
2.4 <i>Nhande reko</i> – As cerimônias	80
2.5 <i>Karai Whera Tupã</i> – Alcindo Moreira	82
2.6 <i>Nhanderu Ka'aguy</i> – Plantas que pertencem aos deuses	83
2.7 <i>Nhandekueri</i> – Nosso povo: A árvore Guarani	87
Capítulo III. UNIVERSO BOTÂNICO GUARANI	90

3.1 Levantamento etnobotânico	90
3.2 Enotaxonomia Guarani	105
Capítulo IV. ARA REKO – O ESPAÇO-TEMPO GUARANI	118
4.1 Etnozoneamento: reconhecimento e representação da área	118
4.2 <i>Ka'aguy rupa</i>	122
4.3 Relacionando dados interdisciplinares	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
BIBLIOGRAFIA	145
APÊNDICES	156
ANEXOS	171

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da TI M'biguaçu no estado de Santa Catarina, Brasil	23
Figura 2 – Alcindo e Rosa Moreira fabricando petÿgua	24
Figura 3 – Genealogia da família extensa de Alcindo e Rosa Moreira	26
Figura 4 – Rotas migratórias guarani baseadas nos sítios cerâmicos, com destaque para área de influência das Bacias dos rios Uruguai e Paraná	38
Figura 5 – Yvy Rupa, território de ocupação tradicional Guarani	42
Figura 6 – Área original do Domínio Mata Atlântica e seus remanescentes	58
Figura 7 – Mapa da fitofisionomia catarinense	61
Figura 8 – Etnozoneamento de acordo com o relevo e a vegetação	63
Figura 9 – Construção conceitual do Tekoa apontando para o uso das áreas	65
Figura 10 – Foto do ytcho	70

Figura 11 – Formatura dos alunos da EIEF Whrea Tupã-Poty Dja	71
Figura 12 – Descanso após o mutirão de colheita do djurua djety (batata-inglesa)	73
Figura 13 – Foto da casa em construção	76
Figura 14 – Representação de uma árvore indicando o nome das “partes” das plantas	89
Figura 15 – Total de plantas elencadas por categoria de uso, para 210 plantas registradas entre os Guarani de M’biguaçu	99
Figura 16 – Frequência das plantas incluídas em cada categoria de manejo, para 210 plantas registradas entre os Guarani de M’biguaçu	102
Figura 17 – Relação entre categorias de uso e práticas de manejo, para 210 plantas registradas entre os Guarani de M’biguaçu	104
Figura 18 – Mapa mental confeccionado em oficina realizada em dezembro de 2008, apontando recursos florestais existentes dentro e fora dos limites da TI M’biguaçu .	121
Figura 19 – Mapa etnográfico sobre base cartográfica realizado na oficina em dezembro de 2008, indicando a perspectiva de futura da área de uso da TI M’biguaçu.	123
Figura 20 – Mapa indicando os recursos florestais existentes na área de uso da TI M’biguaçu	125
Figura 21 – Mapa indicando as ocupações guarani na região da aldeia em estudo	132
Figura 22 – Rotas migratórias das plantas da floresta estacional das bacias do Uruguai-Paraná em direção à costa atlântica.....	134
Figura 23 – Mapa dos municípios, províncias e estados com evidências arqueológicas Guarani	137
Figura 24 – Mapa das ocupações guarani atuais	138
 LISTA DE QUADROS	
Quadro 1 – Declaração de Belém	49
Quadro 2 – Tabela com a listagem das plantas amostradas	91

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AD – Anno Domini

APP – Área de Preservação Permanente

CIMI – Conselho Indigenista Missionário (CNBB)

CI – Conservation International

CF – Constituição Federal

CONAMA – Conselho Nacional de Meio Ambiente

CTI – Centro de Trabalho Indigenista

EIEF – Escola Indígena de Ensino Fundamental

ELETROSUL – Eletrosul Centrais Elétricas S.A. (MME)

EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis

ISA – Instituto Socioambiental

ISE – International Society for Ethnobiology

FED – Floresta Estacional Decidual

FOD – Floresta Ombrófila Densa

FOM – Floresta Ombrófila Mista

FUNAI – Fundação Nacional do Índio (MJ)

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde (MS)

MMA – Ministério do Meio Ambiente

OIT – Organização Internacional do Trabalho

SC – Santa Catarina

SNUC – Sistema nacional de Unidades de Conservação

TI – Terra Indígena

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

NOTAS SOBRE A GRAFIA UTILIZADA

A grafia adotada para as palavras em língua Guaraní obedecem às regras de escrita utilizadas na aldeia em estudo. Contudo, nas citações de autores que utilizam palavras em guaraní, preservou-se a grafia original utilizada pelos autores. As palavras em guaraní constam em negrito, sendo que o termo guaraní, quando utilizado para se referir ao grupo em questão é iniciado com letra maiúscula e nunca é pluralizado, por tratar-se de etnônimo.

Ressalto que, de modo geral, todas as palavras em guaraní são oxítonas, somente sendo acentuadas nos raros casos onde a sílaba tônica não é a última do lexema. Vale mencionar que os fonemas *e* e *o*, quando terminais, são sempre de som aberto *é* e *ó*, não sendo, entretanto, acentuados. Para sons anasalados das vogais *e*, *i* e *y*, utilizei **ë**, **ï**, **ÿ**, que correspondem respectivamente aos sons **en**, **in** e **yn**. Estas vogais são normalmente grafadas com til (~), porém a grafia utilizada é mais simples de ser concretizada na fonte tipológica utilizada neste trabalho (Times New Roman). Vale ressaltar ainda que estas normas de pronúncia correspondem ao dialeto utilizado na aldeia em estudo.

TÍTULO: *Nhanderukueri Ka'aguy Rupa* – As florestas que pertencem aos deuses

Etnobotânica e Territorialidade Guarani na Terra Indígena M'biguaçu/SC.

Autor: Diogo de Oliveira

Maria Dorothea Post Darella (Orientadora)

Natalia Hanazaki (Co-orientadora)

RESUMO

Esta monografia trata da cosmologia botânica Guarani associada à territorialidade observada em estudo de caso do **Tekoa Yyn Moroti Whera**, Terra Indígena M'biguaçu/SC. Considerando-se o território tradicionalmente ocupado e as técnicas de manejo agroflorestal pré-coloniais apontadas na bibliografia, verificou-se a manutenção dessas técnicas adaptadas à situação fundiária enfrentada pelos Guarani na atualidade. Foram identificadas 210 plantas reconhecidas e/ou utilizadas pela comunidade, identificando-se a manutenção dos critérios de nomenclatura botânica e as formas de uso registradas na bibliografia. Além disso, evidenciaram-se os esforços empregados por essa população para a conservação dos recursos naturais existentes em seu território. O conhecimento etnobotânico da comunidade trouxe elementos que revelam a provável contribuição do sistema de manejo pré-colonial para a criação de florestas antropogênicas em todo vasto território de ocupação tradicional nas florestas subtropicais da América do Sul. Desta perspectiva pode-se perceber que o sistema de ocupação territorial apresentado atualmente pelo conjunto de aldeias Guarani reflete a ocupação de áreas em domínios florestais diversificados, com ampla variedade de recursos naturais, correspondendo aos modelos de ocupação pré-coloniais apresentados na bibliografia. São apontadas as necessidades de suporte às atividades de subsistência e de garantia de áreas em diferentes ambientes florestados para a manutenção do modo de vida tradicional, imbricado à existência de matas bastante desenvolvidas em ambientes variados. Considera-se ainda que o modelo de etnodesenvolvimento sustentável utilizado pelos Guarani deve ser observado nos projetos de desenvolvimento da sociedade envolvente, para a conservação dos recursos naturais para as gerações futuras.

Palavras-chave: índios Guarani, etnobotânica, territorialidade, etnodesenvolvimento.

Apresentação

A minha primeira aproximação com a aldeia M'biguaçu aconteceu em abril de 2005, quando da participação em uma vivência promovida pela organização do 2º Encontro Regional de Estudantes de Biologia da Região Sul, EREB-Sul. Desde então passei a freqüentar esporadicamente a aldeia, participando de cerimônias religiosas, a convite do líder religioso. Nos anos de 2006 e 2007, como professor da rede municipal de ensino, promovi vivências de meus alunos da escola regular¹ junto da escola indígena da aldeia, iniciativa apontada à época como inédita pela direção da escola indígena, pois além de fazer curtas visitas a escola e conhecer a casa de venda de artesanato, os alunos visitantes almoçaram e jogaram bola na escola, visitaram as roças, a casa cerimonial (**opy**), a aula de cerâmica, permanecendo na aldeia durante a manhã e a tarde. Também organizei uma vivência na aldeia para os alunos das Ciências Biológicas, na ocasião da IX Semana da Biologia, em 2007.

Logo no início do contato com a aldeia resolvi associar esta experiência à minha trajetória acadêmica, quando fui orientado pelos professores Nivaldo Peroni e Natalia Hanazaki, colegas do grupo de pais do CEI Flor do Campus, a procurar o professor Aldo Litaiff, no Museu Universitário da UFSC. No Laboratório de Etnologia Indígena conheci a Maria Dorothea Post Darella que passou a me orientar na investigação do universo da cultura Guarani. A partir de então, iniciei leitura de obras existentes sobre os Guarani, visita a aldeias e participação em férteis conversas, reflexões e atuações referentes a este povo na atualidade..

No ano de 2006 participei como bolsista do projeto “Aldeia Yakã Porã (Garuva): Conjunção de trabalho antropológico e agrônômico para a potencialização do manejo agroflorestal guarani”², quando pude estreitar os laços com essa comunidade e algumas outras do litoral norte catarinense, bem como visitar algumas aldeias da Província de Misiones/Argentina, em busca de variedades agrícolas tradicionais, apoiando ainda a conservação dessas variedades em Yakã Porã.

Em 2008 integrei a equipe multidisciplinar que efetivou o Estudo de Impacto Sócio-ambiental da duplicação da rodovia BR280 nas aldeias Guarani do litoral norte catarinense³. Esse trabalho se concretizou com intensa pesquisa de campo, que levantou dados

¹ Escola Básica Municipal Vitor Miguel de Souza, Morro do Quilombo, Itacorubi, Florianópolis, SC.

² PROEXTENSÃO/UFSC, coordenado por Maria Dorothea Post Darella. Desse projeto resultou também pôster denominado *Potencialização dos cultivos tradicionais dos índios Guarani no litoral de Santa Catarina*, apresentado no 3º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária: *Sustentabilidade: criando tecnologias, inovando resultados*.

³ Trabalho intitulado *Estudo de Impacto Socioambiental da Duplicação da Rodovia BR 280. Trecho São Francisco do Sul – Jaraquá do Sul. População Indígena Guarani*, finalizado em dezembro de 2008.

sobre as nove aldeias da região, investigando ainda locais ocupados ao longo do século XX e trazendo elementos esclarecedores sobre a presença imemorial do povo Guarani no litoral catarinense.

Após esse período deu-se a minha chegada na TI M'biguaçu. Ainda efervescido pela riqueza dos trabalhos de campo no litoral norte, passei a conviver diariamente com os moradores da aldeia, levantando os dados apresentados neste trabalho.

Espero que o leitor possa desfrutar ao menos parte do imenso prazer, alegria e riqueza por mim sentidos ao longo da consolidação deste TCC, acentuada aqui a pesquisa de campo. Faço um convite à leitura que, oxalá, enriqueça o conhecimento do leitor a respeito de nossas florestas, das relações simbólico-culturais com elas e da beleza, simplicidade e sabedoria do povo Guarani.

INTRODUÇÃO

A cultura Guarani tem origem milenar nas Terras Baixas da América do Sul, sendo que os registros arqueológicos e a investigação lingüística apontam que esse tronco lingüístico-cultural se desenvolveu inicialmente na região amazônica, expandindo-se pelo continente ao longo das bacias de grandes rios como o Madeira, na região central, e o Paraná, o Paraguai e o Uruguai, em direção ao sul do continente, expandindo-se até a costa Atlântica (Mello, 2006). A origem do tronco lingüístico Tupi se deu há cerca de 5.000 anos atrás e da Família Tupi-Guarani entre 2.000 e 3.000 anos, sendo esta data associada ao início do processo migratório em direção à região sul do continente. A arqueóloga Maria Cristina Scatamacchia (1995⁴) citada por Felipim (2001) descreve o território historicamente ocupado pela cultura Guarani abrangendo as Bacias Hidrográficas dos rios Paraná, Uruguai e Paraguai, o litoral brasileiro e uruguaio, as Misiones, o chaco paraguaio, as ilhas do delta do Rio da Prata, alcançando a Província de Buenos Aires, no extremo sul. As datações de C¹⁴ dos sítios arqueológicos mais antigos nas proximidades do Oceano Atlântico revelam ocupações próximas ao *Anno Domini*⁵ (Brochado, 1984⁶ *apud* Noelli, 1993). Neste período o “tronco cultural Guarani consolidou uma civilização demográfica, sociológica e culturalmente complexa, que viveu seu apogeu em torno de 2000 anos atrás” (Mello, 2006:23). Francisco Noelli (2004:17) aponta que no começo do século XVI, alcançavam um contingente populacional de dois milhões de pessoas ou mais, sendo que dos diferentes grupos associados a cultura Guarani que coexistiram no tempo e/ou no espaço descendem os grupos Guarani atuais.

A presença das populações Guarani foi registrada logo na chegada dos primeiros europeus à costa sul americana, sendo o grupo indígena que possui uma das mais longas e documentadas histórias de contato com as frentes colonizadoras européias. Vale ressaltar o registro do primeiro navegador a alcançar o território catarinense, Binot Paulmier de Gonneville, que relata o contato com os Carijós-guaranis, ancestrais dos Guarani atuais, quando de sua chegada à Ilha de São Francisco do Sul, em 1503 (Santos *et al.*, 2004). Os

⁴ SCATAMACCHIA, M.C.M. Horticultores ceramistas da costa brasileira. **Revista de Arqueologia Americana - Instituto Panamericano de Geografia e Historia**, n.8, p.118-157, jul./dic. 1993- ene./jun. 1995

⁵ **Anno Domini** (em latim: "ano do Senhor"), apresentado na sua forma abreviada como A.D. é uma expressão utilizada para marcar o ano zero do calendário utilizado no Ocidente, designado como "Era Cristã" ou "Era Comum".

⁶ BROCHADO, J.P. **An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into eastern South America**. PhD tesis. Urbana-Champaign, 1984.

relatos de viajantes, cronistas, aventureiros, náufragos e religiosos ao longo do período colonial dão conta da presença de diferentes grupos guaranis em diversos locais de seu vasto território de ocupação tradicional, sendo que posteriormente foram reconhecidos como integrantes de um único contingente populacional, cultural e linguístico (Litaiff, 1996; Noelli, 1993). Desde os primeiros contatos no litoral sul, essas populações foram alvo de intenso intercâmbio comercial, escravização, catequização, apresamentos, deslocamentos, guerras, doenças e epidemias, eventos que acabaram diminuindo significativamente sua população, porém jamais causando sua extinção. Estas circunstâncias causaram transformações e recriações do "modo de ser" Guarani, consolidando a identidade étnica e a liberdade, concomitantemente como o aprofundamento da cataclismologia e do discurso profético (Litaiff e Darella, 2000).

As fronteiras impostas pelo surgimento dos estados nacionais fragmentaram o extenso território de ocupação não exclusiva, mas a circularidade característica deste grupo corroborou com a manutenção de uma efetiva unidade cultural e linguística dentro deste espaço físico que une as aldeias espalhadas dentro deste território (Mello, 2006:23).

Atualmente é considerada a existência de quatro grupos Guaranis: *Chiriguano*s, que totalizam em torno de 60.000 indivíduos na Bolívia (Litaiff, 2002:227), e cerca de 19.200 indivíduos *Mbya*, 15.650 *Chiripa* ou *Nhandeva* e 29.900 *Kayowa*, distribuídos no centro oeste, sul, e sudeste do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai (Assis e Garlet, 2004). O somatório desses dados alcança cerca de 125.000 indígenas Guarani na atualidade. Tais informações revelam que a população Guarani constitui a maior sociedade indígena do Brasil, e possivelmente de toda América do Sul (Litaiff, 2002; Oliveira, 2002). Estas populações permanecem fiéis ao seu território, ocupando os espaços criados e deixados por **Nhanderu** (Nosso Pai – Deus) para que vivam, reconhecendo os **amba**, locais de referência histórica e mitológica dentro do território tradicional. Este modo de ocupação proporcionou o acúmulo de profundos conhecimentos sobre as características ecológicas e paisagísticas dessa ampla região, conhecimentos estes que podem ser observados até os dias atuais.

A área de estudo deste trabalho foi o **Tekoa Yyn Morotĩ Whera**, localizado na Terra Indígena M'biguaçu/SC. Também conhecida como M'biguaçu, é apontada na bibliografia como sendo tanto Chiripa (Litaiff, 2002; Mello, 2006; Coutinho, 1999), como sendo de ocupação mista Mbya e Chiripa (Neves, 1999; Oliveira, 2002). A ocupação atual desta localidade se deu a partir do ano de 1987, quando da chegada da família extensa do

casal anfitrião Alcindo Whera-Tupã Moreira e Rosa Poty-Dja Mariani Cavalheiro, vindos na ocasião da região de Sangão/SC. Essa família veio ocupando uma série de localidades no litoral e no interior catarinense ao longo do século XX. Vale ressaltar que possui estreitos laços de parentesco com as famílias atualmente ocupantes de aldeias no litoral sul e sudeste do Brasil, bem como de aldeias do interior do Rio Grande do Sul, do oeste catarinense, de Misiones/Argentina e do Paraguai.

O processo demarcatório da área foi finalizado em 2003, com demarcação de 59 ha, em ambos os lados da rodovia BR101. Desde a deflagração do processo demarcatório, a comunidade vem solicitando aos órgãos competentes a revisão dos limites estabelecidos por entender que a área delimitada não proporciona os recursos naturais essenciais à manutenção do modo de vida tradicional, bem como não respeita os referenciais geográficos utilizados pela população Guarani. Além disso, a comunidade teme pela conservação dos recursos localizados fora dos limites da TI, dada a grande quantidade de empreendimentos de alto impacto ambiental existente na região. A investigação de quais são estes recursos naturais e de qual é a área pleiteada pela comunidade impulsionou a concretização deste trabalho.

Para investigar a relação entre o grupo indígena e os ambientes históricos e atualmente ocupados, objetivou-se o estudo do universo de plantas reconhecidas, utilizadas e manejadas pela comunidade. A compreensão dos ecossistemas essenciais ao modo de vida guarani pode ser interpretada por meio da investigação etnobotânica à medida que se considere que “os vegetais são os produtores tróficos primários, proporcionando condições para a existência de todas as formas de vida terrestres (abrigo, alimento, estruturação edáfica, entre outras), sendo a botânica possivelmente a principal disciplina para se compreender existência das comunidades biológicas terrestres” (Daniel Barcellos Falkenberg – comunicação pessoal). As plantas possuem também grande importância simbólica, cultural e material entre as populações humanas, pois além do proverem alimento, remédios e madeira, os significados simbólico-culturais associados a plantas proporcionam diferentes representações sociais de sentido religioso, popular, social e artístico. Neste sentido, resalto ainda a importância da análise etnobotânica para investigar de forma prática a relação entre grupamentos humanos e o ambiente no qual estão inseridos,

Os primeiros registros mais aprofundados sobre o modo de vida dos Guarani foram elaborados no século XVII pelo padre Antonio Ruiz de Montoya (1876a e 1876b),

sendo estas obras a principal referência para conhecer os hábitos dos Guarani pré-coloniais e históricos. Suas obras serviram de base para os estudos do naturalista João Barbosa Rodrigues (1892), que no século XIX se dedicou a estudar, entre outros aspectos, as nomenclaturas botânicas e a forma de reconhecimento das plantas pelos falantes de línguas da família Tupi-Guarani. Somente no século XX um grupo maior de autores se dedicou a investigação de plantas, animais, ecossistemas, manejo e significados simbólicos dos elementos naturais entre os Guarani.

O arqueólogo Francisco da Silva Noelli (1993), reunindo grande volume de informações etno-históricas, ambientais e arqueológicas indica a existência de um sistema agroecológico integrado entre os sistemas agrícolas temporários, com manutenção de espécies que aceleram a sucessão florestal. O autor aponta ainda o hábito de transporte e cultivo de espécies de plantas perenes de interesses variados, entre eles o de servir de alimento para a fauna prestigiada para a caça, e especialmente aquelas utilizadas na medicina tradicional (Noelli, 2006), registrando algumas das possíveis alterações fitogeográficas e fitossociológicas inerentes a essas práticas. Utermoehl (2004) considera que durante o processo migratório em direção ao sul do continente, os Guarani trouxeram consigo técnicas de manejo incorporadas na sua cultura, estudando intensamente o ambiente e desenvolvendo novas técnicas adaptadas ao ambiente no qual se inseriam. É neste sentido que, observando-se o vasto território de ocupação tradicional e a sensibilidade ambiental diferenciada inerente à cosmovisão guarani, que podemos observar que além de compartilhar com povos amazônicos conhecimentos e técnicas de manejo agroflorestal, compartilham também boa parte da fauna e da flora manejados e consumidos. Neste sentido, podemos observar indícios de domesticação da paisagem realizada pelas populações Guarani em seu território tanto historicamente, como na atualidade.

Warren Dean (1996) registra que durante a ocupação da Mata Atlântica os povos nativos privilegiavam a ocupação de ecótonos, zonas de transição entre diferentes sistemas bióticos, com ofertas diferentes de recursos, acentuando com suas técnicas de manejo a sobreposição entre tais biomas. Devemos considerar ainda que a eleição de áreas para ocupações guarani passa por avaliações ambientais e aspectos cosmológicos como sonhos ou visões da área. Esses dados revelam objetivamente um sistema de co-evolução por meio das inter-relações estabelecidas entre os Guarani e o ambiente no qual estão inseridos, sendo que os conhecimentos gerados e as próprias práticas são perpetuados pela transmissão oral, por

meio de mitos que muitas vezes se associam as próprias práticas de manejo. Balée (1993) identifica que muitas vezes as florestas secundárias manejadas possuem características que as tornam indistinguíveis das florestas primárias não manejadas, utilizando o termo florestas antropogênicas para definir tais formações. O autor reconhece ainda elementos indicadores de perturbação constantes nessas florestas como as palmeiras (**pindo**), sendo que este grupo serve como referência ambiental aos Guarani, uma vez que sua existência é considerada uma indicação dos locais ocupados por seus antepassados. Podemos reconhecer o sistema de subsistência Guarani imitando processos naturais de sucessão, caracterizando-se por um sistema agroflorestal análogo à floresta original (Vivan, 1998). O sistema de manejo agroflorestal praticado tradicionalmente pelos Guarani está integrado aos ecossistemas em que se insere, sendo um modelo de relação com o ambiente que garante a conservação dos recursos naturais nele existentes. Atualmente existe uma grande luta, principalmente dos mais velhos, em manter estes conhecimentos vivos nos mais novos, que muitas vezes se interessam demasiadamente pela cultura **djurua**⁷. Neste sentido, perspectiva do etnodesenvolvimento, desenvolvida por Stavenhagen (1984), defende que tais modelos de desenvolvimento existentes entre os diferentes grupos étnicos devam ser inseridos na estrutura e no planejamento da sociedade mais ampla.

Para a efetivação do TCC permaneci por três meses na TI M'biguaçu (entre outubro e dezembro de 2008), onde pude observar as práticas cotidianas de manejo da paisagem, acompanhar a coleta de recursos florestais, participar do plantio e colheita das roças, auxiliar e identificar o transporte e cultivo de propágulos agrícolas e florestais, vivenciar as relações simbólicas e religiosas com plantas, animais e o ambiente florestal, bem como participar das práticas pedagógicas domésticas e escolares.

No período foram registradas inúmeras plantas reconhecidas e utilizadas pelas pessoas comunidade, assim como pude ouvir sobre as plantas expressivo valor cultural inexistentes na área, compondo uma lista final composta por 210 plantas. Registrei ao longo desse processo os usos e práticas de manejo associadas a cada planta, bem como a parte utilizada e o local onde se encontram tais espécies. Por fim, mas não menos importante, observei as relações cosmológicas com as plantas, o ambiente e a paisagem, reconhecendo

⁷ A palavra **djurua** normalmente é utilizada para se referir aos não-índios, sendo muitas vezes utilizada para se referir a um diferente sistema cultural e social. Este termo muitas vezes como “aquele que tem pêlos na boca” (**idjuru** = boca), porém em meu trabalho de campo o significado apontado foi “aquele que também tem boca, aquele que fala como nós”. Porém a categoria nativa apontada para se referir ao povo branco foi **tava kueri**.

elementos de territorialidade associados ao ecossistema, confeccionando mapas etnográficos da área de domínio da Terra Indígena M'biguaçu. Para todos os dados apresentados foi considerada a palavra final do casal anfitrião, lideranças religiosas e pessoas mais velhas da aldeia, sendo que a principal fonte dos dados foi o senhor Alcindo Whera-Tupã Moreira.

Neste trabalho defendo **duas hipóteses**. A primeira: os Guarani de M'biguaçu conservam as normas de nomenclatura e reconhecimento das espécies vegetais registradas na bibliografia etno-histórica, bem como as relações simbólicas e cosmológicas associadas ao reino vegetal. A segunda: as técnicas pré-coloniais de manejo agroflorestal guarani influenciaram as características da composição florística apresentada pelas florestas existentes nas rotas migratórias desse povo indígena pelas bacias dos rios Paraná e Uruguai, de floresta estacional, em direção às florestas pluviais da costa Atlântica. Neste sentido, a partir do estudo realizado na TI M'biguaçu, busco reconhecer as contribuições dadas pelo povo Guarani à diversidade das florestas subtropicais da América do Sul, revelando elementos que possam auxiliar na garantia das áreas essenciais para a reprodução física e cultural do povo Guarani contemporâneo. A estas perspectivas adiciono elementos que podem auxiliar na identificação da área necessária para a manutenção do modo de vida tradicional Guarani na TI M'biguaçu e em todo território brasileiro ocupado.

Dividi esta monografia em quatro partes, a fim de contextualizar o processo de coleta de dados e situar espaço-temporalmente a aldeia. A primeira parte esboça o referencial teórico, a partir do qual principalmente contextualizo a história e o etnoconhecimento guarani. A segunda abarca uma abordagem etnográfica que permite observar a origem dos dados e contribui para o entendimento da percepção diferenciada do mundo natural na qual os dados estão inseridos. A seguir apresento os dados etnobotânicos, fazendo uma análise quantitativa e qualitativa dos dados referentes aos conceitos e práticas sobre uso e manejo, as regras de nomenclatura. E no último capítulo, discuto a representação espacial da região em estudo, relacionando os dados deste trabalho com a dinâmica de ocupação territorial, as rotas migratórias de plantas e os modelos de desenvolvimento sociais, analisando as imbricações entre a territorialidade guarani, a composição florística das florestas catarinenses e as contribuições do sistema agroflorestal guarani para a etnoconservação da natureza.

TERRA INDÍGENA M'BIGUAÇU:

Tekoa Yyn Moroti Whera – Aldeia Reflexo das Águas Cristalinas

O Tekoa⁸ Yyn Moroti Whera está localizado no Balneário de São Miguel, município de Biguaçu, Santa Catarina, Brasil (figura 1). Como mencionado anteriormente, a ocupação atual da área deu-se em 1987, com a chegada da família extensa do casal anfitrião⁹ senhor Alcindo Whera-Tupã Moreira e senhora Rosa Poty-Dja Mariani Cavalheiro (figura 2), sendo que o processo demarcatório finalizou em 2003.



Figura 1 - Localização da TI M'biguaçu, Estado de Santa Catarina, Brasil. (adaptado Google Earth, 2009).

A TI, de 59 ha, está dividida em duas glebas pela rodovia BR 101. A Gleba A conta com 46 ha e está localizada na margem oeste da BR 101, incrustada na encosta do morro. A Gleba B localiza-se na margem leste da rodovia e se estende sobre a pequena planície até a

⁸ O termo **tekoa** significa onde se dá o modo de ser. Neste sentido, a palavra **tekoa** revela a busca de um lugar onde seja possível se dar o **nhande reko**. De acordo com Montoya (1876 [1639]), “**teko** significa modo de ser, modo de estar, sistema, lei, cultura, norma, comportamento, hábito, condição, costume [...]”. **Tekoa** é o local onde se dão as condições de possibilidade do modo de ser Guarani, sendo a terra concebida como **tekoa** antes de tudo um espaço sócio-político (Melià, 1990).

⁹ O termo casal anfitrião é utilizado por Mello (2001) para se referir à organização social das aldeias Guarani em torno da família extensa de um casal anfitrião.

linha do oceano, na Baía Norte da Ilha de Santa Catarina, totalizando uma área de 12 ha. Logo após a finalização do processo demarcatório¹⁰, a comunidade encaminha seu primeiro abaixo-assinado reivindicando a revisão dos limites da área. Atualmente, a Gleba A vem constituindo o núcleo habitacional principal, onde residem principalmente os descendentes do casal anfitrião, além de abrigar demais construções como o posto de saúde, a escola e a **opy**¹¹ enquanto a Gleba B é utilizada principalmente para o plantio das roças coletivas, contando apenas com três casas. Ambas as áreas são utilizadas para coleta variada, sendo encontrados recursos distintos em cada uma delas.



Figura 2 – Alcindo e Rosa Moreira fabricando petyguá¹². Foto do autor

¹⁰ O processo demarcatório de Terras Indígenas no Brasil está definido pelo Decreto 1.775/96, apresentando as seguintes etapas:

- a) identificação (Terra Indígena a ser estudada ou em estudo pela FUNAI);
- b) delimitação (limites aprovados pela FUNAI, publicados no Diário Oficial da União e no Diário Oficial do Estado);
- c) declaração (limites reconhecidos pelo Ministério da Justiça, viabilizando a demarcação física da área);
- d) homologação pelo Presidente da República; e
- e) regularização (registro no cartório de registro de imóveis do(s) município(s) e na Secretaria de Patrimônio da União).

¹¹ A **opy** é o local onde ocorrem as cerimônias religiosas, sendo o termo frequentemente traduzido como casa de reza. É constantemente apontada como “a primeira escola”, onde se aprende a sabedoria e a cultura (**arandu porã**). Como a religiosidade permeia todo o cotidiano Guarani, trata-se do centro social, político, religioso e educativo da aldeia. Foi o lugar onde pude organizar meus pensamentos, receber orientações oníricas, além de descansar.

¹² A fabricação dos **petyguá** (**pety**=tabaco; **regua**=pertencimento) de madeira e principalmente de barro foi uma atividade constante no período de campo. Eles são fabricados e utilizados na escola e nas casas, sendo uma atividade praticada frequentemente pelo casal anfitrião da aldeia. Eu mesmo preparei dois cachimbos e acompanhei incursões à mata para retirar **takua ete’i**, espécie considerada a ideal para o cano do **petyguá**. O **petyguá** representa a união entre os mundos, entre o céu e a terra; o corpo de barro do cachimbo representa a

A organização sócio-política da aldeia pode ilustrar aspectos como a mobilidade, a luta pelo acesso a terra, a resistência cultural e a intensa relação de reciprocidade familiar imanente ao Guarani. A composição populacional da aldeia está diretamente vinculada à família extensa do casal anfitrião, lideranças religiosas do grupo, podendo ser observada na genealogia elaborada por Flávia de Mello (2006), **figura 3**. Em sua casa o casal costuma cotidianamente ser local de reunião familiar para as mais diversas finalidades como curas, reuniões e rezas sempre acompanhadas de **ka'a**¹³ (chimarrão) e **pety**¹⁴ (tabaco) em volta do **tata'apy** (fogo de chão).

terra, ou personagem mitológico que a representa (**Nhandetchy Tenonde**), e o canudo representa o raio do sol, ou a “alma” (**Nhe'ë**) da entidade que o representa (**Nhamandu Nhe'e**). O tabaco foi-me explicado como o alimento de nosso espírito deixado neste mundo por **Nhanderu Tenonde** para que pudéssemos nos comunicar com ele. Colocando o **pety** no **petygua** projetamos mentalmente nosso propósito. O hábito de cuspir no chão no transcorrer do uso do tabaco permite, segundo os Guarani, que sejam plantados neste mundo tais desígnios. A história dos personagens mitológicos na gênese Guarani pode ser encontrada em autores como: Nimuendaju ([1917]1987), Cadogan (1959), Litaiff (1999), Ladeira (1992), Mello (2006) entre outros.

¹³ O **ka'a** (erva-mate) é considerado uma dádiva deixada por **Nhanderu Tenonde** para trazer sabedoria (**arandu porã**) ao ser humano, sendo uma planta companheira dos Guarani desde tempos imemoriais.

¹⁴ O **pety** é considerado o alimento para o espírito deixado neste mundo por **Nhanderu Tenonde** para que sirva de elo entre humanidade e divindades, permitindo ouvir suas orientações e comunicar propósitos. É de fato a principal planta que permite a comunicação com as divindades através da oração e da concentração (**adjaputchaka**), através da mentalização de desígnios.

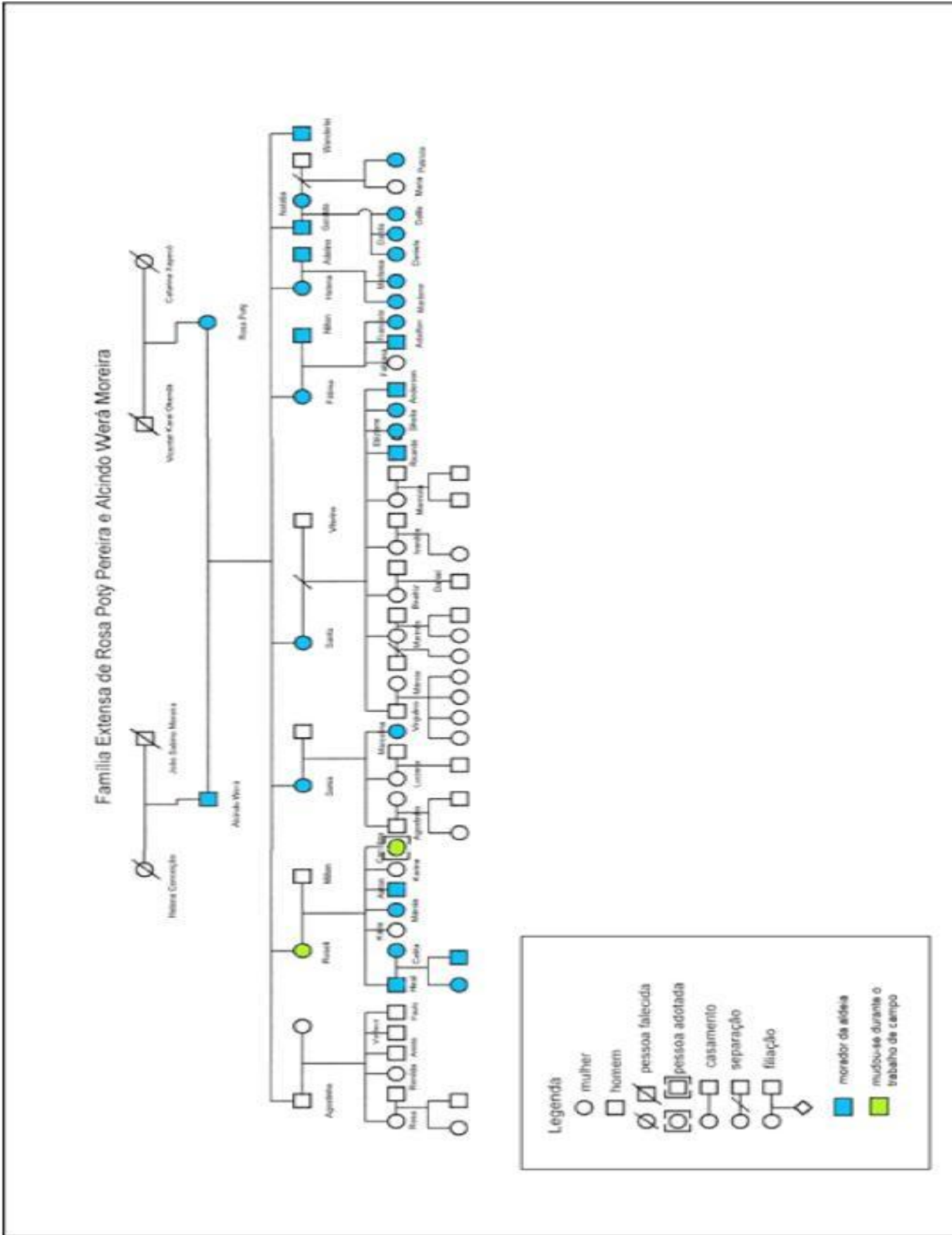


Figura 3: Genealogia da família extensa de Alcindo e Rosa Moreira. (Adaptado de Mello, 2006:218)

Observando-se as análises da composição familiar associadas aos movimentos migratórios e a dinâmica populacional desta aldeia, podemos perceber a forte relação de parentesco com famílias que ocupam as demais regiões do território tradicional guarani, sendo esta aldeia apontada como um misto entre os grupos Mbya e Chiripa, fruto da dinamicidade de construção de identidades étnicas entre os Guarani. Encontramos na aldeia moradores que possuem parentes na serra e no oeste catarinense, em várias regiões do RS, do PR, SP e ES, além do Paraguai e da Província de Misiones/Argentina, sendo que alguns moradores atuais já viveram nestes lugares, além de existirem diversas pessoas que já viveram em M'biguaçu e hoje vivem em outros locais neste território (Bertho, 2004; Mello, 2001 e 2006; Melo, 2008). Os vínculos de parentesco levam constantemente a visitas recíprocas, nas quais geralmente são intercambiadas mudas e sementes de espécies vegetais importantes. Neste sentido, ressalto desde já a intrínseca relação entre a composição florística dessas regiões e o conhecimento e a cosmologia¹⁵ botânica existentes na aldeia.

A aldeia conta atualmente com cerca de 100 moradores distribuídos em 30 famílias nucleares. É constante a presença de população flutuante, tanto para a realização de tratamentos de saúde, como nas constantes migrações inerentes ao Guarani. A liderança política é efetivada pelo cacique¹⁶ Hyral Karai Ryapu Moreira, neto do casal anfitrião, juntamente do vice-cacique e professor Geraldo Karai O'Kenda Moreira, filho do casal. As decisões de caráter coletivo costumam ser tomadas nas reuniões familiares cotidianas, buscando sempre a orientação do casal mais velho para as questões que envolvem a comunidade.

¹⁵ Ao longo deste trabalho utilizo o termo cosmologia botânica para me referir ao conhecimento tradicional Guarani associado ao mundo das plantas. Este termo remete ao fato de estas serem intrinsecamente associadas a cosmologia Guarani, expressas nos hábitos, nos mitos, na língua, na religião, na subsistência, na orientação no tempo-espaço e na cultura material. O reino vegetal se vincula de diferentes formas à subsistência, ao reconhecimento do território, ao vínculo com os antepassados e a ligação com as divindades. As plantas fornecem material para as edificações, alimento para as pessoas e para a fauna silvestre, remédios, indicam sinais de ocupações antigas, permitem a comunicação com os deuses, sendo por vezes elas próprias consideradas divindades. Os ciclos solares e lunares orientam as atividades de caça, coleta e plantio. O ciclo solar orienta o calendário religioso, marcado pelos rituais de plantio e colheita do milho Guarani (**avatchi ete**), próximos aos equinócios. O plantio ocorre no **Ara Pyau** (tempos novos), em meados de agosto, enquanto a colheita ocorre no **Ara Yma** (tempos antigos), em meados de janeiro. Para contemplar tão estreito vínculo entre a cultura e as plantas é que utilizo o referido termo.

¹⁶ O cacique e o vice-cacique são as lideranças políticas da aldeia, principalmente no que tange as relações com a sociedade envolvente. Geralmente são eleitas para essa função pessoas jovens com fluência na língua portuguesa. Na aldeia de M'biguaçu existem lideranças internas que orientam as atividades coletivas da comunidade. Este tipo de liderança não deve ser confundido com a liderança religiosa representada pelos **karaiqueri** (**kueri** = plural; traz implícita a idéia de coletividade). Estes orientam a aldeia em questões mais abrangentes que permeiam toda organização do sistema cultural da etnia.

Existem na aldeia a Escola Indígena Ensino Fundamental Wherá-Tupã e Poty Dja¹⁷, de responsabilidade da Secretaria de Estado de Educação, que constitui um organismo dinâmico e central no cotidiano da comunidade, estando em constante interação com a população local. A educação escolar guarani tem se revelado um mecanismo de resgate e manutenção do **nhande reko** (nosso costume, nosso modo de ser), envolvendo a escola em todo o sistema de organização da aldeia. Pelo fato de agregar a comunidade, a escola é um espaço que adquiriu centralidade no cotidiano da aldeia. Alguns dos moradores trabalham na escola, que recebe contribuições de algumas instituições e de escolas visitantes que conhecem a trilha ecológica. Neste sentido, a escola acaba sendo também um veículo para angariar apoio e recursos para a comunidade.

Incrustada entre a planície litorânea e a encosta da Serra Geral, a terra indígena é recortada por rios cristalinos e recoberta por uma composição de formações florestais que refletem em parte o ideal ecológico de **tekoa** representado na bibliografia¹⁸ (Melià, 1990; Ladeira, 1992). As áreas mais baixas são utilizadas prioritariamente para plantio e habitação, enquanto a encosta é a fonte dos recursos florestais necessários, sendo que a área mais alta da montanha é considerada local sagrado, sendo mais restritamente utilizado. A encosta alcança cerca de 400m de altitude configurando formação florestal pluvial atlântica classificada por Veloso *et al.*(1991) como Floresta Ombrófila Densa (FOD) das Terras Baixas e Submontanas. O recorte dos rios propicia a formação de pequenas áreas alagadas e depósitos aluvionais, cujas matas ciliares se encontram em bom estado de conservação, proporcionando uma área importante na manutenção do equilíbrio ecológico e no fornecimento de recursos florestais.

Existe insatisfação da comunidade em relação à maneira com que foram estipulados os limites de suas terras, excluindo da demarcação boa parte das áreas utilizadas na captação de recursos. Vale mencionar que a área estipulada no processo demarcatório é fruto do Relatório Circunstanciado de autoria da antropóloga Iane Andrade Neves (1999). Este relatório foi elaborado sem a participação de profissional ambientalista, embora a legislação¹⁹ recomende sua atuação no grupo técnico.

A assistência à saúde é realizada através de convênio entre a FUNASA e a Associação

¹⁷ Para dados referentes à escola ver Oliveira (2004), Vieira (2006) e Melo (2008). Há igualmente documentos elaborados a partir de reuniões da Comissão Catarinense Guarani Nhemonguetá sobre educação escolar guarani.

¹⁸ De acordo com a bibliografia, o ideal ecológico de um **tekoa** é uma área que disponha de recursos florestais necessários ao sistema de subsistência de caça e coleta, bem como terras férteis para a agricultura, recursos pesqueiros, água de qualidade. Também é necessário que haja relação cosmológica entre a etnia e a área ocupada, sendo esta revelada por meio de sonhos e visões, além de sinais na paisagem que revelem a ocupação dos antepassados.

¹⁹ Conforme Portaria MJ n°14/1996.

Rondon Brasil, com atendimento médico-odontológico na própria aldeia, na casa de saúde construída e estruturada para este fim. Os profissionais de saúde costumam apoiar diferentes atividades, como transporte entre as aldeias, recursos para atividades escolares, bolsas de estudo, alimentação nos mutirões e incentivo às cerimônias religiosas. As relações entre a medicina ocidental e os conhecimentos terapêuticos indígenas são objeto de investigação tanto da equipe médica como do **karai**²⁰, sendo um assunto tratado com muita seriedade pelos envolvidos.

O casal anfitrião costuma liderar o grupo também nas lidas agrárias, no plantio e colheita do **kokue**, roças tradicionais guarani. São plantadas variedades de **avatchi ete**, o milho “verdadeiro”, além do **avatchi tupi**, milho do **djurua**, e outras variedades de plantas também apontadas na bibliografia²¹ como componentes das roças tradicionais como **komanda** (feijão), **djety** (batata-doce), **andai** (abóbora), **manduvi** (amendoim), **mandio** (mandioca), **tchanjau** (melancia), **petÿ** (tabaco), **takuareë avatchi** (sorgo sacarino), **nhua** (arroz sequeiro). Além da roça familiar, de caráter coletivo, são plantadas pequenas roças domésticas e uma roça de responsabilidade da escola. No ano passado foi firmada uma parceria entre a aldeia e a indústria Primor para que seja produzida na comunidade banana orgânica para processamento industrial. Este fato inseriu o cultivo de bananais orgânicos na área, sendo o objetivo futuro a produção consorciada com palmito-juçara. A EPAGRI atua na aldeia em diferentes âmbitos através do Projeto Microbacias 2, entre eles no apoio às práticas agrícolas e de manejo florestal.

²⁰ “O **karai** é o condutor das atividades de reza e cura e é responsável pelo andamento interno da aldeia, gerenciando regras de conduta. Além disso, é ele quem realiza a nomeação das crianças, que como já foi apontado por Nimuendaju (1987[1917]) consiste na atribuição do nome através de cerimônia em que se identifica o lugar de origem da alma da criança. A este local corresponde uma divindade a qual o nome faz referência” (Oliveira, 2002) Além de ser a palavra utilizada para se referir ao xamã ou pajé Guarani, **Karai** também é um nome próprio masculino atribuído às pessoas de cuja alma tenha vindo da direção do alvorecer, local de morada da divindade homônima. Neste trabalho utilizarei o termo **karai** em minúsculo para me referir à liderança religiosa e **Karai** maiúsculo para o nome próprio e para a divindade.

²¹ Felipim, 2001; Medeiros, 2006; Aguirre Neira, 2008; Schaden, 1974; entre outros.

A GÊNESE METODOLÓGICA

Atualmente as abordagens e as técnicas de pesquisa participativa têm sido revisadas com o intuito de auxiliar a atuação em campo de pesquisadores junto a comunidades tradicionais, visando à gestão comunitária de recursos naturais. Dentre e técnicas de pesquisa participativa apresentadas por Cristina Seixas (2005), minha intervenção em campo se aproxima a categoria participação interativa, por se tratar de metodologia interdisciplinar na qual a comunidade orienta os planos de ação do pesquisador e os próprios caminhos da pesquisa. Em relação às abordagens, utilizei o método de pesquisa-ação participativa (PAR) (Seixas, 2005:80-92), através do qual a comunidade colabora no delineamento e na execução da pesquisa, bem como na utilização do conhecimento gerado e no estabelecimento da agenda de pesquisa²². A presente pesquisa foi norteadada por valores e princípios do PAR como a permanência na comunidade por período prolongado (outubro a dezembro de 2008) e o desenvolvimento de ações com base no conhecimento gerado, a democratização deste conhecimento, a adequação à situação local e a postura ecológica em relação à sociedade e à natureza. As circunstâncias de minha participação no cotidiano da comunidade por tempo relativamente prolongado, observando o uso e o manejo dos recursos naturais, bem como as pessoas e do ambiente manejado; permitiu o uso da observação participante como técnica de pesquisa (Boef & Pinheiro, 2007), adaptada à realidade local, valendo-se da busca de informantes-chave na comunidade. Menciono ainda que o mapeamento e a modelização participativa foram técnicas utilizadas nas oficinas para reconhecer a área utilizada pela comunidade, a localização dos recursos florestais, bem como as implicações decorrentes dos limites impostos pela demarcação da TI.

No mês de dezembro de 2007, estive na aldeia para participar de uma cerimônia religiosa, a convite da liderança religiosa. Na ocasião, reuni-me com o cacique, Hyral Moreira e com o professor indígena Geraldo Moreira para debate e consulta sobre a proposta do projeto do TCC. As lideranças Guarani a receberam com satisfação, autorizaram sua realização, apontaram elementos que gostariam que fossem incluídos no projeto e solicitaram o retorno do pesquisador com a versão final para uma nova reunião. A única condição colocada pela liderança religiosa foi de que eu vivesse um período de tempo na aldeia para

²² Em sua dissertação de mestrado, a antropóloga Clarissa Melo (2008) aponta para a percepção de tempo diferenciada do povo Guarani, observando elementos na educação e na cultura que conduzem à sensibilidade diferenciada do tempo. Neste sentido, busquei adequar esta pesquisa a esta percepção diferenciada do elemento temporal.

melhor compreender a forma de viver do Guarani. Em agosto de 2008 retornei com a versão final do projeto, inclusos os elementos indicados por eles.

No dia 16 de setembro de 2008 visitei a aldeia com o objetivo de ajustar a minha permanência durante o trabalho de campo e redigir o termo de anuência²³ junto da comunidade. Reunimo-nos na casa do **tcheramoi**²⁴, senhor Alcindo Moreira, o **karai** da aldeia, junto de seu filho Geraldo, seu neto Hyral e a esposa Celita Antunes. Conversamos sobre a versão final do projeto e minha permanência na aldeia. Seguimos para uma reunião na **opy** (casa cerimonial) onde aconteceu uma **nhemboaty**, uma pequena reunião entre a associação de mulheres da aldeia, a equipe escolar e algumas pessoas da comunidade para conversar sobre a manutenção e a transmissão do **nhande reko** (nosso costume) na educação escolar indígena praticada na aldeia. Foram ouvidas principalmente as **tchedjaryikueri**²⁵ (avós, mulheres mais velhas). Durante a reunião redigi o termo de anuência, que foi lido, impresso na escola e assinado naquela mesma tarde (**Apêndice 1**). Minha estadia na aldeia ocorreu até o final de dezembro de 2008, após o encerramento das atividades escolares.

Para minha estadia foi planejada a construção de uma pequena casa no modelo tradicional guarani, onde eu permaneceria durante o período das atividades de campo. A intenção dessa casa é para a estadia de pessoas que vem até M'biguaçu na busca de tratamento de saúde. Foi-me aconselhado que permanecesse na **opy** até a construção da casa. Realizamos pequenos mutirões para a construção, porém devido às fortes chuvas que ocorreram em novembro de 2008 em Santa Catarina, somente foi possível a conclusão do telhado. Boa parte da madeira utilizada veio de uma casa que foi desmontada, visando utilizar o recurso o máximo possível e evitar retirar mais madeira da mata. Durante a construção pude observar, coletar e conversar sobre o material utilizado e as diferentes técnicas e significados simbólicos associados. As plantas utilizadas eram identificadas pelas pessoas que estavam no local, principalmente aquelas um pouco mais velhas. À noite elas eram levadas à casa do **tcheramoi**.

Durante os dias, além da construção da casa, passei a ajudar nas atividades diárias como os mutirões variados de limpeza, plantio e colheita, coleta e construção. Durante as noites geralmente permanecia na casa do **tcheramoi**, onde o casal mais velho da aldeia

²³ O termo de anuência da comunidade é um procedimento previsto pela Medida Provisória nº 2.189-16/2001, que regulamenta o acesso ao conhecimento associado a comunidades tradicionais. Esta questão será tratada com mais propriedade no **Capítulo I**. O termo de anuência elaborado neste trabalho está disponível no **Apêndice 1**.

²⁴ Esta palavra significa avô, no entanto pode ser considerado um tipo de *status* social conferido aos homens mais velhos entre os Guarani. Na maior parte das vezes as pessoas da aldeia se referem ao senhor Alcindo como o **tcheramoi** ou simplesmente vô.

²⁵ Feminino de **tcheramoi**.

costuma reunir diariamente com os filhos, netos, bisnetos, sobrinhos, noras, genros. Nestas interlocuções por muitas vezes presenciei as curas do senhor Alcindo, o uso de diferentes plantas medicinais, discussões dos projetos da aldeia e contação de histórias, compartilhando de muitos sorrisos e da alegria espontânea dessas pessoas. Por algumas vezes permaneci somente com o senhor Alcindo e a senhora Rosa, quando estes me contavam de sua história, de sua luta para manter a tradição guarani viva entre os mais jovens.

Na casa residem além do casal mais velho, sua filha Sônia e a neta Marcelina, e o filho adotivo mais novo, Eric. Sônia é a pessoa que muitas vezes colhe e geralmente prepara e aplica os remédios indicados pelo **karai**. Muitas pessoas, mesmo de diferentes aldeias, até mesmo não-indígenas procuram os tratamentos do **karai** tanto para doenças físicas como espirituais. As curas de senhor Alcindo são muito respeitadas e sua sabedoria sobre o sistema medicinal e religioso guarani é requisitada em vários lugares. Ele costuma viajar para realizar tratamentos de saúde e cerimônias, algumas vezes inclusive entre não-índios ou outras etnias. Senhor Alcindo não cobra por este trabalho, no entanto muitas vezes recebe doações variadas e dinheiro por seu trabalho. O **tcheramoi** aponta com desgosto o desinteresse de muitos Guarani mais novos pelo conhecimento dos mais antigos. Por muitas vezes foi-me dito que seu principal intento em me ensinar sobre as plantas era de que eu realizasse o registro do nome, bem como do uso, para o ensino aos mais novos na escola.

Durante as interlocuções na casa de senhor Alcindo, muitas vezes foram-me apresentadas plantas utilizadas na medicina doméstica, permitindo também que eu observasse o modo de uso de alguns remédios. Eu mesmo fui curado pelo **karai** de uma forte gripe. Essas plantas foram em sua maioria coletadas, sendo registrado no caderno de campo o nome guarani, o nome português, os diferentes usos, a parte utilizada, o manejo e algumas observações gerais sobre a espécie. O uso de algumas plantas não pode ser revelado, além de muitas plantas integrarem compostos curativos cujas receitas também permaneceram ocultas. Somente era revelado o nome da planta, algumas vezes me mostravam a mesma, mas na maioria somente me apresentavam cascas, raízes, compostos ou chás.

Apesar de sua incrível vitalidade, senhor Alcindo já possui idade avançada, 97 anos, e por este motivo me solicitou que trouxesse as plantas que gostaria que ele identificasse. Isso o pouparia de realizar maiores caminhadas pela mata. Todavia, fizemos algumas caminhadas pelos arredores da aldeia e principalmente à roça, onde pude observar e conversar sobre plantas ruderais, assim como aquelas que são mantidas na roça ou crescem nas capoeiras de seus arredores.

No mês de outubro de 2008 fui convidado a assumir o cargo de professor substituto de ciências da Escola Indígena de Ensino Fundamental Wherá Tupã-Poty Dja. A direção da escola solicitou um programa que se relacionasse com o projeto político-pedagógico diferenciado da escola²⁶. Desde então passei a participar mais intensamente do cotidiano escolar. Nesta aldeia, a escola é um organismo que dialoga com todas as esferas da aldeia, buscando sempre fortalecer o vínculo com a sabedoria tradicional e proporcionar uma relação com a sociedade envolvente. Foi como professor que tive as principais oportunidades de caminhar na mata junto dos alunos. Durante o período que permaneci na escola foi preparada a **petyĩ nhe'mbovyã**, a primeira olimpíada tradicional guarani, que foi programada para o encerramento do ano escolar. Para o evento foram confeccionadas roupas tradicionais, troféus e medalhas de cerâmica. Nesse período fizemos excursões na mata para retirar taquara e lenha, oportunidades nas quais pude compartilhar os conhecimentos botânicos transmitidos pelo **tcheramoi**, além de conhecimentos e da relação que os mais jovens têm da mata e suas plantas.

Os dados etnobotânicos de forma geral foram coletados no convívio com a comunidade, nos diversos mutirões, no dia a dia, nas caminhadas na mata, no cotidiano escolar, além daquelas que eram coletadas por mim por serem comuns na região. As partes variadas das plantas (folha, caule, fruto e flor, quando possível) eram levadas à casa do senhor Alcindo, que as observava cuidadosamente junto dos parentes. Essas partes eram analisadas, muitas vezes cheiradas e sobre elas eram levantadas indagações como o aspecto da planta e o local onde havia sido coletada. A identificação geralmente ocorria por consenso entre o casal mais velho e suas filhas e filhos. A forma de uso e o significado do uso da planta eram falados somente pelo **tcheramoi**, que geralmente conversava com a **tchedjari** sobre a planta. Por saber o interesse do meu trabalho em plantas, outras pessoas da comunidade costumavam me trazer plantas e falar sobre elas. Da mesma forma eram levadas ao **tcheramoi** para ouvir suas palavras sobre elas. Assim, senhor Alcindo, dona Rosa e outros integrantes de sua família tornaram-se informantes-chave para a concretização da pesquisa.

Em relação à coleta de dados etnobiológicos, Darrel Posey (1986a), recomenda uma “metodologia geradora de dados”, que se utiliza de perguntas abertas, que permitam agregar a maior quantidade de informações dos indígenas sobre sua percepção a respeito do objeto de estudo, evitando a utilização de conceitos ocidentais. Neste sentido, o autor valoriza elementos culturais que revelem um conhecimento diferenciado das relações entre o mundo

²⁶ Apêndice 2.

natural. Fundamentado neste princípio, na maioria das vezes não fiz perguntas sobre as plantas, simplesmente levava-as e mostrava na casa do **tcheramoi**, e deixava que as pessoas falassem a respeito delas. No fim deste processo fazia perguntas que auxiliariam na sistematização dos dados. Muitas vezes eu mesmo era questionado a respeito da planta, aparentemente para testar os meus próprios conhecimentos (e os da cultura **djuruua**) sobre a planta. Para permitir esta interlocução mais fluida, optei pela não utilização de questionários, sendo que os dados apresentados foram coletados a partir das interlocuções e das observações em campo.

As plantas coletadas foram identificadas pelo professor Ademir Reis²⁷ e por mim²⁸. Após a determinação científica foram elaboradas fichas de identificação²⁹ que amalgamam tanto informações coletadas em campo como aquelas presentes na bibliografia, com o intuito de facilitar o reconhecimento da planta em pesquisas posteriores. Todas as exsicatas foram depositadas na escola da aldeia.

Para compreender melhor a área de uso da comunidade, foi realizada uma oficina para elaboração de dois mapas etnográficos da região. Foi confeccionado um mapa mental apontando os limites da área demarcada, as principais nascentes, as habitações e algumas plantas e animais existentes dentro e fora da área. O outro mapa foi elaborado sobre base cartográfica, utilizando imagem LANDSAT (maio de 2002) da região levada por mim em formato A4, com dados sobre estradas e cursos hídricos da região³⁰. Foi-me fornecido pelo cacique um mapa sobre fotografias aéreas da região, datado de 1996, elaborado pelo CTI e impresso em formato A1. Neste mapa consta uma lista de recursos existentes fora da área demarcada e uma delimitação da área que contemplaria a ocorrência desses recursos, semelhante ao apontado na oficina. As oficinas ocorreram na varanda da casa do **tcheramoi** com a participação dele e de diversas pessoas, de diferentes faixas etárias. Os mapas foram orientados pelo **tcheramoi** e pelo o vice-cacique e professor Geraldo Moreira, com outros adultos, adolescentes e crianças confeccionando os desenhos.

Ao longo do trabalho de campo ocorreram várias interlocuções com diferentes pessoas sobre o processo demarcatório da área, bem como sobre a história da família extensa do

²⁷ Laboratório de Ecologia Florestal (UFSC).

²⁸ Durante a estadia em campo utilizei dois manuais para identificação das plantas (Sobral *et al*; 2006; e Lorenzi e Matos, 2002). Este último é direcionado a plantas medicinais e conta com fotos e descrições do uso das plantas. Ao saber da presença do livro comigo, algumas vezes o **tcheramoi** me pediu que procurasse a planta no livro para saber se nele constava e se a forma de uso estava correta. Na maioria das vezes, após verificar o uso da planta apresentado no livro, ele comentava jocosamente: - “*Vocês não sabem de nada!*”

²⁹ Modelo destas fichas de identificação pode ser encontrado no **Apêndice 3**.

³⁰ Imagem gentilmente cedida por Elaine Zuchiwschi.

senhor Alcindo Moreira e da senhora Rosa Mariani Cavalheiro. Esta história muitas vezes se sobrepõe à história das aldeias guarani do litoral catarinense. As memórias foram sistematizadas, organizadas e registradas por meio dos diversos elementos componentes deste trabalho. Foi ainda realizada uma entrevista com o cacique da aldeia, Hyral Moreira, para registrar sua opinião em relação ao processo demarcatório da TI. **(Capítulo IV)**

Ainda em relação à metodologia, explico que ao longo dos anos em que venho trabalhando com diferentes comunidades Guarani, tenho observado e apreendido informações a respeito deste povo e suas plantas. Para subsidiar a sistematização deste conhecimento, tenho pesquisado diferentes autores que versam sobre a etnobotânica indígena, em especial a guarani. Esses autores vêm buscando registrar parte do etnoconhecimento ambiental existente na cultura Guarani. As experiências em campo e o cabedal teórico associado foram essenciais para a efetivação deste trabalho.

Durante a redação deste trabalho, encontro-me na situação de professor do ensino médio profissionalizante na escola da aldeia, aberto também a alunos de outras aldeias. No curso estamos trabalhando na capacitação de técnicos indígenas em meio ambiente, proporcionando uma interface de diálogo entre as culturas no que tange a conservação ambiental. Este fato me permite atuação continuada na comunidade e aplicação prática dos conhecimentos gerados. A elaboração deste trabalho foi acompanhada pelas pessoas no convívio semanal, culminando com a apresentação e entrega do trabalho escrito e a devolução das exsicatas com as plantas coletadas à comunidade programada para o mês agosto de 2009, integrado as atividades da escola.

Capítulo I – REFERENCIAL TEÓRICO

Dada a complexidade que envolve o processo etno-histórico e sócio-ambiental relacionado à cosmologia botânica guarani, busco neste capítulo aquecer o diálogo interdisciplinar a respeito. Delineio uma breve contextualização da multiplicidade de fatores que precisam ser observados nas imbricações entre a botânica, a cultura e o território guarani. Incluo neste referencial as perspectivas disciplinares que sustentam a abordagem do trabalho.

1.1 O povo Guarani e seu território

O povo Guarani habitava o litoral brasileiro quando da conquista dos europeus no século XVI e desde o início do contato foi objeto de descrição de um vasto apanhado de obras de cronistas, missionários e navegadores. Trata-se de povo falante da língua Guarani, pertencente à família linguística Tupi-Guarani e ao tronco linguístico Tupi. Scatamacchia (1984³¹) citada por Felipim (2001) aponta todo o leste da América do Sul, desde o norte do Amazonas até o rio da Prata, como o vasto domínio geográfico dos grupos de filiação linguística Tupi-Guarani. Noelli (2008) discute as diferentes abordagens referentes as rotas migratórias dos povos ligados ao tronco cultural Tupi, indicando duas rotas migratórias, uma pela bacia amazônica percorrendo o litoral norte brasileiro, associada a cultura Tupinambá; e outra pelas bacias do Paraguai, Uruguai e Paraná em direção à costa atlântica sul-americana, associada a cultura Guarani. Tais dados apontam para a grande abrangência do território historicamente ocupado pelos Guarani, indicando também a temporalidade da ocupação e da dinâmica de mobilidade nesse território.

O Tupi-Guarani, como língua e como cultura, é um ramo do tronco Tupi mais antigo, a partir do qual toma características próprias e diferenciadoras, provavelmente a partir do primeiro milênio antes de Cristo, uns 3000 a 2500 anos atrás. Os movimentos de migração, originados na bacia amazônica, ter-se-iam intensificado motivados, talvez, por um notável aumento demográfico numa época que coincide com o começo de nossa era, uns 2000 anos atrás. Esses grupos que conhecemos como Guarani passaram a ocupar as selvas subtropicais do alto Paraná, do Paraguai e do Uruguai Médio. (Melià, 1989³² *apud*

³¹ SCATAMACCHIA, M.C.M. A ocupação Tupi-Guarani do estado de São Paulo: fontes etno-históricas e arqueológicas. **Dédalo - Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n.23, 1984.

³² MELIÀ, B. A experiência religiosa Guarani. In: MARZAL, M.M. (org.). **O Rosto Índio de Deus**, p.293-348. Petrópolis: Vozes, 1989.

A origem linguística e a evolução dos sítios arqueológicos dos povos Tupi-Guarani foram estudados por diferentes autores, sendo que neste parágrafo faço uma breve resumo do apanhado arqueológico e linguístico apresentado por Noelli (1993), sendo que todos os autores aqui mencionados foram citados por este último. Lathrap (1970³³), baseando-se em princípios da árvore filogenética lingüística e nas provas arqueológicas, aponta a Amazônia como um poderoso centro de origem da maior parte das inovações tecnológicas e agroflorestais pré-colombianas, tendo sido a cultura amazônica criada dentro da própria floresta e não oriunda de outras regiões (Brochado, 1989³⁴). As evidências arqueológicas sobre a tradição ceramista intitulada “Tupiguarani” estabelece correlação entre as informações etno-históricas, as evidências arqueológicas e os falantes de língua Tupi e Guarani ao longo de quase todo litoral brasileiro (PRONAPA, 1970³⁵). A separação entre os troncos lingüísticos do leste da América do Sul foi estruturada por Paul Ehrenreich (1891³⁶), observando a grande afinidade das línguas da família Tupi-Guarani, apesar das enormes distâncias geográficas entre várias delas, apontando para prováveis “migrações” em larga escala. Rodrigues (1964³⁷), propôs baseado no método léxico-estatístico, a formação do tronco Tupi há 5.000 anos atrás e da Família Tupi-Guarani entre 2.000 e 3.000 anos passados. Reunindo as informações científicas existentes até a época, Brochado (1984), reinterpreta as evidências arqueológicas ceramistas das rotas de migração dos Guarani depois de 100 A.D. fora da Amazônia, em direção ao sul do Brasil e pelos vales dos rios Paraguai, Paraná, Uruguai e seus principais afluentes (**figura 4**). As datações C¹⁴ mais antigas dos Guarani próximas ao mar no Paraná e Rio Grande do Sul estão entre o **Anno Domini** cerca de 150 A.D (Brochado 1984).

³³ LATHRAP, D. **The Upper Amazon. Ancient people and Places.** London, Thames and Hudson, 1970.

³⁴ BROCHADO, J.P. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. **Dédalo**, 27, p. 65-82. São Paulo, 1989.

³⁵ PRONAPA. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Brazilian Archeology Research. **American Antiquity**, 35(1), p.1-23, 1970.

³⁶ EHRENREICH, P. Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unsrer Kenntnisse. **Patermanns Mitteilungen**, 37. Göttingen, 1891.

³⁷ RODRIGUES, A.D. A classificação do tronco lingüístico Tupi. **Revista de Antropologia**, 12, p.99-104. São Paulo, 1964.

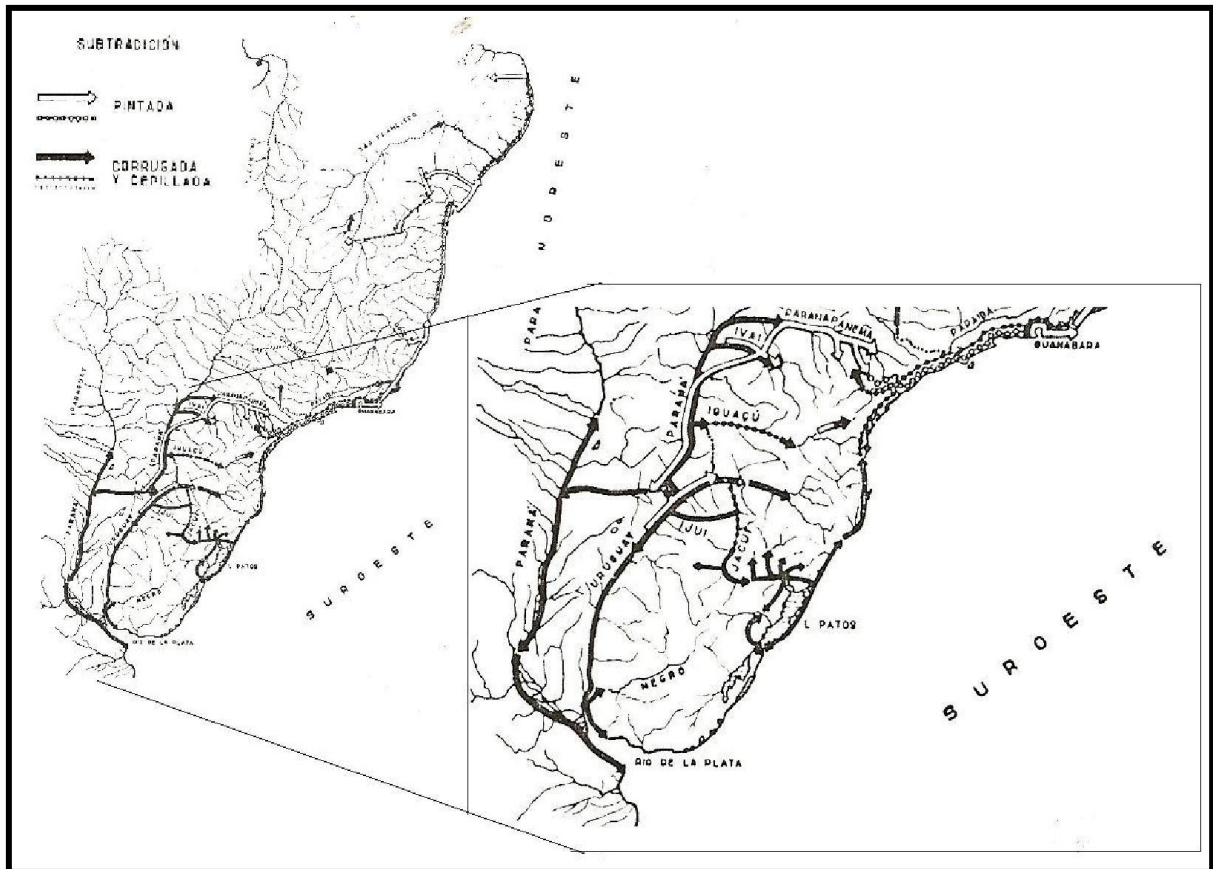


Figura 4 – Rotas migratórias dos guarani baseadas nos sítios cerâmicos, com destaque para a área de influência das Bacias dos rios Uruguai e Paraná (adaptado de Brochado, 1974³⁸ apud Noelli, 1993).

Os deslocamentos territoriais dos Guarani também são objeto de estudo de diferentes autores no século XX (Nimuendaju, [1917]1987; Schaden, 1974; Clastres, [1975]1978; Melià; 1990; Ladeira, 1992; Mello, 2001 e 2006; Bertho, 2005; Assis e Garlet, 2004, para citar somente alguns). Isto porque a mobilidade no território é característica marcante no modelo de ocupação utilizado pelas populações Guarani ao longo dos séculos. Os motivos que orientam a mobilidade são amplamente discutidos por esses autores estando eles associados tanto ao caráter mítico-religioso da busca por **Yvy Marãey**³⁹ (Terra Sem Males)

³⁸ BROCHADO, J.P. Pesquisas arqueológicas no escudo cristalino do Rio Grande do Sul – Serra do Sudeste. PRONAPA 5. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 26: p. 25-52. Belém, 1974.

³⁹ “O princípio ordenador da vida na Terra produz o princípio do ‘espaço mítico’ **Yvy Marãey**, que transcende o tempo. Ainda que este se constitua na negação dos valores morais terrenos, (...) para alcançá-lo definitivamente é preciso conquistá-lo, cumprindo as regras sociais impostas aos humanos, no mundo. O conteúdo mais significativo de **Yvy Marãey**, reside, para mim, na condição da eternidade contida na própria semântica da expressão (**yvy** = terra; **marãey** = que não acaba, não estraga, não adocece). **Yvy Marãeyn**, a terra onde nada tem fim, é composta por elementos originais que não se esgotam. Esta virtude não reside no aspecto quantitativo, mas na qualidade de perenidade de seus elementos. Este pensamento define os modos de relação com o ambiente, do uso da natureza, e da agricultura, onde a noção de abundância está associada à possibilidade da renovação dos ciclos, e não do armazenamento e comprometimento das espécies naturais.” (Ladeira, 2001:47)

quanto a questões ambientais, econômicas, políticas e sociais. Bartomeu Melià (1990) associa os termos economia e profecia à migração em busca da Terra Sem Males, resgatando suas raízes etimológicas e apontando a presença de uma constância ambiental nos territórios historicamente ocupados.

A lógica guarani de ocupação do espaço e do uso dos recursos naturais, que se caracterizava pelo movimento da circularidade em espaços territoriais de domínio relativamente contínuos, e o movimento da expansão pela procura (e disputa) de ecossistemas em sua máxima capacidade de fertilidade dos solos, começou a ser alterada pela Conquista. Da expansão/manutenção para a dispersão em ritmo mais acelerado, paulatinamente passando a encontrar barreiras que os impediam de exercer plenamente seu modo de ser tradicional em termos etno-ambientais (Bertho, 2005:37).

A organização social baseia-se na família extensa, ou seja, família composta do pai/sogro, filhos solteiros, filhas casadas e genros habitando a mesma localidade ou a mesma região (Schaden, 1974). A mobilidade espacial é apoiada pela rede de parentesco que acaba por agregar indivíduos/famílias a uma aldeia e fazer com que a rede familiar esteja presente em uma ampla faixa geográfica dentro do território. A mobilidade dentro desta extensa distribuição familiar acaba por ser uma estratégia de manutenção de seu espaço geográfico (Ladeira, 1992).

O litoral catarinense foi intensamente povoado por populações Guarani (anteriormente denominados Carijós) que sucederam os povos sambaquianos e de tradição Itararé, sendo que “foram tantos os locais ocupados pelos grupos pertencentes à última leva migratória no período pré-colonial, que ainda hoje parece interminável o trabalho das equipes de arqueólogos...” (Litaiff e Darella, 2000:1). Os autores apontam ainda a existência de descrições detalhadas da existência e do modo de vida dos Guarani nos registros de viajantes, cronistas, náufragos e religiosos que por essas terras passaram no início do século XVI, como Binot Paulmier de Gonneville, Aleixo Garcia, Sebastião Caboto, Álvar Nuñez Cabeza de Vaca, Hans Staden, dentre outros.

Os relatos de aprisionamento, escravização, fugas e rebeliões se acumulam na história da relação entre guaranis e europeus ao longo de todo o período pós-conquista, desde o século XVI até o século XIX. O sistema de *encomiendas* implantado no Paraguai, as reduções jesuíticas, as bandeiras e todos os modelos de relação advindos com a colonização

européia tinham o intuito de incorporar os guaranis ao sistema europeu pela escravização ou pela assimilação pacífica (Bertho, 2005:37-57).

Litaiff e Darella (2000) apontam o desaparecimento dos Guarani da literatura etnográfica e histórica relativa ao litoral catarinense nos séculos XVII ao século XIX, registrando relatos de cronistas e o possível abandono das regiões litorâneas por essas populações. No entanto, os autores levantam uma série de dados que evidenciam ocupações diversas no litoral catarinense, em especial da região do Morro dos Cavalos, na Serra do Tabuleiro, tanto no século XX como durante o período pós-contato em que eles “desapareceram”. Bertho (2005:85) afirma que a reterritorialização Guarani contou com constante comunicação e intercâmbio entre o litoral e o centro do continente “pelos caminhos antigos”, registrando ainda a resistência ao missionamento por meio das fugas às áreas florestadas e o forte e decisivo impacto territorial causado nessas populações pela Guerra do Paraguai (1864-1870) e o conseqüente loteamento das florestas para o plantio de erva-mate. Neste sentido, o processo de devastação do território étnico conduziu os Guarani à busca de novas estratégias de resistência cultural e territorialização, buscando espaços florestados de Mata Atlântica (Darella, 2004).

Por muito tempo o padrão de comportamento dos Guarani em relação à sociedade englobante⁴⁰ permaneceu o de se fazer imperceptível, sendo isto também apontado como uma estratégia para que mantivessem seus costumes e tradições (Ladeira e Wera Tupã, 2004). No entanto, o impacto mais intenso de relação com a sociedade englobante foi sentido pelos Guarani na segunda metade do século XX, quando o processo de invasão dos espaços por eles ocupados passou a ocorrer de forma mais contundente (Assis e Garlet, 2004). Devido à dificuldade de acesso a áreas que possuem significado geográfico e ecológico de um **tekoa** Guarani, alguns autores relacionam as migrações contemporâneas à busca de condições ambientais favoráveis para a manutenção de suas práticas tradicionais de subsistência (Felipim, 2001; Ladeira e Wera Tupã, 2004; Ladeira 1992; Melià, 1990).

Schaden (1974) dividiu os Guarani do Brasil meridional em três grandes grupos: Nandéva/Chiripá, Mbya e Kaiowá, baseando-se principalmente em critérios lingüísticos.

⁴⁰ A expressão “sociedade englobante” advém de Dumont (1992), sendo citada por Assis e Garlet (2004) para uma referência às sociedades nacionais (no caso, Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai), caracterizadas pela hegemonia da ideologia ocidental.

DUMONT, L. **Homo hierarquicus: O sistema das Castas e Suas Implicações**, São Paulo: EDUSP, 1992.

Mello (2006) faz uma discussão bastante atual sobre as identificações étnicas entre os grupos Guarani contemporâneos, principalmente os Chiripá e os Mbya. A autora aponta a grande dinamicidade que envolve a construção de identidades étnicas, fazendo com que essas divisões entre os grupos Guarani mereçam ser constantemente reinterpretadas. Verifica que entre os próprios Guarani é um assunto confuso, muitas vezes compreendido somente pelos mais velhos (Mello, 2006:123). O elemento apontado como importante é o fato de a pessoa ser Guarani ou não, sendo a língua a expressão fundamental para o reconhecimento da identidade. O domínio da língua Guarani é fator de relevo para os indígenas, principalmente na visão dos mais velhos, sendo um elemento que permite distinguir as parciais. A coabitação territorial existente entre os subgrupos, associada aos vínculos de parentesco faz com que os elementos que permitiam a distinção objetiva entre as parciais estejam cada vez menos evidentes. Neste sentido, muitos dos Guarani contemporâneos se auto-afirmam simplesmente como Guarani, uma unidade étnica diferenciada das demais (Mello, 2006).

Os levantamentos demográficos dessas populações são trabalho de extrema complexidade, sendo que dados contemporâneos apontados por Assis e Garlet (2004) contabilizam pelo menos 65.000 guaranis Chiripá, Nhandéva e Kaiová distribuídos em no mínimo 360 locais espalhados pelo Paraguai, Argentina e Brasil. Segundo Oliveira (2002) os Guarani “... formam o maior contingente populacional étnico do país, com cerca de trinta mil representantes, espalhados pelos estados de RS, PR, SC, SP, RJ, MS e ES”. Mais recentemente, o Instituto Socioambiental⁴¹, calculou cerca de 34.000 índios Guarani no Brasil, ocupando tanto territórios interioranos no Mato Grosso do Sul (Nhandéva e Kaiová) bem como áreas no litoral e no interior desde o Rio Grande do Sul até o Espírito Santo (Mbyá). Os dados levantados por Grünberg (2008) mapeiam pelo menos 500 aldeias nas regiões de fronteira entre Argentina, Paraguai e Brasil, também contabilizando pelo menos 100 mil Guarani habitando seu território tradicional e resistindo à falta de reconhecimento de suas terras e à intensa devastação ambiental na região. Estes dados apontam a existência de cerca de 50 mil indígenas Guarani vivendo no Brasil, muitas vezes em comunidades com graves problemas sociais e conflitos territoriais. De acordo com levantamento realizado por Ladeira e Matta (2004), existem ainda famílias descendentes de um grande grupo vindo do Paraguai habitando o Pará e o Tocantins (**figura 5**).

⁴¹ ISA - <http://www.socioambiental.org/pib/index.html>

Segundo Aguirre Neira (2008:25), a população Guarani em Santa Catarina alcança 1320 indivíduos, número em variação permanente, dada a dinâmica de ocupação territorial própria do povo Guarani. Cerca de 70% dessa população ocupa áreas sem o processo de regularização fundiária devidamente finalizado.

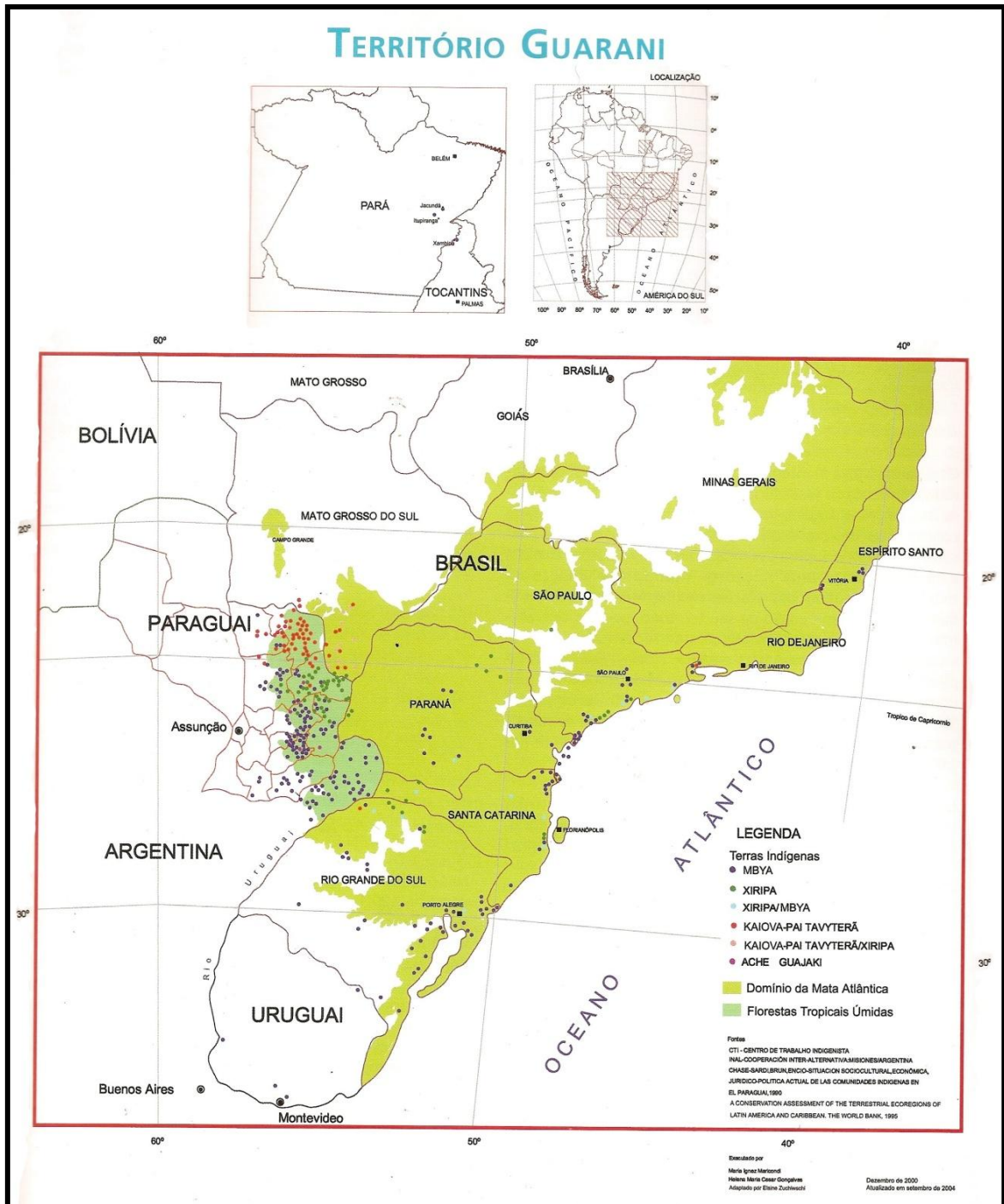


Figura 5 – Yvy Rupa, território de ocupação tradicional Guarani (adaptado de Ladeira e Matta, 2004:7)

1.2 – O modelo guarani de subsistência

O modelo de subsistência empregado pelos povos nativos da Amazônia converge para um sistema de manejo agroflorestal decorrente de um profundo conhecimento do meio, de acordo os processos naturais do ecossistema, valendo-se do consorciamento entre espécies perenes e temporárias. A área manejada compreende toda a área de domínio da aldeia, sendo manejadas além das espécies da roça (milho, mandioca, batata doce, entre outras), espécies florestais para diferentes finalidades como alimentar, medicinal e cultura material. O desmatamento das roças é executado de forma seletiva, sendo preservadas as árvores úteis, além de serem estas manejadas em bordas de mata, trilhas, pátios e clareiras. A mata secundária, decorrente pousio das roças, serve como área de caça, além do cultivo de espécies florestais de interesse (Noelli, 1993:261).

As florestas tropicais são descritas por Janis Alcorn (2005) como um sistema incorporado ao modo de vida e ao sistema de uso da terra dos povos que nelas habitam. A agricultura de corte-e-queima aproveita a regeneração da floresta para subsidiar a incorporação de nutrientes necessários para o cultivo das roças. “A intensidade de uso do solo de uma determinada área de roça deve ser compensada pelo tempo em que esta é destinada ao pousio (...), até que, novamente, a cobertura florestal (...) nativa se estabeleça eficientemente no local” (Felipim, 2004:307). A floresta secundária proveniente do pousio de áreas de roça é transformada em pomares de árvores frutíferas, plantas medicinais, de interesses variados para as comunidades que: “... valorizam as florestas pelo fato de funcionarem como fábricas vivas de onde vários produtos podem ser coletados” (Alcorn, 2005:236). Portanto, as evidências de que as paisagens anteriormente consideradas “naturais” são, na realidade, “artefatos humanos” são cada vez maiores (Posey, 2001:287).

Geração após geração, os povos da floresta frequentemente criam **florestas antropogênicas** complexas, que contém um número maior do que o esperado de espécies nativas úteis, bem como de espécies introduzidas. (Alcorn, 2005:237 – *grifo meu*)

Em sua dissertação de mestrado, Noelli (1993) busca um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani, fazendo apontamentos relevantes em relação ao manejo agroflorestal na região do delta do rio Jacuí-RS:

Analisando sistematicamente todas as informações sobre o manejo de vegetais para a subsistência, constatou-se que os Guarani dispunham de um sistema agroflorestal similar ao padrão demonstrado pelos autores da etnobotânica e da etnobiologia amazônica (Noelli, 1993:262).

Em Felipim (2004), o hábito de transportar, intercambiar e importar plantas cultivadas e espécies nativas, assim como incorporar itens provenientes da troca de experiências com outros povos, é apontado como um hábito dos Guarani pré-coloniais, hábito também descrito por Noelli (1998). Este autor aponta o manejo florestal Guarani como um modo de manutenção *in natura* da farmácia Guarani, assim como o transporte de boa parte de suas plantas. Também é apontada pesquisa das possibilidades das plantas encontradas nos territórios que foram historicamente ocupados ao sul da Amazônia: “Este processo paulatino de manejo deve ter contribuído para a dispersão e aquisição de muitas espécies, enriquecendo a biodiversidade das regiões ocupadas” (Noelli, 1993:263).

Na atualidade, a indisponibilidade e o não acesso aos recursos florestais constituem o maior entrave para a manutenção e a eficiência das práticas tradicionais de manejo guarani. As práticas podem se restringir de acordo com as condições do ambiente em termos fisionômico-estruturais e sucessionais, fazendo com que sejam adotadas estratégias de uso restrito ou de não uso dos recursos de acordo com a necessidade (Felipim, 2004). A dificuldade de acesso a áreas suficientemente extensas e preservadas para as práticas tradicionais de subsistência altera a dinâmica de manejo⁴². Entre os esforços empregados por essas populações para a conservação da biodiversidade nos locais que ocupam atualmente, está o padrão de uso intensivo de uma mesma área para agricultura, evitando a ocupação das poucas áreas florestadas que restam em seu território. As alterações no uso da terra e nas estratégias de subsistência, a fim de salvaguardar as florestas, intensificam a agricultura em áreas desflorestadas, preservando uma faixa de floresta permanente.

⁴² Neste trabalho, entende-se o termo manejo como o conjunto de intervenções no ambiente para gerenciamento dos recursos florestais existentes, sejam elas o cultivo, a coleta, a restrição de uso de espécies ou de áreas inteiras, bem como a interação entre essas diferentes práticas. Considerei plantas manejadas as que de alguma forma passam pela intervenção intencional e consciente sobre a planta, seja simplesmente coletando quando disponível, ou empregando qualquer tipo de esforço para que a planta exista na área, como transporte e plantio de mudas e sementes. Ao longo do trabalho observar-se-á que algumas dessas práticas direcionam esforços no sentido de conservação dos recursos florestais necessários à manutenção do modo de vida tradicional dos Guarani.

1.3 As contribuições da etnociência

A etnobiologia é essencialmente o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia. Em outras palavras, é o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes (Posey, 1986a:15).

No trabalho de Darrel Posey (1986a) a etnobiologia é apontada como um apoio científico que deve orientar políticas ecológica e socialmente responsáveis, servindo de argumentação em favor da salvaguarda das populações indígenas e de suas terras, bem como do meio ambiente. Em sua metodologia, esta ciência investiga os conceitos e relacionamentos estabelecidos por grupos indígenas ou nativos entre as categorias cognitivas. Segundo o autor, os povos indígenas possuem informações acuradas sobre a diversidade biológica e as potencialidades para a captação de recursos. É ressaltada a importância das relações cosmológicas, expressas pelos mitos e rituais, na preservação dos recursos naturais e do equilíbrio ecológico. Informações a respeito do zoneamento ecológico, da distribuição dos recursos naturais, da heterogeneidade biológica e da administração integrada dos reinos vegetal e animal são algumas categorias práticas cruciais para investigação científica. A imbricação entre os mundos natural, simbólico e social requer abordagem interdisciplinar sendo esta interação provida pela etnobiologia.

O estudo das relações entre o ambiente e as sociedades humanas possui entre suas bases teóricas com diferentes abordagens, consolidadas ao longo do século XX, como: antropologia ecológica, ecologia cultural e etnoecologia. A etnoecologia se vale da perspectiva êmica, “na qual o pesquisador tenta subjetivamente observar o mundo de um indivíduo através dos olhos do próprio indivíduo” (Moran, 1990; Posey, 2001), refletindo categorias cognitivas e linguísticas dos indígenas (Posey, 1986a). Além disso, a etnoecologia também se vale de um diálogo constante com a perspectiva ética, onde a observação se dá a partir das interpretações do pesquisador em relação ao grupo étnico estudado. Semeghini (2002:41) afirma que “com relação à classificação dos vegetais e animais realizada pelas populações tradicionais, as características consideradas podem ser completamente distintas das que a taxonomia científica utiliza pois fazem parte de uma visão de mundo específica quanto ao uso, construída a partir de um profundo conhecimento sobre os mesmos”. Diegues (2000) aponta a influência na etnociência do nascimento e da expansão nos países tropicais de vários movimentos socioambientais, nas décadas de 1970 e 1980. Esta ciência apóia, por

exemplo, os movimentos de indígenas, quilombolas e seringueiros nas propostas de áreas protegidas como reservas extrativistas.

Os diferentes ramos da etnociência (etnobiologia, etnobotânica, etnoecologia, entre outros) se apóiam na importância do conhecimento das populações tradicionais para conservação da biodiversidade (Diegues, 2000). Estes conhecimentos devem ser utilizados por planejadores e políticos para solucionar problemas locais e regionais (Alcorn, 2005). O padrão de uso da terra feito por comunidades nativas, valorizando a diversidade de recursos biológicos e as condições ambientais que os sustentam, deve ser comparado com um padrão de degradação intensiva da diversidade aplicado pelo modelo ocidental de preponderante interesse econômico. Neste sentido, “... o desafio passa a ser o de encontrar maneiras de identificar e apoiar iniciativas locais para vincular o desenvolvimento econômico à conservação da biodiversidade, aos sistemas tradicionais de conhecimento e às instituições locais (...)” (Alcorn, 2005).

A perspectiva da Conservação ou Etnoconservação defende a permanência e a aliança com os povos indígenas e comunidades tradicionais, que com sua agricultura de baixo impacto tecnológico no ambiente, possuem práticas de manejo com princípios sustentáveis (conscientes ou não), além da sua presença impedir o livre acesso a esses remanescentes evitando o extrativismo predatório (Bertho, 2005:13).

O termo etnobotânica foi cunhado no fim do século XIX por John Harshberger (1896) referindo-se à tradição do pensamento europeu que remonta à interpretação do mundo das plantas pelos povos até, pelo menos, Dioscorides, na Grécia, ano 77 A.D. O sistema taxonômico do pensamento europeu, baseado em caracteres morfológicos, foi plasmado em meados do século XVIII pelo sistema binomial criado por Linnaeus. As descrições de botânicos, missionários e negociantes do século XIX, incrementadas pelas contribuições dos etnólogos do século XX, impulsionou o estudo do caráter de relacionamento de grupos étnicos individuais com o mundo das plantas, para a compreensão das fundações cognitivas da cultura, bem como para identificar espécies com potencial para uso econômico. A etnobotânica contemporânea versa sobre a maneira com que um grupo percebe as plantas e o ecossistema do qual a sociedade depende, como expressam estes fatores na língua nativa e como este conhecimento pode apoiar a conservação da biodiversidade (Davis, 1995). O processo de amadurecimento teórico e metodológico da pesquisa etnobotânica ainda mantém em posição estratégica para promover o diálogo entre diferentes atores sociais,

gerando novas formas de conhecimento e novas demandas filosóficas, éticas, epistemológicas e institucionais (Alexiades, 2003).

No entanto, nos deparamos, hoje, com questionamentos diretamente ligados a essas dificuldades de transformar propostas teóricas em práticas. (...) Na pesquisa em etnobotânica, o direcionamento ideológico muitas vezes é explícito e relacionado a elementos como a valorização de conhecimentos marginalizados, a relevância de outras ciências não-acadêmicas e de outras lógicas que não a nossa lógica da sociedade capitalista urbano-industrial. (Hanazaki e Peroni, 2008:199)

É importante salientar a perspectiva do etnodesenvolvimento elaborada por Stavenhagen (1984). O autor aponta a etnicidade como fator fundamental na discussão de modelos de desenvolvimento, especialmente em países multiétnicos, como é o caso do Brasil. Neste sentido, o autor afirma que o desenvolvimento de grupos étnicos dentro de sociedades mais amplas deve se tornar a principal questão da reflexão sobre o próprio desenvolvimento mundial, possibilitando iguais oportunidades de desenvolvimento social, econômico e cultural dentro da estrutura mais ampla. Posey (1990) propõe a inclusão das populações nativas como participantes intelectuais em todos os estágios de programas de florestamento visando aspectos produtivos ou a conservação das florestas.

No que tange à noção de etnoconservação, atualmente as Terras Indígenas (TIs) têm sido representadas com grande potencial para conservação e proteção ambiental pelo fato de estarem distribuídas em “longas extensões de áreas estratégicas”, ao longo de 12% do território brasileiro (Rylands & Brandon, 2005). Este fato tem gerado diversos posicionamentos em relação à inclusão das TIs no Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC⁴³ (Melo *et al*, 2007)⁴⁴. O etnozoneamento e o etnomapeamento são instrumentos que vêm sendo reconhecidos e utilizados para planejamento de ações futuras de gestão ambiental e territorial em TIs (Aquino e Iglesias, 2005).

⁴³ O Art. 57 da Lei do SNUC (Lei nº 9.985/2000) determina que “os órgãos federais responsáveis pela execução das políticas ambiental e indigenista deverão instituir grupos de trabalho para (...) propor as diretrizes a serem adotadas com vistas à regularização das eventuais superposições entre áreas indígenas e unidades de conservação.”

⁴⁴ A imbricação entre Terras Indígenas, particularmente as áreas Guarani, e Unidades de Conservação tem sido discutida por autores de diferentes áreas nos últimos anos (Rios, 2005; Bertho, 2005; Semeghini, 2002; Felipim, 2001; Litaiff e Darella, 2000)

1.4 Ética e legislação relacionadas ao acesso e a proteção ao conhecimento de comunidades tradicionais⁴⁵

É sabido que colocar a propriedade intelectual de informantes em domínio público pode ocasionar conseqüências não planejadas em relação à exploração deste conhecimento (Philips, 1996⁴⁶ *apud* Hanazaki, 2004). A discussão do caráter ético relacionado ao conhecimento e uso de populações tradicionais de plantas e animais, bem como de suas funções ecológicas é um tema que vem sendo tratado desde a década de 1980, sendo reforçado pela Declaração de Belém, da Sociedade Internacional de Etnobiologia, datada de 1988 (Quadro 1). Sabendo-se que atualmente cerca de 75% dos princípios ativos isolados de plantas superiores e largamente utilizados na medicina moderna foram identificados por sistemas tradicionais (Santili, 2004⁴⁷ *apud* Peroni *et al.*, 2007), é essencial a regulamentação da pesquisa científica, da bioprospecção e do desenvolvimento tecnológico oriundos do conhecimento tradicional, bem como a repartição de benefícios gerados a partir deles. Tratando-se este de um estudo que envolve o conhecimento tradicional das comunidades indígenas Guarani, exponho brevemente o amplo espectro que envolve a ética e a legislação nacional e internacional referente ao acesso e ao uso desse conhecimento.

⁴⁵ O Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN) é um órgão filiado a Ministério do Meio Ambiente responsável pela avaliação do acesso ao patrimônio genético e ao conhecimento tradicional associado à biodiversidade. O órgão menciona em sua regulamentação (MMA, 2007) a definição de comunidade indígena e comunidade local (“grupo humano, (...) distinto por suas condições culturais, que se organiza, tradicionalmente, por gerações sucessivas e costumes próprios, e que conserva suas instituições sociais e econômicas” MMA, 2007:3). Neste trabalho estarei utilizando a expressão comunidade tradicional para me referir às duas categorias, entendendo que a comunidade indígena, embora situada em um contexto etnohistórico mais abrangente, é igualmente uma comunidade local com características semelhantes àquelas enfatizadas pelo CGEN.

⁴⁶ PHILLIPS, O.L. Some quantitative methods for analyzing ethnobotanical knowledge. In: ALEXIADES, M.N (ed.) **Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: a Field Manual**. The New York Botanical Garden, Nova York, 1996.

⁴⁷ SANTILI, J. Conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade: elementos para a construção de um regime jurídico *sui generis* de proteção. In: PLATIAU, A.F.B.; VARELLA, M.D. (eds.) **Diversidade biológica e conhecimentos tradicionais**. Belo Horizonte-MG: Del Rey. P.341-369. 2004.

Quadro 1 – Declaração de Belém (ISE, 2009⁴⁸)

“Como etnobiólogos, nós estamos preocupados com o seguinte: considerando-se que as florestas tropicais e outros sistemas frágeis estão desaparecendo, muitas espécies animais e vegetais se encontram em perigo de extinção e as culturas indígenas de todo o planeta estão sendo desmembradas e destruídas; e entendendo-se que as condições econômicas, agrícolas e de saúde das populações dependem destes recursos, as populações nativas têm sido os fornecedores de 99% dos recursos genéticos do mundo, existe uma inseparável ligação entre diversidade cultural e diversidade biológica, nós, membros da Sociedade Internacional de Etnobiologia, exigimos que sejam tomadas as seguintes providências:

1. Daqui para frente, uma considerável e substancial proporção de ajuda para o desenvolvimento deve ser direcionada para os esforços objetivando um inventário etnobiológico, conservação e programas de manejo;
2. Mecanismos devem ser estabelecidos para que os especialistas indígenas sejam reconhecidos como autoridades competentes e sejam consultados em todos os programas que afetam os índios, assim como seus recursos e seu meio ambiente;
3. Que os direitos humanos inalienáveis sejam reconhecidos e garantidos, incluindo a identidade cultural e lingüística;
4. Sejam desenvolvidos procedimentos para compensar as populações nativas pela utilização de seus conhecimentos e de seus recursos biológicos;
5. Sejam implementados programas educacionais para alertar a comunidade global do valor do conhecimento etnobiológico para o bem-estar dos seres humanos;
6. Todos os programas médicos devem incluir o reconhecimento e o respeito pelos curadores tradicionais e incorporar as práticas tradicionais de saúde que elevem o *status* de saúde dessas populações;
7. Os etnobiólogos devem colocar à disposição os resultados de suas pesquisas para as populações nativas com quem eles trabalharam, especialmente a divulgação na língua nativa;
8. Deve ser promovida troca de informações entre os indígenas e os camponeses com respeito à conservação, ao manejo e à utilização dos recursos.”

A perspectiva de regulamentação do acesso ao patrimônio genético e ao conhecimento tradicional associado se origina com a Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB), ratificada pelo Brasil em 1994, sendo sua regulamentação parcialmente dada pela Medida Provisória n° 2.186-16/2001, que se fundamenta no estabelecimento de uma base legal para o controle ao acesso, repartição equitativa dos benefícios e garantia dos detentores de conhecimento tradicional associado. Esta MP vem sendo constantemente reformulada com objetivo de adequação à realidade dos pesquisadores e comunidades

⁴⁸ ISE – International Society of Ethnobiology – <http://ise.arts.ubc.ca/>

tradicionais. Segundo ela, todo acesso a recursos genéticos e conhecimento tradicional associado à biodiversidade brasileira está condicionado à avaliação pelo CGEN. A solicitação ao CGEN deve ser encaminhada por pessoa jurídica, com explanação detalhada de todo o projeto e anexação de Termo de Anuência Prévia da comunidade. Toda atividade relacionada com o acesso ao conhecimento tradicional está condicionada à Anuência Prévia da comunidade. Para isto é necessário que se faça uma explanação do projeto à comunidade, indicando o destino do material coletado e a maneira com que isso afetará ou beneficiará a comunidade tradicional⁴⁹. Mediante a concordância com a execução do projeto, deve ser redigido um documento que será encaminhado ao CGEN. Em relação ao acesso ao patrimônio genético, se estabelece que toda informação de origem genética contida em material de origem biológica por meio de moléculas e substâncias provenientes do metabolismo desses seres vivos deve ser registrada. Portanto, vale ressaltar que acesso ao patrimônio genético difere da coleta de material biológico. Caso haja qualquer forma de exploração econômica deste tipo de informação, é necessário que se efetue um Contrato de Repartição de Benefícios com a comunidade. Vale-se ressaltar ainda que, caso não haja interesse econômico, a autorização deve ser feita somente pelo IBAMA e, tratando-se de Terras Indígenas, a autorização para ingresso na área há que ser dada pela FUNAI antes mesmo da elaboração da Anuência Prévia⁵⁰ (MMA, 2007).

Apesar de seu caráter extremamente burocratizante, a MP 2.186-16/2001 trouxe importantes reflexões relacionadas a políticas públicas e a pesquisas etnobiológicas. Primeiramente é necessário observar que a essa normatização jurídica ocorre no sentido de

⁴⁹ Neste sentido, reforço aqui o exposto na metodologia no que tange a negociação com a comunidade e a elaboração do termo de anuência prévia. Reitero que o documento foi redigido e assinado após uma reunião com lideranças da aldeia, constando o compromisso de que não serão extraídos princípios ativos quaisquer do material coletado, assim como a não-utilização dos dados para qualquer finalidade comercial. O objetivo do trabalho é fazer um registro das plantas utilizadas na comunidade que será mantido na escola da aldeia.

⁵⁰ Conforme mencionado anteriormente, o Termo de Anuência Prévia foi elaborado conjuntamente com as lideranças da comunidade, após a entrega da versão final do projeto, que contempla as considerações das lideranças. Tal atitude ocorreu 15 dias antes do início dos trabalhos de campo. Este trabalho é um exemplo da falta de adequação entre realidade acadêmica e determinações existentes na MP 2.186-16/2001, por diferentes aspectos. O projeto precisa ser remetido ao CGEN, para que este órgão solicite autorização à FUNAI, visando o acesso à área e a elaboração do Termo de Anuência Prévia. Esta medida inviabiliza a possibilidade da construção de projetos em conjunto com a comunidade, pois desta forma precisam ser escritos antes do acesso ao local. É importante considerar também que este trabalho é fruto de relacionamento com a aldeia M'biguaçu. Outro fator a ser apontado é a morosidade dos órgãos públicos em fornecer tais licenças, o que pode ser incompatível com os prazos do sistema acadêmico brasileiro. Por fim, sublinho que todo o material produzido, coletado e identificado retornará à aldeia e atenderá as próprias demandas internas da comunidade. O acesso e a utilização do material depositado na aldeia são restritos às pessoas da comunidade, sendo sua utilização permitida somente com autorização formal minha e das lideranças indígenas. Portanto, o não encaminhamento para apreciação legal das medidas estabelecidas pela MP 2.186-16/2001 ocorreu com o intuito de não inviabilizar a monografia, sendo que o requerimento considerado fundamental, a autorização formal da comunidade, foi cumprido.

homogeneizar uma heterogeneidade de situações, próprias dos grandes contrastes brasileiros. Muitas das exigências para as pesquisas sobre conhecimentos tradicionais carecem de compatibilidade com as políticas públicas que norteiam a produção científica no país, que transita por prazos estreitos e visa publicações rápidas e de alto impacto. Nesse contexto, a normatização dos procedimentos de pesquisa científica, bem como de repartição de benefícios devem ser incentivados e amadurecidos, não no sentido de criminalização das atividades de pesquisa, mas sim contemplando elementos fundamentais que permitam a produção e a repartição equitativa desses conhecimentos tradicionais e dos benefícios associados (Hanazaki e Peroni, 2008 e Peroni *et al.*, 2007). Menciono ainda três questões de relevância apontadas por Cordeiro (2007) que permanecem sem esclarecimento na normatização jurídica: 1) Quem é o dono do benefício? 2) Quem é o dono de uma planta e/ou do conhecimento utilizado por mais de um povo? 3) Qual a situação das demais comunidades que compartilham o conhecimento e ficam de fora do acordo?

Conforme visto, são inúmeros os desafios relacionados ao acesso e à proteção ao conhecimento de comunidades tradicionais, abarcando muitas vezes inesgotáveis contraposições. Neste trabalho argumento que essas pesquisas devam ser norteadas pela perspectiva do etnodesenvolvimento e da etnoconservação, trazendo contribuições para ao conhecimento científico, bem como à autonomia e a sustentabilidade das comunidades tradicionais em seu território. Para tal fim, é essencial que as políticas públicas criem elementos para reconhecer as particularidades e peculiaridades de cada situação, promovendo meios para a preservação dos conhecimentos associados à biodiversidade, bem como para assegurar a conservação dos recursos naturais imprescindíveis para a reprodução cultural das sociedades detentoras “de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração” (Diegues e Arruda, 2001⁵¹ *apud* Peroni *et al.*, 2007:190).

⁵¹ DIEGUES, A.C.; ARRUDA, R.S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: MMA, 2001.

1.5 A língua Guarani e o mundo das plantas

A língua Guarani pertence ao tronco lingüístico Tupi, que por sua vez é composto por 10 famílias lingüísticas, entre elas a família Tupi-Guarani, sendo uma língua estruturada há séculos e ainda hoje falada por milhares de pessoas, pertencendo a uma das maiores matrizes culturais dos povos nativos da América do Sul (Mello, 2006:25). A língua exerce centralidade na cultura Guarani, onde “tudo é palavra” (Melià, 1969). Mello (2006:27) aponta inclusive o monolinguismo na língua Guarani como uma das manifestações da resistência à assimilação de valores de outras culturas. Vale mencionar ainda que a classificação lingüística empregada por Metraux (1949a:69-72) divide os registros lingüísticos entre os Guarani Históricos, do século XV ao XVIII, e os Guarani Modernos, séculos XIX e XX (e agora século XXI). Desta forma, o idioma Guarani e suas variações dialetais faladas atualmente pelos grupos Mbya, Chiripá, Nhandeva, Kaiowa, entre outros, são derivados deste idioma de origem milenar (Mello, 2006), com destaque que muitos dos termos utilizados para nomear o mundo natural, em especial o reino botânico, permanecem praticamente inalterados até os dias de hoje.

O naturalista João Barbosa Rodrigues é considerado até hoje o primeiro e um dos maiores botânicos da história brasileira, sendo uma importante referência no cenário científico nacional e internacional a partir da segunda metade do século XIX. Foi autodidata e se envolveu em temas diversificados como etnografia, lingüística, arqueologia, indigenismo, química, farmácia, sendo, entretanto, mais conhecido por suas contribuições à botânica (Sá, 2001). Barbosa Rodrigues (1892) faz uma revisão dos vocabulários indígenas do norte ao sul do Brasil, no Paraguai, observando adulterações e padrões semânticos e fonéticos nas línguas indígenas, em especial no tronco Tupi, bem como as influências do contato com a língua portuguesa. O autor considera a língua geral amazônica (nheengatú) e o tupi ou karani⁵² do sul a mesma língua, corrompidas pela escrita dos missionários, “pela má pronúncia, por sotaques e vícios estrangeiros” (Barbosa Rodrigues, 1892:33). O autor considera que “o tupi, entre as nações selvagens, fazia o papel do latim entre as nações civilizadas” (Barbosa Rodrigues, 1892:39), servindo de base para a língua de “nossos avós”. Barbosa Rodrigues

⁵² Preservei a grafia utilizada pelo autor.

(1992⁵³) citado por Havenrroth (2007) registrou em sua obra uma ampla nomenclatura botânica em língua indígena, suas divisões e agrupamentos, bem como os critérios utilizados pelos indígenas para esta finalidade, apoiado nas obras de André Thevet, Guilherma de Piso e Karl Phillip von Martius (Haverroth, 2007:18). O autor reúne elementos de morfologia (folhas, flores, frutos) e de propriedades (cheiro, sabor, dureza, cor, uso) em gêneros, cujo nome é o da planta mais típica, que por sua vez formam grupos maiores ou famílias. Além disso, o autor menciona o uso de sufixos como *tiba* ou *tuba* para expressar o coletivo de plantas. Em sua obra estão apresentadas divisões gerais para *ibirá* (madeira), *kaa* (ervas) e *icipós* (lianas), além de apresentar denominações para formações paisagísticas como *kaa ete* (florestas virgens), *kaapoer* (sucessão inicial), *kaa* (mata secundária), *kó* (roças), entre outras. O autor destaca ainda a existência de uma classificação paralela das plantas utilizadas como remédios (*acykaa; acy=dor*) (Barbosa Rodrigues, 1992 *apud* Haverroth, 2007:19). Categorias gerais encontram paralelos lingüísticos com as denominações empregadas pelos Guarani contemporâneos, como o sufixo **ty** para coletividade, os mesmo nomes para classificar as plantas enquanto seu hábito (árvore, erva e cipó), o termo **ka'aguy** para mata em geral (com o sufixo **ete**=verdadeiro, para matas bem desenvolvidas), e a palavra **kokue** para as roças. Menciono ainda que algumas plantas são classificadas especificamente de acordo com sua propriedade medicinal, sendo chamadas de **poã** (o termo **atchi'i** costuma ser usado para se referir à dores e machucaduras).

O registro na bibliografia arqueológica e etnológica da nomenclatura do mundo natural em língua Guarani é bastante amplo, sendo que este levantamento exaustivo permitiu a criação de princípios básicos das relações entre o homem e o meio, objetivando a subsistência, a partir de uma perspectiva êmica (Bettinger, 1980⁵⁴ *apud* Noelli, 1993:113). Storni (1944⁵⁵) citado por Noelli (1993:143) aponta que os Guarani classificavam e detalhavam ordenadamente a descrição e a diferenciação dos vegetais, além das fitofisionomias e da geomorfologia de seus domínios, sendo chamados por Linnaeus de

⁵³ RODRIGUES, J.B A **botânica. Nomenclatura indígena e seringueiras**. IBAMA/ Jardim Botânico do Rio de Janeiro [republicado com base nos originais de 1905 e 1900, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro], Rio de Janeiro, 1992.

⁵⁴ BETTINGER, R.L explanatory/Predictive models of hunter-gatherer adaptation. In; SCHIFFER, M.B. (ed.) **Advances in Archeological Method and Theory**. Vol 3. New York, Academic Press. p. 189-255. 1980.

⁵⁵ STORNI, J. **Hortus Guaraniensis: Flora**. Tucumán: Universidad de Tucumán, 1944.

primus verus systematicus. Von Martius (1867⁵⁶ *apud* Noelli, 1993) faz uma relação direta entre verbetes das línguas tupi e sua designação científica, tecendo paralelismos com o idioma Guarani.

O arqueólogo Francisco Noelli (1993:132-133) realizou a mais completa revisão bibliográfica que tive acesso referente ao registro das nomenclaturas botânicas em língua Guarani no vasto território de ocupação tradicional. O padre Antonio Ruiz de Montoya (1867a e 1867b) sintetiza as nomenclaturas do mundo natural em língua Guarani utilizadas nos séculos XVI e XVII. Noelli (1993) aponta também a lista elaborada por Gatti (1985) como a síntese mais completa das nomenclaturas botânicas registradas até a década de 1950. Faço referência ainda aos subsídios de León Cadogan (1943, 1955, 1959, 1970, 1973, 1992), Martínez-Crovetto (1969a, 1968b, 1968c, 1968d), e Wilson Garcia (1979, 1985) para as sínteses de Noelli da nomenclatura do mundo botânico Guarani. O autor apresenta uma grande lista revisada e bastante completa dos registros desses e de outros autores, incluindo somente plantas presentes na composição florística da área de influência do delta do Rio Jacuí/RS). O autor aponta a necessidade de aprofundamento desta pesquisa com dados etnobotânicos entre os Guarani contemporâneos (Noelli, 1993:132).

De acordo com Garcia (1985)⁵⁷ citado por Noelli (1993), os Guarani não possuíam um termo equivalente a planta, flora ou a um táxon inicial mais inclusivo. Na sistematização das plantas elencadas em sua revisão bibliográfica a respeito da classificação do reino vegetal pelos Guarani, Noelli (1993:144) apresenta um modelo experimental de classificação em categorias supragenéricas de acordo com o hábito e o uso das plantas, sendo que o autor considera nesta classificação principalmente a morfologia do caule. Esta sistematização está sintetizada abaixo.

- 1) **Ka'a**: ervas (herbáceas)
- 2) **Yvyra**: árvores (arbóreas)
- 3) **Ysypo**: cipós (lianas)

⁵⁶ von MARTIUS, K.F.P. Nomina Plantarum in Lingua Tupi. **Beiträge zur Ethnographie und Sprachgenkunde Südamerika's zumals Brasiliens**. vol. II. zur Sprachenkunde. Leipzig, Friederich Fisher. p. 371-412. 1867

⁵⁷ GARCIA, W. **Introdução ao Universo Botânico dos Kaiová de Amambai. Descrição e Análise de um Sistema Classificatório**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFCLH-USP, 1985.

- 4) **Kapi'i**: capim (gramíneas)
- 5) **Temity**: plantas cultivadas na roça
- 6) **Karagwata**: bromélias em geral
- 7) **Yvyra rehegwa**⁵⁸: orquidáceas, plantas parasitas e outras epífitas
- 8) **Pohã**: remédios
- 9) **Porã**: plantas sagradas
- 10) **Yvy rehegwa**: musgos e herbáceas sem flor evidente que se desenvolvem em locais úmidos e sombreados

A partir da década de 1960 os sistemas de etnotaxonomia (ou taxonomia folk) passam a ser discutidos com maior ênfase, ficando conhecidos principalmente os trabalhos de Berlin *et al.* (1966, 1968, 1971, 1973 e 1974) e Berlin (1974, 1977 e 1992), que buscam estabelecer parâmetros no estudo comparativo das nomenclaturas em diferentes línguas nativas. Em Berlin *et al.* (1971), “os autores demonstram que, de uma forma geral, o sistema de Linnaeus se trata de uma codificação da taxonomia folk de uma área particular da Europa, cujo crescimento teria sido facilitado pela invenção da imprensa” (Haverroth, 2007:24). As discussões a respeito dos sistemas de classificação do mundo natural empregados por populações indígenas, receberam ao longo dos anos contribuições de diversos autores, sendo revisadas e estabelecidas no que convencionalmente se chama de categorias berlineanas. Estas categorias se dividem em cinco níveis hierárquicos (iniciador único, forma de vida, etnogênero, etnoespécie e etnovariabilidade), considerados conforme a nomenclatura utilizada para o organismo.

De uma maneira simplificada, estas categorias representam idéias gerais expressas na nomenclatura: iniciador único – o táxon mais inclusivo como planta, animal, sendo raramente nomeado nas línguas indígenas; forma de vida – associada ao hábito do organismo como árvore, erva, cipó, possuindo sempre dois lexemas⁵⁹, sendo que o primeiro nunca vem desacompanhado de complemento; etnogênero – é a categoria mais numerosa, são aqueles

⁵⁸ **Regua**: forma de posse explícita do substantivo - <http://orbita.starmedia.com/~i.n.d.i.o.s/dooley/pz.htm> Acessado em: 28/05/2009. Este adjetivo traz consigo a idéia de pertencimento a algo, no caso das plantas: **yvyra regua** = aquilo que pertence à árvore; **yvy regua** = aquilo que pertence à terra. Preservei a grafia originalmente utilizada pelo autor.

⁵⁹ **Lexema** *s. m.* Palavra ou parte de palavra que serve de base ao sentido por ela expresso. (<http://www.priberam.pt>, acessado em 26/05/2009)

grupos marcados por um lexema primário, geralmente do *taxa*⁶⁰ mais típico, e geralmente inclui diferentes *taxa* imediatamente subordinados ao primeiro; etnoespécie – o lexema secundário é terminal, sendo imediatamente incluído em *taxa* designado por lexema primário; e etnovariedade – designadas por complementos ao lexema secundário. As duas últimas categorias são mais raras e geralmente representam organismos de grande importância cultural, sendo reconhecidas diversas variedades dos grupos maiores. Berlin & Kay (1969) chamam atenção ainda para a sequência ordenada no aparecimento de categorias baseadas na cor, um fenômeno também marcante na etnotaxonomia guarani.

A etnotaxonomia botânica tem por base tais tipos de generalizações, que não devem ser segregadas das categorizações utilitárias (remédio, construção, alimento, ritual, atrativo de fauna), bem como daquelas estabelecidas pelas relações simbólicas com as plantas.

1.6 Os Guarani no Domínio Mata Atlântica

Em livro sobre biodiversidade, Edward Wilson (1997:10) definiu as florestas tropicais como uma floresta estratificada, sempre verde, com índice pluviométrico superior a 100 cm, com bosqueamento que permite aos seres humanos “andar através dela com alguma facilidade”. As estimativas são de que estas florestas contenham pelo menos metade da biodiversidade terrestre, embora cubram somente 7% de sua superfície, e de que desaparecerão ainda neste século, dado o acelerado ritmo de destruição (Wilson, 1997). O ecólogo Norman Myers (1997:37) aponta um consenso geral dos 15 milhões de quilômetros quadrados de florestas tropicais primárias que possivelmente existiram, restam no mundo apenas nove milhões, ou seja, 60%. As taxas atuais de desmatamento dos biomas são estimadas em 1% ao ano, existindo áreas mais afetadas que outras. Esta diferença na distribuição do desmatamento levou a formulação do conceito de *hotspot*, para referir áreas com alta biodiversidade ameaçadas no mais alto grau⁶¹ com pelo menos 1.500 espécies endêmicas de plantas e que já tenham perdido mais de ¾ de sua vegetação original (Myers *et*

⁶⁰ O reconhecimento dos organismos em todas as línguas se dá naturalmente por agrupamentos, os quais são tratados psicologicamente como unidades descontínuas da natureza. Estas unidades são os *taxa* (Berlin *et al.*, 1971 e 1973).

⁶¹ Este conceito vem sendo ampliado para incluir as populações de vertebrados, áreas marinhas e outros locais estratégicos para conservação.

al, 2000). Atualmente são considerados 34 *hotspots* mundiais, dois deles no Brasil: o Cerrado e a Mata Atlântica (CI, 2009).⁶²

No início da colonização brasileira, os europeus encontraram duas grandes formações florestais constituídas por mosaicos de diferentes fisionomias vegetais: a Floresta Amazônica e a Mata Atlântica. A Mata Atlântica ocorria ao longo da costa, do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte e se estendia continente adentro, chegando até o noroeste da Argentina e o Paraguai. A Constituição Federal de 1988 confere à Mata Atlântica o status de “patrimônio nacional”, sendo buscada na década de 1990 uma definição ampla de sua área de abrangência, aprovada pelo CONAMA em 1992. Essa definição engloba como Domínio Mata Atlântica as áreas de floresta litorânea, mata de araucária, florestas decíduais e semi-decíduais interioranas e ecossistemas associados como restingas, manguezais, florestas costeiras, campos de altitude e encraves de campo, brejos de altitude e cerrados (Decreto nº 750/93; Lei nº 11.428/06). As estimativas atuais são de que o Domínio Mata Atlântica sobrevive em menos de 100 mil km² (cerca de 7% de sua cobertura original), tendo seus principais remanescentes nos estados das regiões sul e sudeste do país (Capobianco, 2001:10-20; **figura 6**).

⁶² CI – Conservation International – <http://www.biodiversityhotspots.org>

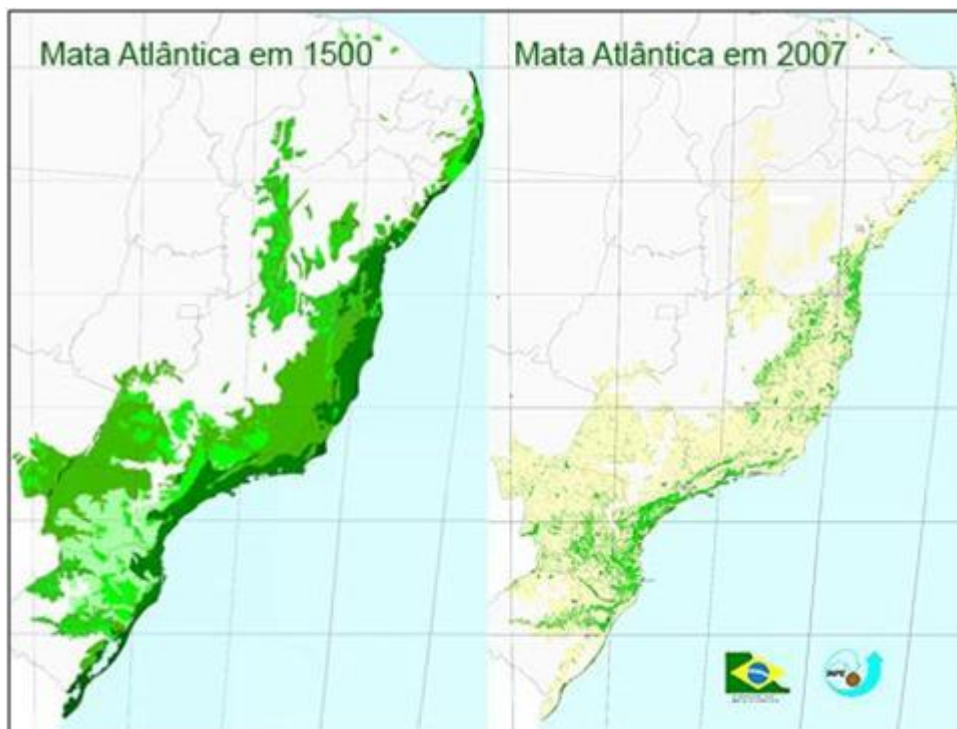


Figura 6 – Área original do Domínio Mata Atlântica e seus remanescentes atuais.
 (Disponível em: <http://individualidadecoletiva.zip.net/> Acessado em: 04/04/2009)

O levantamento dos sítios e evidências arqueológicas no Cone Sul elaborado por Noelli (2004a), constata a nítida sobreposição entre os sítios Guarani e o Domínio Mata Atlântica (Noelli, 2004a:24). De forma geral, as rotas migratórias que se expandiram a partir da Amazônia em direção ao sul do continente estavam na região do Paraguai e Argentina há cerca de 3.000 a 2.000 anos, atingindo o litoral Atlântico há cerca de 1.000 anos. A invasão da costa e a escravização decorrente da ocupação européia forçaram a saída dos Guarani para territórios interioranos fronteiriços entre Paraguai, Argentina e Brasil, onde resistiram por séculos a intrusão de escravagistas portugueses, missionários e encomenderos espanhóis. Diante dos entraves históricos decorrentes, muitos grupos retornaram paulatinamente aos espaços territoriais antigamente ocupados. Alguns autores sustentam a hipótese de que a cobertura florestal existente em Santa Catarina teria permitido a invisibilidade de alguns grupos até o início do século XX (Bertho, 2005: 86-89).

A forte exploração madeireira das florestas atlânticas catarinenses ao longo século XX fez com que a porcentagem de cobertura florestal original em relação à área do Estado diminuísse de 78,67%, em 1912 (Klein, 1988), para 16,10%, em 2.000(SOS Mata Atlântica).

Segundo Reis *et al.*(1995)⁶³ citado por Siminski *et al.* (2004), a maioria de seus remanescentes está representada apenas por fragmentos de formações florestais secundárias. Esta perspectiva administrativa deletéria dos recursos naturais ficou plasmada neste ano de 2009 pela aprovação na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina do Projeto de Lei n° 238/08, que institui o Código Ambiental Catarinense, considerado pela ex-Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, como uma “desobediência civil às avessas”, apontando o estado de Santa Catarina campeão em desmatamentos de remanescentes da Mata Atlântica na última década (Folha de São Paulo, 30/03/2009). É neste infeliz contexto em que tenta se estruturar a ocupação territorial contemporânea dos Guarani em solo catarinense.

Uma observação detalhada das figuras 5 e 6 revelará a sobreposição entre as áreas ocupadas pelos Guarani atualmente e as áreas preservadas da Mata Atlântica, evidenciando a forma como estas populações vêm ocupando seu território e as características buscadas nos locais considerados adequados ao Guarani ao longo dos séculos. “O mapa cultural Guarani se sobrepõe a um mapa ecológico, que se não é de todo homogêneo, tampouco quebra certas constantes ambientais” (Melià, 1990:34). Uma observação comparativa entre as figuras 5 e 7 revela a sobreposição entre as ocupações Guarani e as diferentes formações florestais existentes no estado de Santa Catarina. Saliento que existir defasagem nos dados referentes às ocupações Guarani apresentados por Ladeira e Matta (2004), sendo que o trabalho de mapeamento das ocupações guarani é um trabalho infundável por envolver todo o território, necessitando de constante re-atualização. Tais ocupações Guarani seguem se dando nas diferentes formações florestais (Florestas Ombrófila Densa, Ombrófila Mista e Estacional Decidual) são mais numerosas, de forma a ocupar as áreas florestadas nas diferentes regiões do território tradicional.

De acordo com a descrição elaborada por Klein (1978), o estado de Santa Catarina é composto por seis formações fitogeográficas: formações litorâneas (manguezais e restingas), Floresta Ombrófila Densa (floresta pluvial tropical Atlântica), Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária), matas nebulares, campos de altitude e Floresta Estacional Decidual (Mata do rio Uruguai) (**figura 7**). Todos estes ambientes integram o conceito de Domínio ou Bioma Mata Atlântica, referenciado pela Lei da Mata Atlântica (Lei n° 11.428/96⁶⁴). As

⁶³ REIS *et al.* **Curso: manejo do palmitero (*Euterpe edulis*) em regime de rendimento sustentado.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

⁶⁴ Dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica, e dá outras providências.

divisões e os limites geográficos entre estas fisionomias são fundamentados em caracteres referentes à predominância de tipos vegetacionais diferentes, principalmente nas fases mais maduras da floresta, além de características edáficas, barreiras geográficas e diferenças climáticas peculiares de cada região (Reitz *et al.*, 1978; Klein, 1984) Estes limites de forma alguma são estanques, podendo ser observadas regiões de transição entre as formações⁶⁵ e a sobreposição de algumas espécies, principalmente aquelas ocorrentes nos estágios iniciais da sucessão⁶⁶, o que pode inclusive ser parcialmente observado na definição expressa pela Resolução do CONAMA n°4/94.

⁶⁵ Veloso *et al.* (1991:101) chama atenção para os sistemas de transição, de tensões ecológicas entre as diferentes formações, exemplificando o ecótono, como a mistura florística entre diferentes tipos de vegetação existente entre a Floresta Ombrófila e a Floresta Estacional

⁶⁶ Riclekfs (1996:349) afirma que “quando um hábitat é perturbado – uma floresta derrubada, um campo queimado, um recife de corais destruídos por um furacão – a comunidade lentamente se reconstrói. Espécies pioneiras que são adaptadas a hábitats perturbados vão sendo lentamente substituídas por outras até que a comunidade atinja sua estrutura e composição originais. A sequência de mudanças iniciadas pela perturbação é chamada **sucessão**, e a associação de espécies atingida em última instância é chamada **clímax**.” O conceito de sucessão está ligado à tendência da natureza em estabelecer novo desenvolvimento em uma determinada área, correspondente com o clima e as condições de solo locais. Se o desenvolvimento se inicia a partir de uma área que não tenha sido antes ocupada, como por exemplo uma rocha, ou uma exposição recente de areia, chamamos de **sucessão primária**. Se este desenvolvimento se processa numa área que já sofreu modificações, como uma área utilizada pela agricultura, ou que sofreu desmatamento, chamamos de **sucessão secundária** (ODUM, 1988).

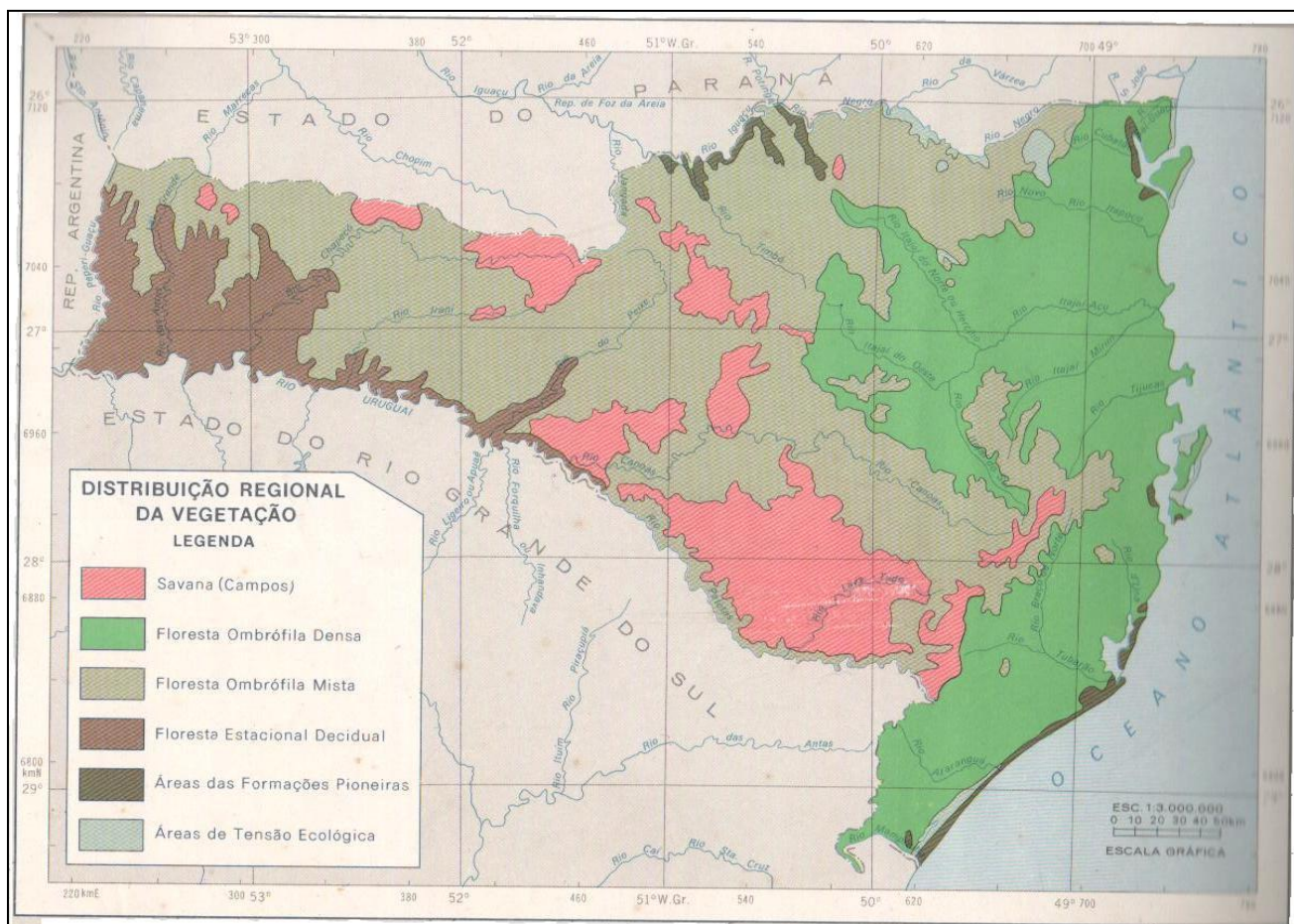


Figura 7 – Mapa da fitofisionomia catarinense (Santa Catarina, 1986).

Na sua busca pelo modelo etno-arqueológico da subsistência Guarani, Noelli (1993:112-150) aponta o raio médio de 50 km para práticas de coleta a partir do sítio do Arroio do Conde/RS. As áreas utilizadas para coleta e manejo abrangiam uma ampla variedade de ambientes⁶⁷ que englobavam vasta área de domínio territorial. Muitos dos termos utilizados nas classificações dos Guarani para estas formações estão registradas nos léxicos de Montoya (1646) do século XVII. O autor aponta para a organização das famílias extensas (**te'yi**) isoladas em aglomerações aldeãs, denominadas **tekoa**, e estas, por sua vez, formando unidades territoriais (**guara**). A unidade sociológica composta pelos **guara**, mantida pelos laços de parentesco e reciprocidade, seriam uma garantia da manutenção dos territórios ocupados (Noelli, 1993:247-249). Ao longo da histórica mobilidade Guarani, tais territórios se sobrepõem à distribuição das diferentes formações florestais no Estado de Santa

⁶⁷ O autor constata que os Guarani de Arroio do Conde palmilhavam uma ampla área de captação de recursos e matérias-primas para fins materiais e simbólicos, revelando um conhecimento detalhado dos ecossistemas envolventes. A área de uso compreende a região que abrange diferentes áreas desde a planície costeira até as serras, sendo inclusive utilizadas, durante os meses mais frios, áreas mais altas para a coleta de **kuri**, pinhão (Noelli, 1993:131-150).

Catarina. Tal fato revela que essas tipologias têm sido milenarmente ocupadas e reocupadas em diferentes circunstâncias, sendo um território de circulação populacional e consequente circulação de germoplasma nativo, decorrente das práticas tradicionais de manejo.

Claude Lévi-Strauss (1987:30), em seu capítulo: “*O uso das plantas silvestres da América do Sul tropical*” aponta a grande variabilidade de espécies utilizadas pelos povos sul-americanos para a cultura material e simbólica, chamando atenção ainda para a ampla distribuição de muitas espécies da flora nativa, permitindo o uso do mesmo ambiente vegetal por tribos distanciadas entre si. Outro significativo fator apontado pelo autor é que, “longe de depender inteiramente do ambiente natural, os índios sul-americanos dispersos pela floresta tropical mostram excepcional habilidade em descobrir substitutos para uma espécie vegetal” Lévi-Strauss (1987:30). Dadas as circunstâncias ambientais das atuais ocupações Guarani, esta adaptabilidade é um fator expressivo na ocupação e no manejo aplicado.

1.7 Etnozoneamento, conservação e cultura

A Floresta Ombrófila Densa é classificada de acordo com a composição florística em seus diferentes níveis de altitude ao longo das encostas das serras costeiras do Brasil. A classificação mais usual expressa em Veloso *et al.* (1991) subdivide esta formação florestal como Aluvial (próximas ao leito dos rios), das Terras Baixas (de 0 a 30 m de altitude⁶⁸), Submontana (entre 30 e 400 m), Montana (de 400 m até 1000 m) e Alto-Montana (acima dos 1000 m). No estudo da composição florística e da ecologia da flora catarinense, Klein (1979) faz uma descrição detalhada da vegetação do Vale do Itajaí, apontando a existência de um mosaico vegetacional composto por diferentes formações desde as vegetações litorâneas, passando por matas de encosta, matilhas nebulares (alto da Serra do Mar), floresta com pinheiro (**kuri’y**, araucária) e os campos de planalto (Klein, 1979:82-88).

Em relação ao etnozoneamento Guarani, Aguirre Neira (2008:80-87) efetiva compilação de dados revelando importantes aspectos em relação ao uso e à classificação do espaço territorial Guarani. As diferenças nas formações de planícies baixas (**Yvy Anguy**), as

⁶⁸ Os níveis de altitudes são considerados em relação à latitude de cada região. A classificação utilizada neste trabalho se refere às formações entre 24° lat. e 32° lat., relativas às latitudes do Estado de Santa Catarina, aproximadamente entre 26° e 29°.

encostas (**Yvy Á**), os topos de morros (**Yvy Yvate**) e os planaltos (**Yvy Adjoja Porã**) são também reconhecidos pelos Guarani e correspondem definições estabelecidas culturalmente, que se associam com o modo de uso ou até mesmo o não uso de áreas (**figura 8**).

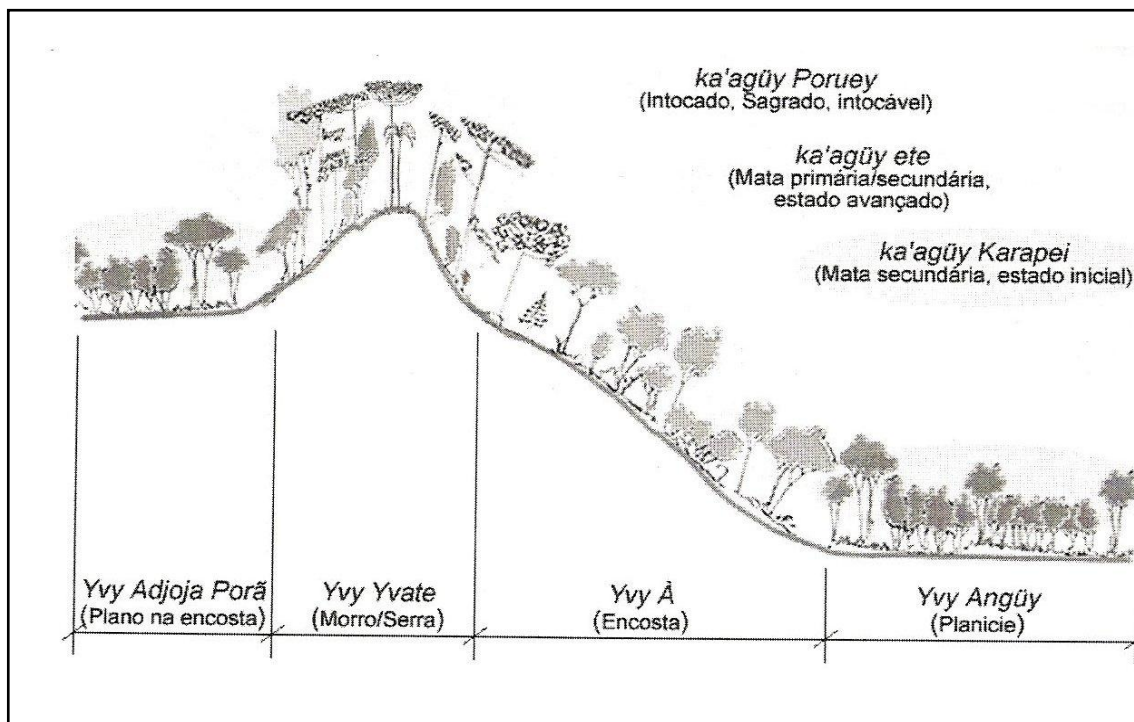


Figura 8 – Etnozoneamento de acordo com o relevo e a vegetação (Aguirre Neira, 2008:85)

A seguir apresento um pequeno resumo dos dados levantados por Aguirre Neira (2008) com relação à classificação florestal Guarani e o uso da mata, somadas algumas interpretações expressas em Felipim (2004):

- Os lugares chamados pela categoria **poruey** representam os locais intocados. **Ka'agüy⁶⁹ poruey**, matas ocorrentes nestes locais, não são utilizadas, pois são consideradas sagradas, sendo geralmente percorridas somente pelos **karaikueri** (lideranças religiosas). Geralmente essas formações ocorrem no topo dos morros (**Yvy Yvate**) e são interpretadas também como áreas de proteção das cabeceiras dos rios.

⁶⁹ A palavra **ka'agüy** significa mata.

- A expressão **ka'aguy ete** é utilizada para se referir às áreas cobertas por estágios florestais mais maduros. Ocorrem geralmente ao longo da encosta (**Yvy À**), sendo que as matas mais maduras incidem nos locais de maior altitude e de desnível mais acentuado. O uso dessas matas se limita às atividades de caça e coleta, principalmente para fins medicinais.
- Os ambientes cobertos pelo início da sucessão secundária da floresta são classificados como **ka'aguy karapei** e ocorrem nas planícies (**Yvy Angüy**) e áreas mais baixas da encosta, sendo áreas apropriadas para habitação e estabelecimento das roças. Nesta região são coletadas as espécies de uso mais frequente (cipó, madeira para construção, lenha) e é realizada a caça de maior monta.

Juan Aguirre Neira (2008) sistematiza graficamente a organização espacial relacionada ao etnozoneamento Guarani. Identifica ainda as áreas baixas com maior intensidade de uso para moradia e agricultura, as encostas utilizadas para extrativismo em geral e manejo da mata secundária e os topos de morros com uso bastante restrito. Este modelo de uso e ocupação territorial está apresentado na **figura 9**.

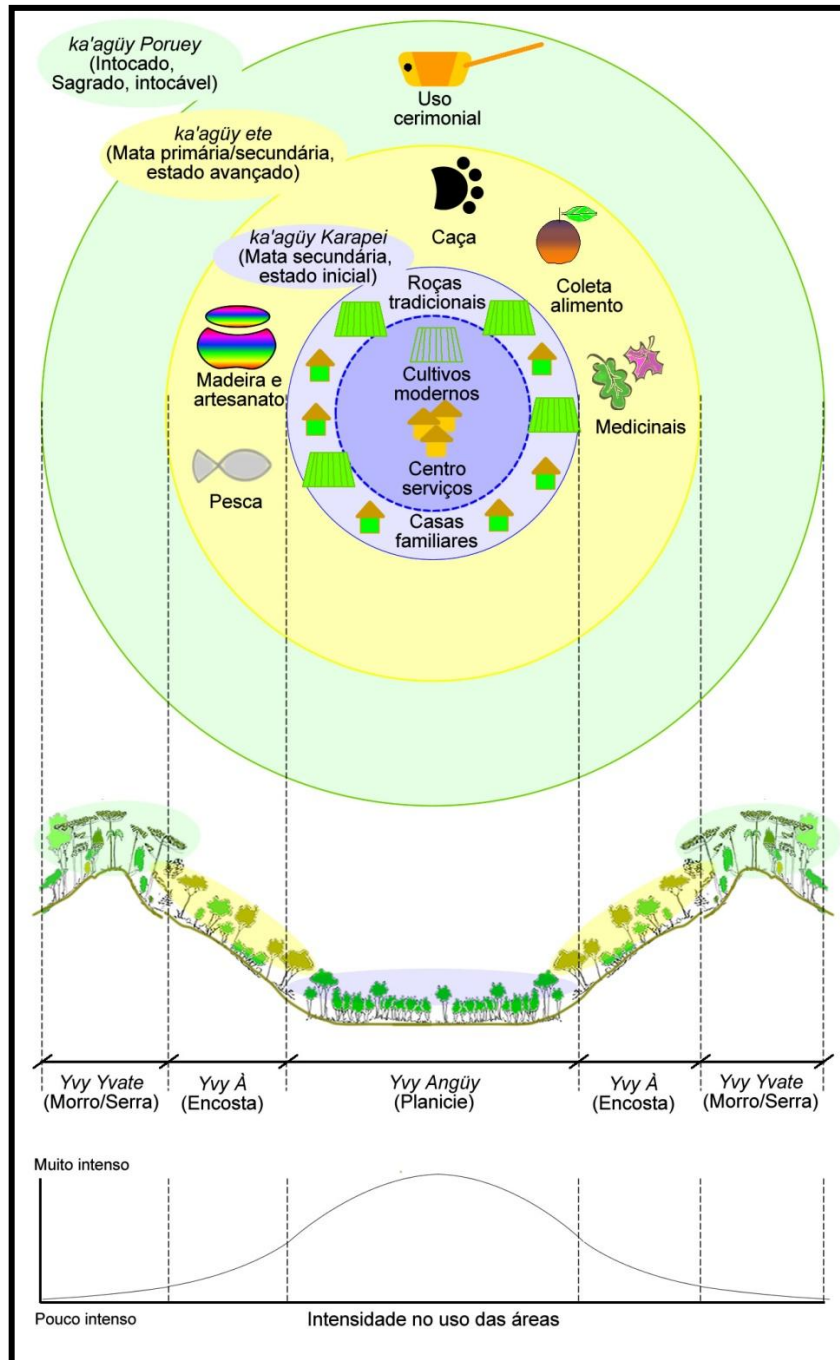


Figura 9 – Construção conceitual do Tekoa apontando para o uso das áreas (Aguirre Neira, 2008:90).

O Código Florestal Brasileiro (Lei nº4.771/65) declara como áreas de preservação permanente a vegetação existente ao redor de nascentes, encostas íngremes e topos de morro, proibindo a supressão florestal dessas áreas (Art. 2º). A Lei audaciosamente institui a inclusão do Patrimônio Indígena ao sistema de preservação e condiciona o manejo florestal indígena ao

uso sustentável de subsistência (Art. 3º). Ressalto aqui também que na redação da nova lei da Mata Atlântica (Lei nº 11.428/06) está regulamentado o uso das vegetações de acordo com o estágio de regeneração do Bioma (Art. 8º), sendo instituídas categorias mais restritivas e impeditivas para as matas primárias e secundárias em estágio médio e avançado (Art. 11), incentivando ainda a pesquisa de tecnologias de manejo sustentável da vegetação e a manutenção do equilíbrio ecológico, bem como incentivam o manejo e a exploração sustentável das espécies nativas (Arts. 7º e 9º).

A análise desses dados permite tanto o entendimento no que tange a relação entre o etnozoneamento e a classificação das diferentes formações vegetacionais, quanto a relação entre o manejo da paisagem pelos Guarani e a legislação ambiental brasileira. Pode-se perceber que os locais sagrados e de uso restrito dos Guarani frequentemente correspondem às áreas de preservação permanente instituídas pela legislação. É possível perceber ainda que as formações florestais mais iniciais, passíveis de exploração, também se relacionam. Esta imbricação paradigmática do manejo Guarani e da legislação ambiental, embora norteadas por princípios diferentes⁷⁰ fornece sustentação à legislação indigenista no que tange o incentivo das práticas tradicionais destas populações indígenas.

A Constituição Federal de 1988 legitima aos índios o direito de reivindicação a áreas essenciais à manutenção de sua cultura, costumes, língua e tradições (Art. 231 e 232)⁷¹. O Decreto nº 1.141/94 dispõe sobre a proteção ambiental, a saúde e as atividades produtivas das áreas indígenas, garantindo a participação das comunidades de programas e projetos em suas áreas, fundamentando-se no reconhecimento da organização social e política, dos costumes, das línguas, das crenças e das tradições. No que tange a preservação ambiental, o Decreto aponta medidas como diagnóstico, acompanhamento e recuperação ambiental das áreas degradadas, educação ambiental, identificação e difusão de tecnologias indígenas e o controle das atividades modificadoras do ambiente, inclusive aquelas desenvolvidas fora dos

⁷⁰ Possivelmente o sistema de manejo florestal indígena originalmente não tem a noção explícita de conservação ambiental, mas sim um sistema de regras e condutas sociais, culturais e cosmológicas de manejo florestal que conduz a conservação das matas e recursos hídricos. A emergência do discurso ambiental entre os povos indígenas se dá atualmente devido o estado de degradação ambiental de suas áreas tradicionais, sendo atualmente considerado imanente ao pensamento indígena.

⁷¹ Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo.

limites das áreas. Neste sentido, menciono ainda a Convenção n° 169⁷², da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que versa em seu Artigo 7º que “os governos deverão adotar medidas de cooperação com os povos interessados para proteger e preservar o meio ambiente dos territórios em que eles habitam”. Os argumentos citados convergem para a sustentação de que o conhecimento das populações indígenas Guarani deve ser valorizado e considerado quando do planejamento da gestão ambiental não só de suas áreas, mas de todo o Bioma intitulado Mata Atlântica.

⁷² Convenção ratificada pelo Presidente da República em 2002.

Capítulo II – ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

Neste capítulo exponho elementos vivenciados em campo considerados essenciais para a compreensão da construção desta monografia. Destaco que o processo trata de uma experiência pessoal que de maneiras múltiplas contribui para a sustentação de meus argumentos sobre a cosmologia botânica associada ao povo Guarani. Apresento aqui também elementos de auto-representação da comunidade vivenciados em campo, permitindo que se dimensione a complexidade e a beleza da interpretação dos Guarani sobre si mesmos.

2.1 *Tekoa py* – O período de campo

A permanência em campo para efetivação da pesquisa ocorreu entre o dia dois de outubro e o dia 20 de dezembro de 2009. Neste período voltei algumas vezes à Ilha de Santa Catarina por poucos dias. Como exceção, fiz uma viagem às aldeias Guarani do litoral norte de Santa Catarina no início de outubro, ocasião em que fiquei fora cerca de dez dias. No retorno desta viagem trouxe, a pedido do **tcheramoi**, oito mudas de **guembe pi**⁷³ e mais duas mudas **guembe rã**⁷⁴, provenientes da aldeia Yvapura (Araquari-SC). As mudas foram colocadas sobre outras plantas da mata para que seus frutos servissem de alimento para os animais e se espalhassem pela mata.

No tempo inicial fiz as minhas primeiras interlocuções, aproximando-me da comunidade, apresentando o projeto e organizando a minha permanência (banho, pouso, alimentação) para os próximos meses. Para minha estadia pensou-se na construção de uma pequena casa nos moldes tradicionais que seria utilizada para abrigar pessoas doentes que procuram a aldeia em busca de tratamento. A incidência de pessoas de outras aldeias e não-indígenas para tratamentos de saúde, bem como viagens do senhor Alcindo para tratar pessoas doentes, foi constante ao longo de todo o trabalho de campo. Neste sentido pensou-se em

⁷³ Neste capítulo menciono diversas plantas identificadas no espaço e no cotidiano da comunidade, trazendo informações sobre as circunstâncias em que foram observadas. De modo geral, as plantas estão grafadas somente com o nome em guarani, salvo algumas exceções. Esta preferência visa fazer com que o leitor se habitue a nomenclatura guarani, facilitando a compreensão do conjunto deste trabalho. No **Capítulo 3** apresento a lista de plantas em ordem alfabética para facilitar a pesquisa da identificação botânica das plantas.

⁷⁴ O sufixo **rã** significa aquilo que virá a ser, aquilo que ainda não é. Na nomenclatura botânica se refere a plantas aparentadas, que irão se tornar aquela considerada como tipo. É utilizado em diferentes circunstâncias como: **ka'a rã** (erva-mate silvestre) e **guembe rã** (algumas araliáceas).

construir a casa próxima da **opy**, local onde acabou se dando minha permanência até o fim do trabalho.

Logo no primeiro dia aconteceu um churrasco ofertado pelo candidato a vereador no município de Biguaçu apelidado “Raul Seixas *cover*”. Segundo as lideranças, muitos candidatos vêm à aldeia em épocas de eleição, porém não costumam retornar. O último prefeito teria pleiteado votos com promessas de que incluiria a aldeia em políticas públicas básicas de educação, saúde e saneamento. A coleta de lixo é um exemplo das promessas não cumpridas, pois atualmente esta raramente ocorre⁷⁵. A comunidade pleiteia junto aos políticos a criação de um centro de cultura na aldeia.

Assim que o cacique Hyral concordou com a idéia de construção da casa que me abrigaria, explicou-me a necessidade de organização de um mutirão com Aldo ou Adelino, lideranças internas da aldeia, pois sua concentração como cacique são os assuntos externos, que envolvem a relação com os não-indígenas. A construção da casa se estendeu ao longo de todo período de campo, porém não pode ser finalizada. Ao longo do trabalho fui auxiliado por diferentes pessoas da comunidade, o que proporcionou a oportunidade de registro de recursos privilegiados na construção e forma de manejo.

A aproximação com as famílias para a explicitação do projeto permitiu certo conhecimento da organização familiar cotidiana, que reúne diariamente as pessoas na casa dos mais velhos. Nessas ocasiões toma-se chimarrão, fuma-se tabaco, conversa-se sobre os afazeres da aldeia, contam-se histórias e operam-se tratamentos de saúde, algumas vezes coletivos. Com este vínculo do **koë koë** (dia-a-dia) passei a fazer parte dos planejamentos diários e dos pensamentos compartilhados nas reuniões familiares.

Minha alimentação aconteceu principalmente na casa do casal anfitrião e na escola. Boa parte de sua família come na casa, sendo preparadas diariamente refeições coletivas. A origem dos alimentos consumidos mistura a produção da roça e a coleta de frutos dos pomares e da mata, com alimentos comprados nos mercados da região ou recebidos como doação externa. Quando de minhas saídas à cidade, adquiria alimentos que faltavam no abastecimento da casa e integravam a alimentação coletiva da família. O cardápio mesclava a

⁷⁵ Segundo o diretor da escola, embora o caminhão de lixo passe diariamente pela BR101 em direção ao aterro sanitário da cidade, este não entra nos domínios da aldeia para realizar a coleta. Segundo ele, a coleta é realizada esporadicamente graças à influência de um amigo funcionário da empresa responsável pela coleta.

culinária tradicional com a não-indígena. Além de pão, arroz, macarrão e feijão, pude saborear **mbodjape**⁷⁶, **djopara**⁷⁷, **mbaipy**⁷⁸, **mbyta**⁷⁹, **beidju**⁸⁰ e até o **ytcho**⁸¹. Além disso, muitas vezes comi goiaba, pitanga, amora, cocos de tucum e indaiá, pêssago, jabuticaba, laranja e outras frutas dos quintais e arredores da aldeia.

Num final de tarde, quando cheguei à casa do **tcheramoi**, havia uma porção de gordas larvas se remexendo em uma frigideira sobre o fogão. Ele havia coletado o **ytcho** para me apresentar a comida dos antigos (**figura 10**). Quis saber se já haviam me mostrado em outra aldeia, pois “*a maioria já não conhece mais*”. Quando aprovei o sabor da especiaria, ele comentou: “*Eu sabia que tu ia gostar. Tu é bugre mesmo*”. A gordura que sobrou das larvas foi cuidadosamente guardada para ser utilizada na composição de remédios.



Figura 10 – Ytcho. Foto do autor.

Na segunda metade de outubro, quando voltei da viagem ao litoral norte, passei a freqüentar com maior intensidade as cerimônias religiosas, tanto as realizadas na **opy**, quanto as realizadas à noite na casa do “vô”. Foi neste período também que fui convidado a assumir as aulas na escola da aldeia. A partir de então, passei a trabalhar na escola em alguns períodos, sem deixar de participar de mutirões gerais da aldeia. Por vezes a atividade escolar

⁷⁶ Pão assado na brasa da fogueira.

⁷⁷ Feijão preto cozido com canjica branca.

⁷⁸ Mingau salgado de farinha de milho que pode ser preparado com ou sem carne.

⁷⁹ Pamonha.

⁸⁰ Cuscuz.

⁸¹ Larva de besouro (Coleoptera).

era ajudar nestes mutirões variados (plantio, colheita, limpeza, coletas, reformas e construções), o que foi bastante oportuno para a pesquisa em desenvolvimento.

Segui participando das atividades cotidianas da comunidade até o fim de dezembro, no encerramento do ano letivo, quando ocorreram os jogos tradicionais e a formatura da primeira turma do ensino fundamental que iniciou e concluiu os estudos na escola da aldeia. Esta cerimônia ocorreu de forma tradicional, na casa de rezas, conforme as orientações do **tcheramoi** (**figura 11**). O evento contou com a presença de diferentes pessoas, autoridades de órgãos estaduais e grande parte da comunidade. Com o encerramento do ano escolar, efetivei o término das atividades de campo desta pesquisa.



Figura 11 – Formatura dos alunos da EIEF Whrea Tupã-Poty Dja. Foto: Marina Pinto.

2.2 Nhanerembiapo - Trabalho

Ao longo do trabalho de campo participei de diversos mutirões na aldeia. Meu primeiro trabalho junto ao cotidiano da aldeia foi a “bateção” de **takua ete’i**. Foram retiradas cerca de 5.000 varas de taquara-mansa, vendidas para a cobertura da **opy** de Segualkia, em Urubici/SC, local utilizado para retiros espirituais pelos Guarani da comunidade. Embora haja diferentes técnicas de cobertura das habitações, a cobertura das casas de rezas deve ser feita especificamente com esse tipo de taquara⁸². Estas taquaras são prestigiadas também para o cano dos cachimbos, devido o largo espaçamento dos entrenós, sendo retiradas da mata próxima à escola, fora dos limites da área demarcada. Para a construção, os nós são arrebetados com bastões de madeira (confeccionados com **yvata y** e **mbore rembiu**) fazendo esteiras que são dobradas e colocadas no telhado.

Com o intuito de manter uma renda fixa anual na aldeia, foram plantadas 1.500 mudas de banana fornecidas por um vizinho, cultivadas de forma orgânica para a indústria Primor Doces e Caramelos Ltda., de Tijucas/SC, compradora periódica da produção. Senhor Alcindo afirmou que plantar banana requer menos trabalho que a roça tradicional, a ser mantida principalmente para fins cerimoniais. Essa também é uma maneira de incentivar os mais novos a fazerem suas próprias roças com os cultivares tradicionais. Acompanhei a abertura de uma clareira com cerca de 1,5 ha para o plantio das mudas de banana, na Gleba B. A capoeira foi suprimida sendo selecionadas mudas de espécies úteis para serem plantadas em outro lugar, aquelas que forneceria lenha foram cortadas e empilhadas para secagem. Nessa área foi suprimida também a quase totalidade de espécies arbóreas. O plantio, a limpeza e a colheita nas roças tradicionais foi um trabalho que por diversas vezes ocorreu na forma de pequenos mutirões da comunidade⁸³. Os responsáveis pela roça são o casal mais velho, prestando cuidados diários ao roçado e convocando a ajuda da comunidade para os trabalhos maiores (**figura 12**). Por muitas vezes ouvi as reclamações de que os mais novos confiam demais neles e acabam não plantando por si próprios. Quando comentava sobre a vitalidade e o vigor dos dois anciãos no trabalho, ouvia como resposta: *“É muito amor, Karai. Precisa de*

⁸² Foi apontada a existência de cinco etnoespécies de taquara, utilizadas para diferentes finalidades: **takua ete**, **takua ete’i**, **takuarembo**, **takuaruxu** e **takua ovy**. A última foi apontada como sendo uma espécie exótica. Existem outras plantas denominadas pelo etnogênero **takua** quem não são bambuseas e nem são utilizadas como as demais, razão pela qual não estão aqui incluídas.

⁸³ Participei de mutirões na roça tradicional que envolveram entre cerca de 10 até mais de 30 pessoas.

amor. Hoje em dia ninguém mais tem amor”. As fortes chuvas⁸⁴ causaram a perda de boa parte da colheita do milho, da batata, do feijão e outros cultivares, além da perda de todo o plantio de **pety** (tabaco). Todavia, as perdas, apesar de sérias, foram encaradas com humor e seguidas de novos mutirões para o plantio de uma outra roça, nos meses de janeiro e fevereiro.



Figura 12 – Descanso após o mutirão de colheita do **djurua djety** (batata-inglesa). Foto: Isabel de Rose

Na roça tradicional pude observar a manutenção na área de uma maior quantidade de espécies para construção, artesanato, frutíferas e principalmente medicinais. São mantidos na área da roça e seus arredores diferentes espécies de interesse (arbóreas, arbustivas, herbáceas e lianas) como **para para y**, **yvapuru**, **aratcha guatchu**, **guapo y**, **pipi guatchu**, **takuarutchu**, **djatai**, **djegua**, **yvyra yui**, **kauë ka'a**, **nherumi guatchu**, **yvyra ipoty dju**, entre várias outras. É sensível a existência de grande número de indivíduos de **pindo ete**⁸⁵ na

⁸⁴ Com relação ao fenômeno climático ocorrido no final de 2008 em Santa Catarina, durante o período ouvi de senhor Alcindo que se trata um castigo pela maneira com que estão se comportando todos os seres humanos. Ele afirma que esta terra está cansada e que o mar poderá se encher novamente acabando com ela (ver mais adiante a relato sobre a origem do mundo), pois este mundo pertence à **Nhanderu** e precisamos viver e agir de acordo com sua vontade. Durante as fortes chuvas ouvi um professor **djurua** convidar o professor indígena Geraldo Moreira a desmanchar um formigueiro (**tay rety**), simpatia utilizada para estiar as chuvas, enquanto este respondeu prontamente: “*Eu não, porque não quero que a água acabe. A água é o sangue da floresta... e o nosso também! Se Nhanderu mandou a chuva temos que viver com ela*”.

⁸⁵ Esta palmeira tem grande importância simbólica, estando presente nos relatos sobre a origem deste mundo. León Cadogan (1959) registra a presença de cinco palmeiras na gênese mítica Guarani. Uma no centro e quatro nas direções das moradas das divindades. Descrição semelhante a esta foi contada em campo e está apresentada mais adiante. Ecologicamente, é considerando um núcleo alimentar para toda mata, trata-se simbolicamente da primeira árvore por servir de alimento para grande parte da fauna, serve de sustentação para as outras espécies

área. Além destas, boa parte das plantas ruderais que ocupam as roças são também utilizadas como remédios variados.

Outra frente de trabalho coletivo da qual participei foi o plantio de mudas das espécies de interesse da comunidade. Ao longo do período em campo ouvi relatos e vivenciei o plantio de mudas de diferentes espécies nativas e exóticas com diversas finalidades. Observei desde o transporte de mudas da mata para os quintais das casas, bem como o plantio de espécies florestais nas matas nos arredores da aldeia. São plantadas nos quintais diferentes espécies com finalidade medicinal, religiosa⁸⁶ e alimentar. Muitas delas são plantas retiradas da mata, oriundas de outras aldeias ou até de não-índios⁸⁷ e cultivadas próximas às casas.

Dentre as plantas herbáceas e arbustivas com finalidade medicinal e religiosa destaco **koaratchy poã, yvarã, pe'engue poã, ipoty djere tĩ, tarumã, ipoty pyta, ka'arë, pipi, tukã retcha**⁸⁸, **takua mimby, yvyra ti, pety reaquã, ipoty djere**, entre outras. As mudas de plantas arbóreas inseridas nos quintais e trilhas são utilizadas principalmente na alimentação. Menciono **pindo andai**⁸⁹, **ka'a hogue**⁹⁰, **guavira pyta'i, aratcha, tembiadja** e frutíferas exóticas como caqui, pêssago e **narã**⁹¹.

vegetais e para a vida humana. Em algumas interlocuções os mais velhos foram comparados ao **pindo**, como o cerne que sustenta a vida e a cultura da comunidade. O **pindo ete** é utilizado para uma grande quantidade de finalidades como tratamentos dentários, simpatias, fornece fibras para amarrações, seus frutos servem como alimento, o caule contém larvas de besouro (**ytcho**) que servem como alimento e medicamento, as casas são cobertas com suas folhas, sendo estas utilizadas inclusive como decoração da **opy** para as cerimônias. A categoria **pindo** representa a família das palmeiras (Arecaceae), sendo o **pindo ete** (**ete** = verdadeiro) geralmente chamado simplesmente de **pindo**. Outras palmeiras também são chamadas de **pindo**, porém estas sempre vêm sucedidas por outro complemento como o **pindo djedjy**, **pindo ro** e o **pindo andai**. No meu entendimento, a categoria etnotaxonômica **pindo** deve ser incluída na categoria berlineana de forma de vida.

⁸⁶ A diferença entre o uso medicinal e o uso religioso de determinadas plantas é bastante sutil e corresponde ao próprio sistema médico e religioso-simbólico da cosmologia Guarani. O critério que utilizei para diferenciar estas duas finalidades foi definido por mim para orientar a sistematização dos dados e será aprofundado no **Capítulo III**.

⁸⁷ Durante a pesquisa foi elaborada uma lista de plantas florestais que inexistem na área e que a comunidade tem interesse em cultivar por sua importância. Nessa lista constam **guembe pi** (cipó-imbé), **itchongy** (açoita-cavalo), e **yvyra pëpë** (pau-alecrim). Além das já citadas mudas de **guembe**, forneci 20 mudas de **kourupa y** (angico) (*Parapiptadenia rigida*), cujas sementes foram adquiridas por um amigo via internet, e identificadas na comunidade como **kourupay tchĩ**. Recebi do cacique da aldeia uma lista de mudas solicitadas à ELETROSUL como mitigação pela construção da Linha de Transmissão Elétrica (**Anexo 1**).

⁸⁸ Estas são plantas cultivadas para a preparação da **ayvaska**, geralmente chamada simplesmente de medicina ou **moã**. Segundo a fonte das mudas das plantas, trata-se da espécie *Psychotria viridis* Ruiz e Pav., trazida da Amazônia. Esta planta somente pode ser manipulada pelas mulheres, não sendo por este motivo coletada por mim. Outras psicótrias foram coletadas, sendo chamadas com o mesmo nome, porém reconhecidas como plantas diferentes. Segundo meus informantes-chave, existem variedades nativas que podem igualmente ser utilizadas no preparo da medicina.

⁸⁹ Esta planta é conhecida popularmente como *indaiá*. O termo **pindo andai** significa literalmente palmeira-abóbora (**andai**=abóbora; *Cucurbita* spp), cujos frutos são muito apreciados na alimentação. Devido à coloração

Entre as arbóreas exóticas cultivadas estão mudas de eucalipto (*Eucaliptus* sp.) e palmeira-real (*Archontophoenix alexandrae*) fornecidas pelo projeto Microbacias 2, da Epagri, para produção de madeira e palmito. Segundo o senhor Alcindo, estas plantas devem ser plantadas nos locais que já estão limpos e não no interior da mata. As mudas foram plantadas nas margens do açude que existe próximo ao morro, área ocupada por *Brachiaria* sp., capim exótico de alto potencial invasor. O capim é roçado e as mudas são plantadas no local. Os mutirões para limpeza e plantio freqüentemente somavam mais de dez pessoas. Na mesma região da aldeia, porém mais próximo à parte baixa da encosta, foram plantadas as mudas de palmeira-real⁹². Mais uma vez foram deixadas no meio do plantio espécies arbóreas nativas úteis, principalmente as de médio e grande porte como **tamongue, yvyra un, nherumi guatchu, tembiaja oka, yvata y, pindo jejy**, entre outras.

A construção e reforma das casas e demais edificações é outra atividade que por diversas vezes observei sendo realizada em mutirões organizados na comunidade. Além da construção de “minha” casa, observei mutirões para: reforma de casas de moradores⁹³, construção de abrigo para as medicinas utilizadas nas cerimônias, construção de rancho para uma festa de aniversário e melhoria do acesso à Casa de Saúde. Também observei por duas vezes a venda de mão-de-obra coletiva para a construção civil fora da aldeia. Um dos indígenas que me orientou na construção da casa trabalha como carpinteiro em uma construtora na Grande Florianópolis.

alaranjada e o sabor adocicado dos frutos, são consideradas abóboras que nascem da palmeira. Tratando-se da nomenclatura de plantas, o sufixo **hi'a** significa fruto (o sufixo pode ser utilizado em outras situações, porém com outro significado). Portanto, o fruto do **pindo andai** é o **andai'a**, expressão muito semelhante ao nome pelo qual a planta é conhecida popularmente.

⁹⁰ Quatro mudas de erva-mate doadas por um não-índio são cultivadas próximas da **opy**. A planta foi apontada como um presente deixado por **Nhanderu** para trazer sabedoria. Senhor Alcindo se refere às plantas com carinho e aguarda o próximo ano para fazer a primeira poda, e assim ensinar aos mais novos a maneira tradicional de secar e preparar o **ka'a** (erva de chimarrão).

⁹¹ As frutas caqui e pêssago não tem identificação do nome em guarani, enquanto **narã** se refere ao gênero *Citrus*.

⁹² No período de campo observamos a frutificação de um indivíduo cultivado próximo a casa. Senhor Alcindo comentou que os frutos não são apreciados pela fauna como os do palmito nativo, que este se espalha na mata, enquanto o outro não. Perguntei as lideranças, por que não plantavam em o palmito nativo e afirmaram que a proposta partiu da EPAGRI. Devido à ação dos palmiteiros, somente existem remanescentes de plantas adultas no topo do morro, em áreas de difícil acesso. A sugestão foi bem recebida e atualmente está sendo realizado cultivo de **djedjy ete** para produção de açaí em consórcio com as bananeiras.

⁹³ Um dos moradores que reformava o telhado de sua casa o estava fazendo com **ka'api'i** (sapé). Segundo os Guarani trata-se de técnica mais trabalhosa, porém mais eficiente na contenção de chuva. A casa desse morador está fora dos limites da TI.

A construção da casa para minha estadia foi realizada em diversos mutirões pequenos, que contavam com a participação de pessoas diferentes, conforme a etapa da construção (**figura 13**). Boa parte da madeira utilizada na estrutura foi retirada de uma casa antiga, que precisava ser desmontada/demolidada. Segundo meus interlocutores, aquela madeira foi cortada na lua minguante e ainda poderia ser utilizada por um bom tempo. A madeira que faltou foi retirada da mata próxima ao local⁹⁴ durante a mesma fase lunar. A edificação da estrutura foi orientada por pessoas, com mais de 30 anos, que dominam melhor as técnicas de construção. Entre as principais espécies utilizadas para tal finalidade constam: **yvatay tĩ**, **nherumi guaxu**, **yvyra un** e **mbore rembiu**. As amarrações⁹⁵ da estrutura foram feitas com cipós retirados da mata também na lua minguante. Como não existe **guembe pi** na mata, ideal para amarração das casas, foram utilizadas as seguinte etnoespécies: **jagua pinda**, **tchypo camby** e **tchypo kati**. É possível anotar, portanto, a importância do manejo com respeito ao calendário lunar.



Figura 13 – Foto da “minha” casa, com telhado de *pindo hogue*, em construção. Foto do autor.

Para a construção do telhado utilizou-se o **pindo hogue** (folha de jerivá) por se tratar do recurso mais abundante e da técnica mais rápida de construção. Para cobrir a

⁹⁴ Quanto ao local de construção das casas, o cacique proibiu o desmatamento de novas áreas de mata e construções próximas ao rio, sendo, portanto, utilizadas as áreas abertas e próximas às casas já existentes.

⁹⁵ Foram utilizados também pregos que já estavam nas madeiras da casa desmontada, porém as demais amarrações foram feitas com cipós coletados na área. Segundo meus interlocutores durante o trabalho, a casa Guarani ideal não deve conter pregos, para manter a construção mais próxima da forma tradicional.

estrutura de cerca de 6 m² com camadas duplas de folhas utilizamos cerca de 150 folhas de jerivá. Para me auxiliar na retirada das folhas das palmeiras, foram convocados os mais jovens, dada sua disposição para subir nas palmeiras. A técnica se inicia na forma de subir na palmeira, passa pela “dobra” das folhas para que fiquem planas e paralelas, e culmina na colocação e amarração das folhas sobre a estrutura de madeira. Alguns dos mais novos não sabiam manejar as folhas, pois nunca haviam confeccionado este tipo de telhado. Creio que isto se deva principalmente pelo fato dos mais novos morarem desde pequenos em casas cobertas com telhas de amianto (fibrocimento) que duram muitos anos, mas podem causar sérios danos à saúde.⁹⁶ Os mais novos ajudaram também na coleta de **takua ovy** para construção das paredes, porém esta etapa não pode ser concluída devido o extenso período de chuvas da época. Mesmo não tendo sido completamente finalizada, a casa serviu como experiência e aprendizado mútuo. Concomitantemente ao período de finalização deste TCC ocorre também o término da construção, que servirá de abrigo nos dias de permanência na aldeia para os trabalhos junto à escola.

Outras frentes de trabalho coletivo das quais participei envolvem as atividades da escola, que integram o conjunto da aldeia, e a organização das cerimônias religiosas, sendo muitas vezes essa também uma atividade escolar. Estas duas atividades serão descritas a seguir.

2.3 *Nhanhemboe'a* – EIEF Wherá Tupã - Poty Dja

A Escola Indígena de Ensino Fundamental Wherá-Tupã – Poty Dja possui este nome Guarani em homenagem ao casal anfitrião da aldeia, senhor Alcindo e senhora Rosa, respectivamente. A escola foi inaugurada em 1998 atendendo alunos das séries iniciais do ensino fundamental. Desde 2004 a escola recebe todas as séries do ensino fundamental e também alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos) (Melo, 2008:69). No início de 2009 foi implantado o Ensino Médio Profissionalizante Técnico em Meio Ambiente na aldeia, no qual atuo como professor.

⁹⁶ Ver a esse respeito Nascimento (2006) e a Resolução do CONAMA n° 07/87.

A escola está em constante interação tanto com os integrantes da comunidade e com diferentes elementos existentes na terra indígena (como a mata, a roça e a **opy**), quanto com a sociedade envolvente. As crianças são alfabetizadas nos idiomas guarani e português, contando com a presença de dois professores em sala de aula (um professor **jurua** e um professor indígena bilíngue), sendo as aulas ministradas concomitantemente nas duas línguas. Os professores buscam inspiração para suas aulas no conhecimento dos mais velhos, inserindo no ambiente escolar diferentes aspectos do **nhande reko**, do modo de ser Guarani, como a língua, os costumes, as tradições, a cultura material, as histórias de vida e os mitos⁹⁷. Desta forma, dentre as atividades escolares ocorrem mutirões de plantio e colheita, coleta de lenha, fibras, taquaras, pigmentos, sementes e outros recursos florestais, construção de edificações, preparação das cerimônias e organização do próprio ambiente escolar. A escola também recebe constantemente diferentes pessoas da comunidade, de outras aldeias e não-indígenas como pesquisadores, profissionais de diferentes instituições e escolas, interagindo de forma orgânica com a comunidade.

A trilha da escola é chamada de **Tape Poty**, que significa caminho florido e leva até a mini-aldeia **Tekoa Ita Poty**, recebendo visitas de grupos variados, como escolares e interessados em passeios ecológicos. Estas visitas são cobradas, sendo acordados os valores com cada grupo visitante. Alguns jovens da aldeia são remunerados para atuarem como guias e fazerem a manutenção da trilha, que acaba sendo uma fonte de renda que auxilia a concretização de projetos da escola. Ao longo da trilha foram colocadas placas com o nome de algumas plantas utilizadas na medicina Guarani, identificadas pelo senhor Alcindo. Parte do caminho está fora da área demarcada, gerando desconforto e incerteza em relação à manutenção da área no futuro.

Conforme mencionado anteriormente, durante os trabalhos de campo fui convidado a dar aula na escola, elaborando para tal fim um planejamento de atividades (**APÊNDICE - 2**), incorporado ao Projeto Político-Pedagógico para o ensino de Ciências. Contudo, a maior parte do trabalho na escola foi direcionada à organização dos jogos tradicionais. A mata nos arredores da escola foi percorrida para retirada de recursos florestais

⁹⁷ Recebi de presente um livro produzido pela escola que relata mitos e lendas registrados pelos professores indígenas junto aos mais velhos e trabalhados nas aulas através da encenação da vida dos mais velhos (Moreira e Kodama, 2008). Para a peça foi construída na mata uma mini-aldeia chamada **Tekoa Ita Poty**, que significa aldeia pedra florida. De fato no lugar encontram-se várias rochas recobertas por muitos **karaguata**. Nele existem quatro edificações construídas de maneira tradicional, com diferentes técnicas de construção, além de um calendário solar construído com pedras.

(pigmento, fibras, taquara, cipó, madeira, lenha e remédios) necessários à confecção de troféus e medalhas de cerâmica, roupas tradicionais, arcos e flechas, zarabatanas, carrinhos, **manga**⁹⁸, cocares e adornos corporais. Em tais oportunidades percebi crianças, jovens e professores indígenas em sua relação com a mata, bem como métodos de transmissão de conhecimento entre as gerações.

A variedade de plantas utilizadas na escola é ampla. Entre as espécies utilizadas como pigmento⁹⁹ corporal e para o tingimento das roupas estão **iaui**, **arao**, **uru py** e **djegua**¹⁰⁰. As roupas tradicionais foram confeccionadas pelos alunos com fibras de **pakova** e **pyno**¹⁰¹. Também foram utilizadas fibras vegetais para os cordões das medalhas de cerâmica (**pindo ete**) e para as cordas dos arcos (**yvyra yui**). O suporte dos troféus foi feito de taquara (**takua ovy** e **takua ete'i**), assim como as estruturas temporárias construídas para os jogos tradicionais, feitas de **takuarutchu**. Para a queima da cerâmica foi periodicamente coletada na mata grande quantidade de lenha seca, coletada de acordo com a disponibilidade, sendo dada preferência à lenha de **yvata'y** e **nherumi guatchu**, por ambas produzirem um braseiro maior durante a queima. Para amarrar os fardos de lenha coletados na mata são retirados da mata cipós variados de acordo com a disponibilidade e a resistência dos mesmos. A coleta de lenha é realizada pelos mais jovens e pelas crianças, que de forma geral desconheciam o nome utilizado pelos mais velhos para os cipós, porém conheciam muito bem a forma de identificar e retirar da mata os cipós resistentes para serem utilizados. Nesses pequenos mutirões, algumas vezes também foram coletados remédios cicatrizantes e para as dores corporais provenientes do trabalho pesado, sendo levados para casa inclusive remédios solicitados pelo **tcheramoi**.

A relação entre a escola e a **opy** se evidencia nas múltiplas atividades escolares vinculadas a esta. A **opy** acaba por ser palco de aulas de canto, dança, reuniões, apresentações e eventos cívicos como a formatura. É um local onde se busca ensinar o **nhande reko**. A

⁹⁸ Peteca.

⁹⁹ O professor Geraldo Moreira pesquisa em seu curso de magistério (Programa de Formação para Educação Escolar Guarani nas Regiões Sul e Sudeste do Brasil – *Kuaa Mbo'e* = Conhecer – Ensinar), entre outros elementos da cultura tradicional, os pigmentos utilizados pelos antigos. Plantas, diferentes tipos de rocha e argila são usados para tal finalidade.

¹⁰⁰ Durante os trabalhos de campo foram produzidas e plantadas nos arredores da escola várias mudas de **djegua**.

¹⁰¹ Segundo o senhor Alcindo e a senhora Rosa, as roupas utilizadas ao longo de sua vida foram fabricadas com **pyno**, tendo passado a utilizar roupas do **djurua** depois de estarem mais velhos. A senhora Rosa ensina às filhas as técnicas de manejo do **pyno** (que possui pelos urticantes que causam queimaduras na pele), bem como as técnicas de fiar, tecer e costurar roupas.

organização, a limpeza, a reforma e a decoração da **opy** para as cerimônias, bem como a coleta de materiais e a fabricação de instrumentos constantemente fazem parte das atividades escolares.

2.4 *Nhande reko* – As cerimônias¹⁰²

As cerimônias religiosas¹⁰³ ocorrem regularmente e delas participam pessoas de outras aldeias e muitas vezes alguns **djurua**. As maiores geralmente são realizadas aos finais de semana e por vezes ocorrem cerimônias menores durante a semana, principalmente de acordo com a necessidade de curas e benzimentos. Diversas vezes ocorreram pequenas cerimônias na casa do senhor Alcindo, para tratamentos de saúde. Além disso, durante minha estadia na aldeia, muitas vezes os jovens entravam na **opy** à noite para rezar. Todas as cerimônias são realizadas com o fogo de chão (**tata'apy**) e o uso do tabaco fumado nos **pety'gua**. Nas cerimônias maiores são realizadas curas, benzimentos e batismos, sendo geralmente utilizado **moã** (**ayvaska**¹⁰⁴).

Durante as cerimônias são utilizados diferentes instrumentos rituais e musicais fabricados com recursos florestais como **anguapu**¹⁰⁵, **takuapu**¹⁰⁶, **mimby**¹⁰⁷, **rave**¹⁰⁸, **mbakara**¹⁰⁹, **popygua**¹¹⁰, **turu**¹¹¹, entre outros, como abanadores, adornos corporais e

¹⁰² De acordo com o senhor Alcindo, as cerimônias de maneira geral são denominadas **nhande reko**.

¹⁰³ A realização das cerimônias é apoiada pelos profissionais de saúde que atendem na aldeia e outros **djurua** que participam delas. Em relação aos profissionais de saúde que atendem a aldeia e participam do cotidiano da comunidade, menciono aqui o dentista Marcelo França, que por conviver com os Guarani há vários anos, foi de substancial auxílio na minha compreensão de diversos elementos históricos, territoriais, simbólicos, religiosos, medicinais e culturais existente na aldeia M'biguaçu. No período de campo, a FUNASA e o Projeto Rondon Brasil forneceram auxílio para realização das cerimônias na forma de alimentos e na aquisição da medicina utilizada.

¹⁰⁴ O uso da **ayvaska** entre os Guarani é algo relativamente recente nos registros etnográficos, sendo apresentado por alguns autores contemporâneos que trabalharam na aldeia. Oliveira (2004) descreve a relação entre as crianças e tais cerimônias religiosas, apresentando relatos das experiências das crianças. Mello (2006:239:243) faz profícuo relato sobre a história do contato entre senhor Alcindo e o movimento neoxamânico intitulado Fogo Sagrado de Iztachilatan, apresentando opiniões e relatos de diferentes pessoas, entre elas alguns **karaikueri**, sobre o uso contemporâneo de **ayvaska** entre os Guarani. No período de campo convivi com a doutoranda Isabel de Rose, que investiga os vínculos estabelecidos entre a aldeia M'biguaçu e grupos religiosos não-indígenas.

¹⁰⁵ Tambor. O exemplar que acompanhei a confecção foi feito de **vyvra ipoty dju**.

¹⁰⁶ Bastão de **takua ovy** utilizado pelas mulheres.

¹⁰⁷ Flauta de taquara.

¹⁰⁸ Rabeca fabricada de **yary** ou **tape reya**.

¹⁰⁹ Chocalho tocado pelos homens nas cerimônias e rezos. Consiste em um **yakua** (porongo), cheio de sementes de **ka'api'i'a**, com cabo de **takua** e adornado com penas. O **yakua** representa o feminino, a mãe, e o **takua** o masculino, o pai. As sementes são os povos do mundo e as penas representam o próprio mundo. O rezo, a dança e o canto com o **mbaraka miri** representa a possibilidade de movimentar este mundo.

¹¹⁰ Este artefato se trata de um bastão ritual, que fica fixado de pé próximo ao fogo da **opy**, para um instrumento musical e também para um bastão empunhado. Também é apontado como uma arma utilizada pelos **xondaro**

esculturas de animais. O material para a fabricação destes instrumentos é coletado nos redores da aldeia, sendo que novamente a maior parte está fora da área demarcada. Além dos instrumentos, uma série de plantas nativas e exóticas, cultivadas, coletadas ou de fora da aldeia é utilizada como defumador e incenso. Os incensos estão presentes em todas as cerimônias, sendo alguns utilizados em benzimentos e curas de doenças específicas. Entre o universo de plantas jogadas no **tata'apy** para defumação do ambiente foram registradas **adjuy tchĩ, yary, yvypay tchĩ, nherumi, yvyra katu mirĩ, ipoty djere, petỹ reaquã** e alfazema (sem nome em Guarani). Entre as plantas utilizadas na decoração estão o **peguao, o pindo djedjy, o pindo ete** e outras plantas que estejam floridas na época¹¹².

As curas operadas por senhor Alcindo dentro e fora das cerimônias são requisitadas por muitas pessoas indígenas ou não, sendo que por muitas vezes ele viaja ou visita diferentes lugares para realizar cerimônias e operar curas. O sistema de tratamento consiste em uma variedade de intervenções do **karai** sobre o paciente. Geralmente são utilizadas plantas antes, durante e/ou depois dos benzimentos com cânticos, danças e defumação dos pacientes com a fumaça do tabaco. As doenças são localizadas e retiradas pelo **karai** por meio de sopros e sucções no paciente que se posiciona em frente ao fogo. A doença “retirada” do paciente é atirada simbolicamente no fogo e em seguida seguem os rezos.

(...) o **karai** **nhe'eoikó** aproxima-se do paciente tocando-lhe nos ombros, nas costas e no peito, continuando seu canto e mantém-se assim por vários minutos. Ele acende seu petỹnguá e sopra a fumaça sobre o paciente. Com as mãos em concha, retém a fumaça e a deposita sobre a cabeça do paciente, por várias vezes. Finalmente, começa a extração da doença: O curador permanece parado, numa espécie de transe e os **yvyraidjá** o circulam, soprando fumaça sobre eles. Tempos depois, o mal vem à sua boca, e ele cospe a doença. Doenças brandas vêm à boca na forma de fios de cabelos, pêlos ou “fiapos”. Quando a doença é grave, ela vem na forma de um besouro, ou um tufo de pêlos. Em alguns casos, a doença não pode ser tirada na primeira vez, e o paciente entra em “tratamento (Mello, 2006:236).

Após esse processo curativo, muitas vezes são administrados chás e banhos aos pacientes, sendo que certas vezes se passa **ykyraque** (banha animal) sobre o corpo dos

(guerreiro) antigos e utilizada nas danças. Foram apontadas diferentes espécies apropriadas para sua confecção como o **kurupika'y, yvyra pẽpẽ** e **yvapuru**.

¹¹¹ Apito que geralmente é uma concha de molusco, mas que pode ser feito de madeira (**yvyra vevũi**).

¹¹² Em uma das cerimônias fui batizado pelo senhor Alcindo. Para o **nhemongarai** (batizado) me foi orientada a coleta de grande quantidade de flores, que deveriam ser da maior quantidade cores possível. O nome-alma Guarani aparece para o **karai** nas flores e possui um significado social e cosmológico, sendo mais do que um nome, mas a identificação de quem a pessoa realmente é.

curadores e dos pacientes, muitas vezes misturados com plantas e outros ingredientes. Na maioria das vezes esses compostos foram-me apresentados já preparados e em suas receitas podem ser incluídos ingredientes de origem mineral, animal e vegetal, podendo haver muitas receitas secretas de acordo com a sabedoria do **karai**. Grande parte dos recursos florestais (principalmente arbóreas e diferentes epífitas e lianas) necessários para o preparo dessas receitas está fora da área demarcada, no entanto, muitas delas também são plantas ruderais ou árvores e arbustos da capoeira.

No período de campo a comunidade recebeu visitantes de aldeias de SC, RS e SP, que permaneceram alguns dias ou semanas, na busca de tratamentos variados. Senhor Alcindo não cobra por suas curas, no entanto por vezes recebe, e reparte na comunidade, doações de alimentos e outros auxílios¹¹³ vindos dos **djurua** que ele curou. Quanto aos indígenas que passam por tratamentos, durante o trabalho de campo o transporte das pessoas foi proporcionado na maioria das vezes pela FUNASA e pela Associação Rondon Brasil, no entanto, não ocorre nenhum auxílio no que tange a permanência destas pessoas na aldeia ou quando o senhor Alcindo e seus auxiliares viajam. O **karai** afirma que as curas lhe absorvem grande parte da energia, causando muito cansaço físico e que deveria receber por elas dos órgãos públicos, assim como os médicos recebem seu salário¹¹⁴.

2.5 Karai Vera Tupã – Alcindo Moreira

Além dos muitos aprendizados e ensinamentos compartilhados no convívio diário com senhor Alcindo e sua família, pude ouvir e registrar parcialmente sua história de vida¹¹⁵.

Certa vez ajudei o **tcheramoi** a “despencar” uma saca de **komanda un** (feijão mucuna-preta), separando sementes para o próximo plantio. Ele afirmou que conserva a semente desde 1923, quando tinha 12 anos e as recebeu de seu pai João Sabino (**Kauã**). Esta

¹¹³ Como exemplo, menciono que o senhor Alcindo aguarda a chegada de 1.500 mudas de **ka’a hogue** (ervamate) fornecidas por um **djurua** curado por ele.

¹¹⁴ Segundo Rogério de Souza Duarte, médico que atende a aldeia pela FUNASA, em comunicação pessoal, a proposta de remuneração dos **karai** e da ajuda de custo para a estadia das pessoas foi um projeto já proposto, porém descartado por alguns técnicos da instituição.

¹¹⁵ Mello (2001, 2006), Melo (2008) e Oliveira (2004), entre outros trabalhos sobre a aldeia, dedicam atenção sobre a história de vida de senhor Alcindo e sua família..

parte de sua vida ocorreu no **Tekoa Ita Whera**, em uma região de muito **kuri'y**¹¹⁶ próxima ao Rio Pelotas. Foi com o pai que ele aprendeu a curar e conhecer as medicinas do mato, pois era o único dos três filhos que saía com ele para coletar os remédios. Contou que naquela época quase não existiam **djurua**, mas que viu durante a infância seu pai curar alguns não-índios¹¹⁷. Até recentemente ele ainda visitava a região com sua família para buscar pinhão e remédios.

Senhor Alcindo conta que veio ainda jovem para próximo do mar. Na primeira vez que esteve em contato com o **djurua**, fugiu escondido com sua família para a serra, pois não sabia do que se tratava. Após o retorno para beira-mar, viveu na Ilha de Santa Catarina, onde hoje está localizado o Terminal Rita Maria, na época um banhado com terra fértil e caça onde viviam cerca de 400 Guarani. Certo dia chegou um barco com duas notícias: uma de que eram amigos e outra que haveria uma grande guerra na região. Os indígenas novamente fugiram para a serra, para região do município de Lages/SC. Quando retornaram havia muitos **djurua** e carros que funcionavam à manivela. Desde então ele viveu com sua família em diferentes locais da região, estabelecendo-se por um bom tempo na região do Morro dos Cavalos ainda antes de existir a rodovia BR101.

Com relação à chegada de sua família na região onde está instalada atualmente a aldeia, senhor Alcindo conta que já havia morado nas proximidades. Segundo o **tcheramoi**, desde sua chegada plantavam roças que serviam de alimento para a comunidade e eram comercializados com os vizinhos. Criaram pomares e vendiam artesanato, sendo proibida a mendicância. Este fato fez com que eles conquistassem a simpatia dos vizinhos. Conta ainda que, no início da ocupação da área, ocorreu a chegada de um **djurua** do Paraná que afirmava ser herdeiro daquela área junto de dez irmãos. Senhor Alcindo contestou a necessidade da área por aquelas pessoas, já que vivem em outro lugar. A permanência dos indígenas foi apoiada por um delegado da Polícia Militar que os orientou a pedir a escritura da área às pessoas que se dissessem “donas”. Segundo ele, tais escrituras nunca apareceram. A regularização da área e a finalização do processo demarcatório deu-se em 2003.

¹¹⁶ O **kuri'y** (araucária) está presente desde a origem deste mundo, sendo considerada memória viva dos ancestrais (Darella *et al.* 2008)

¹¹⁷ Segundo senhor Alcindo, cada vez mais os **djurua** tem doenças de animais selvagens e de criação. Isto se deve ao fato por passarem a vida inteira “no limpo”, diferente dos Guarani que têm contato com esse animais desde a infância.

O **tcheramoi** se auto-afirma “**karai** verdadeiro”, de forma que é considerado, junto de sua esposa, guardião da cultura e da sabedoria dos antigos. Por muitas vezes ele lamenta o desinteresse dos mais jovens em se aproximar para aprender o sistema dos antigos. Apesar dessa insatisfação, parte de seu conhecimento sobre o mundo natural e sobrenatural é compartilhado pela comunidade e foi-me revelado por diferentes pessoas, em diferentes momentos, em pequenos fragmentos como um quebra-cabeça, forma como me foi representado oralmente o **arandu porã**, a boa sabedoria. A seguir realizo o exercício de tentar montar este quebra-cabeça, conforme foi-me apresentado, sem o intuito de encontrar palavra definitiva sobre o assunto ou discuti-lo exaustivamente.

2.6 *Nhanderu Ka'aguy* – Plantas que pertencem aos deuses¹¹⁸

Os **nhanderukueri** são as divindades existentes no panteão guarani, são apoiadoras dos seres humanos. O nome **Nhanderu** (nosso pai) é utilizado para se referir a divindade maior, que ordena os demais deuses que cumpram seus desígnios. Os **nhanderukueri** viajam através dos mundos em um veículo descrito como um carro ou um avião, chamado **bairu**. Esses deuses criaram os mundos e todas as coisas que existem neles.

A primeira terra (**Yvy Tenonde**) foi criada por **Nhanderu Vutchu**, entidade associada ao fogo que orienta as voltas do sol (**Kuaraã**¹¹⁹). Por este primeiro mundo sobrevoaram os **nhanderukueri** em seu **bairu**, sendo que o sol indica o caminho percorrido pelos deuses. Nesta época o sol circulava no sentido sul-norte, porém este trajeto era muito longo e o mundo era queimado sempre que os **nhanderukueri** buscavam se aproximar dele. Então as divindades resolveram alterar sua rota, alterando o trajeto do sol para o sentido leste-oeste. Este trajeto era mais curto e finalmente os **nhanderukueri** puderam descer à terra.

¹¹⁸ Uma discussão mais aprofundada em relação aos mitos guaranis pode ser encontrada em Cadogan (1959), Ladeira (1992) e Litaiff (1999). Em sua tese, Litaiff (1999) demonstra que existem diferenças de entendimento entre as parciaisidades Guaraní quanto ao mito de criação da segunda terra e ao cosmo, sendo este um tema extremamente complexo de cuja discussão foge ao escopo deste trabalho. Neste sentido, me restrinjo a apresentar a temática conforme foi me contada em M'biguaçu.

¹¹⁹ Contam que todas as manhãs quando o sol nasce no horizonte existe em algum lugar pelo menos um Guaraní rezando para **Nhamandu Mirĩ**, divindade que representa sol. Segundo a tradição, o dia em que não houver nenhum Guaraní rezando ao nascer do sol este mundo se acabará.

Nhanderu encarregou a **Djakaira** que criasse um novo mundo, de modo que este criou as plantas, os animais e todas as coisas existentes nesse mundo. Desta forma foi criada a segunda terra ou a terra sem males (**Yvy Marãey**). **Djakaira** é até hoje o guardião das florestas, protetor das plantas e dos animais. Seu espírito reside em várias coisas, entre elas em uma pequena ave¹²⁰ que no fim das tardes canta no redor das matas, fechando suas portas as protegendo. Neste mundo já existiam diversos povos, entre eles o povo **djurua** e o povo Guarani. **Nhanderu Tupã** caminhou por esse mundo e deixou várias marcas de sua existência, chamadas **Tupã'a rã**. O povo **djurua** causou grande castigo e sofrimento a **Tupã**, culminando por matá-lo. Então as águas invadiram e este mundo foi detruído. Os atos cometidos contra **Tupã** causaram consequências ao ser humano, entre elas o fim da vida. Apenas um casal de cada povo sobreviveu e novamente se espalharam pelo mundo. O casal de guaranis é chamado **guapei**. Alguns dos antepassados, os **oreramoikueri** (nossos antigos avós), transcenderam a existência e puderam atravessar o mar, alcançando **Yvy Dju, a** terra dourada, cujo caminho é indicado ao nascer do sol. Alguns desses ancestrais povoaram o novo mundo sob a forma de plantas e animais, sendo estes, portanto, parentes dotados de **nhe'e** (“espírito”) assim como todas as pessoas.

Nhanderu Tenonde desceu a esta terra segurando em sua mão um punhado de terra. Por muitos anos ele permaneceu em oração enquanto lentamente foi sendo criado o mundo onde estamos, a terra das imperfeições (**Yvy Vai**). Quando a terra já estava suficientemente grande, começaram a ser criadas as coisas. O primeiro animal que surgiu foi o pica-pau (**ypecum**), em seguida **Nhanderu Tenonde** abriu seus braços nas quatro direções das moradas das divindades, colocando em cada uma delas um **pindo ete**, para marcar o caminho. Então surgiu o **acotchi** (cotia), que se alimenta dos frutos do **pindo ete**, e assim foram sendo criados os animais e as plantas. **Nhanderu** solicita ajuda a **Karai** ajuda para construir o mundo e este envia seu filho **Kuaraã**. Ele desce ao mundo sob forma de um **urukurea** (coruja) e namora uma mulher humana (**Nhandetchy Tenonde**), deixando-a grávida e retornando a casa de seus pais e. Ela então inicia um **oguata** (viagem) até a morada do marido, orientada pelos bebês que carrega¹²¹. Ela acaba sendo seqüestrada e devorada pelo **Oguarakueri**, um povo meio humano-meio onça, que já não existe. Nascem os gêmeos,

¹²⁰ Não pude identificar a espécie.

¹²¹ Diferentes narrações desses mitos podem ser encontradas na obra dos autores supramencionados. Foram-me contadas algumas histórias sobre a trajetória desses irmãos pela terra, no entanto, me restrinjo a um relato resumido dessa história. Segundo Mello (2006:261), esta viagem da mãe do Sol e da Lua é um trecho mítico recorrente entre os povos ameríndios.

Kuaraã e **Djatchy**, o primeiro é mais forte e se desenvolve mais rápido e constrói muitas coisas, enquanto o segundo é atrapalhado e algumas vezes destrói as coisas construídas pelo irmão¹²². Os dois seguem pelo mundo em busca de encontrar os ossos e reconstruir o corpo da mãe. Quando a reconstituição já estava quase finalizada, **Djatchy** acaba destruindo o trabalho do irmão, fazendo com que os ossos de **Nhandetchy** se espalhassem pelo mundo formando a terra. **Kuaraã** junta suas forças e ascende ao outro mundo, transformando-se no sol que conhecemos hoje. Seu irmão também acaba ascendendo, transformando-se na lua. Já no outro mundo, **Djatchy** se apaixona por uma mulher, indicada pela estrela d'alva (**arombara**) e gera com ela um filho. Por este motivo os seres humanos necessitam de relações sexuais para se reproduzir. **Kuaraã** pode gerar vida sem tal necessidade. O céu (**ara ovy**) pertence ainda a esta terra, sendo o “teto” deste mundo¹²³.

As divindades vivem em **Yvy Marãey**, mundo semelhante ao que vivemos, onde cada um dos deuses possui um “endereço” marcado pela quatro direções, sendo que as estrelas são apontadas como as luzes das casas desse mundo. O leste, morada de **Karai**, é chamado **Nhanderu Overa**, o local de onde se levanta o sol. Do sul advêm os bons ou novos ventos, sendo a morada de **Djekupe**, divindade que protege o povo **djurua**. O oeste é a morada de **Nhanderu Tupã**, deus dos relâmpagos, protetor das plantas das roças e executa as ordens mais difíceis dadas por **Nhanderu Tenonde**. Já o norte foi apontado como **Nhe'engue rety**, a cidade das almas, lugar para onde vão os mortos quando partem deste mundo e onde permanecem até ascender de volta a **Yvy Marãey**. Logo acima de **ara ovy** é a morada de **Djakaira**, divindade que domina o mundo das plantas, sendo o único que desce diretamente ao mundo das imperfeições humanas para efetivar as curas. Finalmente, **Nhanderu Tenonde**, divindade maior, soberana e criadora do mundo, fica acima de todas as outras, de onde orchestra as relações entre os mundos, ordenando as divindades. Estas divindades e os antepassados, habitantes de **Yvy Dju**, podem ser alcançados através da concentração (**adjaputchaca**) e das orações com o **petÿgua**. A reverências as quatro direções é constantemente realizada em todas as práticas religiosas presenciadas por mim. As reverências a elas se efetivam também no momento de entrar na mata e de retirar certas

¹²² Contam que certa vez **Djatchy** foi morto pelos **Oguarakueri** em uma pescaria. Seu irmão **Kuaraã** reconstrói o corpo do irmão, sem no entanto poder encontrar seu cérebro. No lugar ele coloca um mingau feito de **avatchi tchi** (canjica-branca). Por este motivo, quando sentimos dor de cabeça é sinal de que o mingau está demasiado quente.

¹²³ O **kuri'y** considerado a maior das árvores, que teria crescido tanto que tocou o **ara ovy**. Sem conseguir continuar a subida, abriu seus “braços” lateralmente, adquirindo a forma que tem hoje.

plantas. Além disso, o **Nhemongarai** (batismo) revela por meio do nome Guarani o local de **Yvy Marãey** de onde procede o **nhe'e** da pessoa, sendo atribuídos nomes próprios masculinos e femininos de acordo com essa direção/divindade.

Todas as plantas pertencem a **Nhanderu Tenonde**, principalmente as medicinais (**moã**), que “são mais de cima”. Durante as curas, **Nhanderu Tenonde** ordena à **Djakaira** que desça e ensine ao **karai** os motivos pelos quais a pessoa está doente e o que ela precisa para ser curada. **Djakaira** é uma entidade associada à mata e às plantas, sendo-me representado como o “dono” dos remédios (**poã**¹²⁴). É a estas duas divindades que se deve pedir licença para coletar e utilizar as plantas. Em diversos momentos, Geraldo Moreira apontou-me que as plantas, os animais e as próprias florestas são considerados sagrados, estando além de uma fonte de recursos a serem utilizados, mas a morada de espíritos dos **nhanderukueri** e dos **oreramoi**, divindades e antepassados.

Existem plantas que podem ser utilizadas para operar feitiços e simpatias para conseguir benefícios como conquistar uma pessoa, ganhar dinheiro ou outras finalidades. Estas plantas são chamadas de **ka'avo** e o seu uso não é recomendado, ou seja, é evitado por todas as pessoas com quem conversei, sendo que muitas delas preferem não falar a respeito. O “dono” dessas plantas é **Anhã**, entidade que vaga neste mundo e é associado às coisas ruins, sendo essa palavra algumas vezes traduzida por eles como diabo. Caso os **ka'avo** sejam utilizados, **Anhã** cobra um preço da pessoa que utilizou. Senhor Alcindo me explicou que não gosta de ensinar estas plantas, pois não quer que os jovens as usem. Certa vez, coletando plantas intuitivamente no retorno do trabalho na mata, somei alguns exemplares e os levei à casa do **tcheramoi**. Uma delas chamou particular atenção e após passar pela avaliação cuidadosa do vô, da vó e de suas filhas, que olharam, cheiraram, sentiram gosto, perguntaram onde havia coletado, chegaram à conclusão unânime: **ka'avo**. “*Esse ka'avo é bom, esse pode usar.*” – afirmou o **tcheramoi**. Neste dia ele me explicou que os **ka'avo** também pertencem a **Nhanderu Tenonde** e que podem ser utilizados para fazer coisas boas, sempre mediante pedido de licença à divindade de maneira correta. Os episódios em que coletei algum **ka'avo** bom ou mal e trouxe à casa do **tcheramoi** acabaram resultando em boas risadas e virando histórias cômicas sobre “*O djurua que quer aprender sobre ka'avo*”.

¹²⁴ As palavras **poã** e **moã** são muitas vezes utilizadas como sinônimos, sendo que **moã** é mais frequentemente referido à medicina utilizada nas cerimônias, ou a um composto medicinal, enquanto **poã** se refere a uma planta ou algo que seja usado como remédio, sendo inclusive uma categoria de plantas.

2.7 Nhandekueri – Nosso povo: A árvore Guarani

Ao final do trabalho de campo eu ainda buscava uma maneira de sistematizar os dados referentes à nomenclatura das plantas em Guarani, com base em caracteres morfológicos. Foi durante a realização da oficina final para elaboração dos mapas, com diferentes gerações reunidas, que me ocorreu a idéia de fazer o desenho de uma árvore indicando o nome de suas estruturas. Foi então que sugeri ao professor e vice-cacique Geraldo Moreira, que juntamente do **tcheramoi** orientava os mais novos na oficina, que fosse realizado um desenho indicando o nome das partes das plantas como raiz, folha, caule. De imediato ele não compreendeu minha lógica e respondia com outra pergunta: - *“Como assim partes da planta? Uma planta não tem partes.”* Segui tentando explicar a lógica fragmentada que norteia meu pensamento científico ocidental até que ele concluiu: - *“Então você quer a planta toda, por que ela não tem partes, só se quebrasse ela.”*

Por algumas vezes durante os trabalhos de campo ouvi a cultura e o povo Guarani sendo representados como uma árvore, a árvore Guarani. Enquanto o desenho era confeccionado, eu refletia sobre aquela representação, observando as orientações dos mais velhos aos mais novos na oficina. Resolvi comentar essas observações com Geraldo e Alcindo, perguntando a eles como que seria essa árvore Guarani. Geraldo refletiu sobre meu questionamento e respondeu serenamente:

*“A cultura é a raiz da árvore, porque sem a raiz a árvore não vive. Se você cortar a árvore e deixar a raiz e tronco intacto, pode ver que ela nasce de novo. Isso aconteceu também com a nossa cultura, e é por isso que ela até hoje não morreu. Por isso também é que a gente tem que praticar a tradição, porque ela é nossa raiz. Vamos dizer que eu saia e que eu não queira mais ser índio. Eu vou esquecer a minha raiz, vou perder a cultura. Porque a nossa tradição precisa ser praticada pra não se perder. Mesmo assim, se ela tiver a semente, ela vai nascer de novo. E aí estão o **tcheramoikueri**, que são a raiz e o tronco, e os jovens são os ramos. A cultura é a raiz e a semente, porque elas são o que a árvore precisa para poder continuar viva.”*
(Geraldo Karai O’Kenda Moreira)

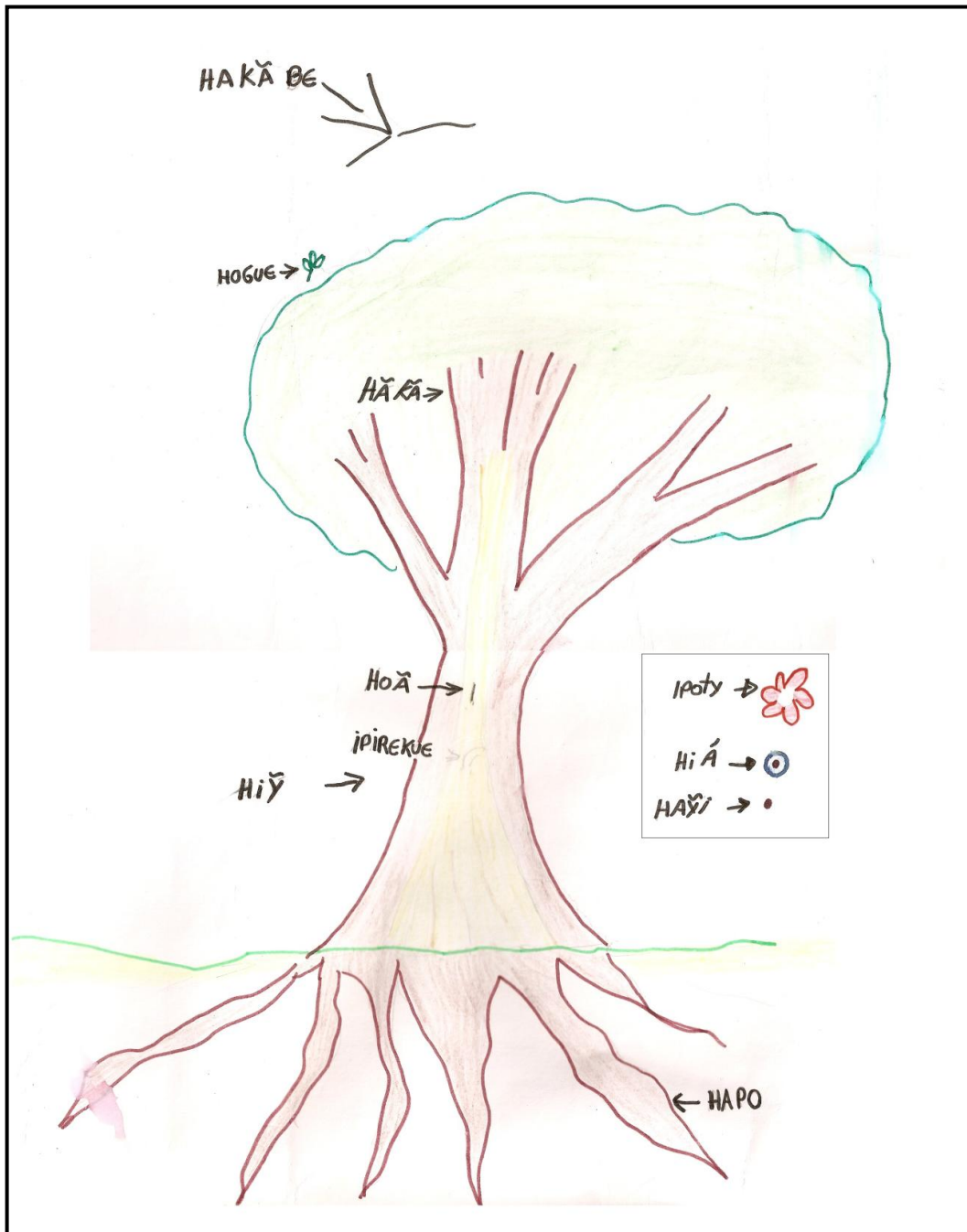


Figura 14 – Representação de uma árvore indicando o nome das “partes” das plantas.

Capítulo III – UNIVERSO BOTÂNICO GUARANI

Neste capítulo são apresentadas as plantas examinadas em campo, agregando dados sobre uso, manejo e parte da planta utilizada, e inferindo sobre a importância das plantas para a manutenção do modo de vida tradicional. Os dados indicam também as representações cosmológicas associadas ao manejo florestal e os impactos desse manejo sobre o ambiente e a paisagem, bem como os esforços empregados pela comunidade para a conservação de seus recursos. Faço ainda alusão ao registro bibliográfico da nomenclatura botânica, reconhecendo a preservação deste conhecimento entre os Guarani ao longo dos séculos.

3.2 Levantamento etnobotânico

Ao longo do período de campo foram levantadas 210 plantas reconhecidas, sendo a grande maioria utilizada pela comunidade. Foram sistematizados dados referentes aos nomes em língua Guarani utilizados para a espécie, o nome popular em português, a identificação científica da espécie, além de dados sobre uso, manejo e a parte da planta empregada. As coletas totalizaram: 72 exsicatas identificadas em laboratório; 76 espécies identificadas em campo. As plantas que não puderam ser coletadas ou identificadas em campo somam 62, tratando-se muitas vezes de plantas indicadas como sendo importantes, porém inexistentes na área. Dessas últimas, a identificação científica que consta no trabalho foi efetivada por meio da consulta bibliográfica¹²⁵ referente ao nome popular em línguas guarani e portuguesa. A lista das espécies levantadas foi organizada em ordem alfabética do nome em Guarani, de forma a agrupar as plantas referidas pela mesma categoria lingüística e para facilitar a consulta dos nomes em guarani para o leitor¹²⁶. A lista de plantas está apresentada no **quadro 2**¹²⁷.

¹²⁵ Klein (1979, 1980, 1984); Reitz *et al.* (1978); Lorenzi (2000, 2002); Lorenzi e Matos (2002); Souza e Lorenzi (2005), Sobral *et al.* (2006); Noelli (1993).

¹²⁶ No **Apêndices 3** pode ser encontrada uma lista das etnoespécies levantadas entre os Guarani organizada em grupos das famílias botânicas.

¹²⁷ Nesta lista foram incluídas as espécies cultivadas na roça, no entanto incluí somente o etnogênero, sem considerar as etnovarietades tradicionais de cada espécie cultivada. Esta postura foi tomada principalmente pelo fato das variedades em questão serem objeto de estudo de diversos trabalhos relacionados à agricultura tradicional Guarani, como é o caso de Felipim (2001) e Medeiros (2006), entre outros. Em relação a este assunto,

Quadro 2 – Tabela com a listagem das plantas amostradas entre os Guarani de M'biguaçu.

Coleta: **C** coletada; **X** – identificada em campo; **N** – identificada pela bibliografia; Uso: **ali** – alimentar; **ars** – artesanato; **arf** – artefato; **cot** – construção; **com** – comercial; **med** – medicinal; **rel** – religioso; **si** – sem identificação; Manejo: **col** – coletada; **cul** – cultivada; **col-cul** – coletada e cultivada; **nu** – não utilizada; **si** – sem identificação; Parte utilizada: **sem** – semente; **fru** – fruto; **flo** – flor; **fol** – folha; **cau** – caule; **cas** – casca; **rai** – raiz; **lat** – látex; **tp** – toda planta; **si** – sem identificação.

Nome Guarani	Nome Português	Identificação botânica	Coleta	Uso	Manejo	Parte Utilizada
adjuy guatchu	si	Lauraceae	N	si	col	si
adjuy miri	canelinha-branca	<i>Ocotea pulchella</i> Mart.	C	med	col	cas-cau
adjuy miri ti	ipê-amarelo	<i>Tabebuia</i> sp.	C	med	col	casca; flor; folha
adjuy pyta	canela-de-cheiro	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyne	X	ali-rel	si	cas
adjuy tchi'i	canela pau-santo	Lauraceae	N	arf-med	col	cau-fru
aguai	aguaí	<i>Chrysophyllum gonocarpum</i> Engl.	X	ars	col	sem
akaë ka'a	cocão	<i>Erythroxylum</i> cf. <i>argentinum</i> O.E.Schulz	C	med-rel	col	cas
akara	acará	si	N	arf-ars-cot	col	cau
amambai takau	avenca	Pteridophyta	C	med	col	tp
amambai takau	si	Pteridophyta	X	med	col	tp
amambai takau tchi	si	Pteridophyta	C	med	col	tp
ambay	mamoneiro	<i>Ricinus communis</i> L.	X	med	col	fol
ambay guatchu	embaúba	<i>Cecropia glaziovii</i> Smetl.	X	med	col	cau
ambay miri	cidrão	<i>Hedyosmum brasiliensis</i> Mart.	X	med	col	fol
andai	abóbora	<i>Cucurbita</i> sp.	X	ali-med	cul	fol-fru
arao	si	Melastomataceae	C	arf	col	flo-fru
aratcha guatchu	goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	X	ali	col	fru
aratcha oruy	si	si	N	ali	col	fru
aratcha'i	araçazeiro	<i>Psidium cattleianum</i> Weinw.	X	ali	col	fru
aratchiku	araticum	Annonacea	N	ali-arf	col	cau-fru
avatchi	milho	<i>Zea mays</i> L.	X	ali-rel-med	cul	fru
avokudja	si	Amaranthaceae	N	med	col	fol
djagua pinda	si	si	N	cot	col	cau
djairoguë odjaivë	picão-preto	<i>Bidens pilosa</i> L.	C	med	col	tp
djakare ruguai;tatu ruguai	carqueja	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	C	med	col	tp
djaorandi grandiu	si	Piperaceae	C	med	col	fol
djaorandi hogue apuavë	pariparoba	<i>Piper marginatum</i> Jacq.	C	med	col	tp

me restrinjo a mencionar que na aldeia são cultivadas diferentes variedades de cada espécie da roça, gerando uma lista extremamente dinâmica, em constante alteração, tendo em vista sua imbricação no que tange as relações de parentesco e o intercâmbio de variedades entre as aldeias.

djarakatiy ka'aguy	jaracatiá	<i>Jaracatia spinosa</i> A.DC.	N	ali-med	col	fru-fol
djarakatiy oka	mamão	<i>Carica papaya</i> L.	X	ali-med	cul	fru-fol
djatai	butiá	<i>Butia</i> sp.	N	ali	col	fru
djatei ka'a; yraividju ka'a	gelol	si	C	ali-med-rel	col	tp
djedjy ete	palmito-jussara	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	X	ali	col	fru
djegua	urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	X	arf	col	sem
djety	batata-doce	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	X	ali	cul	rai
djurua djedjy	palmeira-real	<i>Archontophoenix alexandrae</i> H. Wendl. & Drude	X	ali-com	col	cau
eira yvay	si	si	N	si	col	si
guadjauë tí	carne-de-vaca	<i>Clethra</i> sp.	C	arf	col	cas
guadjyuï	guajuvira	<i>Patagonula americana</i> L.	N	arf-med	col	si
guapo y	figueira	<i>Ficus guaranitica</i> Chodat	C	med	col	lat
guatchu pytcha	pata-de-veado	<i>Bauhinia splendens</i> Kunth	N	med	col	fol
guavidju	capote	<i>Britoa guazumifolia</i> (Cambess.) D.Legrand	N	ali	col	fru
guavidju miri ka'aguy	si	Myrtaceae	C	ali	col	fru
guavidju miri oka	si	Myrtaceae	C	ali	col	fru
guavira ete'i	guabiroba-amarela	<i>Campomanesia</i> sp.	N	ali-arf	col	cau-fru
guavira guatchu	si	Myrtaceae	N	ali	col	si
guavira pyta'i; nhengue pire	pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i> L.	X	ali-arf	cul-col	cau-fru
guavira un'i	guabiroba-verde	<i>Campomanesia</i> sp2.	N	ali-arf	col	cau-fru
guembe pi	imbé-amarelo	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	X	ali-cot	cul-col	fru-rai
guembe pi	imbé-branco	<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott	X	ali-cot	cul-col	fru-rai
guembe rã	si	<i>Philodendrum</i> sp.	N	ars	col	rai
guembe rã	si	<i>Anthurium</i> sp.	N	ars	col	rai
hogue guatchu	pau-de-macuco	<i>Bathysa australis</i> K.Schum.	X	med	col	fol
hogue guatchu	amendoeira-de- praia	<i>Terminalia catappa</i> L.	X	med	cul-col	fol
hogue iro	boldo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	X	med	cul	fol
hogue piriri	cedrinho	<i>Cupressus</i> sp.	X	rel	col	fol-sem
hogue reaquã ivë	manjeriçã	<i>Ocimum basilicum</i> L.	X	med-rel	cul	flo-fol- fru
iauï	pixirica	Melastomataceae	C	arf	col	fru
inga guatchu	ingá-macaco	<i>Inga sessilis</i> Mart.	N	ali-med	col	fru-fol
inga komanda	si	<i>Inga</i> sp.	C	ali-med	col	fru-fol
ipoty djere	funcho	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	X	med-rel	cul	fol-sem
ipoty djere tí	sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	C	med	cul	flo-fol
ipoty dju	macela	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	X	med	col	flo-fol
ipoty dju	arnica-do-mato	<i>Arnica montana</i> Hook.	C	med	col	tp
ipoty ovy	si	<i>Diodiasp.</i>	C	med	col	fol
ipoty pouoi	si	Poaceae	C	med	col	fol

ipoty pyta	si	si	N	med	cul	fol
itchongy	açoita-cavalo-vermelho	<i>Luehea</i> sp.	N	med	col	cau
itchongy tĩ	açoita-cavalo-branco	<i>Luehea divaricata</i> Mart.	N	arf-med	col	cau
ka'a ete'i	si	si	C	ali	col	tp
ka'a hogue	erva-mate	<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.	C	ali	cul	fol
ka'a mirĩ	erva-mate-silvestre	<i>Ilex</i> sp.	N	ali	col	fol
ka'a rã	erva-mate-silvestre	<i>Ilex</i> sp. 2	C	ali	col	fol
ka'a rã	erva-mate-silvestre	<i>Ilex</i> sp. 3	C	ali	col	fol
ka'api'i	sapé	Poaceae	C	arf-cot	col	fol
ka'api'i a	lágrima-de-nossa-senhora	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	X	ars	cul-col	sem
ka'api'i ka'ati	capim-cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf.	X	med	cul	fol
ka'api'i reakuã	capim-citronela	<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle	X	med	cul	fol
ka'arë	mastruço	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	C	med	col	tp
ka'atingy	si	<i>Solanum</i> sp.	X	med	col	fol
ka'avo tyrey	olandi	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	X	med-arf	col	cau-fol
ka'avo tyrey	si	si	C	rel	col	fol
kadjarana	canjerana	<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	N	arf-com	col	cau
karaguara	si	Pteridophyta	C	med	col	tp
karaguata	bromélia	Bromeliaceae	X	si	nu	si
kauë ka'a	si	<i>Mikania cordifolia</i> Willd.	C	rel	col	flo
koaratchy poã	si	Asteraceae	C	med	cul-col	tp
komanda	feijão	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	X	ali	cul	fru
komanda rã	si	si	C	si	nu	si
kourupa'y	pau-jacaré	<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F.Macbr.	X	arf	col	cau
kourupa'y pyta	angico-vermelho	<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan	N	arf-med	cul-col	cau-fol
kourupa'y tchĩ	angico-branco	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	X	arf	cul-col	cau
kuri'y	araucária	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	X	ali	cul	sem
kurupika'y	pau-leiteiro	<i>Sapium glandulatum</i> Pax	X	arf-ars	col	cau
kurupika'y	corticeira	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	X	arf-ars	col	cau
mandio	mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	X	ali	cul	rai
mandio rã	pau-mandioca	<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire, Steyerl. & Frodin	N	arf	col	cau
manduvi	amendoim	<i>Arachis hypogaea</i> L.	X	ali	cul	fru
manduvi dju guatchu	si	si	N	arf	cul	caul
mbaguatchu	baguaçu	<i>Talauma ovata</i> A.St.-Hil.	N	ars	col	cau

mbokadja	tucum	<i>Bactris setosa</i> Mart.	N	ali	col	fru
mbore rembiu; ka'a pororo	capororocão	<i>Myrsine umbellata</i> Mart.	C	med-cot	col	cas-cau
mboy pyta'i	olho-de-pombo	<i>Abrus precatorius</i> L.	C	ars	col	sem
mero	melão	<i>Cucumis melo</i> L.	X	ali	cul	fru
narã	laranjeira	<i>Citrus</i> sp.	X	ali	cul	fru
natchiorã	si	Pteridophyta	C	rel	col	tp
nhambi kue	ameixa	<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	C	ali-me	col	fru-cau
nhande tay	cancorosa	<i>Jodina rhombifolia</i> Hook. & Arn. ex Reissek	X	arf	col	cau
nherumi	grandiúva	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	C	med	col	fol-flo
nherumi guaxu; nherumi ka'aguy; typea guaxu	jacatirão-açu	<i>Miconia cinnamomifolia</i> Naudin	C	cot-med	col	cau-fol
nherumi miri	vassoura-branca	<i>Baccharis</i> sp.	C	med	col	fol
nherumi'i	alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	X	rel	cul	fol
nhua	arroz-sequeiro	<i>Oryza sativa</i> L.	X	ali	cul	fru
pakoa	bananeira	<i>Musa</i> sp.	X	ali-arf- com- med	cul	fru-flo- cau
pakuri	bacupari	<i>Garcinia gardneriana</i> Planch. & Triana	X	ali-me	col	fru-sem
para para'y	caroba	Bignoniaceae	C	med	col	casca; folha
pë'ëngue poã	cipó-quebra- quebra	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	X	med	col	tp
pegua	caeté	<i>Heliconia</i> sp.	X	arf	col	flo
pegua	si	Zyngiberaceae	C	ars	cul	sem
pegua reaquã	nóz-moscada	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burt & R.M.Sm.	C	ali-me	cul	cau-fol- rai
petu guatchu	abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	X	ali	cul-col	fru
pety	tabaco	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	X	rel	cul	fol
pety reaquã	anis	<i>Ocimum selloi</i> Benth.	C	med-rel	cul	flo-fol- fru
pikāratchi poã	pinheirinho- rasteiro	si	C	med	col	tp
pindo andai	indaiá	<i>Attalea dubia</i> (Mart.) Burret	X	ali	cul-col	fru
pindo ete	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	X	ali-arf- cot-com	col	cau-fol- fru-sem- rai
pindo ro; pindo'i	guaricana	<i>Geonoma gamiova</i> Barb. Rodr.	X	cot	col	fol
pipi	guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L.	C	med-rel	cul-col	tp
pipi guatchu	leiteira	<i>Tabernaemontana</i> <i>catharinensis</i> DC.	C	med-rel	col	cau-fol- lat
piru piru i	si	Pteridophyta	C	med	col	tp
pyno	urtigão	<i>Urera baccifera</i> Gaudich.	C	arf-med	col	cau-rai
tady ipe	si	Bignoniaceae	N	si	col	si
tady pyta	ipê-roxo	Bignoniaceae	N	si	nu	si
tady tchi'i	si	Bignoniaceae	N	med	col	si

takua ete'i	taquara-mansa	<i>Merostachys multiramea</i> Hack.	X	arf-ars- cot-com	col	cau
takua mimby	trepadeira-elefante	<i>Argyrea nervosa</i> (Burm.f.) Bojer	C	med	cul	cau-flo- fol
takua ovy	si	si	N	artf-ars- cot	col	cau
takua tchĩ	si	si	N	arf-med	col	fol
takua'i	si	si	C	med	col	fol
takuarë'ë avatchi	caninha-de-milho	<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench	X	ali	cul	cau
takuarembó	criciúma	<i>Chusquea ramosissima</i> Lindm.	N	artf-ars- cot	col	cau
takuarutchu	taquaruçu	<i>Guadua trinii</i> Rupr.	N	artf-ars- cot	col	cau
tamongue	maricá	<i>Mimosa bimucronata</i> (DC.) Kuntze	C	rel	col	cau-flo- fol
tapiti nhambi	si	Orchidaceae	C	med	col	cau
tarumã	tarumã	<i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Moldenke	C	med	cul-col	fol
tchanjau	melancia	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	X	ali	cul	fru
tchapy'y	si	si	N	med	col	cau
tchatchim	xaxim	<i>Cyathea schanchin</i> Mart.	X	med	col	cau-fol
tcherai	si	<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC.	C	ali	col	fol
tchimbo'y	timbó	<i>Enterolobium</i> <i>contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	N	arf	col	cau
tchimbo'y	timbó	<i>Paullinia elegans</i> Griseb.	N	arf	col	cau
tchimbo'y; ta'ape ryva	timbaúva	<i>Enterolobium timbouva</i> Mart.	N	arf	col	cau
tchypo kachi	si	si	N	cot	col	cau
tchypo kamby	si	si	N	cot	col	cau
tchypo katchi	cipó-mil-homens	<i>Aristolochia</i> sp.	N	med	col	cau-fol
tchypo poã	jagub	<i>Banisteriopsis caapi</i> (Spruce ex Griseb.) C.V.Morton	N	rel	cul	cau-rai
tchypo pyta; tchypo pê	cipó-linhaça	si	C	arf	col	cau
tchypo reaquã	si	si	N	med	col	cau
tchypo y'y	si	si	N	med	col	cas
teju ruguai	mata-campo	<i>Solanum</i> sp.	C	med	col	tp
tembiadja	tanheiro	<i>Alchornea</i> sp.	C	med	col	fol
tembiadja ka'aguy	amora-silvestre	<i>Rubus rosifolius</i> Sm.	X	ali-me	col	fru
tembiadja oka	amora	<i>Rubus</i> sp.	X	ali-me	cul	fol-fru
tembiadja tĩ	amora-branca	<i>Morus alba</i> L.	N	ali-me	col	fru
tukã retcha	rainha	<i>Psychotria</i> sp2.	C	rel	cul-col	fol
tukã retcha	rainha	<i>Psychotria</i> sp.	C	rel	cul-col	fol
typytcha hogue	guanxuma	<i>Sida rhombifolia</i> L.	C	med	col	fol
tyvy reta	sete-irmãos	<i>Coccoloba cordata</i> Cham.	C	rel	col	fol
uru py	quaresmeira	<i>Tibouchina urvilleana</i> Cogn.	C	arf	col	fru
uruvu ka'a	si	<i>Verbena</i> sp.	C	med	col	cau-flo- fol

uru'vu ka'a	baleeira	<i>Cordia verbenacea</i> DC.	X	med	col	fol
vaka pytcha	pata-de-vaca	<i>Bauhinia forficata</i> Link	C	med	col	fol
vaka pytcha	pata-de-vaca	<i>Bauhinia candicans</i> Benth.	X	med	col	fol
yakã ra	pau-de-cigarra	<i>Senna multijuga</i> (Rich.) H.S.Irwin & Barneby	N	si	nu	si
yakua	porongo	<i>Lagenaria vulgaris</i> L.	X	ars	cul	fru
yary	cedro-rosa	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	X	arf-cot- med-rel	col	cas-cau
yraro	casca d'anta	<i>Drimys brasiliensis</i> Miers	N	ali-med	col	cas
yryvadja rembiu	aroeira-mansa	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	X	med	col	cas
yvapuru	jaboticaba	<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O.Berg	X	ali-arf- med	col	cas-cau- fru
yvarã	sálvia-da-gripe	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	C	med	cul	fol
yvaro	figueira	<i>Ficus</i> cf. <i>gomelleira</i> Hort.Monac. ex Kunth & Bouche	N	arf-rel	col	cau
yvata'y	camboatá- vermelho	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	X	arf-cot	col	cau-sem
yvata'y tí	camboatá-branco	<i>Matayba</i> sp.	C	cot-med	col	cau-fol
yvavi dju	si	si	X	ali	si	si
yvyipay tchĩ	copal-branco	<i>Copaifera trapezifolia</i> Hayne	N	rel	col	lat
yvyra eve	si	si	N	arf	col	si
yvyra hapoju	espinheira-santa	<i>Maytenus aquifolium</i> Mart.	C	med-arf	col	rai
yvyra ipoty dju	garapuvu	<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) S.F.Blake	X	arf	col	cau
yvyra katu	si	Myrtaceae	N	med	col	si
yvyra katu mirĩ	cipreste	<i>Cupressus</i> sp.	X	rel	col	fol
yvyra ogue ita monguyia	quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	C	med	col	tp
yvyra padje	garuva	<i>Nectandra rigida</i> (Kunth) Nees	N	med	col	si
yvyra pëpë	pau-alecrim	<i>Holocalyx balansae</i> Micheli	N	arf	col	cau
yvyra përe mirĩ	si	si	N	si	col	si
yvyra piriri	si	si	C	med	col	si
yvyra pyta	si	si	C	med	col	lat
yvyra tchĩ	si	Euphorbiaceae	C	med	cul	fol
yvyra un	seca-ligeiro	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Baill.	N	cot	col	cau
yvyra vevüi	caixeta	<i>Tabebuia cassinoides</i> DC.	N	arf-cot	col	cau
yvyra ytchy	figueira	Moraceae	C	arf	col	lat
yvyra yui	embira-branca	<i>Xylopia</i> sp.	N	arf-ars	col	cas
si	alho-de-cabeça	<i>Allium cepa</i> L.	X	rel	cul	cau
si	eucalipto	<i>Eucaliptus</i> sp.	X	com-cot	cul	cau
si	algodão	<i>Gossypium</i> sp.	N	arf	cul	fru
si	alfazema	<i>Lavandula</i> sp.	X	rel	si	fru
si	pessegueiro	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	X	ali	cul	fru
si	caqui	<i>Diospyros kaki</i> L.f.	X	ali	cul	fru
si	olho-de-dragão	<i>Adenantha pavonina</i> L.	X	ars	cul	sem

si	cipó-alho	<i>Mansoa alliacea</i> (Lam.) A.H.Gentry	N	med	col	si
si	cipó-são-joão	si	N	si	col	si
si	gervão	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.)Vahl	X	med	col	tp

Os dados foram organizados em categorias com intuito de orientar o entendimento dos modos de uso e da centralidade cultural no emprego das espécies na aldeia. Para esta sistematização foram consideradas sete categorias, nas quais busquei incluir as diversas formas de utilização dos recursos florestais. Os critérios gerais para inclusão de plantas em cada categoria estão descritos abaixo.

- **alimentar** - plantas utilizadas de alguma forma na dieta da comunidade, sendo elas cultivadas ou coletadas. Muitas dessas plantas são também apontadas como alimento para as criações e para a fauna, além de serem muitas vezes empregadas na alimentação como forma terapêutica;
- **artefato** - todas as espécies usadas de alguma forma na confecção de utensílios para a própria aldeia. Nesta categoria estão plantas utilizadas na fabricação de ferramentas, talheres, roupas, pigmentos e toda sorte de utensílios úteis nos diferentes contextos da aldeia como trabalho, casa, roça, escola e casa de reza. Incluo também nesta categoria as plantas preferidas para lenha na queima de cerâmica;
- **artesanato** – esta categoria difere da anterior por incluir exclusivamente as espécies utilizadas para a confecção das peças comercializadas pela comunidade;
- **comercial** – plantas que de alguma forma são exploradas comercialmente pela comunidade, excetuando-se aquelas vendidas na forma de artesanato;
- **construção** – árvores, taquaras, cipós e demais espécies utilizadas na construção das habitações e demais edificações da aldeia;
- **medicinal** – consideradas nesta categoria somente plantas utilizadas como remédio para doenças físicas. Estão inclusas as espécies para tratamentos médicos sob a forma de chás, compressas, banhos e emplastos. Algumas

delas integram compostos medicinais com sofisticado processo de preparação¹²⁸;

- **religioso** - inclui nesta categoria exclusivamente plantas utilizadas nas cerimônias religiosas como incenso, decoração e instrumentos cerimoniais e/ou aquelas utilizadas para a realização de feitiços e simpatias (**ka'avo**).

Durante o trabalho evidenciou-se que algumas plantas são mais constantemente utilizadas para diferentes finalidades. Nestes casos, certas plantas possuem centralidade na vida e no cotidiano da comunidade. Os múltiplos usos dessas plantas permitem que sejam incluídas em mais de uma categoria, o que soma um montante em torno de 25%. A planta que apresentou maior quantidade de usos foi o **pindo ete** (*Syagrus rommanzofiana*), incluído em cinco categorias. Entre as plantas incluídas em quatro categorias estão **takua ete'i** (*Merostachys multiramea*), **yary** (*Cedrela fissilis*) e **pakoa** (*Musa paradisiaca*). Destaco os múltiplos usos dos **takua**, utilizados para as construções, os utensílios domésticos e a fabricação das cestarias para comercialização, além de três deles terem uso medicinal. Entre os tipos de usos múltiplos, destaco que as combinações de uso elencadas para maior número de plantas foram as combinações alimentar-medicinal e medicinal-religioso. Esta constatação reflete a cosmologia botânica Guarani que vincula os hábitos alimentares (os alimentos sagrados), a religião e as condutas sociais com a manutenção da saúde física e espiritual. As espécies de usos múltiplos são amplamente utilizadas, sendo manejadas (principalmente pela técnica de coletada) de forma com que as intervenções no ambiente que propiciem a manutenção, bem como maior ocorrência, dos recursos na área. São espécies privilegiadas na gestão ambiental da aldeia e imprescindíveis para a manutenção do modo de vida tradicional Guarani. É evidente que certas plantas por possuírem maior quantidade de usos cotidianos adquirem centralidade na cultura e na cosmologia botânica Guarani, no entanto, é necessário ressaltar que espécies que tem uso para

¹²⁸ Conforme mencionado no Capítulo II, o vínculo entre a medicina e a religião é bastante proeminente, sendo que os tratamentos de saúde, de modo geral, compreendem administração de remédios e cura espiritual operada pelo **karai**, com auxílio de colaboradores espirituais que se manifestam sob formas do mundo natural, como plantas e animais (**vyraidja kueri**). As plantas são uma categoria de **vyraidja** que servem de auxiliares xamânicos para o trabalho do **karai kueri**. Um dos **vyraidja** de animais que vem auxiliando Alcindo e Rosa nos últimos anos é o **Tchiu'i** (gavião-real, *Harpia harpyja*) (Mello, 2006:222-231), cuja escultura de madeira (**anga**) está posicionada no local mais alto do altar localizado na face leste da **opy**.

fins mais restritos também podem ser extremamente significativas justamente por sua especificidade e, algumas vezes, por sua raridade.

O número total de plantas incluídas em cada categoria de uso está apresentado na **figura 15**:

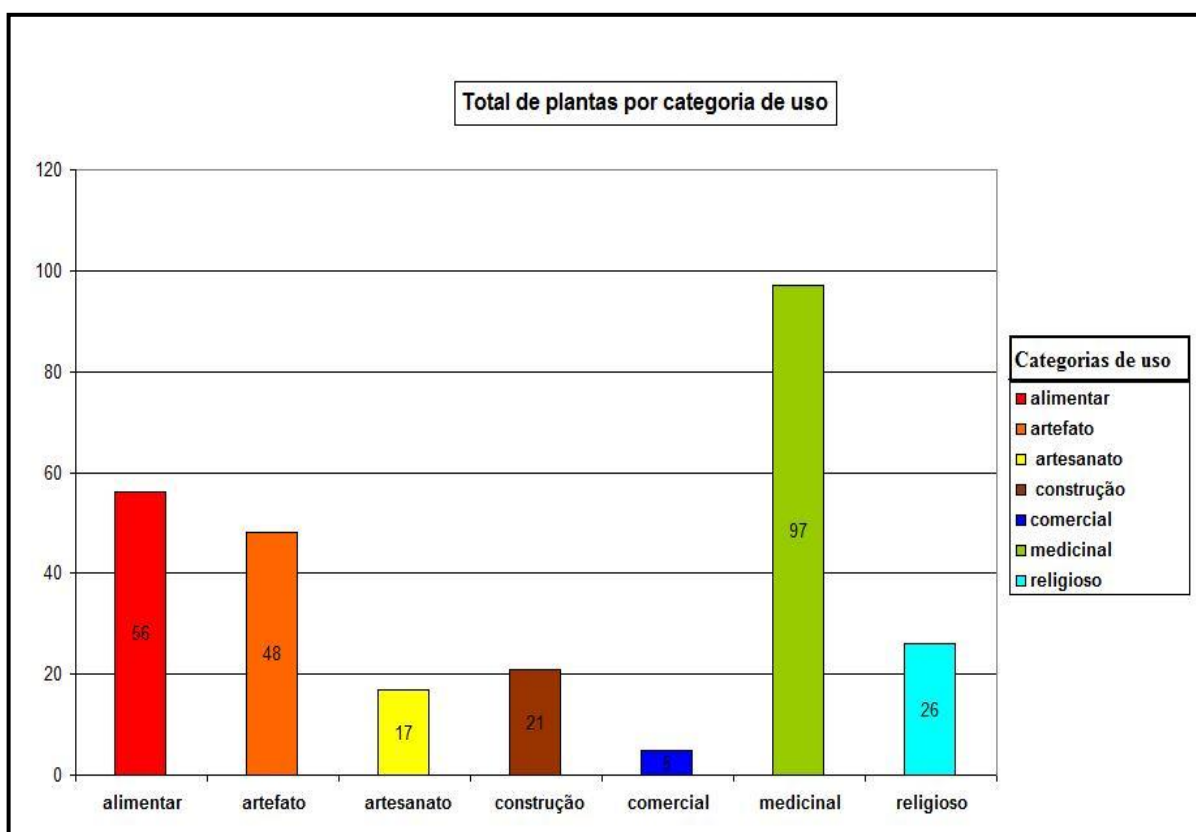


Figura 15 – Total de plantas elencadas por categoria de uso, para 210 plantas registradas entre os Guarani de M’biguaçu.

Os dados revelam logo à primeira vista, referendando o destacado por Noelli (1993), a grande quantidade de plantas utilizadas na farmacopéia Guarani, uma vez que mais de 35% das plantas amostradas são de uso medicinal. A análise dessas plantas revela que elas compõem um inventário cuja composição florística inclui elementos de diferentes ambientes como restinga, encosta, topo de morro, mata ciliar, várzeas, abrangendo espécies típicas da mata de araucária e da floresta estacional. Entre elas estão inclusas plantas de diferentes estratos florestais como árvores, arbusto, ervas rasteiras e rupícolas, plantas trepadeiras, cipós e outras epífitas, em distintos estágios da sucessão florestal. Além disso, algumas dessas

plantas são ruderais e nascem espontaneamente nos quintais, roças e beira de trilhas. “*Vocês pisam nos remédios e não sabem!*” – Disse algumas vezes o senhor Alcindo.

A categoria uso alimentar aparece como a segunda mais indicada, sendo que a inclusão de plantas da roça contribuiu ao acréscimo do número de plantas nesta categoria. Por diferir pouco em número de plantas, esta categoria pode ser localizada em segundo lugar juntamente da categoria de artefatos. Seguindo a observação decrescente da frequência de indicações das categorias, temos o uso religioso e construção, seguidos por artesanato e comercial. Neste sentido, podemos observar que as categorias voltadas para a utilização interna da aldeia despontam com quase 85% da frequência de indicações de uso. Ainda observando estes dados vemos que a dos recursos vegetais para exploração econômica é uma atividade praticada em pequena monta, sendo que cultivo e manejo agroecológico para comercialização é um sistema que vem se incorporando à comunidade, contribuindo com a autonomia financeira, além de auxiliar na segurança alimentar.

As plantas de interesse da comunidade são manejadas de diferentes maneiras, sendo algumas coletadas do interior da mata e outras cultivadas nos espaços variados da aldeia. Algumas das espécies úteis coletadas são também cultivadas nas trilhas e quintais próximos às casas e, passam por práticas que garantem o sucesso da espécie em diferentes ambientes da aldeia. Para sistematizar este manejo, criei as categorias: cultivada, coletada, cultivada e coletada, não utilizada e sem informação (si).

Na primeira categoria, de planta cultivada, incluo somente aquelas plantas cuja existência na área depende diretamente da intervenção humana, seja através do transporte e plantio de mudas ou pelo cultivo a partir da semente. Algumas vezes essas sementes são trazidas por parentes ou resultam de viagens. O plantio é associado aos diferentes elementos simbólicos da cultura Guarani. Vale ressaltar que nos dias de mutirões para plantio e colheita das roças, são realizadas pequenas reuniões e momentos de oração e concentração (**adjaputchaka**) com o **petygua**. O plantio e a colheita dos frutos do **avatchi ete** são expressões máximas da religião, da coesão social, do trabalho coletivo e da partilha conforme a necessidade de cada um.

Na segunda categoria, a de planta coletada, estão aquelas cujo uso observado está ligado estritamente à retirada da espécie do ambiente. Estas plantas são manejadas na mata em

relação à percepção cosmológica quanto aos calendários lunar e solar, os preceitos religiosos envolvidos com a entrada na mata e a relação entre as plantas e as divindades, sendo considerados ainda os impactos diretos da coleta do recurso no ambiente. O pedido de permissão a **Nhanderu Tenonde** e a reverência aos deuses das regiões de **Yvy Marãey**, no momento de acessar a floresta é a garantia de proteção no trabalho dentro da mata. As áreas onde a mata é mais desenvolvida são reservadas ao sagrado (**ka'aguy poruey**), são consagradas à **Nhanderu Tenonde**, interpretadas como fonte de conservação dos recursos, áreas nucleadoras, fonte de propágulos para restauração e repovoamento das espécies na floresta.

Algumas plantas passam pelos dois tipos de manejo, sendo classificadas como coletadas e cultivadas. Esta prática está associada à escassez ou à inexistência de certas espécies nas áreas mais próximas das casas, facilitando o acesso à planta. O fato da ocorrência de algumas plantas ser restrita somente às áreas mais elevadas, de mata melhor conservada, distantes da aldeia ou até em outras regiões geográficas do território, faz com que algumas plantas que são tradicionalmente coletadas sejam cultivadas nas adjacências da aldeia.

As plantas da categoria não utilizadas são aquelas em que não pude observar o uso no período de campo. Algumas espécies, por serem escassas na área, têm o uso estritamente proibido pelas lideranças. Esta prática ocorre justamente para a disseminação e a dispersão das espécies na mata. As plantas indicadas por si são espécies que não pude enquadrar em qualquer categoria.

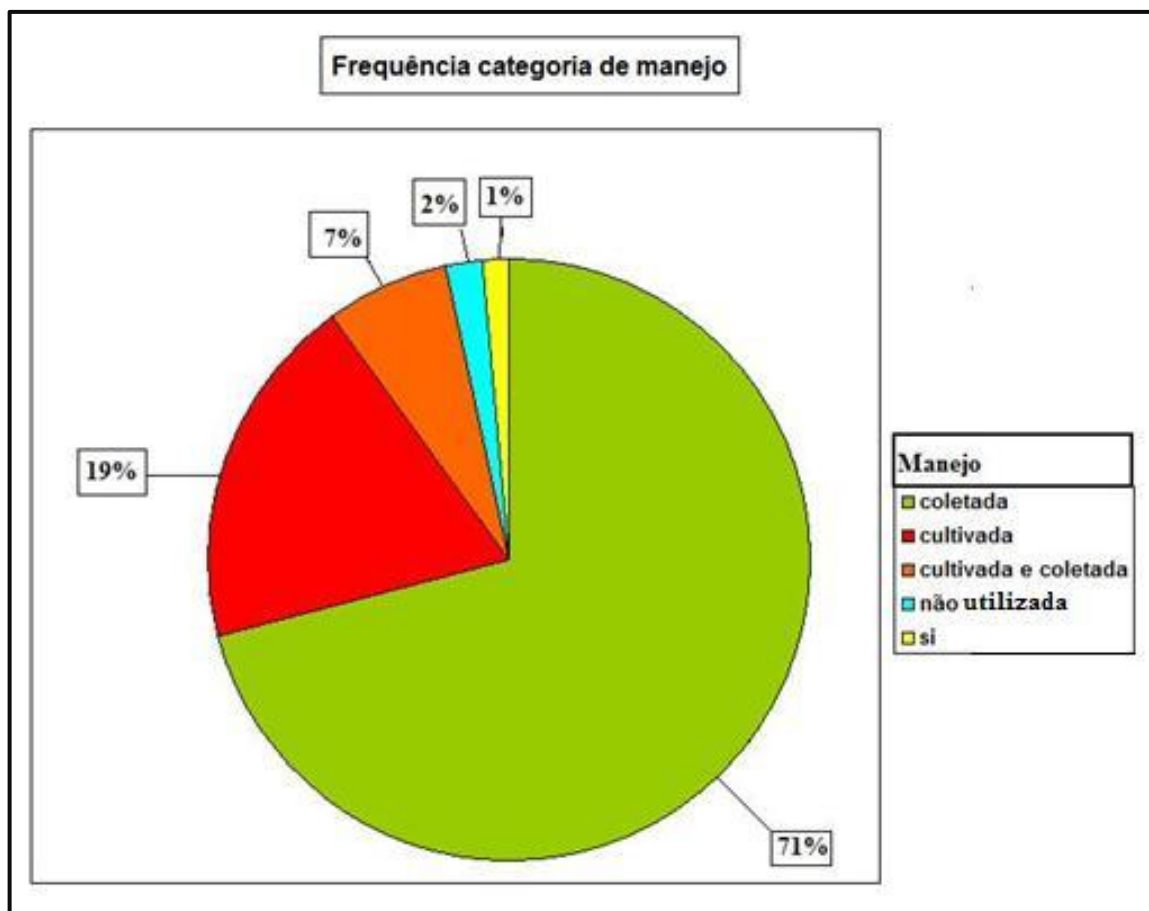


Figura 16 – Frequência das plantas incluídas em cada categoria de manejo, para 210 plantas registradas entre os Guarani de M'biguaçu.

A distribuição das frequências entre as categorias de manejo (**Figura 16**) aponta a coleta como a prática de manejo mais utilizada. A grande variedade de plantas coletadas nos diferentes ambientes do **tekoa** (roças, trilhas, quintais, encosta, beira de rios) exige bons estados de conservação da floresta e ambientes onde esteja disponível a ampla variedade de recursos utilizados. O acesso aos locais de coleta dos recursos muitas vezes orientam a abertura de caminhos e trilhas nos em tornos da aldeia, que acabam servindo de ambientes de coleta, onde certas espécies são favorecidas em detrimento de outras, além de algumas serem coletadas com maior frequência. Algumas plantas são coletadas nas roças (**kokue**), sendo que muitas delas são conservadas durante a abertura e o preparo da terra para o plantio. Além disso, muitas plantas são mantidas ou cultivadas nas trilhas pela mata e pelos diferentes espaços da aldeia. Tais elementos evidenciam a domesticação da paisagem exercida pela comunidade para que se disponham os recursos vegetais de significado simbólico e social, estando muitas vezes associados à coleta de subsistência.

A fração correspondente às plantas cultivadas destaca a forte tradicionalidade agrícola dos Guarani. É necessário que seja considerado ainda que somente foram incluídas as etnoespécies cultivadas nas roças, pois, caso fossem incluídas todas as etnoespécies cultivadas, esta porcentagem poderia alcançar cerca de 25% das plantas utilizadas. As áreas com pouca fertilidade gerada pelo uso sucessivo da mesma área de roça, ameaça a preservação das variedades agrícolas cultivadas na aldeia. É ainda importante que se ressalte que esse fato vem incentivando a comunidade a experimentar novas técnicas de adubação orgânica e conservação do solo para garantir a riqueza e a abundância nas colheitas.

O número de plantas coletadas e cultivadas pode se somar ao de não utilizadas no sentido de serem espécies que recebem esforços da comunidade para garantir a existência do recurso na área. Desta forma, plantas consideradas essenciais à manutenção do **nhande reko** recebem especial atenção para não se extinguirem da mata.

É importante salientar ainda os dados apresentados sobre a parte da planta utilizada para as diversas finalidades. Este aspecto permite inferências a respeito dos impactos do manejo às populações vegetais. Podemos perceber que plantas das quais são utilizadas, folhas, látex, casca, frutos e flores permanecem constantemente no ambiente, sendo, em alguns casos, usado recorrentemente o mesmo indivíduo. Já em relação ao uso de caules, raízes ou de toda a planta, geralmente é necessária a coleta integral da planta no ambiente, ocasionando a sua morte. Muitas das plantas em que a coleta ocasiona a morte do indivíduo são espontâneas na área são cultivadas para uso em maiores quantidades, ou possuem o uso restringido por ordem das lideranças internas. Observo que muitas plantas são classificadas de acordo com caracteres morfológicos de estruturas como folhas, caule e raiz, muitas vezes de acordo como o uso dessas partes.

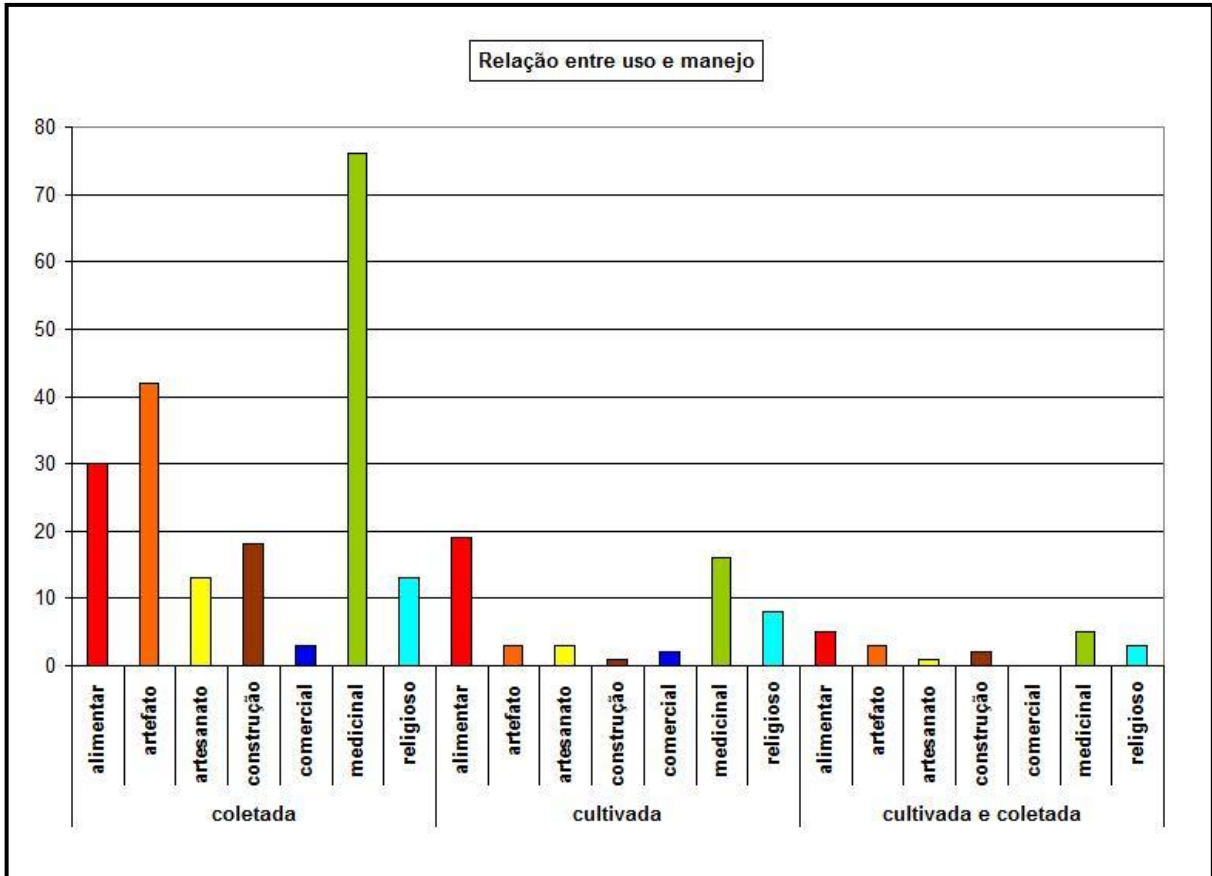


Figura 17 – Relação entre categorias de uso e práticas de manejo, para 210 plantas registradas entre os Guarani de M'biguaçu.

A **figura 17** apresenta a relação entre as categorias de uso e manejo, demonstrando a integração entre o sistema de cultivo e coleta, sendo empregadas ambas as práticas pra plantas de todas as categorias de uso. As plantas que passam concomitantemente por coleta e cultivo, representam principalmente plantas florestais cultivadas em locais de fácil acesso para coleta. Esta prática é empregada para a quase todas as categorias de uso, com exceção daqueles utilizadas para comercialização.

O forte vínculo existente entre o modo de ser guarani e os recursos florestais pode ser percebido tanto pela ampla e constante utilização de plantas quanto pelos vínculos cosmológicos aos ambientes por elas ocupado. Na cosmologia guarani, a organização do mundo natural está estreitamente ligada a do mundo sobrenatural, numa relação na qual ambos se permeiam, ocupando por muitas vezes os mesmos espaços. Tais vínculos sutis são interpretados oniricamente principalmente pelos xamãs, homens e mulheres (**karaikueri** e **kunhakaraiqueri**), que orientam o comportamento social e individual perante os elementos

naturais. O consenso referente às plantas, principalmente as de uso medicinal, está diretamente imbricado ao conhecimento do casal anfitrião, Alcindo Wera-Tupã e Rosa Poty-Dja. O nome Poty-Dja está associado ao florescer, ao fazer florir. Flávia Mello (2006) registra que entre os **yvyraidja** (espíritos auxiliares) possuídos pela senhora Rosa está o de uma planta do mundo sobrenatural, sem correspondentes neste mundo, que lhe fornece bons conhecimentos (**arandu porã**) sobre os grandes remédios (**poã guatchu**) e sobre as plantas e locais férteis para o plantio (Mello, 2006:225). O conhecimento geográfico e ecológico proveniente da ocupação sucessiva dos ambientes ao longo da história, associado aos vínculos simbólico-religiosos referentes ao mundo natural, geram a cosmologia relacionada ao universo botânico guarani.

3.2 Enotaxonomia Guarani

Procurei sistematizar a nomenclatura das plantas de acordo com as categorias berlineanas, considerando ainda as apontadas por Noelli (1993), descritas no **Capítulo I** (p. 55-56). Durante o processo de interpretação e sistematização dos dados, a categorização de uma planta em determinado grupo por vezes me pareceu demasiado subjetivo, o que reflete a artificialidade dos sistemas etnotaxonômicos científicos. Neste sentido, baseio-me do modelo de categorias berlineanas para facilitar o entendimento dos grupos de plantas entre os Guarani, no entanto, reconheço as limitações desse modelo, fundamentado principalmente em critérios morfológicos, por não contemplar categorias de nomenclatura baseadas em critérios de uso ou por relações ecológicas das plantas. Realizo a interpretação etnotaxonômica para que se compreenda mais aprofundadamente o universo de plantas que integra a cosmologia botânica Guarani, tanto para o auxílio à criação de políticas públicas que apoiem os esforços dessas populações na conservação de seus recursos naturais, como para contribuir com o conhecimento científico e popular sobre as nomenclaturas e os usos populares de plantas.

No processo procurei construir critérios que contemplassem todas as formas de nomenclatura de plantas registradas em campo, apoiadas por aquelas apresentadas por Noelli (1993), pois este autor sintetiza as nomenclaturas apresentadas nas principais obras escritas até o fim do século XX, utilizando o registro mais antigo da nomenclatura botânica em língua

Guarani¹²⁹. A maior parte das plantas está registrada nos léxicos de Montoya, escritos no início do século XVII e na obra de Gatti (1985). Neste sentido, a citação do registro da nomenclatura Guarani mais antiga será feita da seguinte forma: **M** para Montoya (1867a, 1867b) e **G** para Gatti (1985)¹³⁰, ambos citados por Noelli (1993). Faço esta referência principalmente com o intuito de demonstrar que boa parte da nomenclatura botânica Guarani utilizada nos séculos XVI e XVII é a mesma nos dias atuais. A consulta desses autores para nomenclaturas utilizadas para mais de um grupo de plantas e a verificação das nomenclaturas com mais de um lexema auxiliou na separação das categorias berlineanas.

A listagem permite identificar a existência de correspondentes na língua Guarani para os principais grupos de plantas existentes na Mata Atlântica. Destaco que boa parte da nomenclatura utilizada para tais grupos permanece intacta ou com pequenas declinações linguísticas. É possível perceber ainda que plantas exóticas são incorporadas ao sistema de classificação, de acordo com princípios gerais que orientam o sistema de nomenclatura botânica da etnia.

a) Formas de vida

Nas categorias forma de vida procurei incluir conjuntos mais abrangentes, que podem ser utilizados para classificar grandes grupos de plantas. Considerei sete categorias de forma de vida: **amambai**, **ka'a**, **karaguata**, **pindo**, **takua**, **tchypo** e **yvyra**, estabelecidas de acordo com o hábito e as características gerais do grupo; quatro categorias classificadas de acordo como o uso (**poã**, **ka'avo**, **tchembaity**, **rembiu**); e ainda um grupo classificado de acordo com caracteres morfológicos de alguma parte da planta. Vale mencionar que as plantas incluídas nessas últimas cinco categorias, de forma geral, poderiam ser incluídas nas demais.

As primeiras sete categorias que apresento são as categorias de hábito, pois os Guarani, em linhas gerais, agrupam as plantas por esse critério. Este sistema de interpretação dos dados também encontra respaldo nas referências bibliográficas referentes a classificação de plantas pelos Guarani (Noelli, 1993).

¹²⁹ Não tive acesso à maior parte da bibliografia original relacionada à etnobotânica Guarani, pois as obras não estão facilmente disponíveis nos acervos de nossas bibliotecas, sendo que parte delas pode ser encontrada em bibliotecas do Paraguai e, talvez, em outros estados brasileiros.

¹³⁰ Para as nomenclaturas que não encontrei registro na bibliografia, não cito referência. Algumas espécies são encontradas na bibliografia com leves declinações linguísticas como **ykarati'a**, presente em Montoya (1867b), e **djakarati'y**, utilizada atualmente para caricáceas em geral.

- **amambai** (M) – utilizada para designar samambaias (Pteridophyta) terrestres em geral, origina o termo *samabaia* em português.
- **ka’a** (M) – nome utilizado para se referir a plantas herbáceas. É frequentemente utilizado para plantas nomeadas por caracteres ecológicos como **djatei ka’a** (G) - erva-de-jataí - ou **uru’vu**¹³¹ **ka’a** (M) - erva-de-urubu. O lexema **ka’a** também possa ser considerado um etnogênero, de cuja planta tipo¹³² é a erva-mate (*Ilex paraguariensis*), também nomeada **ka’a hogue**.
- **karaguata** (M) – Bromeliaceae. Existe grande número de etnoespécies registradas na bibliografia, dando origem ao nome popular utilizado para algumas bromélias.
- **pindo** (M) –palmeiras (Arecaceae). Incluí esta categoria de plantas como forma de vida diferente de **yvyra** (árvore), porque muitas vezes se distingue um **pindo** de um **yvyra**. É um grupo que possui centralidade na cosmologia e no cotidiano Guarani, sendo o **pindo ete** (jerivá) a espécie que nomeia o grupo. O lexema **pindo** muitas vezes não é utilizado para se referir as etnoespécies de **pindo** como o **djedjy** (palmito-jussara) e o **mbokadja** (tucum). Algumas vezes os sufixos recebem complementos como **djedjy ete** (palmito-jussara)/**djurua djedjy** (palmeira-real), ou **mbokadja miri/mbokadja guatchu**; sendo este mais um motivo para inclusão do *taxa pindo* na categoria de forma de vida.
- **takua** (M) – utilizada para designar bambuseas em geral, além de alguns outros grupos que apresentem semelhança morfológica com a estrutura caulinar de nós e entre-nós apresentada pelas bambuseas. As taquaras são amplamente manejadas no cotidiano da comunidade, sendo utilizadas na fabricação de cestaria, construções variadas, utensílios domésticos, instrumentos musicais utilizados nas cerimônias. Trata-se de importante elemento simbólico na cosmologia religiosa Guarani.
- **tchypo** (M) – originou na língua portuguesa o termo *cipó*, sendo utilizado para lianas em geral. É uma categoria taxonômica que serve também como

¹³¹ A palavra **uru’vu** significa urubu ou corvo, sendo que a palavra **uru’vu tchĩ** é utilizada para o corvo-branco, sendo possivelmente esta a origem do nome do município de Urubici/SC, localizado na Serra do Corvo-branco.

¹³² Utilizo o termo tipo para me referir ao grupo tipológico que orienta a denominação de cada categoria lingüística de nomenclatura.

etnogênero de diversas espécies, sendo considerada uma forma de vida pelo fato de outros grupos denominados por outros critérios, como uso e morfologia, serem considerados tipos de cipós.

- **yvyra** (M) – categoria utilizada para denominar as árvores, sendo uma palavra também utilizada para dizer madeira. É provavelmente a categoria com maior número de grupos.

Existem mais quatro grupos dos sistemas de nomenclatura que merecem ganhar espaço próprio: as de uso medicinal e religioso, e as classificadas por relações ecológicas ou pela morfologia da planta. As plantas incluídas nessas categorias normalmente são abarcadas também nas outras, relacionadas ao hábito da planta, no entanto, são nomeadas de acordo com critérios distintos.

- **poã** (M) – utilizadas para remédios. É um lexema terminal, sendo que muitas vezes o nome da planta vem acompanhado do nome da doença ou da parte do corpo tratada com ela. É uma expressão utilizada também para se referir a certas plantas sagradas.
- **ka’avo** (M) – se refere a plantas utilizadas em simpatias, magias e feitiços. É utilizado para as plantas utilizadas para feitiços “bons”, **ka’avo tyrey** (M). As demais espécies utilizadas como **ka’avo** possuem nomenclaturas próprias de acordo com outras características, sendo que ainda assim integram a categoria de **ka’avo**. Por esta especificidade de classificação que inclui arbóreas e herbáceas é que elenquei esta categoria separadamente de **ka’a**;
- **rembiu** (M)– palavra que significa comida. Utilizada para denominar plantas de acordo com hábitos alimentares de animais que se utilizam delas. Em geral são plantas manejadas, mantidas na roça e de importante significado ecológico, sendo que muitas vezes sua manutenção nos espaços variados da aldeia foi apontada com objetivo de alimentação da fauna silvestre. Algumas dessas plantas possuem mais de uma nomenclatura, geralmente se remetendo a categorias de hábito.

- **tchembaity**¹³³ (M) – utilizado para as plantas cultivadas na roça, associadas àquelas que necessitam de rezos e cerimônias para o cultivo. Todos os etnogêneros desta categoria possuem grande quantidade de etnovariedades registradas ao longo da história por diversos autores.

Há plantas denominadas por critérios morfológicos de determinadas estruturas, principalmente de acordo com as características e propriedades da folha (**hogue**) ou da flor (**ipoty**). São nomenclaturas que servem para denominar grupos bastante heterogêneos de plantas como ervas, árvores, arbustos, epífitas, plantas exóticas cultivadas, sendo um importante elemento na nomenclatura botânica Guarani. Existem ainda plantas denominadas por analogia a animais, como por exemplo: **djakare ruguai** – rabo-de-jacaré – ou **djagua pinda** (G) – anzol-de-cachorro.

b) Etnogêneros

Neste item apresento dados gerais sobre os etnogêneros identificados em campo, comparados àqueles existentes na bibliografia e teço comentários sobre alguns deles. Apresento esta listagem organizada pelas categorias de forma de vida. Aquelas em que o etnogênero integra mais de uma categoria aparecem mais de uma vez.

- amambai

amambai takau – três etnoespécies identificadas, sendo que para uma delas foi utilizado o nome avenca em português;

karaguara – planta com uso bastante específico. Pode existir mais de uma etnoespécie utilizada com a mesma finalidade;

piru piru ĩ – grupo aparentemente monotípico¹³⁴.

- ka'a

¹³³ Esta categoria de planta corresponde à **temity**, mencionado por Noelli (1993) e registrada por Montoya (1867b). No entanto, embora o nome **temity** seja reconhecido em M'biguaçu, a expressão considerada correta para referir a tal grupo foi **tchembaity**.

¹³⁴ Refiro-me aos grupos monotípicos como aqueles nos quais foi encontrada somente uma planta correspondente ao grupo nomeado pelo lexema em questão.

ka'a (M) – expressão utilizada para se referir as plantas do gênero *Ilex*. Foram identificadas cinco etnoespécies, sendo que duas plantas consideradas diferentes receberam o nome **ka'a rã** (G);

ka'api'i (M) – expressão utilizada para gramíneas herbáceas em geral, é a origem do termo *capim* na língua portuguesa. A planta tipo deste grupo é o sapé. Destaco a planta chamada **ka'api'i'a** (lágrima-de-nossa-senhora), espécie asiática amplamente utilizada e considerada uma “planta companheira” dos Guarani, sendo que algumas vezes a sua existência é considerada por eles sinal de ocupações pretéritas (Darella *et al.*, 2008).

arao – planta com uso específico, provavelmente grupo monotípico;

avokudja – termo apontado para nomear algumas Amaranthaceae;

djaorandi – termo utilizado em geral para nomear plantas da família Piperaceae, inclusive aquelas de porte arbóreo. Foram identificadas duas etnoespécies em campo, no entanto, foi apontada a existência de outras;

iaui – termo para denominar diversas Melastomataceae rasteiras, cujos frutos são utilizados para preparação de pigmento roxo;

ka'arë (G) – grupo monotípico amplamente utilizado;

ka'atingy – utilizado para algumas Solanaceae ruderais de porte herbáceo/arbustivo, como o fumo-bravo e a jurubeba.

komanda rã – planta ruderal herbácea classificada como feijão, entretanto não se trata de uma planta da família das leguminosas;

natchiorã – grupo monotípico;

nherumi – é um importante etnogênero de espécies arbustivo/arbóreas, sendo também utilizado para o alecrim, uma espécie exótica;

pegua (M) – utilizado para família Heliconiaceae. É um grupo de referência utilizado para denominar outras plantas, inclusive exóticas, em especial as Zingiberaceae;

pety (M) – é o nome dado ao tabaco. É utilizado como etnogênero para denominar outros grupos de plantas, principalmente as utilizadas como fumígenas ou defumadoras;

pipi – é uma categoria de planta central no uso médico e religioso Guarani. A planta que nomeia o grupo é o guiné (*Petiveria alliacea*);

tcherai – utilizado para um grupo específico de asteráceas herbáceas apreciadas na alimentação dos antigos;

typytcha – grupo monotípico;

yvarã – grupo monotípico;

djatei ka'a (G)/**yravidju**¹³⁵ **ka'a** – significa erva de abelha. Grupo monotípico;

akaë ka'a – significa erva da gralha-azul. Grupo monotípico;

uruvu ka'a – significa erva de urubu ou erva de corvo. Utilizado para mais de uma espécie de plantas assemelhadas;

tedju ruguai – significa rabo de lagarto, utilizado para a carqueja (*Baccharis trimera*);

uru py – significa pata de galinha. Utilizado para nomear algumas melastomataceas. A espécie-tipo apontada é *Tibouchina urvilleana*;

ipoty – a maior parte das plantas que são denominadas de acordo com a flor, são pequenas herbáceas. No entanto este etnogênero também é utilizado para árvores e arbustos;

hogue – utilizada para denominar árvores, arbustos e ervas;

koaratchy poã – significa remédio para as costas, classificada pelo uso;

pikãrãtchĩ poã – significa remédio para os rins, classificada pelo uso;

ka'a vo tyrey (M) – a maioria das plantas classificada como **ka'avo** é de hábito herbáceo;

kauë ka'a – expressão de difícil tradução, sendo classificada pelo uso religioso;

- karaguata

karaguata – único etnogênero identificado, utilizado para denominar bromélias de um modo geral.

- pindo

pindo – a espécie que denomina o grupo é o **pindo ete**¹³⁶ (**ete** = verdadeiro). O etnogênero é utilizado obrigatoriamente para o **pindo andai** (*Attalea dubia*) e para o **pindo ro/pindo'i** (*Geonoma* sp.);

djatai (M) – utilizado para designar plantas do gênero *Butia*;

djedjy – nomeia palmiteiros em geral, sendo o palmito-jussara (*Euterpe edulis*) a espécie-tipo.

mbokadja – utilizado para os tucuns, plantas do gênero *Bactris*.

¹³⁵ Não consegui de meus interlocutores, nem encontrei na bibliografia o significado de **yravidju**.

¹³⁶ Darella (1999:12) aponta a grande importância mitológica e relação cósmica e sagrada entre os Guarani e o **pindo**, apontando que elas “significam a encarnação da origem da terra no mito de criação”. Esta planta é geralmente conservada em roças e quintais, por ser entendida como a principal responsável pela recuperação da vegetação após a utilização da terra para agricultura, possuindo forte efeito nucleador nas áreas que ocupa. Ainda de acordo com Darella (1999:13) a planta “simboliza a própria renovação, a regeneração do mito da criação”.

- takua

takua – etnogênero utilizado para quase todas as plantas dessa categoria, com oito etnoespécies verificadas em campo;

akara – utilizado para um tipo específico de taquara;

takuarë'ë – utilizado para canas doces cultivadas para alimentação;

takuarembo (M) – utilizado para taquaras finas, possivelmente monotípico;

takuarutchu (M) – utilizado para taquaras grandes, possivelmente monotípico.

- tchembaity

andai – grupo das etnoespécies de abóboras;

avatchi (M) – nome dado ao milho, planta de cujo cultivo orienta o calendário e a ordenação entre os mundos, sendo possivelmente o grupo central de toda a cosmologia botânica Guarani. Existe grande quantidade de nomenclaturas de etnoespécies e etnovarietades registrada na bibliografia;

djety – utilizado para batatas em geral, sendo o grupo nomeado pela batata-doce;

komanda – etnogênero dos feijões comestíveis em geral;

mandio – etnogênero da mandioca, que além de cultivada na roça, pode algumas vezes ser mantida por vários anos em bordas de trilhas ou quintais;

manduvi – etnogênero das variedades de amendoim;

mero – melão;

nhua – arroz-sequeiro. Esteé a único etnogênero cultivado;

pakoa – etnogênero das bananeiras e musáceas em geral;

petÿ (M) – tabaco. Planta cotidianamente utilizada, sendo um dos próprios eixos da espiritualidade guarani. Existem variedades cultivadas na roça e outras que germinam espontâneamente nos arredores da **opy**;

tchandjau – grupo das melancias, importante alimento utilizado principalmente após as cerimônias religiosas;

yakua – etnogênero das diferentes variedades de cabaças e porongos cultivados;

- tchypo

tchypo (M) – utilizado como etnogênero para um grande número de plantas, com sete etnoespécies verificadas em campo;

djagua pinda (G) – anzol de cachorro;

guembe (M)– expressão utilizada para denominar Araliaceae em geral. É um dos grupos mais importantes utilizado para amarrações diversas, principalmente na construção das habitações e casas cerimoniais;

tchimbo’y (G) – utilizado para alguns ictiocidas;

pë’êngue poã – significava remédio “quebrado”, sendo classificado pela forma e pelo uso;

tapiti nhambi – significa orelha de coelho, sendo classificado pela forma da folha;

guatchu pytcha – significa pata de veado, utilizado para trepadeira *Bauhinia* sp.;

mboy pyta’i – significa “colar de continhas vermelhas”, sendo classificado pelo uso;

- yvyra

adjuy (M) – utilizado para nomear as canelas, gêneros *Ocotea* e *Nectandra*, havendo registro de diversas etnoespécies referentes às Lauraceae;

aguai (M) – utilizado para plantas do gênero *Chrysophyllum*, existindo mais de uma planta tipo e várias etnoespécies. A espécie verificada em campo foi o *Chrysophyllum gonocarpum*, típica da floresta estacional;

ambay (M) – é um gênero importante na medicina tradicional e, possivelmente deu o nome popular às embaúbas (**ambay guatchu**). Em campo, foi verificado o uso também para o cidrão (**ambay miri**; *Hedyosmum brasiliensis*) e para o mamoneiro (**ambay**; *Ricinus communis*). **Ambay** é espécie exótica, enquadrada no sistema etnotaxonômico guarani como aparentada à embaúba, fazendo com que o nome desta declinasse para **ambay guatchu** (**guatchu** = grande);

aratcha (M) – utilizada para plantas do gênero *Psidium*, como goiabeiras, araçazeiros e suas variedades silvestres;

aratchiku (M) – utilizado para a família Annonaceae, principalmente para os gêneros *Annona* e *Rollinia*. Também utilizado para anonáceas exóticas como a fruta do conde cultivada (*Annona squamosa*);

djarakati’y (M) – utilizado para Caricaceae em geral, sendo seus frutos considerados nutracêuticos. O grupo foi dividido entre os mamoeiros silvestres (**djaracati’y ka’aguy**) e os cultivados (**djaracati’y oka**). O mamoeiro cultivado (*Carica papaya*) foi apontado como uma planta que o **djurua** acostumou a viver “no limpo” (**oka**);

djegua (M) – etnogênero do urucum. É uma planta de origem amazônica cujo cultivo e o uso como pigmento entre os Guarani nos séculos XVI e XVII estão apontados nas obras de Montoya;

djepiro (G) – **yvyra djepiro** significa “árvore que troca de casca”. Inicialmente percebi que foi utilizada para referir a Myrtaceae em geral, no entanto, no transcurso das interlocuções percebi que algumas espécies de Myrtaceae não eram incluídas neste grupo, enquanto que plantas de outras famílias o eram. Não pude identificar planta tipo para esta categoria, no entanto, Gatti (1985:152 *apud* Noelli, 1993) utiliza este termo para *Eugenia uruguayensis*. Trata-se de um grupo de particular importância na botânica Guarani, certamente relacionada à grande diversidade e quantidade de mirtáceas existentes no território de ocupação tradicional, ao alto valor nutracêutico¹³⁷ de seus frutos, além da qualidade da madeira e a beleza das árvores;

guadjauë – foi identificada somente uma etnoespécie sem, no entanto, poder inferir sobre um grupo denominado por este etnogênero;

guadjyui – palavra que originou o termo guajuvia (*Patagonula americana*). Espécie bastante freqüente na floresta estacional, porém de ocorrência em algumas áreas das florestas costeiras¹³⁸;

guapo’y (M) – utilizado para figueiras em geral, com muitas etnoespécies registradas na bibliografia. A espécie-tipo apontada em campo foi *Ficus guaranitica*;

guavidju – etnogênero cuja planta apontada como tipo foi chamada também **kapote**, sendo possivelmente o sete-capote (*Britoa guazumifolia*). Além dessa, foram apontadas pelo menos duas etnoespécies inexistentes na área;

guavira (M) – possivelmente o maior etnogênero de Myrtaceae, abrange principalmente plantas dos gêneros *Campomanesia* e *Eugenia*. Vale mencionar ainda que a pitanga (*Eugenia uniflora*), chamada algumas vezes de **guavira pyta’i** (**pyta** = vermelho; **i** = pequeno) possui uma nomenclatura de uso (**nhengue pire**) registrada na obra de Montoya. Este nome remete ao seu uso por pessoas com diarreia, receita amplamente utilizada na medicina caseira (Lorenzi e Matos, 2002);

hogue – plantas classificadas de acordo com a folha. Destaco a etnoespécie **hogue guatchu**, utilizada para nomear o pau-de-macuco (*Bathysa australis*) e a amendoreira-da-praia

¹³⁷ “Os nutracêuticos são alimentos ou parte dos alimentos que apresentam benefícios à saúde, incluindo a prevenção e/ou tratamento de doenças” (Moraes e Colla, 2006).

¹³⁸ Mais adiante faço um breve relato sobre a rota migratória de alguns grupos da floresta estacional para a floresta ombrófila densa.

(*Terminalia catappa*), espécie exótica; e **hogue piriri**, utilizado para nomear as Cupressaceae (ciprestres), amplamente utilizadas como defumadores nas curas xamânicas;

ipoty – utilizado apenas para uma espécie arbórea cultivada de vistosas flores vermelhas. A espécie não pode ser coletada ou identificada em campo;

itchongy – denominação para o açoita-cavalo, sendo apontadas duas espécies do gênero *Luehea*. Trata-se de uma espécie cujas mudas a comunidade tem insistentemente tentado conseguir, objetivando o povoamento da região;

ka'a vo tyrey (M) – algumas plantas classificadas como **ka'avo** são de hábito arbóreo, podem também receber outro tipo de nomenclatura;

kadjarana (M) – etnogênero monotípico da *Cabrlea canjerana*;

kourupa'y (M) – é provavelmente a origem do nome do município de Corupá/SC, sendo o etnogênero utilizado para mimosoideas dos gêneros *Piptadaenia*, *Parapiptadaenia* e *Anadenanthera*. A espécie-tipo apontada foi o pau-jacaré (*Piptadaenia gonoacantha*).

Menciono que **kourupa'y pyta** (*Parapiptadaenia rigida*) é apontada como uma das espécies importantes inexistentes na TI;

kuri'y (M) – Se refere a *Araucaria angustifolia*, uma árvore que remete aos antepassados. Sua existência está associada a um grande universo de elementos simbólicos da cultura guarani, sendo um importante referencial cosmológico do grupo. É a provável origem do nome do município de Curitiba/PR;

kurupika'y (M) – etnogênero utilizado para diversas espécies do gênero *Sapium*, amplamente utilizadas para confecção de artefatos e artesanatos. É uma espécie bastante escassa e inexistente na TI M'biguaçu. A espécie-tipo encontrada na bibliografia para este grupo é o pau-leiteiro, *Sapium glandulatum*. Algumas vezes a *Erythrina falcata* também é incluída nesta categoria, sendo substituta para a fabricação dos bichinhos de madeira;

mandio (M) – etnogênero da mandioca, sendo que existe uma espécie arbórea silvestre amplamente utilizada, o **mandio rã** (*Schefflera morototoni*);

manduvi – é o gênero do amendoim, sendo utilizado para nomear uma etnoespécie arbórea (**manduvi dju guatchu**) não identificada;

mbaguatchu – não pode ser coletada ou identificada em campo, no entanto, meus interlocutores afirmaram se tratar da planta conhecida popularmente como baguaçu (*Talauma ovata*);

narã – utilizado para plantas do gênero *Citrus* em geral (limão, laranja e tangerina), gênero exótico, porém amplamente cultivado nas aldeias guarani. Existem várias etnoespécies do

grupo;

nhambi kue – é o etnogênero da nêspera (*Eriobotrya japonica*) classificada pela forma da gema apical, que se assemelha ao lóbulo da orelha. Além da forma, é rotulada pelo uso, pois é utilizada contra dor de ouvido;

nhande tay – provavelmente grupo monotípico correspondente à cancorosa (*Jodina rhombifolia*);

nherumi – importante etnogênero da etnotaxonomia Guarani. Corresponde a plantas de diferentes estágios da sucessão como as vassoura-brancas do gênero *Bacharis* (**nherumi miri**) e o jacatirão-açu (*Miconia cinnamomifolia*; **nherumi guatchu**). A planta tipo do grupo é a *Trema micrantha*;

pakuri – grupo monotípico do bacupari (*Garcinia gardneriana*);

para para'y – etnogênero monotípico de Bignoniaceae utilizadas como medicamento;

petu – etnogênero do abacate (*Persea americana*). Não pude identificar mais plantas desse grupo, mas é possível existirem outras desse etnogênero;

pipi – é uma categoria de planta central na medicina tradicional. É o etnogênero da leiteira (*Tabernaemontana catharinensis*);

pyno (M) – grupo monotípico correspondente a *Urera baccifera*. É a principal fibra utilizada pelos antigos para a fabricação de roupas com teares manuais;

tadjy (M) – etnogênero das Bignoniaceae em geral;

tamongue – grupo provavelmente monotípico que corresponde ao maricá (*Mimosa bimucronata*), sendo classificada quanto ao uso;

tarumã (M) – importante etnogênero monotípico que nomeia popularmente a espécie até os dias atuais;

tchapy'y – possivelmente grupo monotípico. Não identificada em campo;

tchantchin (M) – etnogênero das Pteridophyta arbóreas em geral;

tchimbo'y (M) – etnogênero utilizado para ictiotóxicos de hábito arbóreos ou trepadeiras;

tembiadja – etnogênero das Rosaceae comestíveis em geral (amoras). Utilizado também para o tanheiro (*Alchornea* sp.);

tukã retcha – referente ao gênero *Psychotria*, com várias etnoespécies;

tyvy reta – grupo monotípico correspondente a *Coccoloba cordata*;

vaka pytcha – significa pata de vaca. Utilizado para plantas arbóreas do gênero *Bauhinia*.

yakã ra – grupo monotípico do pau-de-cigarra (*Senna multijuga*);

yary¹³⁹ (M) – grupo monotípico de central significado simbólico-cosmológico e religioso.

Correponde ao cedro-rosa (*Cedrela fissilis*);

yvaro – corresponde ao gênero *Drymis* (casca-d’anta). É uma planta que ocorre em altitudes mais elevadas, integrando o arcabouço medicinal guarani. Esta é uma planta ocasionalmente coletada em visitas a regiões onde ela ocorre;

yryvadja rembiu – significa comida de tiribas. Grupo da aroeira (*Schinus terebinthifolius*).

yvapuru (M) – etnogênero da jabuticaba (*Myrciaria cauliflora*), de importante significado cosmológico, remetendo à memória dos antepassados (Darella *et al.*, 2008). Existem diferentes etnoespécies registradas na bibliografia;

yvaro – utilizado para um grupo específico de *Ficus*;

yvata’y (M) – nomeia os camboatás em geral (Sapindaceae). Grupo amplamente utilizado;

yvyipay – nome utilizado para árvores de resina de copal ou copaíba. A espécie que ocorre na região é *Copaifera trapezifolia*;

yvyra (M) – o maior dos etnogêneros, com 14 etnoespécies verificadas em campo e mais uma ampla lista registrada na bibliografia. Alguns grupos merecem destaque, como **yvyra pëpë** (M) e **yvyra hapodju**, amplamente prestigiadas pela comunidade;

¹³⁹ Cadogan (1970) menciona que o **yary** é a árvore que “faz fluir a palavra (=reencarnar), aos que sabem escutar”, atribuindo o caráter de árvore sagrada representada como contenedora do “fluido vital” das almas. É considerada uma árvore criada pelos deuses da primeira terra (**Yvy Tenonde**), sendo utilizada nas cerimônias de denominação das crianças e sepultamentos, além uma série de outros usos.

Capítulo IV. ARA REKO – O ESPAÇO-TEMPO GUARANI

Neste capítulo apresento os dados referentes ao etnozoneamento da área de estudo, representando a área de uso da comunidade com mapas etnográficos que indicam também a perspectiva de uso futuro da área. Incluo entrevista efetivada com o cacique Hyral Moreira sobre sua percepção da área e do processo histórico de constituição da Terra Indígena M'biguaçu. Na parte final, discuto a sobreposição de espécies botânicas entre os diferentes domínios florestais catarinenses, inferindo sobre a possibilidade de que o sistema agroflorestal Guarani tenha contribuído para estabelecer as características das florestas subtropicais da América do Sul.

4.1 Etnozoneamento: reconhecimento e representação da área

O etnozoneamento está diretamente imbricado ao modo de uso e ocupação do espaço. Para compreender as interações entre as plantas manejadas e a área de uso da comunidade foram interligados dados referentes à classificação do ambiente físico e à região onde a comunidade está inserida. Apresento aqui a nomenclatura e as noções gerais que orientam a denominação dos diferentes ambientes existentes no local.

Foram indicadas cinco categorias êmicas de zoneamento: **tchero guedjy**, **yvy yvate'i**, **yvy yvate/yvy'ã**, **tchyro pyte** e **y'yakã raimbe djai**. A região de baixada que se estende até o mar, ocupada pela maior roça coletiva é chamada de **tchero guedjy**. Este termo está diretamente relacionado ao modo de ocupação em sua própria composição semântica. **Tchero** pode ser traduzido como minha casa (**tche'e** = eu; **ro'o** = casa) e **guedjy** está associado ao verbo descer ou estar embaixo. Neste sentido, a nomenclatura da área de baixada está associada com a habitação, embora seja ocupada somente por três casas, dando-se prioridade ao uso da área para plantio. Nesta área de baixada há uma pequena elevação com cerca de 50m de altitude também utilizada para a roça de subsistência e uma diminuta extensão para cultivo de banana e palmeira-real. Esta pequena elevação foi chamada de **yvy yvate'i**, expressão que, de forma geral, significa “morrinho” (**yvy** = terra; **yvate** = alta; **i** = pequeno). Ainda com relação às elevações, a encosta situada na face oeste da aldeia, que atinge cerca de 300m de altitude, foi denominada de **yvy yvate** ou **yvy'ã**. Destaco nesta

categoria o uso do sufixo **ã**, que em algumas circunstâncias pode ser traduzido como sombra. Neste caso, representa uma possível relação ao sombreamento constante da Floresta Ombrófila Densa da encosta atlântica. Esta área é prioritariamente utilizada para coleta dos recursos florestais, sendo utilizadas para cultivo somente duas pequenas áreas planas, que já se encontravam parcialmente desmatadas, que são utilizadas para a roça didática da escola e o cultivo agroecológico de banana. A área utilizada para captação de recursos extrapola significativamente os limites da área demarcada, principalmente pelo fato das áreas mais baixas serem capoeirões relativamente recentes (em torno de 25 e 30 anos), que passaram por extrativismo predatório e corte seletivo antes da criação da aldeia. A presença dos não-indígenas na área é impedida e denunciada pela comunidade desde a formalização do processo demarcatório. Por esse motivo, parte dos recursos florestais somente pode ser coletada nas áreas mais altas do morro, chamadas **tchyro pyte**, sendo que o termo faz referência ao centro de algo. Analisando o relevo da região, observa-se que o topo do morro (cerca de 400m de altitude) é efetivamente o centro da região montanhosa indicada pela comunidade como sua área de uso. Esta área raramente é acessada, sendo utilizada somente para a coleta de recursos existentes exclusivamente nela. Entre os projetos da comunidade para a área está a construção de uma nova casa de rezas que possa abrigar grandes cerimônias e reuniões dos **karaikueri**. Esta região está próxima à nascente de um rio, sendo os corpos hídricos uma constante referência ambiental utilizada para reconhecer o território. Complementando as categorias de zoneamento estão as matas das beiras dos rios, que integram a área de coleta pela ocorrência exclusiva de algumas plantas, sendo chamadas **y'yakã raimbe djai** (**yakã** = rio; **raimbe** = relativo a cortar; **djai** = mato).

No mapa mental confeccionado na oficina, ocorrida em 19 de dezembro de 2008 (apresentado na **figura 18**), foi representada detalhadamente a distribuição da ocupação física na área de domínio da aldeia. Como referencial geográfico relativo aos limites foram apontadas as diferentes nascentes de água existentes na região, sendo realçada a preocupação com o fato da principal nascente utilizada para o abastecimento da comunidade se localizar fora dos limites da terra indígena. Na representação gráfica foram incluídos, além dos cursos hídricos, animais e plantas existentes dentro e fora dos limites. Com relação aos itens existentes no interior da TI, boa parte foi facilmente representada pelo nome ou pelo desenho, no entanto, os itens existentes somente fora dos limites encontraram resistência para serem

representados. As pessoas que participaram da oficina afirmavam que muitas coisas estavam fora, que era mais fácil dizer que “*Tudo está fora!*”.

No mapa podemos observar asteriscos azuis que representam quatro nascentes d’água existentes no interior da TI. Pode-se afirmar que os rios foram os principais referenciais geográficos utilizados pelos indígenas para se orientar nas representações e interpretações dos mapas. As casas e demais edificações foram desenhadas uma a uma, com a elaboração de uma lista dos moradores. Na representação dos recursos existentes, foi apontada também grande variedade animais silvestres fora da área demarcada. Em toda a oficina de confecção deste mapa evidenciou-se a percepção da comunidade de que a maior parte dos recursos necessários encontram-se fora da área demarcada.

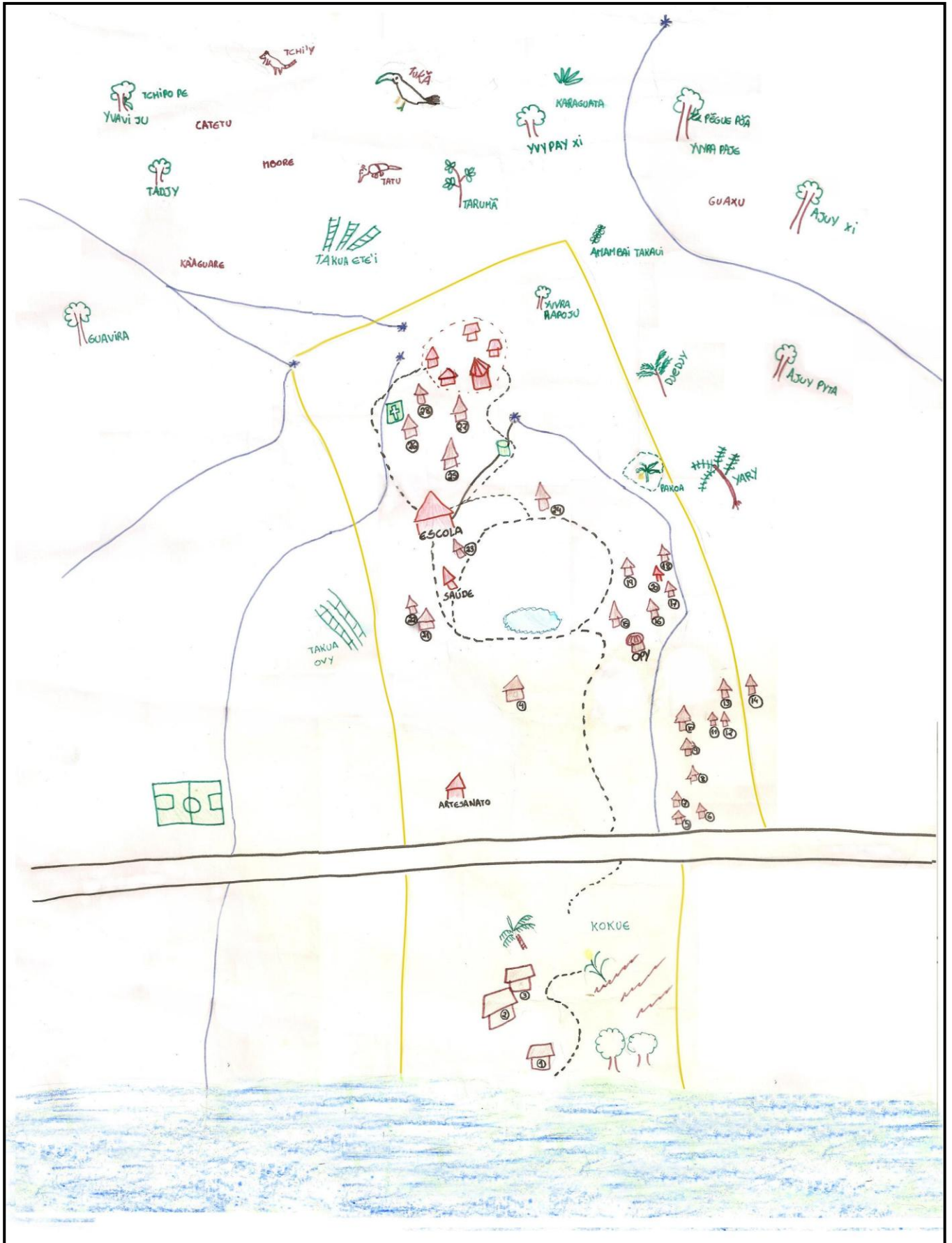


Figura 18 – Mapa mental confeccionado em oficina realizada em dezembro de 2008, apontando recursos florestais existentes dentro e fora dos limites da TI M'biguaçu.

4.2 Ka'aguy rupa

Ao longo de todo trabalho de campo busquei interpretar toda a área entendida pela comunidade como fundamental para manutenção do modo de vida tradicional, bem como as noções que orientam esta percepção. Logo quando da proposição do projeto ao cacique, este afirmou possuir um mapa confeccionado em uma oficina realizada em 1996. Este mapa apresenta uma imagem georreferenciada da aérea impressa em folha tamanho A1, estando nela apontados os limites da área de uso da comunidade, bem como uma pequena lista de recursos florestais não encontrados dentro dos limites atuais. Este mapa foi interessante no sentido de reavivar esta área na memória das lideranças, servindo como ferramenta de comparação da evolução temporal na degradação ambiental de áreas consideradas em risco, como por exemplo, uma pedreira na face norte do morro. Preocupada com a conservação ambiental em seus domínios, a comunidade indígenas vem enviando à FUNAI solicitações formais da revisão de limites desde 2004. Uma cópia da primeira das cartas encaminhadas pode ser encontrada no **Anexo 2**.

As informações contidas sobre a base cartográfica foram obtidas na oficina realizada no dia 19 de dezembro de 2009 e foram editadas em meio digital (**figura 19**). Para a expressão do planejamento de ocupação futura de novas áreas foram criados ícones que representam os usos das áreas assinaladas no mapa (moradia, roça, caça, **opy**). É importante salientar que o delineamento foi feito neste mapa de forma aproximada, para se construir uma representação que indicasse somente áreas de mata para a TI, evitando áreas de proprietários não-indígenas que contenham construções, pastagens, plantações ou outras benfeitorias. O único trecho que não obedece estes critérios é aquela onde está instalada a pedreira, pois a comunidade entende que esta atividade não deveria ser realizada no local.



Figura 19 – Mapa etnográfico sobre base cartográfica realizado na oficina em dezembro de 2008, indicando a perspectiva de futura da área de uso da TI M'biguaçu.

A área apontada na imagem de satélite revela que a reivindicação da comunidade diz respeito ao complexo ecossistêmico no qual está inserida. Neste sentido, a área apontada corresponde não somente aos ambientes acessados para a coleta de recursos florestais, mas também aqueles considerados sagrados (**ka'aguy poruey**), reservados para preservação dos recursos. Os ícones apontam para três novas áreas de roça que permitiriam a rotatividade das áreas cultivadas, aproximando as possibilidades de subsistência atuais às práticas tradicionais e imemoriais de rotatividade e manejo da paisagem em maior escala. Podemos observar ainda dois novos locais que poderão ser utilizados para a moradia de algumas famílias que desejem viver um pouco mais afastadas da sociedade englobante. Além disso, esta seria uma estratégia de ocupação da área para evitar a invasão de não-indígenas para retirada de recursos. No outro local apontado para moradia, na porção nordeste da área, vislumbra-se a possibilidade de no futuro transferir a sede aldeia para o local. A área próxima ao topo do morro foi apontada como uma região de reserva de fauna, com a presença de grande quantidade de animais silvestres apreciados para a caça. É nessa região, nas proximidades de uma cachoeira, onde se planeja a construção da nova **opy**. Segundo meus interlocutores, existem quatro grandes cachoeiras na região, visitadas algumas vezes com fins específicos e utilizadas como referencial espacial da região. As áreas próximas a estas cachoeiras são uma importante fonte de remédios e compostos medicinais (como banha de animais silvestres [**ykyraque**] e mel de abelhas nativas [**ei**]), lazer, alimentos e outros recursos como os três tipos de argila (**nheum pyta**, **nheum tchĩ** e **nheum un**) necessários para a fabricação de certos artefatos, como panelas, copos, adornos e, principalmente, **petÿgua**. Dados referentes aos recursos existentes na área de uso da TI M'biguaçu podem ser encontrados ainda no levantamento realizado por Ladeira e Matta (2004), apresentado na **figura 20**.

Ainda em relação aos esforços da comunidade pela garantia de seus direitos territoriais, apresento a seguir a entrevista realizada com o cacique Hyral Moreira. Nela, faz-se menção ao histórico de luta da comunidade pela área, o seu entendimento em relação ao processo demarcatório e, de certa forma, colonizatório, bem como sobre as particularidades da visão de mundo guarani e sua relação com as matas. As palavras da liderança indicam sua postura consciente do contexto político, histórico, social e ambiental da comunidade, da região sul do Brasil, bem como o do posicionamento de sua etnia diante dessa conjuntura.



Figura 20 – Mapa indicando os recursos florestais existentes na área de uso da TI M'biguaçu (Ladeira e Matta, 2004:49).

Entrevista com Hyral Karai Ryapu Moreira, concedida em 17.12.2008, na escola indígena da TI M'biguaçu

DIOGO: Conte-me a história de sua família nesta área, nesta região.

HYRAL: Como vou te contar esta história? Bom, nossa família já vivia no litoral. Nós viemos do Morro dos Cavalos. O vô sempre viveu por perto litoral, nós somos do litoral. Ele já conhecia esta área, já tinha morado aqui por perto. Aí resolvemos vir morar aqui. Nossos antepassados já viveram nesta área, talvez seja até por isso que viemos morar aqui.

D: E como foi o processo de demarcação?

H: O processo começou em 96 e terminou 2003, foram quase dez anos para a terra ser demarcada. Foram demarcados 59 hectares. É uma área muito pequena para 30 famílias como é hoje. Nós ocupamos 15 hectares, o que sobra é muito pouco, mesmo porque a maior parte do que sobra é APP, então nem que a gente quisesse não dava pra usar, porque precisamos preservar o mato. Praticamente tudo o que a gente precisa ficou fora. Taquara, madeira, remédios, remédios naturais mesmo, tudo.

D: Aqui tem uma carta da comunidade reivindicando a ampliação da área que foi feita em 2004, praticamente um ano depois da demarcação. Porque isso aconteceu?

H: Quando foi feita a demarcação a gente não sabia o que era demarcação, a gente só queria um lugar pra gente morar sossegado, sem fica

se incomodando. O órgão que deveria nos orientar sobre o que era a demarcação não nos orientou, que era a FUNAI. Daí eles fizeram do jeito que eles acharam que tinha que ser, a gente não sabia o que era a demarcação e eles demarcaram 59 ha. Como eu já falei, tudo o que a gente precisa está fora, madeira, taquara, os remédios que a gente precisa. Esse rio aqui por exemplo (apontando o mapa elaborado de 1996), ele é muito importante para nós por vários motivos, a gente pesca há muitos anos neste rio. Acho que chama rio Cachoeira. Ele é uma importante fonte de recursos pra comunidade, porque pra gente é importante pescar. Porque ele foi colocado fora? Na minha opinião, o limite devia vir até no rio. Tudo que a gente precisa está fora da aldeia. A gente precisa desses recursos, a gente precisa desta terra, a gente não quer a terra para ganhar dinheiro, a gente não quer a propriedade de ninguém.

D: Precisam para plantar?

H: Para plantar não, porque o que a gente planta é muito pouco. Um pouco de milho e de feijão, só o suficiente, como se diz, né? A gente precisa do mato mesmo. Não queremos a terra para enriquecer, só para viver. Neste mapa aqui está mostrando que nós só queremos o mato mesmo.

D: Algumas famílias querem ir morar mais longe?

H: Pode ter algumas pessoas que são mais tradicionalistas, como vocês chamam, e querem morar mais longe, mas o centro da aldeia vai continuar sendo aqui. Aqui está a escola, as crianças vão pra escola. Mas deve ter algumas famílias que vão querer morar mais longe, sem o barulho da BR.

D: Existem muitas bibliografias que falam da rotatividade do povo Guarani dentro do território. Nesta área seria possível vocês viverem esta tradição?

H: Nossa tradição é essa, mas hoje a gente vive ela de outra forma. Hoje as pessoas mudam de aldeia. A pessoa nasce em uma aldeia, depois muda pra outra e assim vai. Ela vai para onde estão os parentes, de uma aldeia para outra. Mas de certo tem alguns mais tradicionalistas que vão querer morar mais afastados do djurua.

D: Vocês tem planos para ocupar esta área se ela for demarcada?

H: Assim pra morar mesmo eu acho que não, tem só um lugar específico, mais ou menos aqui assim (apontando o mapa), perto de uma cachoeira, que queremos construir uma casa de rezas.

D: E porque foi escolhido este lugar?

H: Porque foi escolhido este lugar? Por vários motivos. Por que lá é longe da BR, não tem barulho, tem muita água, tem uma cachoeira, tem um mato bom, que tem quase tudo. O vô que conheceu aquele lugar e falou que tinha

que ser ali. Ele que sabe dessas coisas. Para mim ele falou que tinha que ser ali, então tem que ser ali. Ele que entende dessas coisas.

D: Qual é o significado para vocês de viver nesta terra perto do mar?

H: Como vou te explicar isto? Assim, culturalmente pra nós é importante viver perto do mar. Todos esses Guarani que vivem aqui no litoral sempre viveram perto do mar. Quando os portugueses chegaram esse povo já tava aqui, eles chamaram primeiro de carijó, mas é o mesmo povo Guarani que tá aqui até hoje. Para nós o mar é o encontro entre dois mundos, entre a floresta e o mar. É o encontro entre os mundos porque a gente já viveu no mar também, a gente também veio do mar.

D: Esta área toda que é APP, ela deveria ser protegida pelo governo. Você acha que o governo consegue preservar esta área?

H: Faz mais de 20 anos que estou aqui e nunca vi um guarda florestal por aqui. Todo mundo sabe que não tem mais palmito grande mesmo aqui, só lá pra cima no meio do mato tem um ou outro que sobrou, mas é muito difícil. O que tem mais é pequenininho. No inverno, quando as caças tão tudo gordinha, a gente vê um monte de caçador aí pelo mato. O djurua não respeita nada, não respeita a criação. Eu já denunciei várias vezes, mas nunca acontece nada, eles nem vêm aqui pra ver o que ta acontecendo. Aqui na aldeia não tem, porque aqui a gente cuida. Aqui a gente não deixa.

D: E como vocês pretendem fazer para cuidar desta área grande, caso ela seja demarcada?

H: A gente já falou isso com o Ministério Público [Federal], a gente quer ter guarda florestal indígena. Já existe uma experiência no Paraná, acho que é em Mangueirinha. Lá a área é grande, então tem que cuidar pra ninguém entrar. Aí eles tem guardas florestais indígenas que sempre fazem a ronda pelas trilhas e denunciam. Algumas pessoas mais tradicionalistas, que quiserem morar mais afastadas podem morar em locais estratégicos como aqui e aqui (aponta no mapa áreas opostas ao local de ocupação atual).

D: Existe uma argumentação que defende a necessidade de demarcação de áreas de mata para povos indígenas, para o povo Guarani. O que você acha deste argumento?

H: Isto já está escrito em muitas teses de doutorado, de mestrado, que nós somos do mato mesmo, que nós precisamos do mato para viver. Hoje existe o Decreto 1775, que fala da demarcação das terras indígenas, que é nosso direito constitucional, de acordo com o Artigo 231. Veio depois do Decreto 22, e dá direito ao contraditório. Isso me revolta, porque o índio nunca teve direito a contraditório. Vieram aqui, roubaram todas as nossas terras e nunca os índios tiveram direito a contraditório nenhum. Os índios só ganharam porrada mesmo. O Código Civil, no Artigo 5º, fala em direitos universais ao bem-estar e um monte de coisas. Eu me pergunto: Que bem-estar é esse que eles

dão aos povos indígenas? Ter que viver encurralado em 59 ha, sem poder andar livremente em suas próprias terras. O que eu sinto é que somos tipo uma espécie em extinção, onde colocam uma jaula de 59 hectares, colocam tudo dentro e dizem onde a gente tem que viver. Como se fosse um zoológico mesmo. Como se a gente fosse uma espécie em extinção. Como eu sempre digo, o índio hoje tá encurralado.

D: Quais são os maiores receios da comunidade, caso não haja a demarcação?

H: Nosso medo é que o **durua** acabe com tudo. Nesse mapa aqui [imagem de satélite trazida por mim, de maio de 2002] a gente pode ver essas manchas aqui, nesse outro aqui de 96 a gente vê tudo verdinho. São só dez anos e você vê aqui tudo o que já foi desmatado. O djurua está acabando com tudo. Tem um monte de coisas no mato que são importantes para nós, nosso medo é que daqui a pouco essas coisas desapareçam, porque daqui a pouco tudo isso que é importante para nós não vai existir mais. Hoje nos sentimos encurralados, porque antigamente, há 100, 200 anos não existiam tantos proprietários, a gente podia andar mais livremente onde a gente quisesse. Hoje não é mais assim, todo lugar que você vai já tem um dono, um proprietário. Se você olha este mapa, a gente tomou cuidado pra não pegar nenhuma propriedade, porque a gente não quer nenhuma propriedade, a gente não quer benfeitoria, a gente não quer gado, a gente não quer nada, só o mato mesmo. Nós somos do mato, o mato pra nós é tudo. Hoje muito proprietário vem

pra cima do índio, querendo brigar com o índio por causa da terra, como se a culpa fosse nossa. Nós não queremos briga com proprietário nenhum. Essa briga, na minha opinião, deveria ser entre o proprietário e a União, porque a terra não é nossa, a terra é da União. Tá lá na Constituição, quando a terra é demarcada, ela pertence à União. Nós não temos nada a ver com isso, nós não queremos a terra pra gente, só queremos a terra pra poder viver. Se hoje o governo está devolvendo esta terra pra gente é porque ele deve ter algum interesse nisso.

D: Como foi feito com os djurua que moravam aqui quando a terra foi demarcada?

H: Aqui não tivemos problemas porque aqui não tinha nenhum **djurua**. Fizemos amizade com os vizinhos, porque aqui ninguém bebe e sai por aí incomodando, ninguém fica pedindo esmola. Os vizinhos aqui são tudo nosso amigo.

D: Vocês tem alguma expectativa sobre esta área que estão pleiteando?

H: Expectativa? Nem sei se ainda tenho alguma expectativa sobre esta área. Nós já estamos lutando por ela há tanto tempo. Eu ainda tenho esperança de um dia ter essa terra demarcada, esta é a nossa luta. Eu queria um dia poder andar nela sem me preocupar com ninguém, só comigo mesmo.

D: Esta área que está apontada aqui no mapa vai até bem perto de onde é o Amâncio e o Amaral (figura 21). Vocês tem alguma expectativa sobre isso?

H: Esse é nosso sonho. O que a gente queria mesmo era interligar as aldeias, transformar tudo em uma terra só. Porque a gente não quer muito, mesmo essa terra aqui é só um pedacinho, é muito pequeno comparado com as nossas terras mesmo. A gente queria esse pedaço pra poder viver tranqüilo.

D: Uma vez teu vô disse uma frase que sempre me marcou muito. Ele disse: “Nhanderu fez essa terra pra cada bichinho, pra cada planta, pra cada pessoa, ele fez essa terra para todo mundo viver e eu fico muito triste porque eu tenho que lutar por aquilo que não é meu”.

H: É isso mesmo! Essa é a nossa visão, a terra não é minha, ela não é sua, ela não é de ninguém... e ao mesmo tempo ela é de todo mundo. Todo mundo tem responsabilidade de cuidar dela. O que a gente quer é isso mesmo, é só cuidar da terra. Eu não quero ter que pedir permissão se eu quiser entrar no mato e tirar uma planta que eu preciso. Eu não quero ter que pedir permissão e me preocupar com proprietário nenhum pra poder tirar um remédio do mato, porque na verdade precisamos pedir permissão somente para Deus mesmo e mais ninguém.

4.3 Relacionando dados interdisciplinares

A compreensão do povo Guarani a respeito do mundo vegetal possui em seu escopo elementos abrangentes que advêm da cosmologia, territorialidade, ancestralidade e mitologia. Em outras palavras: a dinâmica relação da cultura Guarani com o mundo das plantas está vinculada à percepção do tempo e do espaço, e se manifesta nas práticas e representações sociais. Essa perspectiva resulta em um sistema diferenciado de interpretação, reconhecimento e manejo da paisagem, integrado com a distribuição de recursos nos ecossistemas existentes na área. Os padrões de identificação e a nomeação de plantas estão relacionados tanto com as práticas de subsistência quanto com as relações simbólicas com elementos naturais. As plantas muitas vezes representam entidades mitológicas que remetem aos antepassados de diferentes formas, ordenando a vida terrena e a suprindo com os materiais necessários para a sobrevivência. As matas, incluída a fauna, são fonte de medicamento (mel, banha [**ykyraque**]), alimento, materiais variados, proteção espiritual, lazer, educação, morada de personagens míticos, e uma infinidade de elementos essenciais ao **nhande reko**.

Alguns aspectos relativos às alterações fitogeográficas e fitossociológicas praticadas pelos Guarani no interior da floresta subtropical estão apontadas no trabalho de Noelli (1993). O autor aponta para a introdução de vegetais Amazônicos, Chaquenhos e de outras regiões na área de domínio do delta do Rio Jacuí/RS, fazendo com que houvesse distinção na composição florística entre a floresta primária¹⁴⁰ propriamente dita e a mata secundária antropogênica, objeto do manejo agroflorestal guarani. As observações de campo propiciaram a percepção que o conhecimento associado à diversidade botânica existente na TI M'biguaçu realmente abrange espécies de ocorrência bastante ampla no território de ocupação tradicional, incluindo plantas predominantes em ambientes diferentes nos principais domínios florestais existentes no estado de Santa Catarina: a Floresta Ombrófila Densa (FOD), a Floresta Estacional Decidual (FED) e a Floresta Ombrófila Mista (FOM), especialmente as duas primeiras.

É importante perceber ainda que a distribuição espacial das seis aldeias Guarani existentes na região em estudo (M'biguaçu, Amâncio, Tava'i, Kuri'y, Vy'a e Itanhaen) (**figura 20**) refletem a dinâmica de ocupação territorial pré-colonial apresentada por Noelli

¹⁴⁰ Termo que pode refletir apenas a falta de dados históricos.

(1993). Essas aldeias localizam-se em áreas sobre planícies e encostas litorâneas, estendendo-se até regiões de maior altitude, onde há ocorrência de araucária (**kuri'y**), num raio de cerca de 50 km pela bacia dos grandes rios. Estes dados revelam que o modelo de ocupação territorial identificado nos registros arqueológicos, estendendo-se por amplas áreas contínuas na mesma região, ainda existe na atualidade, sendo, entretanto, adaptado às circunstâncias fundiárias enfrentadas pelos Guarani contemporâneos. Podemos observar que na região em estudo são ocupados pequenos fragmentos florestados na região da Bacia do Rio Tijucas. Este fato caracteriza as estratégias atuais utilizadas pelos Guarani para garantir áreas que proporcionem a diversidade de ambientes florestais, com recursos diversificados, necessários à conservação de seus costumes. É importante mencionar que três dessas terras (Tava'i, Kuri'y e Vy'a) foram adquiridas como medida compensatória em razão da duplicação da rodovia BR 101 (trecho sul), sendo cuidadosamente eleitas pelos indígenas após vários anos de estudos que incluíram viagens, conselhos dos mais velhos e negociações com não-índios. Soma-se a isso os esforços de manejo visando à restauração florestal das áreas ocupadas, no sentido de reconstituir a paisagem natural e os ambientes adequados ao **nhande reko**.

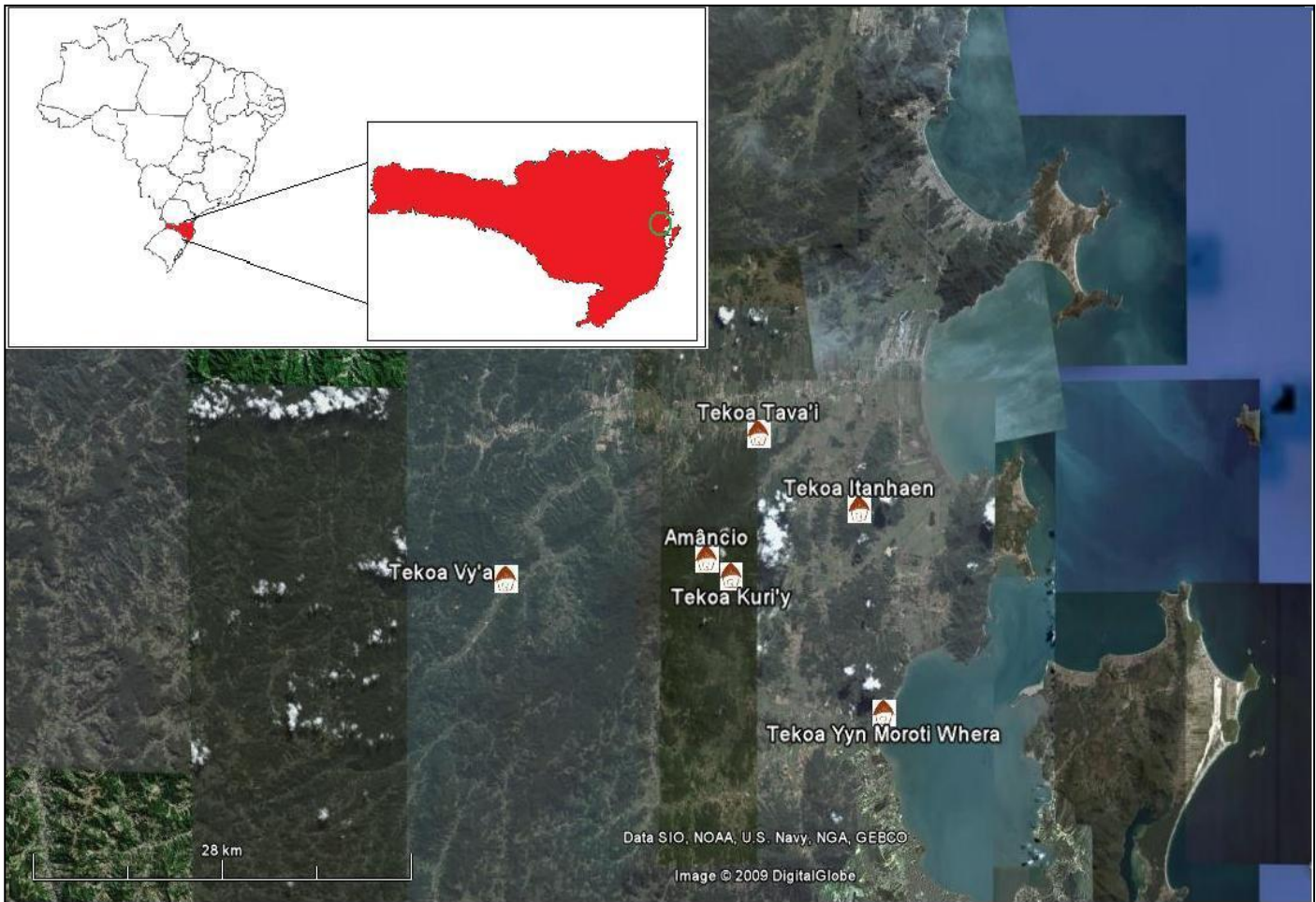


Figura 21 – Mapa indicando as ocupações guarani na região da aldeia em estudo.

Os trabalhos de Roberto Miguel Klein seguramente estão entre as principais referências sobre a estrutura e composição florísticas das florestas do sul do Brasil, em especial das florestas catarinenses. Sua tese sobre a vegetação do Vale do Itajaí (Klein, 1979; 1980) é obra de referência fundamental para se compreender a FOD em Santa Catarina. Por este motivo as obras do autor (Klein, 1979; 1980; 1984 e 1990) são tomadas como base central para a discussão das rotas migratórias das espécies botânicas. Nesses trabalhos é discutida a ocorrência na floresta pluvial litorânea de espécies características da floresta estacional da Bacia do Paraná-Uruguai, chamando a atenção para o hiato superior a 300 km separando as duas regiões. O autor identifica duas rotas migratórias para tais espécies percorrendo o leito dos grandes rios; uma que alcança o litoral atravessando todo o território do estado do Paraná; e outra que percorre o vale do rio Jacuí até o litoral do Rio Grande do Sul e segue em direção sul-norte pelo litoral catarinense até o litoral paranaense (**figura 21**).

À medida que vão se analisando e comparando as distribuições das espécies características das florestas do Alto Uruguai-Paraná e da mata pluvial atlântica na Grande Região Sul (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), podem ser descobertas ainda mais espécies características da floresta do oeste, que ocorrem de forma isolada também na mata atlântica (Klein, 1980:319)

O autor apresenta tal fato como “um fenômeno realmente fascinante sob o ponto de vista fitossociológico” (Klein, 1980:316), apontando que são plantas em geral abundantes nas florestas estacionais, ocorrendo de forma descontínua e isolada nas florestas costeiras “primárias”. A ocorrência da espécie *Terminalia triflora* (Capitãozinho) na Ilha de Santa Catarina chama atenção do autor, por se tratar de espécie característica da floresta tucumano-paraguaia, mencionando o trabalho de Balduino Rambo (1951)¹⁴¹ que identifica elementos andinos, nos pinhais riograndenses, indicando que esses grupos somente podem ter sido irradiados da flora andina. Rambo apresenta uma série de plantas indicadoras e companheiras das demais em sua rota migratória, indicando ainda a ocorrência de espécies tipicamente costeiras e florestas interioranas rio grandenses, algumas delas verificadas em campo e na bibliografia como *Euterpe edulis* (**djedjy ete**), *Geonoma schottiana* (**pindo’i**), *Bactris lindmaniana* (**mbokadja**), *Inga sessilis* (**inga guatchu**), *Nectandra rigida* (**yvyra padje**), *Mimosa bimucronata* (**tamongue**) e *Garcinia gardneriana* (**pakuri**). Klein (1980) evidencia ainda que a expansão das florestas naturais foi bruscamente sustada devido à violenta intervenção humana no período pós-Conquista, que arrasou as florestas subtropicais da América do Sul.

¹⁴¹ RAMBO, B. O elemento andino no pinhal riograndense. *Anais Botânicos do “herbário Barbosa Rodrigues”*. vol. 3:7-53, 1951.

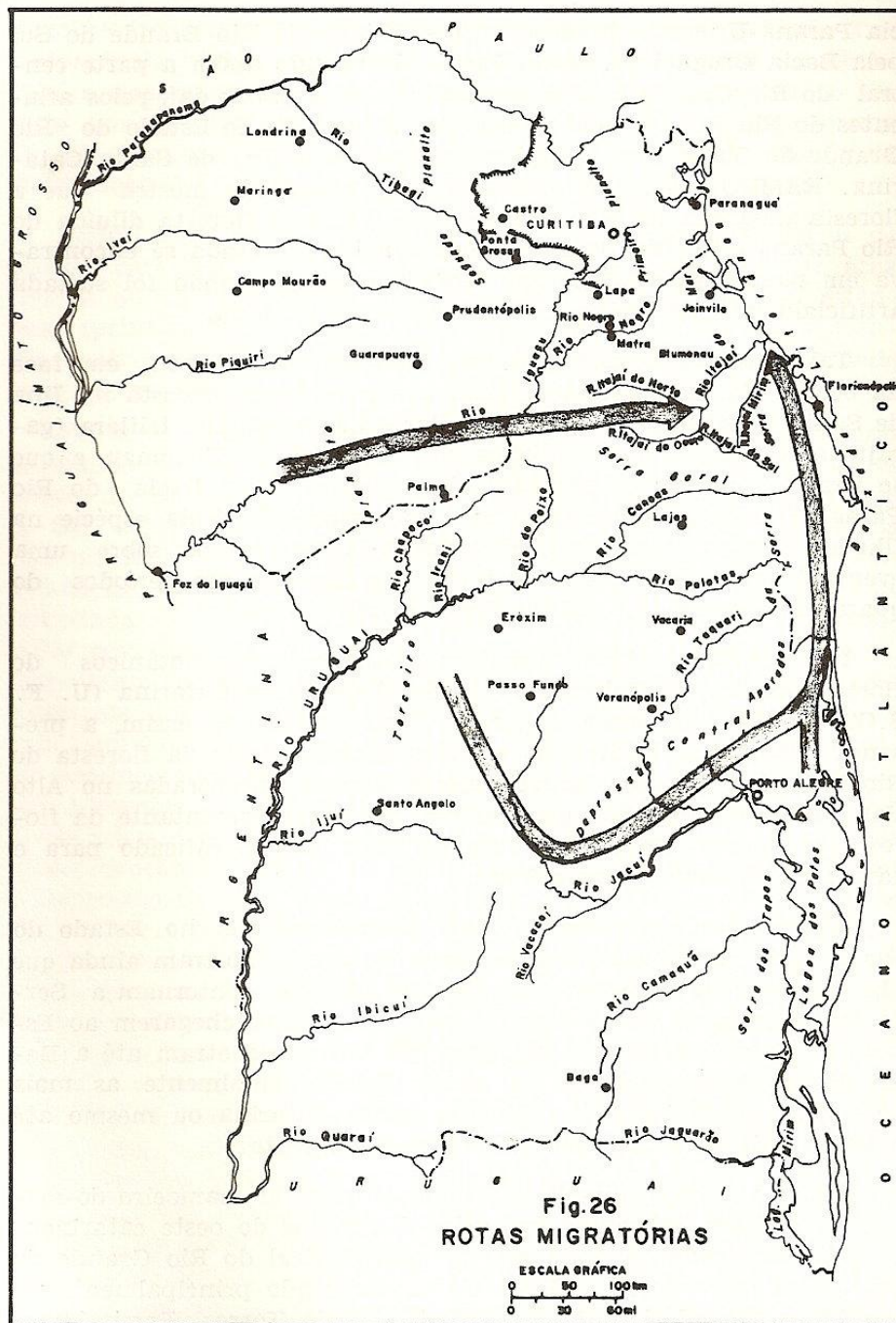


Figura 22 – Rotas migratórias das plantas da floresta estacional das bacias do Uruguai-Paraná em direção à costa atlântica (Klein, 1980:318).

Klein (1980:320) apresenta uma lista de 48 espécies indicadoras dessas rotas migratórias, sendo que 14 delas puderam ser verificadas em campo, inclusive com algumas delas sendo cultivadas na área de domínio da TI M'biguaçu. São elas: *Schefflera morototoni* (**mandio rã**), *Jacaranda micrantha* (**para para'y**), *Tabebuia pulcherrima* (**tadjy tchĩ**), *Bauhinia candicans* (**vaka pytcha**), *Enterolobium contortisiliquum* (**tchimbo'y**), *Erythrina*

falcata (**kurupika'y**), *Holocalix balansae* (**yvyra pëpë**), *Parapiptadaenia rigida* (**kourupa'y**), *Britoa guazumaefolia* (**guavidju**), *Coccoloba cordata* (**tyvy reta**), *Petiveria alliacea* (**pipi**), *Chrysophyllum gonocarpum* (**aguai**), *Luehea divaricata* (**itchongy**) e *Chusquea ramosissima* (**takuarembo**). Menciono ainda que cinco espécies dessas espécies foram identificadas na bibliografia (Noelli, 1993) – *Aspidorperma australe* (**yvyraromi**), *Tabebuia avellanedae* (**tadjy**), *Inga affinis* (**inga moroti**), *Eugenia ramboi* (**yva há'i**), *E. rostifolia* (**yva há'i**). Verifica-se ainda que praticamente todas as espécies apresentadas por Klein (1980) apresentam nomes populares em português que remetem à etnotaxonomia botânica Guarani. Além disso, é necessário considerar que o manejo de algumas dessas espécies está registrado nas obras de Montoya, que remete às práticas de manejo anteriores aos séculos XVI. É válido mencionar ainda que este autor registra o manejo de espécies botânicas oriundas da região amazônica como o urucum (**djegua**) e parte das variedades agrícolas (**tchembaity**). Faço constar ainda que a maioria dos rios que integram as rotas migratória possui topônímia em língua guarani, como Jacuí, Caí, Taquari, Paraná, Iguaçu, Uruguai, Itajaí, remetendo à ancestralidade da ocupação Guarani em tal região.

Reitz e Klein (1964) supõem como mais provável que a floresta estacional tenha sido favorecida em uma flutuação climática anterior, expandindo-se em direção ao litoral pelas bacias dos rios Iguaçu e Jacuí. A ocorrência dessas plantas nas florestas costeiras se dá em pequenos relictos que seriam remanescentes da regressão florestal ocasionada pela mudança de tal ciclo climático. O novo ciclo, mais úmido, teria permitido o avanço das florestas litorâneas em direção ao interior do continente, ampliando a interação entre os domínios florestais.

Noelli (1993) analisa tal questão sob o ponto de vista etno-arqueológico e biológico, interpretando o modo de vida, o sistema agroflorestal de subsistência e as relações simbólico-culturais com o território registrados na bibliografia e percebidos nas evidências arqueológicas. O autor aponta que as práticas de transportar, substituir e privilegiar algumas espécies florestais, com preservação aproximada das dimensões das matas originais, influenciou as composições florestais do sul do Brasil, especialmente a flora e a fauna no delta do rio Jacuí. As florestas consideradas primárias no século XX são apontadas por Noelli (1993) como um artefato humano, um mosaico associado ao manejo das populações Guarani em sua dinâmica de ocupação territorial nas rotas migratórias do período pré-colonial. Noelli (1993) afirma que a diminuição na ocorrência das espécies transportadas está associada à falta

de manejo humano gerada pela invasão européia dos territórios e as consequentes fuga e abandono de áreas pelos Guarani nos últimos séculos. O mapeamento das regiões nas quais existem sítios e evidências arqueológicas Guarani (**figura 22**) demonstra a existência de sobreposição entre locais de ocupação tradicional e as rotas migratórias das espécies apresentadas por Klein (1980, 1984) (**figura 21**).

Consultando o senhor Alcindo a respeito dessas discussões acadêmicas, ele afirmou acreditar que todas as plantas já estavam no litoral “*desde o começo*”, apontando que seus parentes somente começaram a cultivar as espécies florestais quando elas desapareceram das matas. Ele afirma que o desmatamento e a destruição das florestas afetaram as condições de manutenção da cultura tradicional, principalmente devido as matas terem se tornado pequenas, com ausência de parte da fauna e flora considerada importante.

Observando as rotas migratórias das plantas (**figura 22**) e a evolução temporal distribuição dos sítios cerâmicos guaranis (**figuras 4 e 23**), podemos observar a nítida sobreposição entre as ambas as rotas migratórias em direção à costa pelas Bacias do Uruguai-Paraná. Relacionando-se este fenômeno com os impactos do sistema de manejo agroflorestal Guarani no período pré-colonial, podemos verificar que existe uma significativa relação entre esse fatores. É importante considerar ainda que as ocupações atuais, apresentadas nas **figuras 5 e 24**, indicam a ocupação de diferentes domínios florestais por essas aldeias. Os dados contemporâneos apresentados neste trabalho apontam a manutenção dos sistemas de classificação botânica e relações simbólicas com o ambiente, registrados na bibliografia, além do manejo agroflorestal de espécies características das diferentes regiões, adaptando-se as técnicas de manejo agroflorestal ancestrais à realidade atual. Além disso, outros trabalhos contemporâneos realizados com grupos Guarani tem apontado as estratégias contemporâneas de domesticação da paisagem. Em Crivos *et al.* (2007) são indicadas as “assinaturas na paisagem” relacionadas à mobilidade em escala regional entre os *Mbya-Guarani* na província de Misiones/Argentina, apontando o delineamento da paisagem de acordo com as plantas utilizadas nas atividades de subsistência. As autoras apontam as estratégias utilizadas pelos *Mbya* para domesticar a mata, apontando tal desenho da floresta como resultados dos esforços empregados diariamente em estratégias individuais. Em Crivos *et al.* (2004) estão registradas informações sobre como os indígenas reconhecem e gerenciam os recursos naturais em suas atividades cotidianas, apontando para a criação de diferentes “micro-ambientes”, com características distintas, explorados pelos *Mbya-Guarani*.

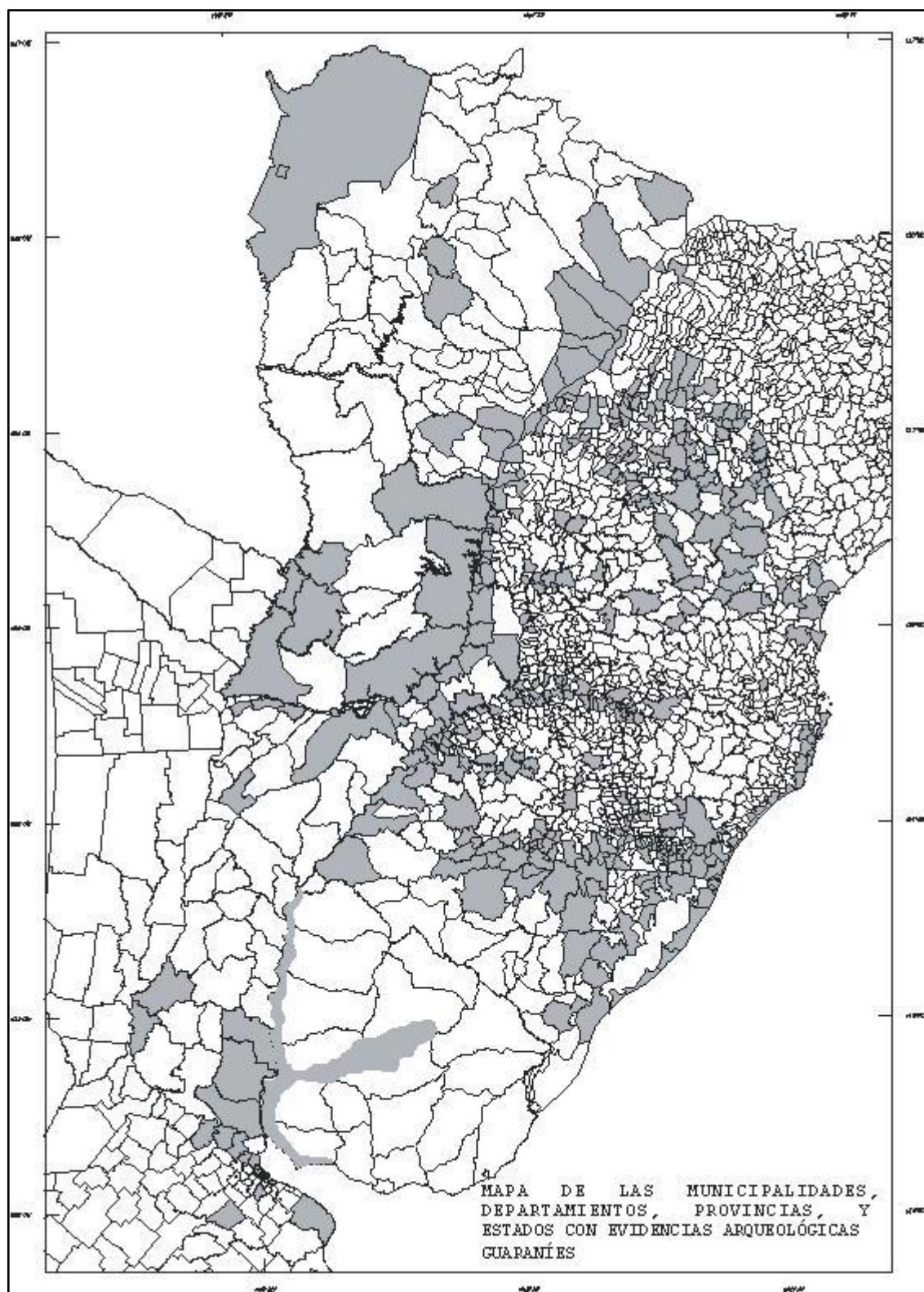


Figura 23 – Mapa dos municípios, províncias e estados com evidências arqueológicas Guarani (Noelli, 2004:18).

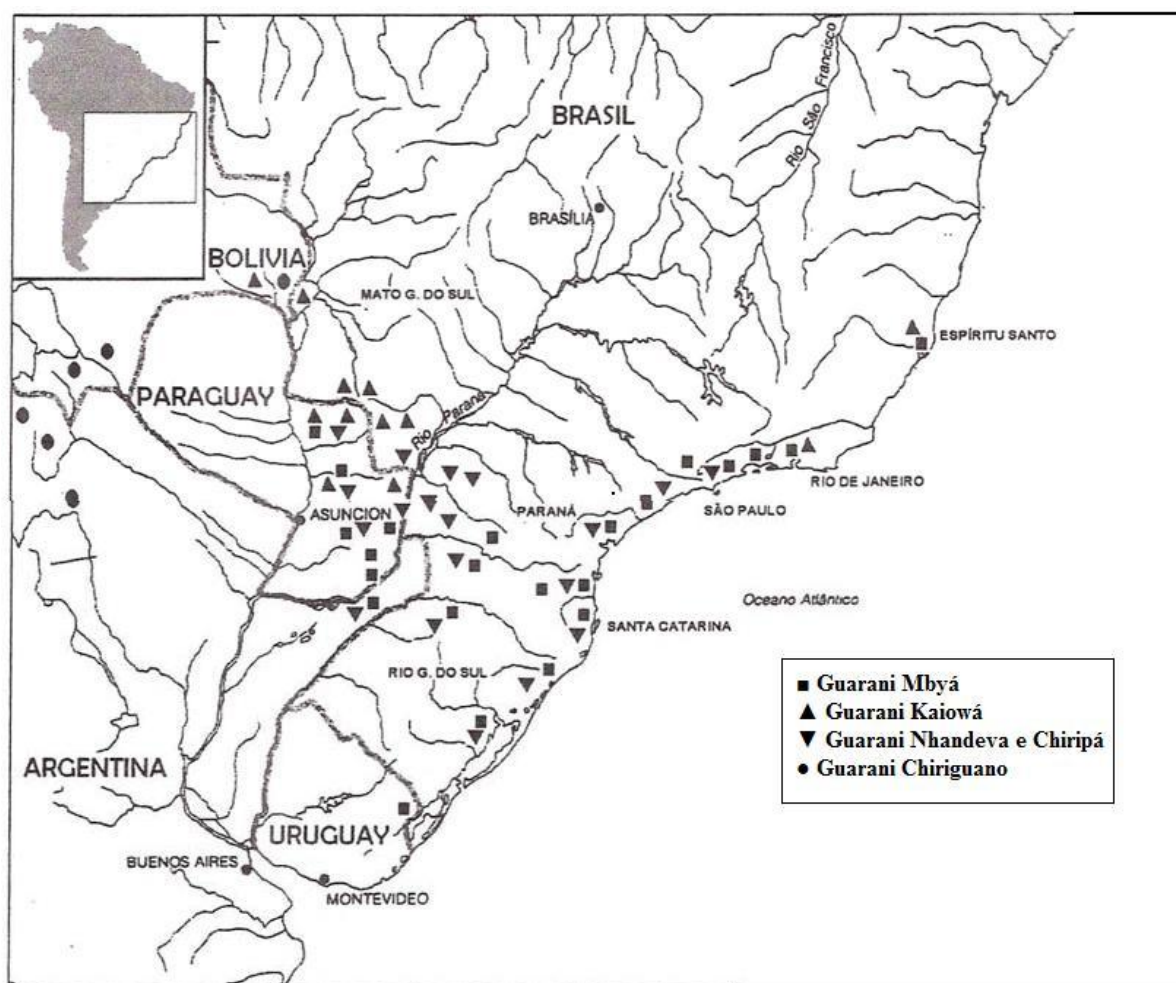


Figura 24 – Mapa das ocupações guarani atuais (Calavia Saez, 2004:12).

Diante do exposto, é pertinente a possibilidade de que as características da Mata Atlântica consideradas “primárias” no século XX tenham sido influenciadas pelo manejo empregado nos séculos anteriores, tanto pela exploração do período colonial, como pelo manejo anterior ao século XVI (Dean, 1996). O manejo agroflorestral de subsistência e os esforços para a domesticação da paisagem em maior e menor escala milenarmente empregados pelos Guarani e outros povos autóctones que coabitaram essa região no período pré-colonial influenciou significativamente as características das florestas tropicais sulamericanas. Bitencourt e Krauspenhar (2006) indicam a contribuição dos povos do tronco cultural Jê, Tradição Taquara/Itararé, na expansão da Mata de Araucária (FOM) durante o Holoceno tardio, cerca de 2.000 A.P. Na distribuição geográfica dos troncos Jê e Tupi-Guarani no sul do Brasil, estes estabeleciam suas ocupações prioritariamente nas áreas menos elevadas e planas, pelas bacias dos grandes rios, acessando áreas mais elevadas com menor frequência para

realizar coletas específicas, especialmente de pinhão, enquanto aqueles ocupavam prioritariamente o planalto serrano, subsistindo principalmente da coleta e manejo de pinhão e da caça (Prous, 2006; Fossari, 2004). Esta diferença na ocupação territorial pré-colonial pode estar associada às rotas migratórias dos Guarani e ao hiato territorial de 300 km existentes entre as espécies botânicas que ocorrem tanto na floresta pluvial atlântica como na estacional do Uruguai-Paraná. A existência na atualidade de espécies manejadas pelos Guarani em diferentes domínios das florestais subtropicais da América do Sul, especialmente no sul do Brasil, pode estar associado aos hábitos de transportar, cultivar ou privilegiar algumas espécies no manejo florestal. É necessário observar que este trabalho se trata de uma investigação pioneira do assunto e que volume substancial de informações ainda precisa ser levantado para esclarecer melhor a influência dos Guarani sobre as florestas sul americanas. Neste sentido, refiro-me a estudos palinológicos, geológicos, lingüísticos, etnobotânicos e etnoecológicos, que abranjam maior quantidade de aldeias e contemplem estudos aprofundados da ocupação guarani nos diferentes domínios florestais.

As florestas de terra firme são os ecossistemas da biosfera mais ricos em diversidade de espécies, devido o complexo sistema de ciclagem de nutrientes, a adaptabilidade das plantas às condições ambientais e o manejo empregado pelas populações pré-históricas (Posey e Balée, 1989). Estes autores afirmam que cerca de 11,8% das florestas continentais da Amazônia brasileira pode ser considerada antropogênica, fruto do manejo pré-histórico das populações nativas (Posey, 1985; Balée, 1989). A perspectiva da Ecologia Histórica permite compreender a complexa relação existente entre os seres humanos e a biosfera, associando elementos do mundo biótico às mudanças impostas ao meio natural pela intervenção humana, refletidas em culturas, línguas e sociedades ao longo do tempo (Balée, 1998; Balée e Erickson, 2006).

Os autores (...) foram treinados em várias disciplinas, incluindo antropologia (especialmente as subdisciplinas de arqueologia e antropologia sócio-cultural), geografia, genética de plantas, biologia integrativa, e ecologia geral, e eles reconhecem a interdependência desses campos na tentativa de compreender os efeitos e contra-efeitos do comportamento humano nas planícies tropicais do Novo Mundo (Neotrópicos). (Balée e Erickson, 2006:1 – tradução minha)

Essa perspectiva observa que a paisagem sofre modificações temporais e espaciais associadas às atividades humanas identificadas nos sutis padrões de ação e comportamento existentes na cultura. Os ambientes neotropicais exibem características clássicas de paisagens

antropogênicas ou culturais, formadas em milhares de anos de interação (Balée e Erickson, 2006). Os autores consideram que os seres humanos podem ser entendidos como espécies-chave (*keystone species*) nos mecanismos dinâmicos do ambiente, principalmente nas perturbações, algumas vezes aumentando a biodiversidade de espécies e a riqueza da paisagem. Crumley (1994) aponta que as relações dialéticas entre ser humano e natureza em andamento se manifestam na paisagem, ficando nela fisicamente evidenciadas as práticas mentais e sociais oriundas das culturas humanas, sendo que ambientes naturais, uma vez modificados por seres humanos, provavelmente jamais se regenerarão da mesma forma como eram.

A paisagem é onde pessoas e o ambiente são vistas como uma totalidade – isto é, como uma multiescalar, diacrônica e holística unidade de estudo e análise. Na história ecológica, a paisagem antropogênica é uma forma de construção do ambiente, frequentemente criada intencionalmente como arquitetura ou como algum tipo de apropriação simbólica da natureza que apresenta padrões físicos associados (Balée e Erickson, 2006:2-3 – tradução minha)

Considerando as técnicas de manejo agroflorestal da paisagem empregadas pelos Guarani ao longo do tempo, podemos inferir que as florestas subtropicais da América do Sul, especialmente a floresta estacional e a pluvial atlântica, passaram por perturbações ocasionadas pelas práticas milenares desse povo. A verificação da manutenção dessas técnicas entre os Guarani contemporâneos, adaptadas à situação atual, bem como de sua relação cosmológica com a paisagem, permite deduzir que tais interferências continuam acontecendo até os dias atuais. O **aguai** (*Chrysophyllum gonocarpum*), o **ichongy** (*Luehea divaricata*), o **kourupa'y** (*Parapiptadaenia rigida*), o **yvyra pëpë** (*Holocalyx balansae*) e o **pipi** (*Petiveria alliaceae*), espécies apresentadas por Klein (1980 e 1984) como indicadoras das rotas migratórias e registradas por Montoya (1986a), são algumas das espécies de mudas e sementes oriundas da região oeste de Santa Catarina (Entre Rios/SC e mais especificamente TI Xapecó), transportadas por índios Guarani e cultivadas na TI M'biguaçu. Espécies advindas do Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul e Misiones (Argentina) também são cultivadas na área de estudo.

Com relação à integração entre as matas da costa atlântica e a floresta tucumano-boliviana, menciono o caminho conhecido como **Tape Aviru**, ou Peabiru, caminho pré-colonial amplamente utilizado pelas populações Guarani, com cerca de três mil quilômetros,

troncos e ramificações que se estendem pelo Brasil, Paraguai e Bolívia (Tresserras, 2007). O Peabiru teria dois pontos de acesso na costa atlântica, um na região de Barra Velha/Araquari – foz do rio Itapocu, e outro nas imediações de São Vicente e Cananéia, no litoral paulista. Estes caminhos atravessavam o estado do Paraná, alcançando a região onde se localiza atualmente o Paraguai e segue em direção ao altiplano boliviano, onde se associa com o Qhapac Ñan, o Principal Caminho Andino (Bond, 1998).

O manejo agroflorestal guarani da paisagem florestal sulamericana, ocorrido pelo menos nos últimos 2.000 anos, consubstancia uma riquíssima fonte de dados para compreensão da complexidade das formações florestais do sul do Brasil. Os indícios do caráter antropogênico nas florestas tropicais da América do Sul, em especial das florestas subtropicais, solicitam reconhecimento da contribuição proporcionada pela intervenção dos Guarani à diversidade destas florestas ao longo do tempo. É importante considerar ainda que o elevado grau de endemismo existente na floresta pluvial atlântica está associado à existência de grande variedade de ambientes com características diversificadas e peculiares (Veloso *et al.*, 1991). O isolamento geográfico de populações vegetais, ocasionado pelo transporte de plantas por longas distâncias, e a adaptabilidade das plantas aos ambientes no qual são inseridas, pode estar relacionado com a ocorrência na Mata Atlântica de espécies endêmicas associadas a grupos de plantas irradiadas de outras regiões como a amazônica e a andina. Pode-se inferir ainda que o hábito de privilegiar espécies de valor ecológico, principalmente aquelas que alimentam a fauna silvestre nas capoeiras, pode estar associado à ampla distribuição de espécies animais “companheiras” de plantas e populações humanas nativas. Isto pode ser evidenciado pelo grande número de espécies animais de ampla distribuição geográfica, ocorrentes tanto na floresta pluvial atlântica e amazônica, sendo esta última o centro de origem dos povos Tupi-Guarani, conforme apontado anteriormente.

Os conhecimentos ecológicos associados à cultura Guarani remetem a técnicas de manejo consolidadas ao longo do tempo na interação com seu vasto território de ocupação e mobilidade tradicional e na relação com este mosaico paisagístico. Tais conhecimentos promoveram ao longo dos séculos uma configuração das florestas de forma a garantir ou facilitar a subsistência dessas populações, sendo que muito desses conhecimentos estão associados ao manejo sustentável da mata. Estes fatores podem ser identificados nas aldeias guarani ainda na atualidade, principalmente pelas relações simbólico-culturais associados ao uso e manejo dos ambientes florestais. Noelli (1993) afirma que tais conhecimentos podem

contribuir para a gestão e o manejo florestal das florestas ocupadas por tais populações. Neste sentido, Klein (1980) propõe que o estudo da distribuição de espécies no sul do Brasil,

(...) embora bastante difícil, é sumamente proveitoso para o desenvolvimento de uma silvicultura com espécies nativas da região, bem como para a realização de um manejo técnico, mediante o adensamento ou enriquecimento florestal que vise a substituição de árvores pouco produtivas por essências mais nobres, conservando-se nela bastante intacto o equilíbrio biológico, de vez que a floresta em sua essência primária pouco seria alterada. (Klein, 1980:325)

Vemos que as intervenções sustentáveis na floresta pluvial atlântica sugeridas pelo autor são efetivamente empregadas pelas populações Guarani há milhares de anos, sendo que a própria riqueza biológica das paisagens está associada a interrelações deste grupo com o ambiente. Retomando a perspectiva do etnodesenvolvimento sugerida por Stavenhagen (1984), observamos que os conhecimentos tradicionais associados às populações Guarani efetivamente podem contribuir para que sejam criadas propostas de manejo e desenvolvimento agroflorestal sustentável na Mata Atlântica. Podem ser criados, por exemplo, programas de silvicultura com espécies florestais nativas, comercialização de plantas medicinais cultivadas e/ou coletadas, produção de alimentos com cultivo de frutas nativas silvestres, fomento a meliponicultura (criação de abelhas nativas para extração de mel), planejamento conjunto para zoneamento de áreas apropriadas para a criação de corredores ecológicos entre Terras Indígenas, Unidades de Conservação e Áreas de Preservação Permanente, e uma série de outras medidas relacionadas à sustentabilidade ambiental e sócio-econômica das comunidades indígenas e a conservação da natureza. Neste sentido, a regularização das áreas ocupadas atualmente deve garantir o acesso das comunidades indígenas aos ambientes florestais diversificados e espalhados pelo território, de forma que sejam disponibilizados todos os recursos naturais essenciais à manutenção do modo de vida tradicional do povo Guarani.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foram desenvolvidos diversos assuntos interdisciplinares que corroboram com as hipóteses analisadas. Percebeu-se a substancial contribuição do manejo agroflorestal guarani às florestas subtropicais, evidenciando o acúmulo e a preservação dos conhecimentos ambientais e ecológicos entre jovens, adultos e idosos da aldeia M'biguaçu, bem como a preocupação com a continuidade da transmissão oral destes conhecimentos às novas gerações. Este estudo agregou elementos que permitem dimensionar com maior precisão quais os recursos naturais essenciais à preservação do modo de ser Guarani e a amplitude territorial necessária para disponibilizar tais recursos, bem como os elementos culturais, simbólicos e cosmológicos associados ao mundo natural e ao território.

Tendo em vista esses elementos percebeu-se a exigüidade da área demarcada para a comunidade da TI M'biguaçu, observando-se o acesso a locais bastante afastados dos limites da TI para acessar grande parte dos recursos florestais necessários à subsistência física e cultural da aldeia. Por este motivo, a comunidade aguarda a atuação de grupo técnico da FUNAI, visando à revisão de limites da terra indígena, aspecto abarcado na reunião organizada pela Coordenação Geral de Identificação e Delimitação (Diretoria de Assuntos Fundiários – FUNAI) em 2007. Este trabalho apresenta argumentos em favor da garantia de áreas necessárias à manutenção do modo de vida tradicional, salientando a necessidade de estudos aprofundados sobre a região da bacia do rio Tijucas, que abarca as seis aldeias mencionadas. Podemos evidenciar a necessidade de garantir áreas nos diferentes domínios florestais para suprir o povo Guarani com suas perspectivas sobre o território tradicionalmente ocupado, bem como as características das florestas necessárias para a manutenção do **nhande reko**. Neste sentido, ressalto a importância da interdisciplinaridade para a efetivação de tal estudo, bem como a dinamicidade que envolve estudos relacionados à territorialidade Guarani.

Menciono ainda que a análise das contribuições das populações nativas, em particular dos Guarani, para a diversidade de nossas florestas deva ser ponderada nas discussões que envolvem a constituição de estratégias para conservação dos recursos naturais para as futuras gerações, em especial no que tange a integração entre Terras Indígenas e Unidades de Conservação, bem como na contigüidade entre essas áreas para a efetivação de corredores ecológicos. Neste sentido, podemos identificar as áreas ocupadas pelos Guarani

como locais de desenvolvimento e manejo ambiental sustentável, servindo possivelmente como modelo que oriente projetos de sustentabilidade sócio-econômica, cultural, ambiental e ecológica em outras comunidades. Argumento em favor da necessidade de intervenção e apoio a projetos de autonomia e sustentabilidade em comunidades indígenas no sul e sudeste do Brasil, considerando-se o profundo impacto da relação com a sociedade englobante sobre seu território e seu modo de vida tradicional. Os longos anos de exclusão e negligência dos Guarani em políticas públicas de demarcação de terras gerou impactos múltiplos sobre o modo de vida e as técnicas de manejo agroflorestal, que requerem áreas amplas para serem concretizadas. Atualmente essas comunidades indígenas necessitam de apoio para conquistar novamente a soberania perdida sobre o território e o ambiente, consolidando práticas que garantam a segurança alimentar, a independência econômica e cultural, bem como a estabilidade ecológica das áreas ocupadas.

Acrescento ainda a importância de se considerar a simplicidade do modo de ser e a relação de sabedoria com o ambiente inerentes ao povo Guarani, no que tange projetos e objetivos de desenvolvimento nacional e mundial, sabendo que, nas palavras de Melià¹⁴², “são povos-testemunha de que outros modos de vida, outros modos de pensamento existem”. Esta sabedoria é um legado que devemos preservar como um verdadeiro tesouro reservado às futuras gerações.

Aguydjevete!¹⁴³

¹⁴² In: CIMI, 2001. **Seminário sobre territorialidade Guarani, a questão da ocupação tradicional**. Morro das Pedras – Florianópolis/SC, 10 e 11 de setembro. Relatório final. Este seminário foi organizado por CIMI, CAPI, UFSC.

¹⁴³ O termo **aguydje** significa perfeição, imortalidade de espírito, ascensão espiritual (Mello, 2006), sendo que o sufixo **ete** significa verdadeiro. **Aguydjevete** é uma palavra amplamente utilizada no cotidiano guarani, especialmente nas práticas religiosas, sendo um termo central da cultura que revela o próprio sentido de estar no mundo.

BIBLIOGRAFIA

AGUIRRE NEIRA, J.C. **Ocupação Territorial de Indígenas Mbyá-Guarani. Reflexões a partir da formação da Aldeia Itanhaen, em Santa Catarina – Brasil.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2008.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica.** Recife: Livro Rápido/NUPEEA, 2004.

ALCORN, J.B. Scope and aims of Ethnobotany. In: SCHULTES, R.E. e REIS, S.V. (orgs.) **Ethnobotany; Evolution of a Discipline. Portland:** Dioscorides Press, 1995. p. 231-259.

_____ Botânica econômica, conservação e desenvolvimento: qual é a conexão? In: VIEIRA, P.F.; BERKES, F. SEIXAS, C.S. (orgs.). **Gestão integrada e participativa de recursos naturais: conceitos, métodos e experiências.** Florianópolis: APED, p.231-259, 2005.

ALEXIADES, M. N. Ethnobotany in the Third Millenium: expectations and unresolved issues. **Delpinoa 45:** 15-28, 2003.

AQUINO, T.T.V.; IGLESIAS, M.P. Etnozoneamento: uma importante ferramenta de gestão ambiental em terras indígenas. **Página 20,** Rio Branco, 2005.

Disponível em: <http://www2.uol.com.br/pagina20/27112005/papo_de_indio.htm>. Acesso em: 15 maio 2006.

ASSIS, V. e GARLET, I. Análise sobre as populações Guarani contemporâneas: demografia, espacialidade e questões fundiárias. In: CALAVIA SAEZ, O. (coord.) **Revista de Indias,** n. 230, vol. LXIV, Madrid, 2004.

GRÜNBERG, G. (coord.) **Guarani Retã 2008. Povos Guarani na Fronteira Argentina, Brasil e Paraguai.** CTI, 2008.

Disponível em: <http://www.trabalhoindigenista.org.br/Docs/GuaraniReta-2008.pdf>

BALÉE, W; ERICKSON, C.L. Time, Complexity and Historical Ecology In: BALÉE, W; ERICKSON, C.L. (ed.) **Time and complexity in historical ecology: studies in the neotropical lowlands,** p. 2-12. New York: Columbia University Press, 2006.

BALÉE, W. The culture of Amazon Forests. **Advances in Economic Botany,** 7, p.129-158, 1989.

_____ Biodiversidade e os Índios Amazônicos. In: **Amazônia: etnologia e história indígena.** VIVEIROS DE CASTRO, E.; CARNEIRO DA CUNHA, M. (org). São Paulo: Fapesp, 1993.

_____ Historical ecology: premises and postulates. In: BALÉE, W. (ed.) **Advances in Historical Ecology,** p.13–29. New York: Columbia University, 1998.

BERLIN, B. Bases empíricas de la cosmología aguaruna jíbaro, Amazonas, Perú. **Studies in Aguaruna Jívaro Ethnobiology**, report n° 03. Berkley: University of California,. 1977.

_____ **Ethobiological classification; principles of categorization of plants and animals in traditional societies**. Princeton: Princeton University Press, 1992.

_____ Further notes on covert categories and folk taxonomies: a reply to Brown. **American Anthropologist**. vol. 76, p. 327-331. 1974.

BERLIN, B.; BREEDLOVE, D.E.; RAVEN, P.H. Covert categories and folk taxonomies. **American Anthropologist**. New Series, vol. 70, n° 2: p. 290-299. 1968.

_____ Folk Taxonomies and biological classification. **Science**. vol. 154:273-275. 1966.

_____ General principles of classification and nomenclature in folk biology. **American Ethnologist**. vol. 3: 73-85. 1973

_____ **Principles of tzeltal plant classification**. New York: Academic press, 1974.

_____ The origins of taxonomy. **Science**. vol. 174: 1210-1213. 1971.

BERLIN, B.; KAY, P. **Basic color terms: their universality and evolution**. Berkeley: University of California Press. 1969.

BERTHO, Ângela Maria de Moraes. **Os índios Guarani da Serra do Tabuleiro e a Conservação da Natureza: uma perspectiva etnoambiental**. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2005.

BITENCOURT, A.L.V; KRAUSPENHAR, P.M. Possible prehistoric anthropogenic effect on *Araucaria angustifolia* (Bert.) O. Kuntze expansion during the late Holocene. **Revista Brasileira de Paleontologia** 9(1):109-116, 2006.

BOEF, W.S. e PINHEIRO, S.L.G.P. Um novo profissional na pesquisa de desenvolvimento agrícola participativo. In: BOEF, W.S., THIJSSSEN, M.H., OGLIARI, J.B. e STHAPIT, B.R. (orgs.) **Biodiversidade de Agricultores**. Porto Alegre: L&PM, p. 68-77. 2007.

BOND, R. **A Saga de Aleixo Garcia: o descobridor do Império Inca**. Florianópolis: Insular: Fundação Franklin Cascaes, 1998.

BRASIL. MMA (Ministério do meio Ambiente) **Regras para o Acesso ao Patrimônio Genético e Conhecimento Tradicional Associado**. Brasília: MMA, 2007.

CADOGAN, L. Cuadro estadiografico de las maderas utiles del Paraguay. **Revista de La Sociedad Científica del Paraguay**. 6(2) Asunción, 1943.

_____ **Breve Contribución al Estudio de la Nomenclatura Guaraní en Botánica.** Asunción, Ministério de Agricultura y Ganaderia/ Servicio Técnico Interamericano de Cooperación Agrícola. p.49. 1955

_____ **Ayyu Rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá.** São Paulo: Universidade de São Paulo -Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1959.

_____ Ywyrã ñe'ery: Fluye del Arbol la Palabra. Sugestiones Para el Estudio de la Cultura Guaraní. **Suplemento Antropológico de la Revista del Ateneo Paraguayo**, 5 (1-2)7. p 7-111. Asunción, 1970.

_____. Ta-ny puku. Aportes a la etnobotánica Guaraní de algunas especies arbóreas del Paraguay. **Suplemento Antropológico de la Revista Ateneo Paraguayo**, 7 (1-2). p. 7-59. Asunción, 1973.

_____ **Diccionario Mbya-Guarani-Castellano.** Asunción: CEADUC/CEPAG. 1992.

CALAVIA SAEZ, O. (coord.) Monográfico: La persistencia Guaraní. **Revista de Indias**, n. 230, vol. LXIV, Madrid. 2004.

CAPOBIANCO, J.P. A Mata Atlântica: Conceito, abrangência e área original. In: CAPOBIANCO, J.P. (org.) **Dossiê MATA ATLÂNTICA 2001.** p.11-20. ISA, 2001.

CLASTRES, H. **Terra Sem Mal.** São Paulo: Brasiliense, [1975]1978.

CORDEIRO, A. Biodiversidade cercada: quem é o dono? In: BOEF, W.S.; THJISSEN, M. H.; OGLIARI, J.B.; STHAPIT, B. **Biodiversidade e Agricultores.** Porto Alegre: L&PM, pp. 193-207. 2007.

COUTINHO, M.R. “Nosso modo de ser.” **Representações sobre saúde e doença entre os Guaraní Nhandéva.** Dissertação de Mestrado. São Carlos/SP: UFSCar, 1999

CRIVOS, M; MARTÍNEZ, M.R; POCHETTINO, M.L.; REMORINI, C.; SAENZ, C.; SY, A. Nature and domestic life in the Valle del Cuñapirú (Misiones, Argentina): Reflections on Mbyá-Guaraní ethnoecology. **Agriculture and Human Values**, v. 21, n°2-3, 2004.

CRIVOS, M; MARTÍNEZ, M.R; POCHETTINO, M.L.; REMORINI, C.; SY, A.; TEVES, L. Pathway as “signatures in landscape”: towards and ethnography of mobility among the *Mbya-Guaraní* (Northeastern Argentina). **Journal of Ethnobiology and ethnomedicine**, 3:2. 2007. Disponível em: <http://www.ethnobiomed.com/content/3/1/2>

CRUMLEY, C.L (ed.) **Historical Ecology: Cultural Knowledge and Changing Landscapes.** Albuquerque NU: School of American Research Press, 1994.

DARELLA, M.D.P. **Árvores cósmicas/sagradas: o pindo e ygary na cosmovisão dos índios Guaraní.** São Paulo: Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica, 1999.

_____ **Ore Roipota Yvy Porã. Territorialização Guarani no litoral de Santa Catarina.** Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2004.

DARELLA, M.D.P.;MELLO, F.C.; SILVA, F.; KAMAYURÁ, R.; OLIVEIRA, D. **Estudo de Impacto Sócio-Ambiental da duplicação da rodovia BR-280 recho São Francisco do Sul-Jaraguá do Sul. População indígena Guarani.** Florianópolis, 2008.

DAVIS, E. W. Ethnobotany: an old practice, a new disciplin. In: SCHULTES R. E. & REIS, S. von (Ed.). **Ethnobotany: Evolution of a Discipline.** New York: Chapman & Hall, 1995.

DEAN, W. **A Ferro e Fogo, a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIEGUES, A.C. Etnoconservação da Natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A.C. (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos.** São Paulo: Hucitec, 2000. p.1-46

FELIPIM, A.P. **O Sistema Agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho: um estudo de caso na aldeia Guarani da Ilha do Cardoso, município de Cananéia, SP.** Dissertação de Mestrado. Piracicaba: ESALQ, 2001.

_____ Práticas agrícolas e manejo do ambiente entre os Guarani Mbyá. In: RICARDO, F. (Org.). **Terras indígenas & Unidades de Conservação da natureza: o desafio das sobreposições.** São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004. p.303-309

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA **Atlas dos Remanescentes Florestais e Ecossistemas Associados do Domínio Mata Atlântica no período 1995-2000.** Fundação SOS Mata Atlântica/INPE, 2001.

GARCIA, W. **O domínio das Plantas Medicinais entre os Kayová de Amambai: problemática das Relações entre Nomenclatura e Classificação.** Dissertação de Mestrado São Paulo: FFCLH-USP. 1979.

_____ **Introdução ao Universo Botânico dos Kaiová de Amambai. Descrição e Análise de um Sistema Classificatório.** Tese de Doutorado. São Paulo: FFCLH-USP. 1985.

FOSSARI, T.D. **A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina.** Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2004

GATTI, C. **Enciclopédia Guarani-Catellano de Ciencias Naturales y Conocimientos Paraguayos.** Asunción: Arte Nuevo Editores, 1985.

HANAZAKI, N. Etnobotânica. In: BEGOSSI, A. **Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia.** São Paulo: FAPESP/HUCITEC, 2004.

HANAZAKI, N.; PERONI, N. Etnobotânica e políticas públicas: desafios e possibilidades. In: 59º Congresso Nacional de Botânica, 2008. **Atualidades, desafios e perspectivas da Botânica no Brasil**. Natal: Sociedade Botânica do Brasil. v. único, p.199-200, 2008.

HARSHBERGER, J.W. Purposes of ethnobotany. **Botanical Gazette**, 21, p. 146-154, 1896.

HAVENRROTH, M. **Etnobotânica, uso e classificação dos vegetais pelos Kaingang – Terra Indígena Xapecó**. Recife: NUPEEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2007.

KLEIN, R.M. **Mapa fitogeográfico do estado de Santa Catarina**. Itajaí; IOESC, 1978. p. 24. Mapas.

_____ Ecologia da flora e vegetação do Vale do Itajaí. **Sellowia**, v.31. Itajaí, 1979.

_____ Ecologia da flora e vegetação do Vale do Itajaí. **Sellowia**, v.32. Itajaí, 1980.

_____ Aspectos dinâmicos da vegetação do sul do Brasil. **Sellowia**, v. 36. Itajaí, 1984.

_____ Parques Nacionais e Estaduais; Reservas Biológicas Estaduais e Particulares, bem como a Estação Ecológica de Santa Catarina. **Estudos de Biologia**, nº XVIII, setembro de 1988.

_____ Estrutura, composição florística, dinamismo e manejo da “Mata Atlântica” (Floresta Ombrófila Densa) do sul do Brasil. **II Simpósio de ecossistemas da costa sul e sudeste brasileiro: estrutura, função e manejo**. vol. 1:259-286. São Paulo: ACIESP, 1990.

LADEIRA, M. I. **O Caminhar sob a Luz**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1992.

_____ **Espaço Geográfico Guarani-Mbyá: significado, constituição e uso**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

LADEIRA, M.I.; MATTA, P. **Terras Guarani no Litoral: as matas que foram reveladas por nossos antigos avós = Ka’agüy oreramói kuéry ojou rive vaekue y**. São Paulo: CTI – Centro de Trabalho Indigenista, 2004.

LADEIRA, M.I.; WERÁ TUPÃ, L. Condições Ambientais do território Guarani: implicações no modo de vida. **Revista Tellus**. Campo Grande/MS, 4 (6):51-63, 2004.

LEVI-STRAUSS, C. O uso de plantas silvestres da América do Sul tropical. In: RIBEIRO, B. (coord.). **Suma Etnológica Brasileira**. Petrópolis: Vozes/Finep, p. 29-56,1986.

LITAIFF, A.; DARELLA, M.D.P. **Os índios Guarani Mbyá e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro**. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 22, Brasília. Anais ABA, 2000.

LITAIFF, A. **As divinas palavras: identidade étnica dos Guarani-Mbyá.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

_____ O sistema médico Guarani. **Revista de Ciências Humanas.** v. 14, n.19, p.107-115. Florianópolis, 1996.

_____ **Les fils du Soleil. Mythes et pratiques des indiens Mbya-guarani du littoral du Brésil.** Tese de Doutorado. Université de Montréal, 1999.

_____ Antropologia e linguagem: uma abordagem neo-pragmatista. **Linguagem em (Dis)curso,** vol. 3, n. 1, p. 225-272, Tubarão, 2002.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticos.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil** v.1. 3ª ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2000.

_____ **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil.** vol. 1. 4ª ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002.

MARTÍNEZ-CROVETTO, R. La alimentación entre los índios Guaraníes de Misiones (República Argentina). **Etnobiológica,** 4:1-24. Corrientes, 1968a.

_____ Introducción a la etnobotánica aborígen del nordeste argentino. **Etnobiológica,** 11:1-10. Corrientes, 1968b.

_____ Juegos e deportes de los índios Guaraníes de Misiones. **Etnobiológica,** 6:1-30. Corrientes, 1968c.

_____ Notas sobre la agricultura de los índios Guaraníes de Misiones (República Argentina). **Etnobiológica,** 10:1-11. Corrientes, 1968d.

MEDEIROS, J. C. A. **Reestabelecendo um Tekoá pelos índios Guarani Mbyá. Um estudo de caso da aldeia Yakã Porã - Garuva/SC.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2006.

MELIÀ, B. A terra sem mal dos Guarani: economia e profecia, **Revista de Antropologia,** São paulo, FFLCH/USP, vol. 33, p.31-46, 1990.

MELLO, F.C. **Aata Tape Rupy. Seguindo pela estrada: Uma investigação dos deslocamentos territoriais realizados por famílias Mbyá-Guarani no sul do Brasil.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2001.

_____ **Aetchá Nhanderukuery Karai Retarã. Entre Deuses e Animais: Xamanismo, Parentesco e transformação entre os Chiripá e Mbyá.** Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2006.

MELO C. R. **Corpos que falam em silêncio - Escola, Corpo e Tempo entre os Guarani.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2008.

MELO, A.W.F.; SILVA, S.S.; TAVARES, R.A; FRESCHI, J.M.; GAVAZZI, R.A.; SILVA, J. F. M; PIYANKO, B.; COMUNIDADE ASHANINKA APIWTXA; BROWN, I.F. Aplicação de dados SRTM, sensoriamento remoto e SIG em etnomapeamento: o caso da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia na fronteira Brasil-Acre/Peru-Ucayali. **Anais XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto.** Florianópolis, INPE, p. 5949-5956, 2007.

MÉTRAUX, A. Weapons, In: STEWART, J. (ed.). **Handbook of South American Indians.** 5:645-653. Washington D.C.: Smithsonian Institution, 1949.

MONTOYA, A.R. **Tesoro de la Lengua Guarani.** Leipzig: B. G.Teubner, [1640] 1876a.

_____ **Bocabulario de la Lengua Guarani.** Leipzig: B. G.Teubner, [1639] 1876b.

MORAES, F.P.; COLLA, L.M. Alimentos funcionais e nutracêuticos: definições, legislação e benefícios à saúde. **Revista Eletrônica de Farmácia** Vol 3(2),109-122, 2006.
Disponível em: http://www.farmacia.ufg.br/revista/_pdf/vol3_2/artigos/ref_v3_2-2006_p109-122.pdf

MORAN, E. F. **Ecologia humana das populações da Amazônia.** Vozes, Petrópolis, 1990

_____ Introduction: Norms for Ethnographic Reporting. In: MORAN, E.F. (ed.) **The Comparative Analysis of Human Societies.** Toward Common Standards for Data Collection and Reporting Boulder, p. 1-20. 1995.

MOREIRA, G.; KODAMA, I.E. (coord.) **Popytyvõ Mbya Katcho Petei kuatchi'a: Ymangua a'e anhente gua. Contribuindo com a revitalização da cultura guarani.** Volume 1: Mitos e Lendas. Florianópolis: Epagri, 2008.

MYERS, N. "Hotspots" in tropical forests. **The Environentalist.** vol. 8, nº 3, 1988.
Disponível em: <http://www.springerlink.com/content/y66976j1n1201251/>

_____ Florestas Tropicais e suas espécies, Sumindo, sumindo...? In: WILSON, E.O. **Biodiversidade.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MYERS, N; RUSSELL, MITTERMEIER, R.A., MITTERMEIER, C.G., FONSECA, G.A.B.; KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature.** vol. 403, p. 853-858. 2000.

NASCIMENTO J.R. **Meio ambiente do trabalho e o uso do amianto: Banimento ou uso controlado? Uma visão humanística em face da saúde do trabalhador.** Pós-Graduação *Lato Sensu* em Direitos Humanos. Brasília/DF: UniCEUB/ICPD, 2006.

NEVES, I.A. **Relatório Circunstanciado de Estudos Complementares de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Mbiguaçu**. Brasília: FUNAI, 1999.

NIMUENDAJU, C. **As Lendas de Criação e Destruição do Mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani**. São Paulo: Hucitec/ Universidade de São Paulo, [1917] 1987.

NOELLI, F.S.. **Sem Tekohá não há Tekó (Em busca de um modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação a uma área de Domínio no Delta do Rio Jacuí- RS)**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PUC-RS. Porto Alegre, 1993.

_____. Múltiplos usos de espécies vegetais pela farmacologia Guarani através de informações históricas. **Revista Diálogos**, DHI/UEM, 02: 177-199, 1998.

_____. La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guaraníes. In: SAEZ, Oscar Calavia (Coord.). **Revista de Índias**. vol. LXIV, n. 230, p.7-34, Madrid, Espanha: 2004a.

_____. Os indígenas do sul do Brasil podem contribuir para a recomposição ambiental? **AgirAzul**. Porto Alegre, 2004b.

Disponível em: <http://www.agirazul.com.br/agirazul/AA10/noelli.htm>. Acesso em: 16/06/2009.

_____. The Tupi Expansion. In: SILVERMAN, H; ISBELL, W.H. (ed.) **The Handbook of South American Archaeology**. New York: Springer, 2008. p. 659-670

ODUM, E. P. **Ecologia**. Rio de Janeiro, Guanabara. 1988.

OLIVEIRA, M.S. **Reflexo das Águas Cristalinas: um estudo sobre a presença da Escola Indígena Moroti Wherá na Aldeia Guarani de Mbyguaçu**. 2002. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2004.

PERONI, N., MIRANDA, T.M., HANAZAKI, N. Aspectos específicos do acesso ao patrimônio genético e ao conhecimento tradicional associado à biodiversidade. In: BOEF, W.S.; THJISSEN, M. H.; OGLIARI, J.B.; STHAPIT, B. **Biodiversidade e Agricultores**. Porto Alegre: L&PM, pp. 187-193. 2007.

POSEY, D.A. Indigenous Menagement of Tropical Forest Ecosystems: The case of Kayapo Indians of the Brazilian Amazon. **Agroforestry Systems**, 3:139-158, 1985.

POSEY, D.A. Interpretando e utilizando a “realidade” dos conceitos indígenas: o que é preciso aprender dos nativos? In: DIEGUES, A. C.; MOREIRA, A. DE C. (Org.). **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB-USP, p. 279-294, 2001.

_____. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. (coord.) **Suma Etnológica Brasileira**. Petrópolis: Vozes/Finep, Brasil, 1986a.

_____. Manejo da Floresta Secundária, capoeiras e cerrados (Kaiapó). In: RIBEIRO, B. (coord.). **Suma Etnológica Brasileira**. Petrópolis: Vozes/Finep, p.173-185,1986b.

_____. The application of ethnobiology in the conservation of dwindling natural resources: lost knowledge or options for the survival of the planet. In: POSEY, D.A. & OVERAL W.L. (eds.). **Ethnobiology: Implications and Applications**. Proceedings for the First International Congress of Ethnobiology. p. 47-61. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1990.

POSEY, D.A.; BALÉE, W. **Managed forest succession in Amazonia: Indigenous and folks strategies**. The New York Botanical Garden, 1989.

PROUS, A. **O Brasil antes dos brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

REITZ, R., KLEIN, R.M. & REIS, A. Projeto Madeira de Santa Catarina. **Itajaí: SUDESUL/IBDF**, 1978.

REITZ, R.; KLEIN, R.M. O reino vegetal de Rio do Sul. **Sellowia**, 16(16):9-118, 1964.

RICKLEFS, R. E. **A economia da natureza**. 3ª edição, Trad. BUENO, C. S.; LIMA, P. P. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1996.

RIOS, A.V.V. **Legal aspects of the presence of traditional peoples on protected areas**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Bristol (Reino Unido), 2005.

RODRIGUES, J.B. **Vocabulario indigena comparado para mostrar a adulteração da lingua (complemento do Poranduba Amazonense)**. Publicação da Bibliotheca Nacional. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos. 1892.

RYLANDS, A. B.; BRANDON, K. Brazilian Protected Areas. **Conservation Biology**, 19(3):612-618, June, 2005.

SÁ, M.R. O botânico e o mecenas: João Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX. **História, Ciência e Saúde – Manguinhos**, vol. III (suplemento), p. 899-924, 2001.

SCHADEN, E. **Aspectos Fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: EDUSP, 1974.

SEIXAS, C.S. Abordagens e Técnicas de Pesquisa Participativa em Gestão de Recursos Naturais. In: FREIRE, P.; BERKES, F.; SEIXAS, C.S. **Gestão Integrada e Participativa de Recursos Naturais (Conceitos, Métodos e Experiências)**. Florianópolis: Secco, 2005.

SEMEGHINI, M.G. **Jaipota Yvy Porã (“precisamos de terra boa”). Uma visão do manejo e agricultura Guarani Mbyá**. Monografia em Ciências Biológicas. Florianópolis: UFSC, 2002.

SIMINSKI, A.; MANTOVANI, M.; REIS, M.S.; FANTINI, A.C. Sucessão florestal secundária no município de São Pedro de Alcântara, litoral de Santa Catarina: estrutura e diversidade. **Ciência Florestal**. Santa Maria/RS, v. 14, n°1, p.1-33, 2004.

SOBRAL, M; JARENKOW, J.A.; BRACK, P.; IRGANG, B.; LAROCCA, J.; RODRIGUES, R.S. **Flora arbórea e arborescente do Rio Grande do Sul, Brasil**. São Carlos, RIMA/Novo Ambiente, 2006.

STAVENHAGEN, R.. Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista. **Anuário Antropológico/84**. Brasília/Rio de Janeiro: UNB/Tempo Brasileiro. p.13-56, 1984.

TRESSERRAS, J.J Las rutas e itinerarios culturales em iberoamérica. **Revista ambiente digital**, vol. 98, p. 1-5. La Plata/Argentina, 2007.

Disponível em: <http://www.revista-ambiente.com.ar/imagenes/99/Tresserras.pdf>

UTHERMOEL, B. Sistema Agroflorestal Guarani: possibilidades para o desenvolvimento sustentável. **Anais do V Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais**. 2004. Disponível em: http://www.sbsaf.org.br/anais/2004/pdfs/posters/secao_3/p8_02.pdf Acessado em: 25/052009.

VELOSO, H. P.; RANGEL FILHO, A. L. R.; LIMA, J. C. A. **Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal**. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

VIVAN, J. **Agricultura e Floresta: princípios de uma interação vital**. Guaíba: Ed. Agropecuária, 1998.

VIEIRA, I.F. **“Educação Indígena”: as vozes Guarani sobre a escola na aldeia**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2006.

WILSON, E.O. A situação atual da diversidade biológica. In: WILSON, E.O. **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1997.

Sítios eletrônicos

Biblioteca Curt Nimuendaju: <http://biblio.etnolinguistica.org/>

Biodiversity Hotspots: www.biodiversityhotspots.org/

CI – Conservation International: www.conservation.org.br/

CIMI – Conselho Indigenista Missionário: www.cimi.org.br/

CTI – Centro de Trabalho Indigenista: www.trabalhoindigenista.org.br/

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: www.priberam.pt/

Flora brasiliensis: <http://florabrasiliensis.cria.org.br/>

IPNI – International Plant Name Index: www.ipni.org/

ISA – Instituto Socioambiental: www.socioambiental.org.br/

ISE International Society for Ethnobiology: <http://ise.arts.ubc.ca/>

Legislação: www.planalto.gov.br/

Léxico Guarani, Dialeto Mbyá (DOOLEY, R.A.):
<http://orbita.starmedia.com/~i.n.d.i.o.s/dooley/gndc.htm>

Árvores Brasil: www.arvoresbrasil.com.br/

SOS Mata Atlântica: www.sosmatatlantica.org.br/

Wikipedia: <http://pt.wikipedia.org/>

APÊNDICES

APÊNDICE 1: TERMO DE ANUÊNCIA DA COMUNIDADE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – MUSEU UNIVERSITÁRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – DPTO. DE ECOLOGIA E ZOOLOGIA

Termo de Consentimento (Anuência Prévia)

Meu nome é Diogo de Oliveira, estudante de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Desenvolvo projeto de pesquisa sobre a área de uso, o conhecimento tradicional e a utilização de plantas na aldeia indígena Tekoá Yyn-Moroty-Wherá, Terra Indígena M'biguaçu, Biguaçu, Santa Catarina, Brasil.

O projeto é intitulado "Os Guarani e a Mata Atlântica: Um diálogo em constante construção" e será apresentado para aprovação da comunidade indígena no mês de fevereiro de 2009, sendo apresentado à comunidade acadêmica como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no mês seguinte. Além de mim, participa deste projeto a antropóloga Maria Dorothea Post Darella e a professora Natália Hanazaki, sendo respectivamente minha orientadora e co-orientadora.

O objetivo deste trabalho é conhecer o universo botânico reconhecido e utilizado pela comunidade, bem como os nomes, os usos e as interpretações sobre tais plantas, apontando para as áreas onde estão localizadas tais espécies na região ocupada pela comunidade. Serão coletadas amostras da plantas com finalidade de identificação científica das espécies, sendo que ao final do trabalho estas amostras serão mantidas na aldeia. Também serão realizados registros fotográficos do período de campo e gravações de voz das lideranças a respeito de seu território. Não será realizada a extração de princípios ativos de nenhuma planta coletada ou observada em campo. Este trabalho não possui nenhum objetivo financeiro, seus resultados serão entregues à comunidade, servirão para comunicar outros pesquisadores e órgãos públicos que atuam junto a comunidades indígenas e poderão ser publicados em revistas relacionadas à Universidade.

Solicito autorização para a realização do trabalho e a qualquer momento o trabalho poderá ser cessado e cancelado mediante solicitação da comunidade, sem trazer nenhum prejuízo à mesma.

Caso tenham qualquer dúvida podem entrar em contato comigo pessoalmente, por telefone, em nosso endereço na UFSC ou via correio eletrônico (diogoangoleiro@gmail.com):

Laboratório de Etnologia Indígena
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Museu Universitário
Universidade Federal de Santa Catarina
Campus Universitário, Trindade,
Florianópolis, SC
CEP 88010-970
Telefone: 3721 9793

Laboratório de Ecologia Humana e
Etnobotânica
Centro de Ciências Biológicas
Departamento de Ecologia e Zoologia
Universidade Federal de Santa Catarina
Campus Universitário, Trindade,
Florianópolis, SC
CEP 88010-970
Telefone: 3721 9460

Liderança Indígena: Esclarecido sobre a forma de realização da pesquisa, do meu direito de não participar ou desistir dela sem prejuízo para mim ou para minha comunidade e de como serão utilizados seus resultados, eu concordo em participar da mesma.

Data: 16/09/2008

Local: Aldeia Miraguacé

[Assinatura]

Liderança Indígena da aldeia

[Assinatura]

Pesquisador

APÊNDICE 2: PLANEJAMENTO DE ATIVIDADE ESCOLAR

Estado de Santa Catarina Escola Indígena de Ensino Fundamental Wherá-Tupã Poty Djá Planejamento de Atividade

O presente planejamento tem o propósito de inserir no cotidiano escolar o projeto: “*Os Guarani e a Mata Atlântica: um diálogo em constante construção*”, elaborado pelo presente pesquisador/professor com a finalidade de servir como Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Biológicas, na Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto tem o intuito de investigar a área de uso da aldeia indígena *Tekoá Y’yn Morotĩ Wherá*, Terra Indígena M’biguaçu, a partir das plantas reconhecidas e manejadas pela comunidade. O projeto propõe a confecção de mapas mentais pela comunidade, incluindo a percepção das crianças sobre o território, inserindo a atividade no programa de atividades escolares. A adaptação do projeto ao Planejamento Político-Pedagógico (PPP) diferenciado da escola surgiu como solicitação do professor indígena Geraldo Karáí O’Kendá Moreira, que forneceu uma cópia do referido documento ao presente pesquisador/professor. Neste sentido foi solicitada uma proposta de atividades de docência da disciplina de Ciências como requisito para integrar a equipe escolar como professor substituto.

Seguindo o objetivo geral de escola diferenciada buscando o registro dos conhecimentos por meio de pesquisas e práticas tradicionais cotidianas e o estabelecimento de relações interculturais propostos no PPP, o presente planejamento busca integrar as propostas do projeto às diretrizes escolares. Seguindo aspectos elencados no eixo norteador do PPP intitulado: Conhecimento e Sabedoria Guarani - *Tata Endy Rekoé*, como o resgate dos conhecimentos tradicionais, o equilíbrio e a harmonia do cosmo, a melhoria das condições de nosso amado planeta mãe Terra, o equilíbrio ecológico com respeito à preservação das riquezas naturais e sagradas em todos os reinos, a economia ecológica e a política baseada na liderança com amor e sabedoria; o presente planejamento pretende inserir suas atividades nos quesitos a seguir elencados:

1º TEMA:

CERIMÔNIAS

Karáí (abordado pelo professor Geraldo Karáí O’Kendá Moreira)

- Médico tradicional: pesquisar junto dos alunos as plantas conhecidas por eles que são utilizadas pelo karaí para as curas, saindo às matas da aldeia para encontrar tais plantas;

Opydjere

- Ervas Medicinais: pesquisar quais são as plantas utilizadas na Cerimônia da Origem na *Opydjere* com as *Tchedjairy Ita*;

Elementos da Natureza (abordado pela professora Adriana Keretchu Miri Moreira)

- Lenha: pesquisar quais são as madeiras que são utilizadas para lenha na aldeia, bem como o local de onde são retiradas estas madeiras;
- Pigmento: pesquisar quais plantas e qual parte das plantas pode ser utilizado como pigmentos para o corpo e para a pintura de tecidos;

Instrumentos Cerimoniais (abordado pela professora Eunice Para Antunes)

- Instrumentos musicais: ravé, mbaraka, mbaraka miri, angu'apu, mimby, takuapu – pesquisar quais são as plantas utilizadas hoje em dia e antigamente para fabricar os instrumentos musicais;
- Popygua, turu, adjaka: pesquisar quais são as plantas utilizadas para fabricar estes artefatos;

Medicina Tradicional – Produção e Cultivo (abordado por todos os professores)

- Avaska: pesquisar quais são as plantas utilizadas no preparo da medicina;
- Ervas Medicinais: pesquisar quais são as ervas medicinais utilizadas em suas casas pelos pais;

Manejo Consciente dos Recursos Naturais (abordado por todos os professores)

- Fases da Lua: pesquisar qual a fase da lua correta para retirar as plantas da mata;
- Direções: pesquisar a maneira correta de saudar as direções quando se retira plantas da mata;
- Quantidade: pesquisar qual a quantidade de recursos naturais que podem ser retirados da mata sem destruir a floresta;

- Extração: pesquisar a maneira correta de extrair folhas, cascas, raízes, látex, cipós e madeiras da mata;
- Pedir licença: pesquisar quais são as divindades protetoras das matas à quem se deve pedir licença ao extrair materiais;

CONTEÚDOS COMPLEMENTARES (abordados pela professora Isabel Yoko Kodama)

- Ambiente:
 1. Energia solar (fotossíntese): abordar os seguintes conceitos: 1) o sol é a principal fonte de energia de nosso planeta; 2) as plantas são os seres vivos que tem capacidade de absorver diretamente a energia solar e fornecem esta energia para todos os outros seres vivos;

OBS: pesquisar mitos e lendas Guarani sobre a origem do sol (*Kuaray*) e das plantas. Relacionar com mito da criação do *petyngua*.

- Plantas: raiz, caule, folha, flor, fruto, semente e plantas tóxicas;
 2. Desenhar plantas e escrever o nome das partes da planta e guarani e em português;
 3. Pesquisar os tipos de plantas existentes para a cultura Guarani. Ex: *ca'a*, *yvyra*, *karaguata*, *pindó*, *amambai*, *tchipó*, *ca'avó* (“plantas tóxicas”), etc.

2º TEMA:

KUNHANGUE REKO (CICLO DE VIDA DA MULHER) – abordado com todas as meninas

1. Quais ervas medicinais são queimadas para passar a cinza no corpo da criança para aquecer o corpo e firmar os ossos da crianças?
2. Quais as ervas que se usa para dar banho na criança e afastar os maus espíritos quando a criança fica doente? (*pipi guatchu* – como reconhecer a planta no mato?)
3. Quais são as ervas que se usa para dar banho nas meninas quando ficam na lua (menstruadas) pela primeira vez?
4. Quais são as ervas utilizadas como incenso no casamento?
5. Quais são as ervas utilizadas para não sentir cólicas e regular o sangue quando a mulher fica menstruada?
6. Qual o remédio que a mulher deve tomar para ter o parto normal?

7. Qual a planta que a mulher deve usar para passar no corpo quando demora muito para dar à luz?
8. Qual erva que a mulher deve usar para ter bastante leite?
9. Quais ervas a mulher deve utilizar para não engravidar?
10. Qual o remédio que a mulher deve tomar para retardar a menopausa?

AVAKUE REKO RÃ (HISTÓRIA DO HOMEM)

1. Quais as frutas silvestres que se traz que se traz ao *karaí* para ver o nome da criança?
2. Da raiz de qual palmeira se faz chá e lavar a boca da criança para que ela não tenha cáries?
3. Quais ervas devem ser utilizadas para tomar banho antes da primeira relação sexual?
4. Qual erva é utilizada no enterro das pessoas?

3º TEMA:

CULTURA (abordado pelos professores Geraldo Karaí O’Kendá Moreira e Eunice Para Antunes)

- Tudo que é produzido pelo homem...: refletir sobre o processo de produção industrial, a sociedade de consumo e a produção de lixo gerada na vida moderna;
OBS: conversar sobre alimentos naturais e industrializados, refletindo sobre as conseqüências de cada um para a saúde e a produção de lixo vinda das embalagens.

ALIMENTAÇÃO TRADICIONAL (abordado pela professora Adriana Keretchu Miri Moreira)

- Temperos: pesquisar quais eram os temperos da mata utilizados antigamente e quais são utilizados hoje em dia;
- Frutas nativas: pesquisar quais são as frutas nativas conhecidas pelas crianças e como reconhecer as árvores que dão essas frutas na mata;
- Palmeiras: pesquisar quais são as palmeiras que produzem alimentos;
- Erva-mate: pesquisar quais são as plantas e remédios que podem ou devem ser bebidos junto do chimarrão;

MATA (abordado por todos os professores)

- Pesquisar quais são os alimentos retirados da mata;

OBS: Introduzir o conceito de Mata Atlântica, apresentando com mapas a sua ocorrência e a ocupação Guarani no *Yvy Rupá* (Território Guarani).

4º TEMA:

TEKOÁ (abordado pelo professor Geraldo Karai O’Kendá Moreira)

- Espaço: refletir sobre o espaço onde está localizada a aldeia;
OBS: refletir sobre a diferença entre locais para o povo Guarani (*yvy vate*, *yvy ã/yvy vate í*, *tchyró pyté*, *yakã reimbé*)
- Localização: observar a localização da Terra Indígena M’biguaçu no mapa de *Yvy Rupá*;
- Nascentes (recursos hídricos): localizar a nascente dos principais rios na imagem de satélite e representá-los nos mapas mentais (desenhos) da região onde está a aldeia;

SUSTENTABILIDADE (abordado por todos os professores)

- Trilha: localizar a trilha *Tapé Poty* nos mapas mentais tentando reconhecer os limites da área demarcada e os pontos importantes que estão fora dos limites;

RELAÇÕES INTERCULTURAIS (abordado pelo professor Marcos Karai Popygua Moreira)

- Pesquisadores: refletir sobre as contribuições que pesquisadores podem trazer à aldeia e a existência de alunos indígenas nas escolas fora da aldeia (ex: CASCGO) e Universidades;

CONTEÚDOS COMPLEMENTARES (abordados pela professora Isabel Yoko Kodama)

- Paisagem: aldeia, construção do mapa demarcando seu território, nascentes, vegetação nativa, atividades econômicas e ocupação populacional;
OBS: Utilizar conceitos abordados nos itens anteriores para elaboração dos mapas.

CONTEÚDOS COMPLEMENTARES (abordados pela professora Caroline Yoko Kodama Lopes)

- Relações entre os seres vivos: conversar sobre populações, comunidades, ecossistema, nicho ecológico e habitats da Mata Atlântica;
OBS: pesquisar com o *tcheramói* e a *tchedjairy* e os adultos da aldeia relações entre animais e plantas da floresta; abordar relações ecológicas da Mata Atlântica.

CONTEÚDOS COMPLEMENTARES (abordados pelo professor Henrique Tobal Junior)

- A tecnologia e as alterações da natureza;
 - A sociedade moderna ou industrial;
 - Do artesanato à indústria moderna;
OBS: Discutir nos três itens anteriores os problemas ambientais ocasionados pelo sistema de produção industrial como a produção de lixo, os problemas de saúde e a poluição das águas, abordando conceitos de gerenciamento de resíduos sólidos (reciclagem e compostagem para produção de adubo orgânico).
5. Região Centro-Sul: abordar conceitos de Mata Atlântica e *Yvy Rupá*.

APÊNDICE 3: FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DAS PLANTAS

Nome Guarani	
Nome Português	
Nome Científico	
Hábito	
Cor da flor	
Uso	
Observações	
Coletor	Diogo de Oliveira

Esta coleta foi realizada durante a realização da pesquisa intitulada: **Nhande Ka'aguy Rupa – Sobre as plantas e os deuses: Etnobotânica e Territorialidade Guarani na Terra Indígena M'biguaçu/SC**, realizada por Diogo de Oliveira nos anos de 2008 e 2009. O acesso e o uso das informações contidas neste herbário são reservados à comunidade da aldeia **Tekoa Yyn Morotĩ Whera**, sendo que sua reprodução e utilização é expressamente proibida, sendo somente permitida para fins didáticos mediante autorização formal do autor e das lideranças da comunidade.

APÊNDICE 4: LISTA DE PLANTAS POR FAMÍLIA BOTÂNICA

Família	Nome Guarani	Nome Científico
Alliaceae	si	<i>Allium cepa</i> L.
Amaranthaceae	avokudja	Amaranthaceae
Anacardiaceae	yryvadja rembiu	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi
Annonacea	aratchiku	Annonacea
Annonacea	guadjyui	<i>Xylopia</i> sp.
Apiaceae	ipoty djere	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.
Apocynaceae	pipi guatchu	<i>Tabernaemontana catharinensis</i> DC.
Aquifoliaceae	ka'a hogue	<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.
Aquifoliaceae	ka'a miri	<i>Ilex</i> sp.
Aquifoliaceae	ka'a rã	<i>Ilex</i> sp. 2
Aquifoliaceae	ka'a rã	<i>Ilex</i> sp. 3
Araceae	guembe rã	<i>Anthurium</i> sp.
Araceae	guembe pi	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.
Araceae	guembe pi	<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott
Araceae	guembe rã	<i>Philodendrum</i> sp.
Araliaceae	mandio rã	<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire, Steyerl. & Frodin
Araucariaceae	kuri'y	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze
Arecaeaeae	djurua djedjy	<i>Archontophoenix alexandrae</i> H. Wendl. & Drude
Arecaeaeae	pindo andai	<i>Attalea dubia</i> (Mart.) Burret
Arecaeaeae	mbokadja	<i>Bactris setosa</i> Mart.
Arecaeaeae	djatai	<i>Butia</i> sp.
Arecaeaeae	djedjy ete	<i>Euterpe edulis</i> Mart.
Arecaeaeae	pindo ro; pindo'i	<i>Geonoma gamiova</i> Barb. Rodr.
Arecaeaeae	pindo ete	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman
Aristolochiaceae	tchypo katchi	<i>Aristolochia</i> sp.
Asteraceae	ipoty dju	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.
Asteraceae	ipoty dju	<i>Arnica montana</i> Hook.
Asteraceae	koaratchy poã	Asteraceae
Asteraceae	nherumi miri	<i>Baccharis</i> sp.
Asteraceae	djairoguë odjaivë	<i>Bidens pilosa</i> L.
Asteraceae	tcherai	<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC.
Asteraceae	kauë ka'a	<i>Mikanea cordifolia</i> Willd.
Bignoniaceae	para para'y	Bignoniaceae
Bignoniaceae	tadjy ipe	Bignoniaceae
Bignoniaceae	tadjy pyta	Bignoniaceae
Bignoniaceae	tadjy tchi'i	Bignoniaceae
Bignoniaceae	si	<i>Mansoa alliacea</i> (Lam.) A.H.Gentry
Bignoniaceae	yvyra vevüi	<i>Tabebuia cassinoides</i> DC.
Bignoniaceae	adjuy miri ti	<i>Tabebuia</i> sp.
Bixaceae	djegua	<i>Bixa orellana</i> L.

Boraginaceae	uru'vu ka'a	<i>Cordia verbenacea</i> DC.
Boraginaceae	guadjuvira	<i>Patagonula americana</i> L.
Bromeliaceae	karaguata	Bromeliaceae
Caesalpineaceae	vaka pytcha	<i>Bauhinia candicans</i> Benth.
Caesalpineaceae	vaka pytcha	<i>Bauhinia forficata</i> Link
Caesalpineaceae	guatchu pytcha	<i>Bauhinia splendens</i> Kunth
Caesalpineaceae	yvypay tchi	<i>Copaifera trapezifolia</i> Hayne
Caesalpineaceae	yvyra pëpë	<i>Holocalyx balansae</i> Micheli
Caesalpineaceae	yvyra ipoty dju	<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) S.F.Blake
Caesalpineaceae	yakã ra	<i>Senna multijuga</i> (Rich.) H.S.Irwin & Barneby
Caprifoliaceae	ipoty djere ti	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schtdl.
Caricaceae	djarakatiy oka	<i>Carica papaya</i> L.
Caricaceae	djarakatiy ka'aguy	<i>Jaracatia spinosa</i> A.DC.
Cecropiaceae	ambay guatchu	<i>Cecropia glaziovi</i> Snethl.
Celastraceae	yvyra hapoju	<i>Maytenus aquifolium</i> Mart.
Chenopodiaceae	ka'arë	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.
Chlorantaceae	ambay miri	<i>Hedyosmum brasiliensis</i> Mart.
Clethraceae	guadjauë ti	<i>Clethra</i> sp.
Clusiaceae	ka'avo tyre	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.
Clusiaceae	pakuri	<i>Garcinia gardneriana</i> Planch. & Triana
Combretaceae	hogue guatchu	<i>Terminalia catappa</i> L.
Compositae	djakare ruguai;tatu ruguai	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.
Convolvulaceae	takua mimby	<i>Argyrea nervosa</i> (Burm.f.) Bojer
Convolvulaceae	djety	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.
Cucurbitaceae	tchanjau	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai
Cucurbitaceae	mero	<i>Cucumis melo</i> L.
Cucurbitaceae	andai	<i>Cucurbita</i> sp.
Cucurbitaceae	yakua	<i>Lagenaria</i> sp.
Cupressaceae	hogue piriri	<i>Cupressus</i> sp.
Cupressaceae	yvyra katu miri	<i>Cupressus</i> sp.
Cyatheaceae	tchatchim	<i>Cyathea schanchin</i> Mart.
Ebenaceae	si	<i>Diospyros kaki</i> L.f.
Erythroxylaceae	akaë ka'a	<i>Erythroxylum</i> cf. <i>argentinum</i> O.E.Schulz
Euphorbiaceae	tembiadja	<i>Alchornea</i> sp.
Euphorbiaceae	pë'ëngue poã	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.
Euphorbiaceae	yvyra tchi	Euphorbiaceae
Euphorbiaceae	mandio	<i>Manihot esculenta</i> Crantz
Euphorbiaceae	yvyra un	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Baill.
Euphorbiaceae	yvyra ogue ita monguyia	<i>Phyllanthus niruri</i> L.
Euphorbiaceae	ambay	<i>Ricinus communis</i> L.
Euphorbiaceae	kurupika'y	<i>Sapium glandulatum</i> Pax
Fabaceae	mboy pyta'i	<i>Abrus precatorius</i> L.
Fabaceae	manduvi	<i>Arachis hypogaea</i> L.
Fabaceae	kurupika'y	<i>Erythrina falcata</i> Benth.

Fabaceae	komanda	<i>Phaseolus</i> sp.
Heliconiaceae	peguaio	<i>Heliconia</i> sp.
Lamiaceae	si	<i>Lavandula</i> sp.
Lamiaceae	hogue reaquã ivê	<i>Ocimum basilicum</i> L.
Lamiaceae	pety reaquã	<i>Ocimum selloi</i> Benth.
Lamiaceae	hogue iro	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews
Lamiaceae	nherumi'i	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.
Lamiaceae	tarumã	<i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Moldenke
Lauraceae	adjuy pyta	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyne
Lauraceae	adjuy guatchu	Lauraceae
Lauraceae	adjuy tchi'i	Lauraceae
Lauraceae	yvyra padje	<i>Nectandra rigida</i> (Kunth) Nees
Lauraceae	adjuy miri	<i>Ocotea pulchella</i> Mart.
Lauraceae	petu guatchu	<i>Persea americana</i> Mill.
Magnoliaceae	mbaguatchu	<i>Talauma ovata</i> A.St.-Hil.
Malpighiaceae	tchypo poã	<i>Banisteriopsis caapi</i> (Spruce ex Griseb.) C.V.Morton
Malvaceae	si	<i>Gossypium</i> sp.
Malvaceae	typytcha hogue	<i>Sida rhombifolia</i> L.
Melastomataceae	arao	Melastomataceae
Melastomataceae	iaui	Melastomataceae
Melastomataceae	nherumi guaxu; nherumi ka'aguy; typea guaxu	<i>Miconia cinnamomifolia</i> Naudin
Melastomataceae	uru py	<i>Tibouchina urvilleana</i> Cogn.
Meliaceae	kadjarana	<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.
Meliaceae	yary	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.
Mimosaceae	si	<i>Adenanthera pavonina</i> L.
Mimosaceae	kourupa'y tchi	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan
Mimosaceae	tchimbo'y	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong
Mimosaceae	tchimbo'y; ta'ape ryva	<i>Enterolobium timbouva</i> Mart.
Mimosaceae	inga guatchu	<i>Inga sessilis</i> Mart.
Mimosaceae	inga komanda	<i>Inga</i> sp.
Mimosaceae	tamongue	<i>Mimosa bimucronata</i> (DC.) Kuntze
Mimosaceae	kourupa'y pyta	<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan
Mimosaceae	kourupa'y	<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F.Macbr. <i>Ficus</i> cf. <i>gomelleira</i> Hort.Monac. ex Kunth & Bouche
Moraceae	yvaro	<i>Ficus guaranitica</i> Chodat
Moraceae	guapo y	Moraceae
Moraceae	yvyra ytchy	Moraceae
Musaceae	pakoa	<i>Musa paradisiaca</i> L.
Myrsinaceae	mbore rembiu;ka'a pororo	<i>Myrsine umbellata</i> Mart.
Myrtaceae	guavira ete'i	<i>Campomanesia</i> sp2.
Myrtaceae	guavira un'i	cf. <i>Campomanesia</i> sp.
Myrtaceae	si	<i>Eucaliptus</i> sp.
Myrtaceae	guavira pyta'i; nhengue pire	<i>Eugenia uniflora</i> L.
Myrtaceae	yvapuru	<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O.Berg

Myrtaceae	guavidju miri ka'aguy	Myrtaceae
Myrtaceae	guavidju miri oka	Myrtaceae
Myrtaceae	guavira guatchu	Myrtaceae
Myrtaceae	yvyra katu	Myrtaceae
Myrtaceae	aratcha'i	<i>Psidium cattleianum</i> Weinw.
Myrtaceae	aratcha guatchu	<i>Psidium guajava</i> L.
Myrtaceae	aratcha oruy	si
Myrtaceae	guavidju	<i>Britoa guazumifolia</i> (Cambess.) D.Legrand
Orchidaceae	tapiti nhambi	Orchidaceae
Phytolaccaceae	pipi	<i>Petiveria alliacea</i> L.
Piperaceae	djaorandi hogue apuavë	<i>Piper marginatum</i> Jacq.
Piperaceae	djaorandi grandiu	Piperaceae
Poaceae	takuaremba	<i>Chusquea ramosissima</i> Lindm.
Poaceae	ka'api'i a	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.
Poaceae	ka'api'i ka'ati	<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf.
Poaceae	ka'api'i reakuã	<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle
Poaceae	takuarutçu	<i>Guadua trinitii</i> Rupr.
Poaceae	takua ete'i	<i>Merostachys multiramea</i>
Poaceae	nhua	<i>Oriza</i> sp.
Poaceae	ipoty pouoi	Poaceae
Poaceae	ka'api'i	Poaceae
Poaceae	akara	si
Poaceae	takuarë'ë avatchi	<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench
Poaceae	avatchi	<i>Zea mays</i> L.
Polygonaceae	tyvy reta	<i>Cocoloba</i> sp.
Pteridophyta	amambai takau	Pteridophyta
Pteridophyta	amambai takau	Pteridophyta
Pteridophyta	amambai takau ti	Pteridophyta
Pteridophyta	karaguara	Pteridophyta
Pteridophyta	natchiorã	Pteridophyta
Pteridophyta	piru piru i	Pteridophyta
Rosaceae	nhambi kue	<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.
Rosaceae	tembiadja ti	<i>Morus alba</i> L.
Rosaceae	si	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch
Rosaceae	tembiadja ka'aguy	<i>Rubus rosifolius</i> Sm.
Rosaceae	tembiadja oka	<i>Rubus</i> sp.
Rubiaceae	hogue guatchu	<i>Bathysa australis</i> K.Schum.
Rubiaceae	ipoty ovy	<i>Diodiasp.</i>
Rubiaceae	tukã retcha	<i>Psychotria</i> sp.
Rubiaceae	tukã retcha	<i>Psychotria</i> sp2.
Rutaceae	narã	<i>Citrus</i> sp.
Santalaceae	nhande tay	<i>Jodina rhombifolia</i> Hook. & Arn. ex Reissek
Sapindaceae	yvata'y	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.
Sapindaceae	yvata'y ti	<i>Matayba</i> sp.

Sapindaceae	tchimbo'y	<i>Paullinia elegans</i> Griseb.
Sapotaceae	aguai	<i>Chrysophyllum gonocarpum</i> Engl.
Solanaceae	pety	<i>Nicotiana tabacum</i> L.
Solanaceae	ka'atingy	<i>Solanum</i> sp.
Solanaceae	teju ruguai	<i>Solanum</i> sp.
Tiliaceae	itchongy tĩ	<i>Luehea divaricata</i> Mart.
Tiliaceae	itchongy	<i>Luehea</i> sp.
Ulmaceae	nherumi	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume
Urticaceae	pyno	<i>Urera baccifera</i> Gaudich.
Verbenaceae	yvarã	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson
Verbenaceae	si	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl
Verbenaceae	uruvu ka'a	<i>Verbena</i> sp.
Winteraceae	yraro	<i>Drimys brasiliensis</i> Miers
Zyngiberaceae	peguaõ reaquã	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burtt & R.M.Sm.
Zyngiberaceae	peguaõ	Zyngiberaceae

ANEXOS

**ANEXO 1: LISTA DE PLANTAS SOLICITADAS COMO MEDIDA MITIGADORA
PELA CONSTRUÇÃO DA LINHA DE TRANSMISSÃO ELÉTRICA PELA
ELETROSUL**

Artesanato / medicinais	
* corticeira -	2.000
ypê -	3.000
angico -	1.500
canela mata -	5.000
cedro -	2.000
* cipó imbé -	2.000
* " liça -	1.500
cedrinho -	200
espinheira santa -	2.000
agua'i -	2.000
coita de cavalo -	5.000
passapás -	5.000
faruva -	3.000
jaracatião -	10.000
* alecrim do mato -	2.000
kurupa'i -	5.000
* guariju -	2.000
erva - mate -	15.000
quapo'i -	1.000
tarumã -	3.000
pau - brasil -	10.000
olho de dragão -	5.000
yrya evy -	200
ste capote -	200

Frutíferas

- qualiroba - 2000
- alacá - 2000
- jabuticaba - 2000
- araticum - 2000
- pitanga - 2000
- pacuri - 2500
- coqueiro - 5000
- figo - 500

- palmito jussara - 50.000

22 casas - 10 construções

- 12 reformas

- 3 banheiros comunitários

casa de rez (opy) - 1

Oficina / cursos - 4

casa / escritório - 1 ou

aluguel sala comercial centro Biguaçu
humanas - { gerente executivo - 1
 { antropólogo - 1
 { auxiliar administrativo - 1

**ANEXO 2: CÓPIA DAS CARTAS ENCAMINHADAS PELA COMUNIDADE À
FUNAI REIVINDICANDO A AMPLIAÇÃO DA ÁREA**

TI Mbiguaçu, SC, 28 de Julho de 2003.

Ilmo Sr. Presidente da Funai
Dr. EDUARDO AGUIAR DE ALMEIDA
Brasília - DF

Senhor Presidente

Vimos por meio desta solicitar a criação de um GT - Grupo Técnico para fazer um estudo a fim de rever os limites de nossa terra.

No ano de 1999 foram iniciados os estudos de identificação e delimitação da terra que atualmente ocupamos, e esta identificação resultou na demarcação de 58 ha, homologada pelo Presidente da República no dia 05 de Maio de 2003.

Mas esses 58 ha são insignificantes para nossa comunidade, pois somos 250 pessoas sendo que a maioria são crianças. Nessa reduzidíssima terra, não há espaços para plantio, pois além de pequena a terra é de pouca qualidade, não produzindo quase nada, nem nossas sementes tradicionais conseguimos plantar nesse local.

Todo o material que utilizamos para o artesanato e para construção de nossas casas, como a Opy/casa de orações, vem de fora, pois nossa terra não oferece material suficiente para essas finalidades.

Nossa comunidade vem crescendo bastante, basta ver que em 1993, a dez anos atrás, éramos 28 pessoas, hoje somos mais de 250 pessoas. Temos muito mais parentes que gostariam de vir pra cá, mas infelizmente não há espaços. Queremos continuar vivendo nossos costumes e tradições, mas com tão pouca terra como fazer? Como manter nossa subsistência se não temos terra para plantio?

Na região que pretendemos ampliar tem um importante potencial de água e recursos florestais. É praticamente o último reduto de Mata Atlântica preservada na região, como inúmeras nascentes e riachos. Mas a cada dia que passa surgem novas agressões e explorações, como desmatamento, caçadores (anexo 1) e até exploração de rochas, que

causam impactos sobre nossa água (anexo 2). Várias vertentes já desapareceram.

Por esses e outros motivos que precisamos, com urgência, a ampliação de nossa terra, conforme determina o Art. 231 da Constituição Federal, para que possamos assegurar nossos usos, costumes e tradições.

Queremos que a Funai envie imediatamente um grupo técnico para iniciar os estudos de ampliação de nossa terra para que possamos ter mais esperança e tranquilidade.

Atenciosamente

Hyral Moreira
Cacique da TI Mbiguaçu

C.c. Diretor da DAF - Antonio Pereira da Silva;
Diretor do DEID - Terry Valle de Aquino
MPF em Florianópolis - Dr^a. Samantha Chantal Dobrowolski;
Administrador AER/CTBA - Antonio Roberto de Paula;
Coordenador da Região Etnográfica Guarani - Carlos Alexandre

Assinam demais lideranças e membros da Comunidade Indígena.

Associação dos Moradores da Aldeia Yynn Moroti Wherá
CNPJ 03.521.783/0001-47

OF.010/2005

Biguaçu, 15/06/2005.

Prezado Sr.

Vimos por meio desta enviar a Vª.Sª. documentos referentes a reivindicação de ampliação de nosso território, ratificando a urgência do pleito e anexando documento de apoio das etnias indígenas da região sul, identificadas na Conferencia Regional dos Povos Indígenas e ATA de reunião desta comunidade, enviada para o Ministério Público de Santa Catarina. Como o senhor pode verificar, estes documentos já foram encaminhados para Funai/DF através do Núcleo de Apoio de Palhoça e pelo Sr. Vilmar Guarani advogado desta instituição.

Portanto pedimos vossa atenção e dedicação a esta importante solicitação que irá atender nossas necessidades básicas para uma melhor qualidade de vida em nossa comunidade e preparação e planejamento para o futuro de nosso povo. Certo de sua total dedicação, me despeço cordialmente e aguardo sua resposta o mais breve possível.



Nyrat Moreira

Cacique e Presidente da Associação da T.I M'Biguaçu

Ilmo Senhor
Dr. Mércio Pereira Gomes
Presidente da Fundação Nacional do Índio

ESTADO DE SANTA CATARINA – CONFERÊNCIA REGIONAL DOS POVOS
INDÍGENAS DO SUL

Florianópolis, 10 de junho de 2005

REINVIDICAÇÃO

Nós lideranças indígenas que participaram da Conferência Regional da Região Sul, vimos através deste manifestar apoio a inclusão Guarani M'Biguaçu/SC, pois a referida Terra Indígena possui uma área de 59 hectares, sendo que só podem serem cultivados 15 hectares, o restante da área é ocupada pela mata atlântica como preservação ambiental.

A área disponível para a produção de subsistência é insuficiente porá garantir o sustento da população indígena que ocupa tradicionalmente a referida área.

Geofelio Narsizo - T. I. Xepoco.
Dair M. Rodrigues - T. I. - T. Chimbandue Chapeão SK
Elsen K Felt T. I. Rio dos Cobras RR
Municipal Antunes
Adalino Edson
JOÃO ATANÁSIO MARINS → P.R.
Leão Barbosa
Darcido Silva T. I. PALMAS PR
Albino Viroi T. I. Palmas PR Kaingang
Valdir José Kokoj dos Santos T. I. Mangueirinha PR
Ailton A. Oliveira T. I. PALMAS PR.
~~Francisco~~ Yokeno José Brito, S.C
Faustino Qui T. I. LAKLANON

Recibido em
14.06.05
Walter Henrique
L.G. dos

Patté Juvéi. cacique. xokleng. (ibinaum #) S/C.
José Benites
Onóque Rarcos. cacique - xokleng José Benites - S/C.
SIOANEY UVAHECOU TÊCHÂ JA-ÂI-XOKLENG - SC
JONAS Rêpô ka-miêm xokleng S/C
Ordes ~~Jonas~~ pangang S/C

Augusto da Silva área Indígena IRAI-RS

Pedro Pereira Cacique & → Vereador
→ Kanguang

Deodides de Paula Vice Cacique Kanguang

Allyes Lima

ALDEIA KONDÁ CHAPECO
Allyes Lima IRAI-RS.

ADRIAN BASSO IRAI

AUGUSTO RODRIGUES. KONDÁ CHAPECO - SC.

Jose Benites S.C

George Ortega SC cacique

GRUPO MOORIANO

Darci Lima Gimenes SC

Rogério Da Silva Borges. T. F. Pindoty.

Avellino Gimenes Barrado ouro RS

Maurício Araújo
claudio costa

Ilmo Sr. Presidente da Funai
Dr. MÉRCIO PEREIRA GOMES
Brasília - DF.

Senhor Presidente:

Vimos por meio desta comunicar que estivemos reunidos para discutir a revisão dos limites da nossa terra.

No ano de 1999 foram iniciados os estudos de identificação e delimitação da terra que atualmente ocupamos, e esta identificação resultou na demarcação de 59 ha, homologada pelo Presidente da República no dia 05 de maio de 2003.

Mas esses 59 ha são insignificantes para nossa comunidade, pois somos aproximadamente 150 pessoas. Nessa reduzidíssima terra, não há espaços para plantio, pois além de pequena a terra é de pouca qualidade, não produzindo quase nada, nem nossas sementes tradicionais conseguimos plantar nesse local.

Todo o material que utilizamos para o artesanato e para construção de nossas casas, como a Opy (casa de orações), vem de fora, pois nossa terra não oferece material suficiente para essas finalidades.

Nossa comunidade vem crescendo bastante, basta ver que em 1993, a dez anos atrás, éramos 28 pessoas, hoje somos mais de 150 pessoas. Temos muito mais parentes que gostariam de vir para cá, mas infelizmente não há espaços. Queremos continuar vivendo nossos costumes e tradições, mas com tão pouca terra como fazer? Como manter nossa subsistência se não temos terra

para plantio.

Na região que pretendemos ampliar tem um importante potencial de água e recursos florestais. É praticamente o último reduto de Mata Atlântica preservada na região, como inúmeras nascentes e riachos. Mas a cada dia que passa surgem novas agressões e explorações, como desmatamento, caçadores e até exploração de rochas, que causam impactos sobre nossa água. Várias vertentes já desapareceram.

Queremos acreditar que existe a possibilidade de ampliação de nossas terras, conforme determina o Art. 231 da Constituição Federal e Decreto 1775 que regula a revisão dos limites das terras indígenas (TI) para assegurar nossos usos, costumes e tradições, já que somente 10% de nossas terras há possibilidade de implantar agricultura para sustentar 150 pessoas, além das moradias; por isso torna-se impossível uma agricultura de subsistência.

Solicitamos também um programa de habitação, pois nem todas têm casas, e estamos cansados de esperar de braços cruzados como aconteceu com a promessa do Conselho dos Povos Indígenas ^{CEPIV/SIC}, portanto o nosso povo está cansado de ser ludibriado.

Queremos que a Funai envie imediatamente um grupo técnico para iniciar os estudos de ampliação de nossa terra para que possamos ter mais esperança e tranquilidade.

Atenciosamente,


HYRAL MOREIRA

Cacique da TI M'Biguaçu

Em anexo assinatura das demais lideranças e membros da Comunidade Indígena.

Adelino Gonçalves

Helena Rosa Moreira

cedemir ceretajo

Helena Ortega

MATA PEREIRA

Antônio do Silva

patricia moreira

Daniel Fina de Montano

Maria Esma Martins

Marcin Antunes

maria A.S. Vieira

Elizeu de Lima

Daudilene de Almeida Santos

Santa moreira

Adriano Moreira

Sergio Moreira

Quintino de Almeida

Wanderley Cardoso Moreira

Gerak Moreira

NATALIA MORINICO

Caleta Antunes

Genris M. Timoteo

Isabete Castro

Edmar Antunes

Juan Sullivan Moreira

Guadaine Martins

Antonio Carlos Antunes

José Martins

Direi Nunes

Thiane Martins

Geza mm

Moisés gen odus.

Latina Moreira

Marciana Pereira

Marcia Lima

Lucia Benites da Silva

Andréia Moreira

Edson Moreira

Wilton Moreira

Recuwi,
em 11/05/2005
M. J. Moreira
5 de Junho de 2005
CATEPE NAL FACULDADE